

SÉRIE
KNOCKDOWN
VOL. I

HEAVEN RACE

FUROR

UMA LUTA PARA CONQUISTAR O SEU AMOR



F U R O R

Uma luta para conquistar o seu amor

Série Knockdown | Vol. 1

Ω

H E A V E N R A C E

Copyright © 2016 Heaven Race.

1ª Edição

Capa: ML Capas

Revisão: Anni Nunes e Heaven Race

Diagramação: Heaven Race

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares, e acontecimentos que aqui serão descritos, são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios, sem o consentimento escrito da autora.

Todos os direitos reservados.

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Agradecimientos](#)

Capítulo 1

Parisa Cohen

Mais um dia começa para mim enquanto eu desperto lentamente. Bocejo como sempre faço todas as manhãs e sento-me na minha cama macia, sentindo meu corpo bem mais leve e completamente renovado depois da minha boa noite de sono. O treino pesado ontem à tarde sugou toda minha energia, mas já me sinto bastante pronta para o que o dia me reserva hoje.

Levanto da minha cama e pego minha toalha azul, indo direto para o banheiro tomar meu banho e fazer minha higiene matinal completa. Assim que eu termino de fazer tudo isso, não muito tempo depois, volto para o meu quarto e começo a procurar uma das minhas roupas preferidas de treino.

Pego minha calça da Nike folgada, top branco e camiseta grande do papai. Calço meu tênis branco, que também é da Nike, e faço o meu fiel rabo de cavalo, assim terminando de me arrumar. Agarro minha mochila e desço, mas não antes de pegar meu celular.

Passando pelo espelho da sala de estar, decido parar e dar uma olhada na minha aparência, observando-me atentamente pela primeira vez em muito tempo. Eu estou no auge dos meus vinte anos, mas ainda pareço ter quinze.

Deixo minha mochila em cima da mesa e ajusto a calça folgada em meu corpo. Eu, de fato, não sou alta. Com meus um e sessenta e dois metros de altura, não esbanjo longas pernas, mas elas são bastante torneadas e grossas. Meu corpo é definido, mas quase ninguém nota esse detalhe — não que eu ligue, de qualquer forma. Eu escondo minha bunda consideravelmente grande com minhas roupas folgadas demais, o que é resultado da minha escolha em comprar sempre dois números maiores que meu real tamanho, e o mesmo acontece com meu quadril largo e minha cintura fina e estreita, que passam bastante despercebidos.

Passando minhas mãos por cima da camiseta, sinto minha barriga que é praticamente nula por causa dos meus treinos diários na academia do meu pai, e embora todo esse treinamento, eu não tenho músculos salientes, apenas um corpo bem delineado. Inclinando minha cabeça para o lado enquanto continuo a me analisar, constato uma velha notícia: meus seios não são nem um pouco

grandes, mas eu não os odeio, na verdade, eu acho que eles têm o tamanho perfeito.

Meu cabelo é totalmente preto e liso, e meus olhos completamente azuis, assim como os do papai. Meu nariz era pequeno, fino e empinado, e minha boca carnuda e avermelhada, assim como lembro que era a mamãe.

Todos esses atributos são ignorados por mim e por todo mundo. Ninguém nunca me notou e eu nunca fiz questão em ser notada por qualquer pessoa.

Exceto por meu melhor amigo.

Balanço a cabeça para esquecer esse assunto e vou à cozinha para preparar o café-da-manhã. Desde que meus pais se separaram, eu passei a morar sozinha com o papai e, quando tive idade o suficiente para cozinhar, sempre tentei fazer o meu melhor. Até os meus doze anos, eu e o papai — que é uma negação total cozinhando — comíamos apenas cereal com leite como primeira refeição do dia. Nessa idade, eu mal sabia esquentar uma caneca de leite da maneira certa, mas depois fui pesquisando e aprendendo, até que pudesse fazer o café-da-manhã de atleta que precisávamos para começar o dia com pé direito.

— Bom dia, querida. — a voz rouca e áspera do meu melhor amigo me pega de surpresa. Segurando meu quadril e ficando atrás de mim, ele planta um beijo em minha orelha.

Meu corpo esquentava instantaneamente e uma onda de calor se instala em meu estômago. Era sempre a mesma coisa. Esse é o efeito que Trent Elliot Wayne, mais conhecido por todos como Furor, causa em mim. Meu melhor amigo, lutador, perigosamente quente e o meu primeiro e único amor até hoje.

Ele sempre chega nesse horário todos os dias para o café-da-manhã, e nem precisa tocar a campainha já que tem a chave daqui por motivos que ficam apenas entre ele e o papai.

— Trent. — o cumprimento e a minha voz soa mais frágil que o esperado.

O que posso fazer? Está cedo e ele já chega aqui, sugando toda minha sanidade mental enquanto segura meu quadril por trás de mim.

— O que temos hoje? — indaga, soltando meu corpo e se afastando de mim.

Mesmo com tantos empregados ao seu dispor, ele sempre aparece para tomar o café-da-manhã conosco. Ele mesmo fala que eu faço as melhores panquecas de toda New York, e nem mesmo Roxy, sua cozinheira e nutricionista, faz melhores que as minhas.

— Que tal você escolher? — pergunto, esboçando um sorriso fraco.

— Panquecas com grãos integrais e vitamina de frutas vermelhas? — pergunta animado, mas polido.

Trent sendo Trent.

— Bom então você terá isso. — falo ainda sorrindo, e me viro para fitá-lo pela primeira vez naquela manhã.

Ele está sentado em uma das cadeiras giratórias em frente ao balcão com um sorriso preguiçoso deslizando pelos lábios especialmente para mim, e esse sorriso faz com que estúpidas borboletas voem por minha barriga, esbarrando em minhas paredes internas com força. Deixo que meus olhos deslizem dos seus olhos azuis tempestuosos e desçam para ver o que ele está usando hoje. Ele parece bem confortável vestindo uma camiseta preta que agarra seus bíceps e tríceps com força, e sem falar em seu jeans escuro que está muito bem colocado em seus quadris estreitos e duros.

Subindo meus olhos para continuar com a minha inspeção minuciosa, eu encontro seu cabelo liso de um loiro escuro quase sujo, completamente bagunçado de sua forma usual. Qualquer mulher com o mínimo senso de beleza tem uma queda de mil andares por Trent, e mesmo ele não desconfiando, eu também tenho uma... Uma velha e boa queda.

— Perdeu alguma coisa em mim, querida? — pergunta com sua voz bastante divertida, que me desperta dos meus devaneios.

De repente noto o que eu realmente estava fazendo. Merda, Parisa! Todo o sangue do meu corpo sobe em cerca de segundos para as minhas bochechas e eu viro o rosto para fora do seu campo de visão.

— Não enche. — resmungo, ouvindo-o rir de mim.

Pego as frutas que vou usar na vitamina e começo a fazer o café-da-manhã calada. Alguns minutos mais tarde, quando estou terminando de preparar tudo, papai aparece na cozinha.

— Furor. — papai saúda Trent.

— Velho. — o outro responde como sempre.

Eles adoram se irritar e isso quase sempre acabava entre tapas e socos que eu quase sempre tinha que me meter no meio para separá-los. Entretanto, eu sei que eles nunca se machucariam de verdade, mas a ideia de Trent batendo no papai e vice-versa, é assustadora para mim.

— Bom dia, querida. — papai diz, beijando minha testa.

E então eis o motivo pelo qual Trent me chama de querida. Eu o conheço desde quando tinha sete anos e o papai sempre me tratou dessa forma, me chamando de querida, e como Trent sempre aparecia aqui em casa todas as manhãs desde seus doze anos, ele também começou a me chamar dessa forma.

— Bom dia, papai. — digo e deposito um beijo em sua bochecha.

Volto até o liquidificador e o desligo. Pego dois grandes copos de vidro para os dois homens e caminho até eles. Trent está sentado com papai, os dois, lado a lado. Encho um copo pra cada com aquela vitamina e entrego para eles, fazendo o mesmo com as panquecas, servindo-os com duas para cada, e deixo apenas uma para mim. Pego meu copo pequeno e despejo um pouco de vitamina dentro e paro para encarar os dois que estão sentados na minha frente, devorando as panquecas em seus pratos.

— Está bom? — pergunto, sentando-me e começando a comer calmamente minha única panqueca.

— Bom, bom, bom. — grunhem primitivamente em sincronia e se entreolham.

Seguro o riso, porque é exatamente isso que eu estava esperando.

— E aí, velho, quando vai arranjar uma mulher? — Trent indaga, enquanto coloca um pedaço de panqueca na boca.

Provocações.

E que os jogos comecem.

— Quando você parar de se enfiar em qualquer buraco com cheiro de mulher. — papai atira a verdade para Trent com um rosnado, o que faz o loiro gargalhar.

Esse é um fato incontestável sobre Trent. Ele pega todas as mulheres que dão brecha pra ele, e seu status de campeão invicto do Circuito, aliado com o grande fator beleza, é o que faz com que as mulheres se abram como verdadeiras portas de shopping só dele chegar perto. Brincadeiras a parte, elas realmente se jogam em cima dele.

— Elas que me procuram, velho. Você sabe como elas são boas para nos manter relaxados antes e depois de uma luta. — Trent diz clinicamente e eu rolo os olhos discretamente, voltando a olhar para minha panqueca. — Não tenho culpa se sou muito bom de olhar e elas adoram isso.

Realmente muito bom de olhar.

— Foda-se você, garoto. A única certeza que eu tenho é que você nunca vai tocar em minhas filhas. — papai enuncia claramente zangado, enquanto seus dentes trincam.

— Você sabe que não fez um trabalho ruim, certo? Parisa é bonita e ela tem uma gêmea. — Trent diz e eu subo meus olhos imediatamente para ele.

Engulo a seco o pedaço de panqueca que estava na minha boca e pego o copo com minha vitamina, tomando um gole em seguida.

É o quê? Ele me acha bonita? Ninguém olha para mim, cacete! Eu sou a mulher-macho para ele e nossos amigos, certo? Certo. Sempre foi assim e isso provavelmente nunca vai mudar.

— Nem mais um maldito pio, Furor. Elas não são para você e sua sujeira. — papai avisa, cerrando os punhos em cima da mesa.

No momento eu quero pedir para o papai calar a boca e acenar para Trent continuar falando sobre o que ele acha de mim, mas eu mordo minha língua e mantenho a boca fechada.

Encaro Trent e percebo que ele já está me fitando com seus olhos azuis nebulosos. Um sorriso escorre por seus lábios e ele pisca para mim.

— Sim, sim, velho. Eu sei que Parisa é realmente muito boa para eu foder com tudo, mas eu não conheço a outra garota. Como ela se chama? — indaga, voltando a olhar para papai e eu travo.

Diabos, o quê? Então ele nunca me daria qualquer chance, mas daria a minha irmã, que ele nem mesmo conhece? Filho de uma...

— Pamella. — papai responde contragosto.

— E ela é realmente igual à Parisa? — por que ele simplesmente não cala a boca?

— Esse assunto está encerrado, caralho. — papai esbraveja, batendo com os punhos na mesa enquanto coloca um fim naquela maldita conversa.

O dia mal começou e Trent me vem com uma dessas.

Deus me ajude!

Capítulo 2

Parisa Cohen

O caminho de casa até a academia não é muito longo, mas eu sempre aproveito para pegar uma carona com Trent e, conseqüentemente, passar mais algum tempo com ele. Ele dirige serenamente, o que contrasta diretamente com seu temperamento explosivo, e a cada cinco minutos eu me pego o encarando. Difícil mesmo era não encará-lo. A forma como ele se mantém focado no trânsito é fascinante. Cada pequeno detalhe dele é fascinante para mim. Eu podia passar horas e horas observando-o e no final eu ainda não estaria nem um pouco entediada.

Posso parecer uma idiota apaixonada, mas isso é exatamente o que eu sou e sempre fui. Eu adoro esse cara com todas as minhas forças.

— Animado para a nova temporada? — indago, curiosa enquanto encaro seu perfil perfeitamente esculpido.

Trent sempre fica elétrico durante as temporadas. Era como se ele levasse uma descarga de adrenalina que nunca era totalmente desgastada, o que sempre termina com ele treinando até ficar exausto, e esse ciclo se repete por quatro longos meses.

— Sim... Paul disse que os fãs já estão se preparando desde agora e os patrocinadores estão dizendo que essa será a melhor temporada do Circuito. Até mesmo as apostas já começaram. — responde, animado e inquieto.

— Então parece que o treino vai dobrar, certo? — pergunto, vendo ele me olhar de rabo de olho.

— Eu já dobrei. — diz, travando o maxilar.

Assinto com a cabeça e olho para a estrada. Assim que chegamos à academia poucos minutos depois, Trent estaciona o carro do lado do de papai. Pego minha mochila que está no banco traseiro e saio do carro. Trent me puxa pelo braço e entramos na academia nos empurrando e rindo.

— Finalmente! — Lucas exclama se metendo no meio de nós dois, enquanto passa um braço por meu ombro e o outro pelo ombro de Trent.

— Bom dia, Lucas. — falo, ainda rindo com o loiro.

Lucas é um dos caras da equipe de treinamento de Trent. Ele, Mike, Paul e Max o preparam e sempre estão lá quando as coisas saem de controle, o que sempre acaba acontecendo.

— Bom dia? É um ótimo dia, Paris! — ele exclama nos soltando e parando em nossa frente. — Os patrocinadores ligaram para avisar e confirmar sobre a abertura do Circuito no final de semana e a sua decoradora também ligou para avisar que a sua puta mansão estará pronta nas próximas semanas. — Lucas diz, encarando Trent.

— Então parece que esse realmente é um bom dia. — resmungo, cinicamente.

Vou até os outros caras para me aquecer enquanto observo Trent indo para a sala de papai acompanhado por Lucas. Saúdo Paul, Max e Mike com um “bom dia” e logo estamos conversando e rindo de uma piada sem graça que Mike contou.

Minutos mais tarde, Trent e Lucas juntam-se a nós. Eu termino de me aquecer e vou direto para o saco de pancadas.

— Proteção, Parisa. — Trent diz alto o suficiente para eu escutar, o que me faz rolar os olhos.

Ele nunca me deixa treinar sem bandagem ou luvas e eu, às vezes, o agradecia mentalmente apenas pelo simples fato de que minhas mãos eram macias e não tinham calos. Lucas joga minhas luvas vermelhas da linha de Trent e eu as coloco sem demora, começando a socar o saco de pancadas.



No horário da tarde eu estava treinando com Mike de um lado do octógono, enquanto Lucas, Paul e Max desgastavam Trent do outro lado.

— Paris, Paris! — escuto papai gritar meu nome e paro de tentar golpear Mike imediatamente.

— O q-quê? — pergunto ofegante, enquanto viro para encará-lo.

— Sua irmã está vindo de Seattle! — exclama, com um sorriso grande.

O quê? Mesmo?

Devolvo um sorriso igualmente largo.

— Sério pai? — pergunto, ainda meio incrédula.

— Sim! Sua mãe ligou e me avisou. Ela disse que Pamella chegará as sete e que ligaria para você mais tarde. — diz.

— Oh, sim. Certo. — falo, sentindo-me genuinamente animada.

Quando éramos pequenas, Pam era igual a mim, e claro, eu era igual a ela. Literalmente. Todos seus traços eram os meus traços e eu não sei o que vai nos diferenciar quando ela chegar. Na realidade, eu sei sim. Provavelmente apenas sua personalidade.

— Pode continuar com o seu treino. — papai diz ainda usando o mesmo tom animado. — Vamos fechar mais cedo para irmos buscá-la. — avisa por fim.

Aceno positivamente com a cabeça e ele começa a fazer seu caminho de volta para sua sala.

— Então você tem uma irmã gêmea, Paris? — Paul pergunta.

Virando meu rosto para encará-lo e percebo que todos estão parados me encarando fixamente. Exceto Trent, que está socando o saco de pancada copiosamente.

— Tenho. — falo simples, olhando-o meio suspeita.

Max, Mike e Lucas se entreolham com Paul e eu rolo os olhos porque sei que nada de bom vai sair da boca deles.

— O que há? Vocês são tão tarados — rosno sentindo-me completamente sem paciência, o que acaba por fazê-los rir bem alto.

— Somos homens, oras. Bocetas nos excitam — Mike diz cinicamente.

— Menos você, Paris — Lucas se mete no assunto e eu escuto Trent rir, ainda sem parar de acertar o saco. — Você é uma de nós.

É o quê?

— Uma de vocês? Eu não gosto de bocetas! Bocetas não me excitam! — enuncio, claramente irritada dessa vez. Eles levantam suas sobrancelhas e Trent para de socar o saco, virando pra me fitar e tomando um lugar ao lado deles. — Eu não sou lésbica, cacete! — exclamo simplesmente irada com o rumo da

conversa.

Eles começam a rir e olho para Trent. Ele, pingando suor, quente como o maldito inferno, me fitando de volta sem desviar. Isso! Isso é exatamente o que me excita e não as estúpidas bocetas.

— E o que te excita, Paris? — Mike pergunta rindo com os outros.

Cínicos, babacas, idiotas! Fecho a cara, sentindo-me pronta pra pular no pescoço de um deles a qualquer momento.

— Tudo menos bocetas, babaca. — rosno entre dentes.

— Mmm... — Mike resmunga e abre um sorriso em seguida. — Eu te excito, Paris? — pergunta e os outros gargalharam bem alto.

Conto até dez mentalmente.

— Não. Você é um babaca sem cérebro, Mike, e caras burros não me excitam. — eu falo colocando um sorriso falso nos lábios.

Lucas, Paul e Max começam a rir mais alto, enquanto as bochechas de Mike começam a ganhar um tom escarlate e ele ri sem graça, completamente desarmado. Trent me continua me encarando, mas agora sua cabeça está inclinada para o lado e ele parece entretido.

— Você não podia ter ficado sem essa! — Lucas diz para Mike.

Não consigo segurar o riso e acabo rindo com eles.

— Foda! É estranho falar de sexo com você. Você é uma de nós, mas diferente de nós. — Mike resmunga, emburrado.

Realmente... Não quero imaginar você fazendo sexo. É como imaginar o Paul fazendo sexo. — Lucas fala e para, olhando para o nada como se estivesse refletindo sobre a ideia, e por fim faz uma careta de nojo.

Nem de longe eu pareço como uma garota para eles. Certo, talvez a culpa seja da minha escolha de roupas, sempre comprando dois números maiores, minhas camisetas masculinas da linha esportiva de Trent, meus tênis da Nike sem detalhes femininos, ou até mesmo meu cabelo nunca solto na frente deles... Eu nem sei como usar um salto alto! Eu posso não parecer como uma garota, mas eu definitivamente sou uma.

— Vão se foder todos vocês. — rosno, ficando séria outra vez e mais

irritada que antes.

— Olha a boca, Parisa. — Trent me repreende como sempre.

— O quê? Eu sou como um de vocês. — falo, cínica.

— Eu nunca disse isso. — responde, segurando seu olhar irritantemente forte e penetrante.

Viro de costas, ignorando-os totalmente e saio do octógono indo direto para o saco de pancadas outra vez.

Eu estou de saco cheio.



Quatro da tarde eu decido parar de treinar e vou pegar minhas coisas para tomar meu banho. Respiro fundo enquanto lembro que os caras ficaram me irritando ainda por horas e horas. Santa merda, eles são verdadeiros babacas. Indo para o banheiro feminino, eu tomo meu banho e em seguida visto meu melhor jeans, que consequentemente é o pior. Pego uma camiseta verde folgada pra acompanhar e calço minhas sandálias de casa. Penteio meu cabelo e o prendo novamente, guardando todas as minhas coisas e saindo do banheiro com minha mochila nas costas.

Fico esperando por algum tempo sentada, ora olhando Trent treinar e ora olhando meu celular. As horas correm e logo é seis e meia, e Trent ainda não terminou de treinar. Vejo papai ir falar com ele e entregar-lhe um molho de chaves, que provavelmente é o da academia, o que significa que Trent vai treinar mais um pouco e vai fechar as coisas para o papai.

Levanto-me e papai vem ao meu encontro. Ele me abraça e saímos juntos da academia, indo direto para o seu carro. Tomamos logo nosso caminho para o aeroporto, já que Pamella vai chegar dentro de meia hora.

Durante todo o caminho papai continuou falando e falando sobre coisas aleatórias. Ele está tão animado que até cantarolou um pouco, o que me fez rir porque ele nunca cantarola. Sim, eu também estou animada, afinal é a minha irmã gêmea, mas consigo conter-me mais que o papai.

Chegamos ao aeroporto e encaramos o portão de desembarque.

Dez minutos mais tarde, finalmente avistamos a minha cópia. E estou realmente querendo dizer isso. Pamella Elizabeth Cohen é minha cópia fiel, só que melhorada.

Com um sorriso aberto em seus lábios pintados de vermelho, ela caminha em nossa direção enquanto arrasta sua mala. Deus! Ela é o oposto de tudo que eu sou, e mesmo de longe eu já percebia isso. Sua saia é curta, sua camiseta é colada e o seu salto é alto. Se aproximando mais e mais de nós, vejo que ela tem um corpo de dar inveja em qualquer uma e seus cabelos soltos voam de forma que eu quase paro de encará-la só pra checar ao meu lado e ter certeza de que eu não estou em um maldito comercial de shampoo.

Papai não aguentou e foi ao seu encontro. Consigo vê-lo tirar Pamella do chão em um abraço de urso.

Finalmente em minha frente eu noto algo que esqueci e que é uma de nossas únicas diferenças. Como diabos eu me esqueci disso? Os olhos de Pamella são castanhos claros, quase verdes, diferentemente dos meus olhos que são azuis.

Sorrindo mais largamente que antes, eu tenho que piscar uma, duas, três vezes. Uau. Ela é mesmo muito bonita.

— Eu senti sua falta, cópia. — brinca e eu rolo os olhos, mas acabo rindo.

Ela me puxa para um abraço forte que eu correspondo na mesma intensidade. Outro fato notável agora é que ela é mais alta que eu pelo menos uns cinco ou seis centímetros.

— Eu senti a sua falta, cola. — jogo de volta e ela ri alto, se afastando e beijando minha bochecha.

— Minhas garotas. — papai diz nos abraçando e nós três rimos.

Talvez tê-la aqui não vai ser um problema. Afinal, o que diabos pode acontecer de tão ruim?

É a minha irmã gêmea e não um bicho de sete cabeças pronto para me atacar ou algo do tipo.

Capítulo 3

Parisa Cohen

Passamos no caminho por uma pizzaria para comprar o jantar e quando chegamos em casa, eu e papai mostramos todo o lugar para Pamella. Ela parece animada e feliz por estar conosco. Ah sim, ela está visivelmente radiante e foi assim que passamos todo o jantar, escutando ela contar inúmeras histórias, me entretendo e entretendo o papai. Sua vida é bem cheia de diversão e viagens ao redor do mundo.

Assim que terminamos de jantar, nos despedimos do papai e subimos para o meu quarto. Hoje ela dormirá comigo em minha cama — e ainda bem que a minha cama é de casal.

Indico o banheiro para ela e aproveito para trocar de roupa enquanto ela toma seu banho. Pego minha calça de moletom e blusa velha do papai, me visto e sento na cama, pegando meu celular e relaxando meu corpo.

Pamella volta sorridente alguns minutos depois.

— Como está a mamãe? — pergunto inquieta com meu celular na mão.

— Morrendo de saudade de você, mas bem. — diz, lançando-me um sorriso e eu assinto.

De repente meu celular começa a tocar e eu o atendo rapidamente.

— Alô? — falo, mais animada que o esperado.

— Filha, querida. — a voz doce da mamãe me atinge suavemente e eu esboço um sorriso meio nostálgico.

— Mamãe. — murmuro.

— Meu amor, como você está? — pergunta docemente.

Eu me aconchego mais ainda na cama enquanto Pam termina de vestir sua camisola de seda e começa a mexer em seu iPhone.

Nossa, até o meu celular é uma porcaria perto do dela.

Eu e mamãe continuamos a conversar e dez minutos mais tarde eu já me

sinto bem mais relaxada apenas por falar com ela. Ela me contou sobre seu marido e o filho dele, sobre sua casa, seu trabalho, tudo. Eu acabei também contando toda minha rotina para ela.

— Eu sinto sua falta, Paris. — confessa baixinho e eu suspiro, engolindo a seco.

— Sinto sua falta, mamãe. — retruco, sendo tão sincera quanto posso.

Ficamos em silêncio.

— Venha passar um tempo comigo. — pede, fazendo-me sorrir.

Eu sabia que ia acabar nisso e eu entendo seu lado mais ainda agora, já que Pamella está aqui e ela não tem nenhuma de nós duas lá.

— Mamãe... — resmungo, acanhada.

— Oh, por favor, Paris. — suplica com a voz fraca, deixando-me ciente de que ela está prestes a chorar.

— Podemos conversar sobre isso depois? Eu estou morrendo de saudade, mas tem o papai e você sabe como ele é. — eu tento explicar e ela suspira do outro lado. — Eu tenho que sondá-lo, mamãe. Claro que eu quero muito ir, mas tem ele. — digo com sinceridade.

Na verdade tem ele e Trent, mas a mamãe não precisa saber do último.

O fato é que eu não vivo sem eles dois.

— Eu vou esperar uma resposta, querida. — diz e eu assinto com a cabeça ciente de que ela não pode ver.

— Eu prometo ter uma logo. — murmuro, incerta.

— Eu amo você. Boa noite, amor. — diz.

— Amo você, mamãe. Boa noite.

Desligo a chamada e percebo que Pam está me encarando com um sorriso fraco.

— Ela sente sua falta. — diz, sentando-se no final da cama.

— Eu também sinto falta dela. — murmuro por fim.



Acordo mais cedo naquela manhã, já que a minha bexiga parece ter criado vida própria e está quase explodindo. Desativo meu despertador que está programando para tocar daqui poucos minutos, pego minha toalha e saio correndo para o banheiro. Assim que chego lá, sento-me no vaso sanitário e faço xixi, aliviando-me completamente. Levantando-me outra vez, ligo o chuveiro e me jogo debaixo da água gelada.

Tiro minha roupa molhada e jogo para o lado.

Depois de quase cinco minutos, eu estou tirando o shampoo do meu cabelo quando escuto gritos femininos.

Gritos de Pamella.

Porra!

Pego minha toalha e saio toda ensaboada e molhada de dentro do banheiro, correndo em direção ao meu quarto. Eu sei que tenho shampoo por todo lado, mas não me importo.

Assim que abro a porta do quarto, eu me deparo com a cena mais frustrante de toda a minha vida.

Trent está em cima de Pamella.

Finalmente me avistando, ele franze a testa por alguns segundos e depois desce os olhos por meu corpo, completamente me checando.

— Mas que merda é essa, Trent? — eu rosno pra ele, sentindo meu corpo ser tomado por uma raiva descomunal.

Porra, para de me encarar, cacete!

Quer dizer, não para, mas para!

— Caralho, realmente existe outra pessoa igual a você. — diz sorrindo visivelmente perturbado.

Seus olhos voltam para Pamella que ainda está debaixo dele.

Ele solta um sorriso mais arrastado para ela e eu quase posso vê-la se derreter naquele exato momento. Os olhos de Trent se arrastam para os seios

dela, apertados e bem grandes, que estão bastante valorizados por sua camisola de seda.

Ah, foda-se, isso é muito para mim.

— Eu sou Pam. — minha irmã diz usando uma voz mais suave – e quase sensual – diferentemente dos seus gritos há dois minutos.

Maldito loiro, maldito Trent!

— Eu sou Trent Elliot Wayne, melhor amigo da sua irmã gêmea e o pior pesadelo do seu pai. — ele diz ainda com seu maldito sorriso preguiçoso.

Eu sei exatamente que sorriso é esse e, não é um sorriso qualquer nem de longe. Esse é o maldito sorriso que ele costuma usar para entrar no meio de malditas pernas femininas.

— Sai de cima dela, Trent! — eu exclamo furiosamente, enquanto sinto o shampoo escorrer do meu cabelo para o meu rosto.

Ele volta sua atenção para mim, completamente divertido, e sorri mais um pouco.

— Você tem shampoo por todo lado, querida. — ele diz se levantando e se afastando do corpo da minha irmã.

Bem melhor.

Agora eu posso respirar.

— O que diabos você tem na cabeça? — indago entre dentes enquanto ele parece um pouco dividido entre me olhar e olhar para Pamella.

— Pensei que fosse você, querida. — se defende. — Vocês são realmente iguais. Exceto por seus olhos azuis e cabelos escuros. — aponta nossas diferenças óbvias.

— Fora do meu quarto. — rosno para ele, mas isso apenas o faz rir de mim.

Obedecendo meu comando, ele sai do meu quarto e eu praticamente marchoo atrás dele. Bato a porta com força e respiro fundo, segurando a tolha contra meu corpo com uma mão, e tentando me livrar do shampoo que escorre para o meu olho esquerdo com a outra. Segundos depois percebo que Trent ainda está parado ali, me encarando com um maldito sorriso nos lábios.

Idiota.

— Eu vou descer, querida. — ele diz piscando para mim e eu bufo irritada.

Corro para o banheiro e fecho a porta. Termino de tomar meu banho em poucos minutos e antes de sair, encaro-me no espelho.

Obrigada, Deus! Esse foi um ótimo jeito de começar o dia.



Uma hora mais tarde todos nós já nos encontrávamos na academia. Eu estou me aquecendo com os caras quando vejo Trent e papai se aproximando com Pamella. De longe eu vejo a roupa que minha irmã usa: um vestido vermelho que ia até metade de suas pernas e salto alto. Ela parece bonita até de longe.

— Puta merda! — Paul murmura quando papai e Pamella param na nossa frente.

Todos parecem assustados com o que estão vendo.

— Essa é a minha outra garota, Pamella. — papai diz orgulhoso.

— É um prazer conhecê-los. — Pam diz com sorriso grande.

— É a Paris, só que gostosa. — Mike diz com os olhos arregalados, fazendo todos rirem – menos eu, papai e Trent.

Abaixo meu rosto, terminando de proteger minhas mãos com a bandagem branca. Mesmo, Mike? Eu sou tão ridícula assim? Virando de costas para eles, caminho até o saco de pancadas, bloqueando meus ouvidos de suas analogias ridículas.

“É a Paris, só que gostosa... É a Paris, só que gostosa...”

Babacas.

Soco, soco, joelhada.

Soco, soco, joelhada.

Soco, soco, chute.

Soco, soco, chute.

Soco, joelhada, chute.

Começo a treinar, tentando descontar minha raiva no saco de pancadas.

É, querido saco, sempre sobra para você.



Eu já estou atacando o saco de pancadas incansavelmente por longos minutos quando sou segurada pela cintura e arrastada para longe do pobre saco.

— Tudo bem, querida? — Trent pergunta me soltando.

Passo a mão em minha testa suada e respiro fundo.

Eu já estou pingando.

— Bem. — falo simples.

— Não parece. — diz me encarando firmemente.

— Dá um tempo, Trent. — murmuro tentando voltar para o saco de pancadas, mas ele me impede, segurando-me pelo meu braço.

— Dá um tempo? — ele praticamente rosna em minha cara, o que me faz bufar mais irritada.

— Sim, dá um tempo e vai cuidar da tua bunda. — eu rosno de volta, nem um pouco intimidada com seu tom áspero.

Puxo meu braço de sua mão e volto para o saco de pancadas, atacando-o mais forte que nunca.

Minha paciência está por um fio.

Pamella mal colocou os pés em New York e tudo já está ficando ruim para mim.

A culpa é dela, afinal?

Não.

Sim?

Ah, foda-se! Ela é minha irmã, porra!

Capítulo 4

Parisa Cohen

Jogo-me no banco sentindo meu corpo pesar e pensando no quão rápido Pamella faz amigos. Nesse exato momento ela está sorrindo com os caras que praticamente babam em cima dela. Isso é tão fodido, juro por Deus. Ela é totalmente o oposto de mim, mas ainda sim somos bem, fisicamente, parecidas. Seu sorriso é igual ao meu e até sua covinha aparece na bochecha direita quando ela começa a sorrir, assim como acontece comigo.

“É a Paris, só que gostosa.”

Mike está certo.

Levanto-me pegando minha mochila e vou direto para o banheiro feminino. Tranco a porta e olho-me no espelho. Mike apenas esqueceu-se de acrescentar que a Pamela é eu, só que gostosa e bonita. Eu não sou ridícula, mas sei que minhas roupas não ajudam em nada para que eu pareça pelo menos um pouco melhor. Nem meu cabelo. Nem minhas sobrancelhas e unhas por fazer.

Eu sou toda errada.

Tomo meu banho e visto minha roupa limpa, arrumando as peças que eu usava, agora sujas, na mochila. Penteio meu cabelo ainda molhado e o amarro num rabo de cavalo alto como sempre. Inspiro profundamente, me encarando no espelho.

Trent me olhou de uma forma diferente hoje.

Quando eu estava apenas de toalha e molhada com shampoo escorrendo pelo corpo hoje mais cedo, ele pareceu meio dividido. Eu não sei o que ele quis dizer com aquele olhar, mas eu fiquei completamente afetada.

Ele me olhou de uma estúpida forma diferente e eu estou literalmente eufórica.

Saio do banheiro e tomo meu caminho até a sala do papai. Assim que entro lá, encontro-o sentado em sua cadeira em frente ao computador.

— Ei, querida. — diz, simples.

— Ei, pai. — digo entre um suspiro, jogando-me no seu sofá de couro.

— Como a Pam está se dando com o pessoal lá fora? — pergunta sorrindo animadíssimo.

Sorrio de volta.

— Muito bem. Ela é bem extrovertida e aberta. — eu falo refletindo sobre ela. — Ela consegue fazer amigos rapidamente, então sem preocupações. — completo, pigarreando no final e dando de ombros.

— Bom, isso é muito bom. — papai murmura se levantando. — Apenas não quero que ela se envolva com os caras, nem você. — diz lançando-me um olhar estranho.

Quase rolo os olhos com sua velha e chata confissão que ele sempre faz questão de repetir toda vez que encontra uma chance qualquer chance.

— Podemos ir para fora? — murmuro, mudando de assunto o mais rápido possível.

Ele acena positivamente com a cabeça sorrindo pra mim e saímos de sua sala juntos. Papai está me abraçando pelos ombros quando chegamos até o pessoal que está reunido numa roda. Os professores estão dando aulas pela academia, mas essa parte em que estamos é reservada apenas para Trent, já que ele paga por isso.

— Estou me perguntando para quem Pamela puxou? — Mike diz e todos nós rimos.

Papai puxa Pam pelo ombro, abraçando-a com seu braço livre. Vejo Trent nos encarar, enquanto tira suas bandagens das mãos.

— Para os dois, mamãe e papai, uma mistura deles. — Pam diz, sorrindo. — Assim como a Paris. — completa.

Os caras me olham e eu rolo os olhos instantaneamente.

Lá vamos nós de novo...

— Mas a Paris é como um irmão para nós, você não. — Lucas resmunga, fazendo uma careta.

— Bom que seja assim, porque eu não quero vocês em cima da minha garota. — papai rosna. — Das minhas garotas. — completa puxando Pam para mais perto.

— Meio impossível. — Mike enuncia e eles assentem rindo e encarando Pam.

Desvencilho-me do abraço de papai e volto para sua sala. Pego minha mochila outra vez e checo meu celular. Eu já estou farta por hoje e eu tenho certeza que se eu escutar mais alguma coisa das bocas dos caras eu vou pirar. Literalmente.

Passo direto por todas as classes em andamento na academia e quando vou saindo, sou puxada por meu braço.

— Para onde você está indo? — é Trent.

— Casa. — falo simples. — Tenho que arrumar algumas coisas no meu quarto. — completo, olhando em seus olhos azuis.

— Isso não é verdade, querida. — rebate.

Certo, então você me conhece Trent.

Dou de ombros assentindo levemente.

— Tem muita coisa acontecendo... É apenas muita informação pra mim. Preciso de um tempo. — murmuro, sendo completamente sincera com ele.

— Os caras te irritaram? — pergunta, cerrando os olhos.

— Não, eles só falaram a verdade. — respondo rolando os olhos. — Sério, estou indo e estou bem. Avise o papai por mim, vou pegar um ônibus. — completo puxando meu braço da sua mão.

— Eu vou aparecer pela noite. — avisa, enquanto eu me distancio dele.

— Te vejo de noite, então. — exclamo, tomando meu caminho até o ponto de ônibus.



Chego em casa quase seis horas. Já está escuro e papai ainda não chegou com Pamella.

Eu demorei um pouco mais no percurso porque eu não queria realmente chegar em casa.

Subo para o meu quarto e troco de roupa, vestindo uma calça de moletom e uma camiseta azul. Essa é a camiseta mais justa que eu tenho e, ainda sim, ela é um pouco folgada. Solto meu cabelo para que ele finalmente seque e desço, indo até a cozinha.

Assim que entro no cômodo, pego meu pote de pickles e pasta de amendoim, seguindo para a sala. Ligo a TV, jogando-me na poltrona do papai e começo a comer enquanto assisto a maratona de South Park. A maioria dos palavrões que eu aprendi foi assistindo esse programa nada educativo, mas completamente hilário.

Eu já tinha terminado com meus pickles quando papai chega com Pamella e Trent. Religiosamente, prendo meu cabelo antes de me levantar.

— Trouxemos comida chinesa. — Pam diz sorrindo.

Faço uma careta olhando pra baixo. Eu odeio comida chinesa desde pequena. Papai provavelmente não percebeu a careta que eu fiz, mas ele está ciente que eu realmente odeio comida chinesa.

Ele segue para a cozinha com Pam e eu me levanto, começando a fazer o mesmo. Vejo Trent se aproximar de mim, andando ao meu lado e passando o braço esquerdo por cima do meu ombro, puxando-me para perto dele.

— Trouxe hambúrguer com fritas do Burger King pra você, querida. — ele anuncia, mostrando-me o saco que está segurando na outra mão.

— Você é literalmente o meu salva-vidas. — murmuro abrindo um sorriso enquanto sinto meus olhos brilharem.

Ele abre um sorriso para mim e eu finalmente o abraço de volta. Chegamos à cozinha e eu pego meu hambúrguer e fritas da sua mão, indo até o armário e pegando um prato. Caminho até a mesa e tomo um lugar.

Assim que todos nós estamos servidos e sentados em volta da mesa, ficamos em silêncio ouvindo Pamella contar mais de suas histórias em Seattle. Eu não tenha histórias como as dela. A maioria das histórias que eu posso me arriscar a contar para alguém se resumem em ir assistir lutas do Circuito escondida, porque nem papai e nem Trent gostam que eu frequente aqueles locais. Bom, vá entender...

— A abertura do Circuito vai ser no final de semana e eu quero tê-los ao meu lado. — Trent diz assim que Pamella para de falar.

— Vai ser o mesmo de sempre? — pergunto, fazendo uma careta.

O mesmo de sempre significa: tapete vermelho, muitas fotos e muitas marias-tatame. Essa coisa de estrela.

— Sim. — diz, encarando-me de volta.

— Eu não vou. — rebato firmemente. - Não tenho roupas e não gosto de fotos. — completo.

Trent cerra os olhos para mim. Embora que nem ele e nem papai gostem que eu vá às lutas do Circuito, Trent sempre insiste em me ter ao seu lado na abertura da temporada e eu acabo sempre dando a mesma desculpa, mas é a mais pura verdade.

— Você sempre fala a mesma coisa, Parisa. Eu posso comprar roupas para você. — diz, e eu sorrio rolando os olhos pela enésima vez nesse dia.

— Eu também posso comprar roupas para mim, esse não é o ponto. — retruco. — Eu não vou. — falo, levantando-me por fim.

— Você não precisa ir toda arrumada, querida. — papai tenta me convencer, mas eu apenas caminho com meu prato e o deixo na pia.

— A Pam vai. — sentencio, me virando para eles. — Ela é eu, só que gostosa e bonita. Não vou fazer falta e eu realmente não quero ir. — completo cruzando os braços e soltando um suspiro.

— Não acredito que está falando isso. — Trent rosna, se levantando.

— Eu vou subir. — o ignoro.

Volto para o meu quarto com a minha cabeça a mil. Eu sei que Trent virá atrás de mim em poucos minutos e estou me preparando mentalmente para isso. Jogo-me na minha cama me sentindo completamente irritada e pego meu celular, pensando na mamãe. A ideia de ir para Seattle para passar um tempo com ela nunca pareceu tão agradável e conveniente. Os caras estão me tirando do sério e eu sinto como se estivesse sendo empurrada sobre a borda.

— Você estava brincando, certo? — Trent indaga, enquanto entra tempestuosamente no meu quarto.

Eu falei que ele viria.

— Eu não parecia estar brincando, ou parecia? — pergunto cinicamente,

rolando os olhos.

— Eu quero você ao meu lado. — grunhe entre dentes.

— Sinto muito, mas eu não vou. — falo, encarando-o diretamente nos seus olhos.

Negar alguma coisa pra Trent é difícil e eu sei que deveria evitar os seus olhos ou eu acabarei cedendo em breve.

Pam entra no quarto e eu quase a agradeço por isso.

— Melhor você ir. — digo para Trent e logo desvio do seu olhar animalesco.

Ele rosna e sai sem dizer nada.

Bem típico.

Praticamente um animal.

Vejo Pamella caminhar até o guarda-roupas e pegar uma de suas camisolas curtas. Agarro meu celular novamente e coloco no jogo da cobrinha.

— Paris. — ela me chama e eu pauso o jogo.

Encaro-a, percebendo por sua postura que ela está desconcertada.

— Sim? — questiono.

— Eu sinto muito, tudo bem? Eu não sei o que há com os homens. — começa e eu levanto uma sobrancelha. — Os caras da academia não deviam continuar aquelas comparações, você claramente não gostou, nem eu. Você é linda, Paris. — rolo os olhos.

— Bem, eu acho que você forçou um pouco. — murmuro contrariada.

— Não, não forcei nada. Eu sei que você é linda e eu não vou deixá-los continuarem com as comparações. Eu sinto muito. — diz triste.

Merda.

— Ei, isso não é culpa sua, ok? — falo sem saber como agir nesse momento. — Eles são uns idiotas, mas estão certos mesmo que eu não suporte admitir. Você é linda e gostosa. — falo e rimos juntas. — Eles vão parar com isso mais cedo ou mais tarde. Bom, eu espero que seja mais cedo, ou eu meto a

mão na cara deles. — completo dando de ombros e ela gargalha alto.

Pamella caminha, pega seu roupão e abre a porta do quarto. Antes de sair, ela se vira e me olha ainda sorrindo.

— Você é linda, Paris. Não deixe que digam o contrário. — sentencia, vira e sai do quarto fechando a porta.

Doce.

Ela é doce demais.

Eu nunca conseguirei nem mesmo sentir inveja dela. Da minha irmã.

Mordo meu lábio inferior, abafando um gemido, e sentindo-me completamente derrotada.

Eu preciso ir para Seattle o mais rápido possível.

Capítulo 5

Parisa Cohen

A sexta-feira chega mais rápido do que o esperado. Eu nem posso mentir e dizer que a semana não se arrastou, porque ela se arrastou como uma lesma. A cada novo dia que se iniciava, a minha irritação só crescia.

Nos últimos dias, Trent sempre me olhava nos olhos como se estivesse procurando ou esperando por alguma coisa. Mas, foda-se, porque ele sempre ia no segundo seguinte falar com Pamella.

Se eu estou quase explodindo? Não, imagina... Eu só quero socar qualquer ser vivente que ousar passar na minha frente ou atrapalhar meu caminho. Mas de qualquer forma, acho que estou chegando no meu período e isso pode explicar um pouco mais do motivo de toda essa minha irritação.

Levanto-me rindo sozinha dos meus pensamentos e vou para o banheiro. Faço minha higiene matinal completa e já saio de lá vestida com minha calça e camiseta de treino.

Entro no quarto e Pamella passa por mim com sua toalha, mas não sai antes de beijar minha bochecha.

Coloco minha toalha no cabide e pego meu tênis, sentando-me na minha cama e começando a me calçar. Quando estou terminando de amarrar o segundo e último cadarço, sou puxada pela cintura.

— Merda! — exclamo, sendo jogada pra cima.

Meu corpo é pego no ar, enquanto meu coração acelera espancando minhas paredes internas. Um frio se instala na minha barriga no instante em que eu encaro de perto o rosto divertido de Trent.

Estico imediatamente o elástico que está no meu braço, pronta para prender meu cabelo, mas ele me para na metade do caminho.

— Deixe-o solto. — diz simplesmente.

Assinto sentindo minhas orelhas esquentarem e em seguida acontece o mesmo com minhas bochechas. Estou envergonhada porque não uso meu cabelo solto na frente de ninguém, principalmente na frente de Trent.

— Você me assustou. — murmuro.

Ele finalmente abre um sorriso largo, e de tirar o fôlego, para mim.

— Você parecia entretida demais com seu tênis. — retruca, fazendo-me rolar os olhos.

— Bom, você pode me colocar no chão agora? — pergunto clinicamente.

Ele ri baixo e em seguida me coloca no chão. Viro-me, dando as costas para ele enquanto tento recuperar minha sanidade mental.

— Bom dia, querida. — ele finalmente me saúda como sempre faz.

— Bom dia, Trent. — falo simples.

Puxo meu elástico novamente do braço e dessa vez não sou impedida. Prendo meu cabelo antes de me virar para encarar Trent outra vez. Giro meu corpo e o encontro estudando-me.

— O quê? — pergunto levantando uma sobrancelha.

Ele não responde prontamente.

Cruzando os braços, ele encosta-se na parede e desce os olhos até o meu tênis. Minuciosamente ele vai subindo, fitando-me por todo lado e quanto mais ele sobe, mais eu me sinto quente. Talvez eu devesse ter optado por uma roupa melhor? Ah, que se foda.

Quando seus olhos trancam-se mais uma vez nos meus, eu continuo com minha sobrancelha suspensa em desafio.

— Seu cabelo fica mais bonito solto. — diz simples, como se não tivesse acabado de me inspecionar descaradamente.

— Isso é uma teoria? — pergunto curiosa.

Ele sorri mais amplamente, como o Gato de Cheshire, e descruza os braços.

E que braços... Ok, foco.

— Teoria? — rebate divertido.

— É... Você tem uma teoria sobre meu cabelo? — pergunto novamente.

Certo, de onde eu tirei essa história de teoria? Acho que estou

enlouquecendo um pouco.

— E se eu tiver? — retruca.

Não respondo sua pergunta, apenas fico o encarando.

— Não é uma teoria, querida. É apenas um fato constatado e comprovado: você fica mais bonita do que já é com o cabelo solto. — diz, piscando pra mim em seguida.

Sem controlar meu próprio corpo e minhas reações, minhas bochechas queimam outra vez e eu viro para o lado, desviando o olhar do dele.

Intenso. Muito intenso.

— Ei, Paris! O papai já...

Pamella fala enquanto entra no quarto como um furacão molhado. Ela olha para Trent e oferece-lhe um sorriso. O loiro sujo devolve o sorriso, mas não antes de me olhar brevemente.

— Bom dia, Pam. — ele a cumprimenta.

Rolo os olhos e viro-me para pegar minha mochila. Vê-los juntos com toda essa melação logo de manhã cedo não está no meu script.

— Bom dia, Trent. — Pamella responde calorosamente e me encara. — O papai está te procurando. — avisa.

— Velho esfomeado. — murmuro, escutando-a rir.

Faço meu caminho até a porta com Trent vindo atrás de mim. Saímos do quarto e começamos a andar juntos até a escada.

— O que acha de eu tentar algo com a Pamella? — Trent pergunta, fazendo-me engasgar com o ar.

O que eu acho? O que eu realmente acho? Foda-se! Ele não pode fazer isso.

Eu acho que é uma merda.

— A vida é sua, faça o que quiser. — eu respondo, recuperando-me da súbita tosse.

— Mas estou perguntando o que você acha. — diz e segura meu braço. — Uma opinião. — completa.

Paramos no meio do corredor.

— Bom. — começo baixo. — Ela parece ter gostado de você... acho que vão... vão se dar bem. — essa parte sai quase em um sussurro enquanto eu desvio meus olhos dos dele.

— Café, Paris! — papai exclama lá de baixo.

— Vamos descer. — sentencio por fim.

Tomo a frente, apressando o passo para ficar o mais longe possível de Trent, ou então eu vou acabar falando que ele não deve tentar qualquer coisa com Pamella.

Assim que chegamos à cozinha, Trent se senta ao lado de papai e eu deixo minha mochila no balcão, indo preparar o café-da-manhã.

— Tem certeza que não vai para a abertura amanhã? — papai pergunta enquanto eu preparo o café.

— Até você? — pergunto, virando-me para encará-lo. Ele rola os olhos. — Eu já disse que não vou. — completo.

— Isso é besteira. — Trent rosna, voltando ao seu estado normal de homem das cavernas com uma pitada de animal selvagem.

— Não pedi sua opinião, Furor. — aviso o encarando.

Seus olhos estão raivosos.

— Tudo isso por causa de quê? Você não precisa usar um vestido para ir, sabe disso, certo? Nem roupas justas. Apenas use suas merdas e vamos. — diz irritado.

Sem pensar duas vezes eu jogo a colher com a qual eu estava mexendo a massa da panqueca em direção de sua cabeça. Trent desvia e se levanta rapidamente.

Maldito reflexo do caralho.

— Quem usa merda é você. São minhas roupas e foda-se essa maldita abertura do Circuito. Eu disse que não vou e nem o cacete vai me fazer ir. — falo em alto e bom som, sentindo minhas orelhas queimarem.

Eu estou — provavelmente — muito vermelha. Vermelha de raiva crua.

Eu não deixarei que nem mesmo Trent se refira as minhas roupas daquela forma.

— Boca rude do caralho. — ele rosna vindo em minha direção.

Mais alguns passos e eu jogarei toda massa de panqueca em sua cara.

— Pare. — papai diz se levantando também.

Trent para de andar, mas não se vira para o meu pai. Seus olhos estão trancados nos meus. Eu não vou desviar. Eu não me submeterei e nem voltarei atrás na minha palavra.

— O que diabos pensa que está fazendo, Furor? — papai rosna ficando no meio de nós dois. — Volte seu maldito rabo para a cadeira. — ele nem se mexe. — Agora, porra! — papai, literalmente, grita.

Quase me movo para coçar minhas orelhas por conta do seu grito, mas ainda sim permaneço parada. Trent volta para a sua cadeira, dando um fim na nossa guerra visual.

Papai estala os dedos na frente do meu rosto e eu o encaro.

— Você não vai e ponto final. Sua escolha. — diz e eu aceno positivamente com a cabeça. — Termine isso, estou com fome. — rosna apontando para a massa de panqueca que está na minha mão.

Papai volta para o seu lugar e começa a conversar com Trent sobre qualquer coisa, enquanto eu continuo a preparar o café-da-manhã.

Bons vinte minutos mais tarde eu termino e sirvo os dois. Sento-me na frente de papai e ele começa a rir.

— Você tem boa pontaria. — constata e eu olho para Trent. — Pena que o garoto é rápido. — completa, fazendo-me sorrir de lado.

— Realmente uma pena. Eu adoraria que a colher tivesse acertado sua cara. — falo e Trent levanta uma sobrancelha, mais relaxado do que minutos atrás.

— Parece que minha boa aparência está em perigo enquanto eu estiver perto de você. — diz e eu abro mais meu sorriso, orgulhosa de mim mesma.

De qualquer forma, sua boa aparência não está ameaçada enquanto ele estiver em torno de mim. Eu nunca faria algo que destruísse qualquer detalhe dele permanentemente. Eu adoro ter algo bom para ver todos os dias, e Trent é o

algo bom que eu vejo todos os dias, desde doze anos atrás.

— Cuidado. — brinco fingindo usar minha colher como arma.

Ele não recua, apenas abre um pequeno sorriso.

— Você é uma pá na bunda. — diz tomando um pouco de sua vitamina.

— Diabos! Não seria um pé? — papai pergunta com histeria sem motivo.

— Um pé é muito delicado e sensível, Jake. Sua filha é uma maldita pá dura na minha bunda. — Trent diz sem desviar os olhos dos meus por nem um segundo.

Como se fosse possível, meu sorriso aumenta mais ainda enquanto eu o fito satisfeita com sua resposta. Eu sou uma pá na sua bunda. Uma maldita pá dura na sua bunda. Isso pode parecer algo ruim, mas é justamente o contrário.

Se eu sou uma pá na sua bunda, eu o incomodo. Então isso deve significar alguma merda.

Alguma merda grande.

Capítulo 6

Parisa Cohen

Pam chega sorridente para o café usando uma saia jeans curta, camiseta *Pink* e uma sapatilha branca. Seu cabelo está arrumado em um coque desfiado e ela, *como sempre*, parece muito bem.

— Será que eu posso roubar minha irmã essa manhã? Eu preciso de *companhia feminina* para *atividades femininas*. — Pam pergunta sorridente.

O quê? Companhia feminina para atividades femininas?

— Eu sou quase um dos caras, você sabe, eles repetiram isso a semana inteira. — falo comendo um pedaço da minha panqueca. — Você não vai querer minha companhia, acredita em mim. — completo sorrindo cinicamente.

— Isso é besteira, Parisa. Você escutou mesmo aqueles babacas? — papai indaga irritado e eu apenas dou de ombros.

— É oficial, eu estarei raptando a Paris para coisas de meninas essa manhã. — Pam anuncia sorrindo abertamente e eu rolo os olhos.

— Eu não faço coisas de menina, Pamella, eu luto. — murmuro. — Falando nisso, precisamos ir para a academia. — completo, levantando-me e quase rezando para ela esquecer essa coisa de menina e o caralho a quatro.

— Baby, vá trocar de roupa, você não vai sair assim comigo. — ela diz calmamente, fazendo-me olhar desesperada para o papai.

Porra, alguém me ajuda?

Olho para Trent e ele parece bem divertido enquanto esconde um sorriso.

Imbecil.

— Não há diferença entre todos meus tipos de roupas. Além disso, será que não podemos deixar isso para outro dia? — praticamente suplico.

— Claro que não. — diz decidida, levantando-se em seguida.

— Pam. — uso minha voz que considero ser a mais fofa.

Escuto papai rir com Trent.

— Vocês podem ir, ela está comigo. — Pamella diz para os dois traidores que continuam a rir de mim. — Agora precisamos ir, certo? Quanto mais cedo irmos, mais a gente compra. — exclama dando um pulinho e eu rolo os olhos.

— Vocês precisam de motorista? O meu está à disposição das senhoritas. — Trent pronuncia-se e eu cerro os olhos para ele.

— Isso é uma boa ideia. — papai diz. — E ele pode ter os olhos nelas. Sabe, no caso de idiotas quererem algo por aí. — completa.

Basta.

— Mas o que diabos pensam que estão fazendo? — pergunto irritada.

— Precisaremos do seu motorista, Trent. — Pamella avisa. — Então, essa é sua última palavra? Você vai assim? — pergunta para mim e eu rolo os olhos outra vez.

— Sim. — resmungo.

— Ótimo. — ela sorri. — Temos que ir agora... Nós nos vemos de tarde na academia, tudo bem?

— Certo. — papai concorda.

Fito Trent e o encontro encarando-me, parecendo mais do que divertido com os olhos brilhando intensamente.

Levanto o dedo do meio pra ele, fazendo-o gargalhar.

Bom... Eu posso fazê-lo rir.

Babaca.



Desço do carro indo atrás de Pamella assim que ela decide que é a hora de fazermos a nossa primeira parada.

Depois que ela praticamente me arrastou pra fora de casa, o motorista de Trent a quem ele quase não dá serviço, nos acompanhou, mas não antes de Trent falar com ele a sós.

— Precisamos de um vestido para amanhã... É uma grande coisa, não? — comenta, caminhando com propriedade.

— Eu disse que não vou, Pamella. — retruco e ela levanta uma de suas sobancelhas. — Pam, estou falando sério, eu não quero ir. — não sei o porquê, mas bato o pé no chão.

Ela dá uma risada, segurando minha mão enquanto puxa-me pelo caminho.

— Relaxe, Parisa. Isso é para ser divertido. — diz, entrando em alguma loja dessas que parecem ser *super* caras.

Assim que botamos os pés dentro da loja, duas atendedoras aproximam-se de nós duas, oferecendo-nos ajuda. Pamella toma a frente e logo ela me arrasta por muitos corredores com roupas e todo tipo de acessório enquanto dispensa gentilmente o serviço das duas mulheres.

— Esse parece perfeito! — exclama assim que acha um vestido *Pink* que eu nunca usaria em sã consciência mental.

— Mesmo? A cor é muito chamativa. — falo encarando o tecido e fazendo uma careta enquanto ela ri.

— Tem que ser, *baby*. Nós temos que chamar atenção. — diz piscando para mim. — Não vê nada que te agrada? — questiona, despejando seu peso em uma perna.

— Não. — respondo sem rodeios, fazendo-a rolar os olhos.

— Você vai provar algo. — avisa e eu dou de ombros.

Pamella segue até o provador, deixando-me com sua bolsa e eu sento-me em uma das cadeiras ali dispostas que fica de frente ao espelho. Não conseguindo evitar, encaro-me.

Ah... eu poderia ser bem mais pior do que já sou. Quer dizer, eu não pareço tão ruim quanto os caras falam. Não que eles estivessem me chamando de ridícula, mas eu nem pareço tanto assim como eles. Eu não sou um cara.

Definitivamente não.

— E então? — Pamella pergunta, saindo do provador.

O vestido abraça-a muito bem, destacando demais suas curvas pelo fato de o tecido ter ficado bem justo ao seu corpo e ela, *sem dúvida alguma*, chamará

bastante atenção com esse modelo.

— É bonito, você parece bem. — falo, tentando lhe dar um sorriso.

— Gostosa. Você poderia apenas ter falado isso, Paris. — diz divertida. — Vou tirá-lo e então seguiremos em frente. — completa, voltando para o provador.

Eu e Pam seguimos em frente assim que ela volta e meu celular começa a tocar enquanto ela vai pagar por seu vestido. Uma foto minha e de Trent pisca na tela do aparelho. Meu celular pode ser primitivo, mas eu ainda sim consegui colocar aquela foto como papel de parede. É minha favorita.

— Oi. — atendo, olhando despreocupada para os lados.

— Como tudo está indo? — pergunta, ofegante.

Eu aposto que ele parou seu treino apenas para ligar para mim.

— Bem, na medida do possível. — murmuro rolando os olhos, porque eu realmente não queria estar aqui.

— Não role os olhos, querida. — comanda, divertido.

Ele me conhece bem.

— Eu posso não ter rolado os olhos. — retruco prontamente.

— Eu conheço você e sua mania incontrolável de rolar os olhos. Mas foda-se, eu não liguei para isso. — enuncia e eu levanto uma sobrancelha, mesmo certa de que ele não pode me ver.

— Mesmo? — falo cinicamente, escutando-o grunhir do outro lado.

— Mesmo. — rebate fazendo-me rir baixinho. — Você ainda está irredutível sobre a abertura do Circuito? — pergunta e o meu riso morre instantaneamente.

— Essa merda novamente, Trent? É mais fácil terminar essa conversa agora, ou eu apenas desligarei na sua cara. — enuncio irritada.

— Não ouse. — rosna de volta. — Eu falo sério, Parisa. Quero você ao meu lado, isso é pedir muito? — pergunta indignado.

Duas pessoas irritadas ao mesmo tempo não dá certo... Ainda mais quando essas pessoas são eu e Trent.

— Isso é pedir muito, você sabe que sim. — falo.

— Eu nunca neguei nada pra você. Esperava que fizesse o mesmo por mim. — joga de volta.

— Uma troca de favores, é isso? Ah, vá se foder. — respondo e desligo em seguida.

Talvez agora ele esteja um pouco irritado comigo, mas e eu com isso? Em primeiro lugar, ele que começou.



Eu estou provavelmente na oitava loja com Pam.

Ela compra e compra, e compra, e compra. Talvez algum dia eu entenda esse tipo de “*terapia da compra*”, mas até a agora a única terapia que eu conheço é a de socar sacos de pancadas.

— *Isso!* — ela exclama, fazendo-me dar um pulo assustada. — Oh, meu Deus! Isso foi feito pra você. — diz sorrindo com duas peças na mão.

— Você assustou a merda fora de mim. — rosno para ela que apenas ri dando de ombros. — O que quer dizer com “*isso foi feito pra você*”? Nada colado e curto foi feito para mim. — indago.

Pamella mostra as duas peças que está segurando e eu comprovo que estou certa. Calça *legging* e um *top*, duas peças pretas e coladas.

— Isso é besteira. — rola os olhos para mim. — *Isso. Foi. Feito. Para. Você.* — pontua as palavras.

— Eu não vou vestir isso. — comento sem emoção.

— Você vai. — retruca. — Vem. — me puxa pela mão.

Pamella me arrasta até um provador e me enfia lá dentro, entrando junto comigo.

— Vamos, vista. Eu estou aqui para te ajudar. — diz animada, sorrindo largamente.

Faço uma careta.

— Eu não quero fazer isso, por favor. — sussurro, vergonha tomando conta de mim.

— Você tem que fazer isso, baby. — ela diz suave. — Vamos, eu sei que você vai ficar maravilhosa! — me encoraja.

Tiro minha camiseta, virando-me de costas para ela, tentando me esconder e falhando miseravelmente, afinal aqui dentro é cheio de espelhos.

— Nem a mamãe usa esses tipos de sutiãs, Paris. — diz rindo e eu rolo os olhos para ela e seu comentário.

— Cala boca. — cuspo para ela que definitivamente está se divertindo em me ver.

Chuto meu tênis para fora dos meus pés e tiro minha calça folgada sem dificuldade.

— Ursinhos, mesmo? — Pam pergunta rindo um pouco mais alto.

— Eu vou ser obrigada a te apagar? — pergunto, encarando-a de forma ameaçadora.

Ela continua rindo, não se sentindo nem um pouco intimidada.

— Cala boca. — diz entregando-me as peças que tem em mãos, sendo ambas de couro.

— Como se coloca isso? — pergunto olhando e esticando o *top* que parece bem mais complexo de perto.

Pam me ajuda pacientemente a colocar aquela peça, e a cada novo ajuste, ele vai ficando mais firme e colado ao meu corpo.

Eu me sinto apertada, quase sufocada.

— Isso é colado, Pam. — murmuro desajeitada, puxando o top sem parar.

Pamella puxa o meu elástico do meu cabelo e o bagunça.

Deus, o que diabos ela está fazendo?

— Gostosa! — exclama enquanto eu tento esconder-me ao máximo.

Visto a calça que também parece terrivelmente colada, entretanto minha barriga nua é, *na verdade*, o que mais me irrita. Eu não estou nem um pouco

confortável com tanta pele aparecendo.

Pamella sai do provador, puxando-me consigo, seu sorriso sendo quase maior que seu próprio rosto.

— Ficou perfeito! Suas pernas, seu cabelo... e seu corpo, claro! — ela exclama animada. — Essa coisa de luta serve para alguma coisa. *Definitivamente serve.* — completa.

Me encaro no espelho.

As alças grossas do *top* cobrem as alças do meu sutiã e eu posso não ser abençoada com grandes seios, mas eles parecem um pouco maiores no *top* apertado. Minha cintura fina é estupidamente visível, assim como minha bunda grande, fazendo-me no momento não parecer com um dos caras. Eu pareço com uma menina.

Isso importa? *Talvez.*

— Posso tirar isso? — pergunto, virando-me para Pam que segura seu celular apontado para mim. — Ei, o que está fazendo? — franzo a testa.

— Tirando uma foto. — diz, dando de ombros. — E sim, agora você pode tirar, e nós vamos levar. — avisa.

Volto para dentro do provador e tiro aquela roupa tão rápido, como se ela estivesse me queimando. Visto-me novamente com minhas roupas folgadas e pego as coisas de Pam.

— Você vai usar isso amanhã. — diz pegando suas coisas das minhas mãos, o *top* e a calça.

— Eu não vou. — rebato.

— Claro que vai. — enuncia. — Trent quer você do lado dele.

— Não faço muita diferença. — bufo.

— Ah, para, Paris. Claro que faz diferença. — retruca, rolando os olhos.

— Você vai estar lá. — jogo de volta.

— Eu não sou você e eu mal o conheço. — diz, cruzando os braços e encarando-me firme.

— Mas você é comunicativa, já fala com ele e com todos os outros caras. Eles amam você. — prendo meu cabelo novamente. — Você não gosta dele? Não gosta de Trent? — indago temerosa de qual será sua resposta.

— Ele parece ser um cara legal, mas esse não é ponto, Paris. — ela bufa. — O ponto é que *ele* quer *você* lá do lado *dele*. Você realmente vai negar isso para o Trent? — pergunta.

— Você faz parecer como se eu fosse uma pessoa horrível. — murmuro contrariada.

— Não é o meu objetivo. Estou apenas tentando convencê-la a ir. — dá de ombros.

— Eu vou pensar. — falo por fim e ela sorri satisfeita.

Capítulo 7

Trent Wayne

Ser fodido pela vida é a minha grande e maior especialidade. Eu continuo esperando pela chance de me redimir por todos meus pecados, mas essa parece nunca vir. A culpa que eu sinto nunca vai deixar de corroer-me ou de queimar minhas veias e minha pele enquanto eu respirar. Eu deveria saber que nunca seria liberto *daquilo*. Eu fui fodido de uma forma irreparável e estou certo que nunca conseguirei ter o completo e total controle da minha vida.

Jake avisou para mim tudo o que eu precisava saber e fazer para ficar perto dela.

Limites.

Tudo se trata dos *malditos limites*.

“Nunca foda com a Paris.”

Quando ele me disse isso pela primeira vez, eu pensei que era uma piada, mas logo que seus olhos azuis tornaram-se minha única fortaleza, eu percebi do que se tratava e o porquê dele ter exigido que eu fizesse tal promessa.

Ela é o mais perto do céu que eu chegarei a conhecer.

Ela é o território proibido mais proibido de todos, e eu dei minha palavra de que nunca tentaria nada com ela. *Absolutamente nada*. Eu simplesmente dei-lhe minha palavra e em troca disso Jake me treinou e fez de mim o melhor.

Ele me ajudou quando ninguém o fez. Ele viu algo em mim quando ninguém mais viu, e o mais importante, *ele me salvou de mim mesmo*. Porra, eu devia-lhe tudo que eu tinha. Mas ainda sim era e continua sendo difícil cumprir algo que deveria ser fácil pra caralho para mim.

Parisa veste roupas folgadas, sempre usa o cabelo amarrado e não liga uma porra para maquiagem. *Paus não se excitam com as desarrumadas, mas o meu insiste em me contrariar*.

Acho deve ser algo do tipo como ela parece bem nas minhas camisas folgadas ou como ela sorri para mim quando quer alguma coisa, ou, até mesmo quando, dois anos atrás, acidentalmente, eu a vi apenas de calcinha

perambulando por seu quarto.

Não foi nada demais, ela estava de costas e eu nem cheguei a ver seus seios. Lembro-me que sua calcinha era de ursinhos, *e porra*, eu **não** devia ter ficado excitado com aquilo. *São malditos ursos do caralho.*

Mas quem disse que meu pau me escuta? Ele tem sua própria cabeça.

Literalmente.

Carl se aproxima de mim, tirando-me dos meus devaneios enquanto eu fito de longe Jake falar com Parisa e Pamella.

A carranca no rosto de Parisa é extremamente adorável — *e eu nunca acho nada adorável.*

— O que devo fazer, Senhor? — Carl indaga.

— Mantenha os olhos colados nas duas — ordeno, sério. — Principalmente em Parisa. — completo.

— Qual das duas é a garota, Senhor? — pergunta.

Involuntariamente, dou um sorriso de lado.

— A que está com a minha camisa. — respondo, recompondo-me.

No começo o velho odiava ver Parisa vestida com minhas coisas, mas depois de tanto que ela não o obedecer, ele cedeu. Ela **sempre** parece bem vestindo minhas camisas.

— Farei isso. — Carl concorda e eu aceno positivamente com a cabeça.

Dou-lhe as costas e caminho até meu carro, dando uma última olhada em Parisa antes de entrar no veículo.



Chego na academia e encontro os caras já me esperando.

— Cadê a nossa garota? — Mike pergunta, franzindo a testa.

— Se refere a quem? — retruco, cerrando os olhos.

— Paris. — Lucas responde sorrindo e eu passo por eles, esbarrando em todos.

— Ela não é a garota de vocês. — rosno irritado.

Precisa de pouco para me irritar, os caras sabem que sim, mas eles sempre insistem em fazê-lo.

— Ela não vem treinar? — Paul indaga.

O que eles querem com ela, afinal?

— Não, ela está com Pamella. — respondo jogando minha mochila no banco.

— *Ah, foda-se!* A irmã gostosa não vai aparecer? — Lucas pergunta, lamentando.

Viro para encará-los.

— Se eu ouvir qualquer um de vocês comparando as duas garotas outra vez, vamos nos resolver na porra do octógono! Isso serve para todos, então não leve isso como pessoal, Lucas. — esbravejo.

Os quatro parecem assustados com a minha explosão repentina, mas que se foda. Eu não permitirei que eles e nem ninguém continue a comparar Parisa com Pamella.

— Entendido? — indago.

— Sim. — respondem em uníssono.

É bom mesmo que eles tenham entendido, porque quem continuar com essa merda sobre Parisa irá prestar contas comigo e eu não serei nem um pouco piedoso.



— Ei, cara, calma. A porra do saco já está reclamando. — Max diz, empurrando-me para longe do saco de pancadas.

Tomo uma respiração profunda.

— Quem era na ligação? — pergunta e eu bufo irritado.

— Parisa. — respondo, fazendo-o rir. — Ela desligou a porra do celular na minha cara. — rosno.

— Só podia ser ela. — comenta em meio a risadas e eu rolo os olhos. — Ela ainda não quer ir? — indaga.

— Não. — falo, tomando um pouco de água em seguida. — Ela está *estupidamente irredutível*. — resmungo.

— Talvez seja melhor deixá-la, cara. Se ela não quer ir, não force. — retruca.

— Eu me recuso a não tê-la ao meu lado, porra! — esbravejo, jogando a garrafa para o lado.

Max levanta uma sobrancelha, mas eu ignoro seu movimento.

— Pensei que estivesse focado na Pamella. — diz.

— Não estou focado em ninguém. — respondo entre dentes, franzindo a testa enquanto ele parece relaxar.

— Só na Paris. — acusa, sorrindo de lado.

— Cala a maldita boca. — peço, sentando-me e ele gargalha.

Eu provavelmente pareço com alguma merda de palhaço.

— Não entendo porque nunca tentou nada com a Paris... Eu vejo vocês dois e qualquer um que tem bons olhos consegue ver. — comenta.

— Você não vê nada. — falo, levantando do banco. — Isso não é da sua maldita conta. Dá o fora. — completo entre dentes.

Max sai balançando a cabeça.

Isso é apenas da minha conta, de Jake e da minha maldita promessa.

Nunca tocar na Parisa.



Ela chega quase às três da tarde, sozinha. Parisa não sorri e nem para pra falar com os caras, seguindo direto para a sala do velho.

Encosto-me na grade do octógono, esperando por ela.

E logo ela vem, já equipada com suas bandagens e luvas.

Parisa entra no octógono e eu a encaro.

— Podemos? — pergunta carrancuda.

— Você deveria se aquecer primeiro. — alerta.

Ela rola os olhos como eu esperava que fizesse. *Mania da porra.*

— Vai dar uma de menininha? Estive me aquecendo durante toda manhã andando por lojas e mais lojas do cacete. *Será que podemos?* — indaga entre dentes.

Sorrio abertamente.

— Podemos. — respondo. — Da próxima vez limpe sua boca ou eu mesmo farei isso. — completo.

Parisa não fala nada e não espero que ela o faça. Seu corpo está visivelmente tenso. Ela começa a pular de um pé para o outro, vindo em minha direção e atacando-me com um *jab* de direita, mas eu desvio rapidamente.

— Calma, *gatinha*. — jogo para ela, que bufa sem parar. — Respire. — ordeno.

— Cala a boca, idiota. — rebate.

Ela avança mais uma vez para me acertar, mas eu desvio novamente, segurando seu rosto e fazendo ela me encarar sem qualquer desvio.

— Está com raiva, *gatinha*? — pergunto cinicamente.

Ela sorri doce, lembrando-me do quanto eu gosto desse sorriso nela e então eu sou finalmente acertado pelo seu soco que vem pela esquerda.

— Golpe baixo, *gatinha*. Sorrir doce para distrair seu oponente? Parece que alguém joga sujo aqui nesse octógono — provoco soltando seu rosto.

Parisa dá outro sorriso.

— Esse alguém deve ser você e toda sua história de “você me deve isso, Parisa” — diz entre dentes, perdendo o sorriso, enquanto arqueio uma sobrancelha.

Suas bochechas adquirem um mais avermelhado. Parisa está com raiva de mim? É claro que sim!

— É melhor se acalmar, gatinha — falo simples.

Ela vem para cima de mim praticamente correndo.

— Gatinha o caralho! — exclama, tentando me acertar em seguida.

Seguro seus braços, rindo de sua atitude raivosa.

— Acalme-se, mulher — rosno em seu ouvido, ainda divertido com a situação.

Eu a seguro contra mim, e sentir seu corpo pequeno junto ao meu, a forma como nós nos encaixamos perfeitamente... Porra, parece tão certo!

Escuto-a ofegar pesadamente.

— Me solta, porra — diz, não tão forte como antes.

— Você vai se acalmar? — indago.

Ela mói seu corpo contra o meu e eu quase solto um gemido quando sua bunda se esfrega em mim.

Puta que pariu!

Eu preciso ter controle da minha merda, porra!

— Eu vou me acalmar assim que eu te der mais alguns socos — sussurra, simples. Dou uma risada baixa em seu ouvido, olhando-a se encolher contra mim.

— Você quer trabalhar sua raiva em mim, gatinha? Isso soa muito ruim — eu a solto e ela se vira imediatamente para me encarar.

Seus olhos azuis estão cerrados em minha direção.

— *Eu odeio você* — rosna, fazendo-me rir alto.

— Você não me odeia nem nos seus piores pesadelos, querida —

informo, sorrindo abertamente.

— Se eu fosse você eu não me confiaria tanto assim, imbecil — replica, sorrindo de volta.

Parisa vem para cima de mim mais uma vez, já que a cada nova palavra minha ela parece ficar com mais raiva. Desvio de outro soco seu e dou um tapa na sua bunda.

— Você **não** fez isso — rosna entre dentes.

— Nem foi tão forte, querida. — defendo-me, sem deixar de rir.

— Eu vou te matar, Trent! — esbraveja, enquanto continua com o seu ataque verbal.

Os caras entram no octógono rindo alto, fazendo Parisa finalmente parar de pular, mas sua carranca ainda está ali em seu rosto.

— O que há com você hoje, Senhorita? — Lucas pergunta a ela.

— Não enche, idiota. — Parisa murmura, sem deixar de me fitar.

— *Girl on fire* do caralho, *hein?* — Paul brinca.

Parisa parte para cima de Paul, fazendo todos os outros rirem, e o riso deles intensifica mais ainda quando percebem Paul tentando se defender entre risos.

Ando despreocupado até ela e puxo seu corpo para longe dele.

— Foda-se! Me solta, Trent! Eu vou acabar com esse imbecil — ela berra, mexendo-se descontroladamente e eu bufo.

— Eu sei, querida, por isso estou te segurando, caso contrário ele sairia daqui em uma maca — falo e os caras continuam rindo.

Parisa vira o rosto vermelho para mim, dando-me chance de olhar sua carranca adorável de perto.

— Você está sendo irônico? — pergunta, em tom de ameaça.

— Nem um pouco — falo sorrindo e ela para de lutar

— Deus, garota, só esse cara para controlá-la! - Paul diz ofegante.

— Cala a boca — Parisa rosna.

— Não viemos aqui para irritar a Paris — Max diz. — Os patrocinadores querem uma reunião na próxima semana. — completa, encarando-me firme.

Parisa sai do meu controle e começa a tirar suas luvas.

— Certo. Só isso? — pergunto e Max assente, dando de ombros.

Os quatro começam a sair do octógono e eu fico sozinho de novo com Parisa. — Você ainda está completamente irredutível sobre a abertura do Circuito? — pergunto, ainda esperançoso.

Ela é a única que eu quero ao meu lado nesse dia. Foda-se a porra da aparência, ela é malditamente incrível e eu agradeço por ser o único a perceber isso, mesmo sendo errado.

— Não — resmunga, revirando os olhos. — Pamella andou me encorajando, mas isso não é um sim. Você tem 0,1% de chance. — completa, dando um meio sorriso.

Sorrio de volta, mas não antes de bufar.

Ela é mais cabeça dura do que eu pensava.

— Posso me agarrar a essa chance — afirmo e ela ri irônica.

— Faça isso, idiota. — finaliza, piscando para mim e andando para fora do octógono.

A imagem de Parisa piscando para mim é literalmente foda.

Logo meus pensamentos me levam a como seria se eu a tivesse em minha cama todos os dias. Tudo que eu poderia fazer para agradá-la...

Maldição!

Eu já fico duro só de pensar nessa possibilidade, e a pior parte disso é que tudo ficará apenas nos meus pensamentos.

Capítulo 8

Parisa Cohen

Assim que saio do octógono, eu pego minha mochila e vou direto para o banheiro feminino. Eu nem sei mais no que pensar e eu não consigo mais me concentrar com tanta coisa na cabeça. Sim, ainda estou de cabeça quente e não soltei nem mesmo metade da minha raiva e frustração no octógono. Na realidade, eu não sei mais porque estou com raiva.

Tranco a porta, começando a tirar minha roupa e ligo o chuveiro, me jogando debaixo da água gelada. Sinto meu corpo esfriar um pouco e respiro fundo tentando me acalmar.

Trent quer que eu vá para a abertura do Circuito, mas será que eu realmente faço diferença? Eu não consigo ver onde vou me encaixar se eu for. Dezenas de *marias-tatame* estarão lá pra ficar em cima dele, e de quebra, a Pamella vai estar lá. Ah, vamos lá, ela é *eu* só que *bem mais* bonita e tudo que os caras falam. Eu não vou fazer grande diferença, mas ele continua insistente sobre esse assunto e isso está me dando um nó na cabeça. A forma como ele age em um segundo e depois é completamente o contrário no momento seguinte é enervante para mim.

Eu não tenho certeza se quero ir para a abertura, mas quando Trent me pede, seus olhos são completamente suplicantes de forma quase insuportável. Ainda assim, eu não tenho certeza se posso fazer isso por *ele*... ou talvez por *nós*.



No momento em que eu saio do banheiro, eu já me sinto melhor tanto fisicamente, quanto mentalmente.

— Ei, Paris! — Max exclama.

Sorrio, tentando parecer agradável enquanto ele se aproxima de mim.

— Ei, Max... — murmuro de volta.

— Sente-se melhor? — pergunta sorrindo e cruzando os braços.

Bufo, rolando os olhos em seguida.

— Você deveria investir em Psicologia, sabia? É psicólogo agora? — indago cinicamente enquanto levanto uma sobrancelha e ele ri.

— Deus, garota! Abaixa a guarda pelo menos por um segundo. — diz com um sorriso maior do que seu rosto.

O que diabos ele está pensando?

— Diz logo o que há, Max. — falo, rolando os olhos.

Minha visão é puxada para Trent, que está no octógono com Pamella e os outros caras. Claro, ela tinha que estar aqui.

Droga, eu tinha que parar de pensar essas merdas. É minha irmã!

— Eu estou interessado na Pamella. — diz rápido e eu volto a fitá-lo, dando uma risada.

Ok, na verdade eu estou praticamente gargalhando.

Mas que porra, Max?

— E o que diabos eu tenho com isso? — pergunto sem deixar de rir.

Ele rola os olhos.

— Só queria saber algumas coisas sobre ela... — diz, meio envergonhado.

— Furor está de olho nela, vai mesmo tentar algo contra ele? — indago, levantando novamente uma sobrancelha.

Agora é a sua vez de gargalhar.

— Acredite, ele não está de olho na Pam. — diz usando sua maldita cara de *psicólogo-sabe-tudo*.

Ah, claro, e eu acredito.

Falo tudo que sei sobre Pamella para Max e vou até a sala do papai, onde pego algum dinheiro com ele para poder ir para casa. Sinto que preciso descansar um pouco. O dia foi bastante puxado para mim, tanto com esforço físico, quanto mental.

Chego em casa por volta das cinco da tarde, mais ou menos. Troco de roupa, vestindo meu pijama e jogo-me na minha cama, caindo no sono sem qualquer dificuldade.



Sinto meu corpo ser sacudido e eu acabo gemendo baixinho, contrariada com tal chateação.

— Quem quer que seja você que está me balançando, merece uns tapas bem dados no meio da cara. — murmuro com a voz rouca e abafada pelo travesseiro em meu rosto.

Escuto uma risada baixa e grave.

É Trent e eu nem preciso abrir os olhos para saber isso.

— Porra, Parisa, você parece agressiva como o inferno hoje. — diz, e no segundo seguinte minha bunda é golpeada.

Abro os olhos e faço a minha melhor cara de assassina.

Ele acabou de me dar um tapa na bunda?

Porra! *E dessa vez foi forte.*

— Você está zombando na cara da sorte, Trent. — rosno enquanto ele levanta e se encosta na parede do meu quarto. — Vou devolver esse tapa, *imbecil*. — completo.

Eu não estou de fato irritada, é apenas estranho e novo esse tipo de contato com Trent, mas bom. Também é bom e meio... *excitante*. Seja lá o que for que isso realmente signifique.

— Eu trouxe pickles, querida. — diz, sorrindo em seguida e fazendo-me bufar.

— Ainda assim eu vou te acertar. — retruco.

— Bem, porra, estou pronto para você. — cruza os braços, desafiando-me.

Seu olhar, suas palavras e sua postura fazem uma grande ondulação se instalar no meu ventre. O que diabos ele está fazendo? Seu tom soou ao mesmo tempo tão inocente e tão sujo que eu posso sentir o duplo sentindo por trás de suas palavras.

Ele está estupidamente me testando?

— Bom que esteja, pois eu vou arrebentar você. Vai precisar de uma cadeira de rodas. — retruco suavemente e ele se mexe inquieto, perdendo o sorriso que enfeitava seus lábios finos.

Há! Toma essa, otário.

— Porra. — pragueja.

Pam entra no quarto e sorri abertamente para mim.

— Eu já servi a pizza! — disse animada.

Sorrio de volta para ela e em seguida fito Trent, que me encara como se não tivesse mais nada de interessante para fazer. Pam sai do quarto sem dizer uma palavra e eu calço-me, caminhando até Trent e cutucando seu estômago duro com meu indicador.

— Vamos, lutador. Tem que se alimentar, mesmo que seja de pizza. — provoco, piscando para ele.

Trent grunhe, arrancando uma risada minha.



— Então eu acho que está tudo certo para amanhã, sim? — papai pergunta, encarando Trent firme.

— Sim, claro. — Trent resmunga, fitando-me logo após. — Na verdade, quase tudo. — completa, fazendo-me rolar os olhos.

— Você não vai mesmo, Paris? — papai pergunta ao meu lado.

Olho para Pamella, que me encara ansiosa.

— Não, mas espero que se divirtam. — enuncio, dando de ombros.

Trent grunhe e eu o encaro, percebendo que ele não tira os olhos de mim nem por um segundo.

— Então está certo. — papai diz. — Vai ser um grande dia e uma grande luta. — destaca, mexendo-se animado.

— Claro. — sorrio de lado. — Tenho certeza que vai ganhar. — comento, piscando para Trent.

Ele não sorri e nem esboça qualquer emoção, apenas me encara como sempre faz.

Droga.

Capítulo 9

Parisa Cohen

Finalmente o dia chegou. Hoje é a data que marca a tão esperada abertura do Circuito, o evento que tanto me tirou a merda do sono durante todos os dias dessa semana.

Não vou dizer que foi fácil decidir o que eu iria fazer, mas ontem à noite, deitada na minha cama antes de dormir, decidi que iria fazer uma surpresa para Trent e todos os outros, e aparecer na abertura do Circuito. Para ser sincera, a surpresa é apenas para Trent, afinal, quem eu estou querendo enganar? Eu quero realmente vê-lo, e tenho o meu bilhete, então está tudo certo e planejado para hoje.

— Ei, amor. — Pam chama minha atenção. — Você tem certeza que não vai? Estou indo ao salão agora mesmo. — diz, sorrindo docemente e tirando um sorriso meu.

— Divirta-se Pam. — respondo, negando com a cabeça e ela dá de ombros.

Pamella caminha até mim e beija minha testa, murmurando um até logo e sai do quarto. Ela está super animada, e devo acrescentar que eu também acabei ficando depois da minha decisão de aparecer de surpresa no evento.

Levanto-me, vou até o guarda-roupas e pego minha sacola de compras que fiz ontem com a Pam. Todas as peças que ela me fez comprar são super justas e eu estou completamente indecisa sobre o que usar. Eu quero fazer uma surpresa com minha presença, mas, *Cristo!* — usar uma dessas roupas seria mais do que uma simples surpresa.

— Preciso de algo para usar. — murmuro para mim mesma.

Tomo uma respiração profunda, tentando me concentrar e mais do que tudo, tentando me acalmar.

Nada vai sair errado.



Decido deixar para escolher minha roupa mais tarde, tentando relaxar um pouco. Eu devo parecer estar o mais despreocupada possível, então desço porque eu estou morrendo de fome. Passo pela sala, prendendo meu cabelo em um coque que acaba por ficar meio frouxo por causa do peso do meu cabelo longo.

— Pickles, pickles, pickles...

Começo a repetir, entrando na cozinha e tentando achar meu pote de pickles. Escuto a porta da cozinha abrir e logo a voz de papai e Trent enche o local.

— Achei! — exclamo, observando meu pickles que está em cima da geladeira.

— Ei, querida. — papai me saúda.

Viro-me e o encaro soltando um sorriso que estendo também para Trent. Bom Deus, ele parece extremamente bem no seu jeans escuro e camiseta preta. Quer dizer, bem era até um insulto. Nenhuma palavra é capaz de descrever como Trent parece essa manhã.

— Ei, bom dia, pai. — falo simples.

— Eu vou procurar os papéis e volto em um instante, garoto. — papai diz para Trent e o mesmo assente de volta.

Papai sai da cozinha e nos deixa sozinhos.

O cômodo parece ficar pequeno a partir do momento em que Trent começa a andar em minha direção. Posso sentir a tensão entre nós dois no ar, o que fazer eu mudar o peso do meu corpo de um pé para o outro. Concentro-me em seus olhos, fitando cada movimento seu enquanto ele não diz uma só palavra durante seu caminho. Parando bem na minha frente, Trent passa o braço por cima de mim e pega meu pote de pickles.

— Obrigada. — murmuro com a voz fraca.

Quem poderia me culpar? Ele está muito perto.

Puxo o pote de sua mão e sento-me em frente ao balcão, não deixando de sentir nem por um só segundo o seu olhar intenso me acompanhar a cada passo que eu dei.

— Bom dia, *garotão*. — eu o saúdo, com mais força na voz.

Rodo na cadeira até o encontrar encostado na parede. Suas mãos estão

dentro dos bolsos do seu jeans enquanto ele me fita despreocupadamente. Descanso minha costa no balcão e sorrio.

— Bom dia, querida. — retruca finalmente, sorrindo de lado.

Ah, merda! Eu adoro seu sorriso e isso se deve ao simples fato de Trent quase nunca sorrir. É como um desses raros eventos naturais que acontecem uma vez em trezentos anos.

Pego um pickles e mordo um pedaço.

— Está pronto para lutar hoje? — indago sorrindo e mastigando ao mesmo tempo. Ele levanta uma sobrancelha em minha direção.

— Eu nasci pronto. — diz sem mais delongas, fazendo-me rolar os olhos.

— Quero dizer... Você sabe que tem que honrar seu nome e acabar com Shark, certo? — explico.

— Não preciso de você para me lembrar o que eu devo fazer, querida. — responde sorrindo cinicamente.

Bastardo imbecil.

— Certo, babaca. Estou torcendo para que você tenha seu traseiro chutado por Shark. — rebato, jogando um pedaço de pickles em sua direção, mas ele desvia. — Eu aposto em Shark.

— Que péssima e estúpida ideia, Parisa. — rosna, deixando de sorrir imediatamente.

— Eu não acho. — dou de ombros, sorrindo satisfeita.

Trent começa a se aproximar e mais uma vez eu tenho a sensação da cozinha parecer menor do que realmente é.

— Foda-se, querida. Eu sou o único homem para quem você vai sempre torcer. — grunhe entre dentes, colocando os braços de cada lado meu e segurando o balcão.

Péssima ideia! Agora eu não tenho para onde fugir. Trent me encurralou totalmente.

— Você que respondeu estupidamente, babaca. — falo irritada e tonta com tanta proximidade entre nós.

— Eu apenas disse a verdade, Parisa. Não preciso de você para me lembrar do que eu devo fazer quando estou no octógono, certo? — joga de volta e eu rolo os olhos.

Nossas respirações começam a se misturar, pois a cada palavra, Trent se aproximava mais e mais — e, bom, eu não estupidamente irei recuar agora. Estar tão perto dele me deixa de certa forma completamente destemida.

— Eu também apenas disse a verdade, Trent. Espero que Shark *chute* sua bunda idiota. — sussurro divertida e ele começa a hiperventilar, fazendo-me quase gargalhar.

— Reformule a *maldita* frase, Paris. — cospe de volta.

— Vou assistir a transmissão online e pode ter certeza que eu vou estar gritando o nome de Shark para que todos os vizinhos possam escutar para quem eu torço. — digo suavemente e ele grunhe, bufando na minha cara.

— *Isso...* Porra! — resmunga irritado.

Contorço-me no meu lugar, controlando meu impulso de pular em cima dele como um maldito macaco-aranha e não soltar nunca mais. Eu secretamente queria poder fazer isso.

— Vamos, vamos! Reformule a porra da frase, Parisa. — diz tão irritado que temo que ele possa explodir na minha frente.

Nossos narizes se esbarram e eu sorrio amplamente, tentando parecer confiante.

— Vou gritar e torcer por Shark, Trent. Acho melhor você desistir. — digo, passando meu nariz no dele. — Isso é o que você ganha por ser um idiota comigo. Acabou de perder sua maior fã. — completo, fitando seus olhos que adquirem uma tonalidade escura que faz com que eles pareçam completamente selvagens.

— Escute bem essa porra: sua boca vai gritar apenas um maldito nome e esse nome é o meu. Se você fizer o contrário, isso vai ser ruim para o outro cara e para você. — anuncia e eu o encaro ansiosa por suas próximas palavras.

— O que vai fazer? — indago curiosa.

— Primeiro eu vou chutar a bunda do outro cara tão forte que ele vai sentir dor por um mês inteiro. Isso vai ser muito ruim para ele, Parisa, mas eu não ligo

um caralho para o imbecil. — sentencia e agora ele mesmo esbarra nossos narizes.

Sigo meus olhos involuntariamente para sua boca fina.

— E o que... o que você vai fazer comigo? — gaguejo, nunca deixando de encarar sua boca.

Sei que devo parar de encarar sua boca, mas não consigo.

— Você não quer saber o que vou fazer com você... — diz, sorrindo maldosamente.

— Isso soa bastante como uma ameaça. — falo, arrastando meu olhar para encará-lo outra vez.

Trent parece bastante satisfeito.

— Isso é o que você diz — se aproxima do meu ouvido, respirando pesadamente. —, querida. — sussurra e eu mordo meu lábio inferior, tentando obter algum controle sobre mim mesma.

— Você não vai fazer nada comigo, *covarde*. — provoco.

— Vou sim, querida. — diz, usando seu tom mais cru. — Vou fazer você gritar tão alto meu nome que não só os vizinhos da casa ao lado vão escutar. — continua e seus lábios roçam no lóbulo da minha orelha. — Toda. Maldita. Rua. Vai. Ouvir. Você. Gritar. Meu. Maldito. Nome. — pontua cada palavra, não deixando de beijar minha orelha depois disso.

Nesse exato momento eu nem sei mais como eu ainda consigo puxar qualquer respiração. Meu fôlego todo foi embora, meu corpo parece estar pegando fogo — *em chamas* — e no momento, eu desejo apenas me jogar debaixo do meu chuveiro.

— Isso é o que v-você diz. — gaguejo tão baixo sua sentença que ele ri de mim.

Escuto passos se aproximando e sei que são do papai. Eu não sei de onde consigo tirar forças, mas empurro Trent para longe de mim. Seria bem estranho tentar explicar para o papai o que estava acontecendo, sendo que nem mesmo eu sei o que diabos acabou de se passar entre eu e Trent.

— Aqui, garoto. — papai fala assim que entra na cozinha.

Giro no banco e abaixo a cabeça, apoiando-me no balcão e tentando controlar minha respiração irregular. Eu posso sentir faíscas em todo meu corpo, principalmente na minha orelha — *onde ele beijou*.

Isso... Merda! Isso realmente aconteceu?

— Certo, velho. Estou indo agora... te vejo mais tarde. — Trent responde simples.

Papai murmura alguma coisa de volta e a porta da cozinha bate. Solto a respiração que acidentalmente acabei prendendo e levanto a cabeça, sentindo meu corpo um pouco menos tenso.

— Algo errado? — papai indaga, entrando no meu campo de visão. Ele parece incrivelmente atento e observador.

— Não, por que algo estaria errado? — pergunto sorrindo, mas tenho certeza que aquilo pareceu mais como uma careta. — Quer algo para comer? — levanto, indo até a geladeira.

— Não. — retruca enquanto eu pego minha pasta de amendoim.

Sento-me novamente e percebo que papai sustenta o olhar observador em minha direção.

— O quê? — pergunto, enfiando um pickles na pasta de amendoim e colocando-o na minha boca.

— O que você sente por Trent? — dispara e eu quase engasgo.

Engulo o pedaço de pickles com pasta de amendoim de uma vez só, mal mastigando. Porra, ele perguntou o quê?

— Mas que diabos de pergunta é essa? — pergunto irritada.

Porra, será que eu estou dando tanta bandeira assim? Será que todo mundo sabe o que eu realmente sinto por Trent? *Impossível!*

— Uma simples pergunta que requer uma simples resposta. O que você sente por Trent? — repete, cruzando os braços em frente ao seu corpo e eu respiro fundo.

— O que eu sempre senti. Ele é como um irmão mais velho, isso é tudo, pai. Eu o amo como um irmão mais velho. — abaixo o olhar para o meu pote, desviando do olhar interrogativo do papai.

Pior. Mentira. Do. Século.

— Olhe para mim, Paris. — pede firme e eu o encaro.

— O que foi, pai? Qual o motivo disso logo agora? — indago chateada.

— Repita o que disse, mas olhe nos meus olhos. — comanda.

— Eu amo o Trent. — falo cerrando os olhos para ele e vendo que ele faz o mesmo de volta para mim. — O amo como um irmão mais velho. Isso é o que ele sempre foi para mim. Um irmão mais velho. — completo, contrariada.

— Bom que seja assim. — diz entre dentes.

— Se não fosse, isso não seria da sua conta. — eu retruco e ele ri secamente diante minhas palavras.

— Vá contando com essa merda. — joga, dando-me as costas. — Você é minha filha e isso é da minha conta. — diz por fim.

Escuto ele subir as escadas enquanto eu praguejo irritada e muito extremamente puta com o rumo da nossa conversa. Ele é meu pai e sabe muito bem que tenho muito mais do que eu acabei de falar, mas empurrar meus botões é o mesmo que dar início a terceira guerra mundial. Principalmente se nós estivéssemos sozinhos como agora. Eu não abaixaria a guarda para o papai, ele sabe que não, então era melhor deixar assim.



Eu ainda estou meio irritada com todos os acontecimentos matinais, mas liguei para a mamãe e logo me distraí. Ela estava tão insistente sobre o assunto de eu ir passar um tempo com ela e, na verdade, eu quero ir. Eu não a vejo há tanto tempo, mas eu tentei lhe explicar que ainda tenho que convencer o papai sobre essa ideia.

— Acho que isso é uma boa ideia, filha. Seu amigo vai gostar de vê-la no evento. — mamãe afirma e eu suspiro baixinho.

— Espero que sim. — murmuro.

Pam entra no quarto sorrindo de uma ponta a outra. Tenho o sentimento de que ela acabou de sair de um comercial de shampoo ou algo parecido. Ela parece

impecável e seu cabelo está mais loiro do que quando ela saiu de casa.

— Ligo depois mamãe, beijos. — despeço-me dela.

— Ok, querida. Te amo. — retruca.

— Te amo. — repito, finalizando a chamada.

Coloco meu celular na cama e Pamella me encara com as mãos na cintura.

— Não pareço bem? — pergunta, sorrindo e dando uma volta.

Dou uma risada e jogo-me na minha cama.

— Você parece muito bem, Pam. Vai desfilar ou algo assim? — provoco cinicamente e ela ri, jogando-se na minha cama e puxando meu pé.

— Não, boba. — enuncia sem parar de rir.

— Você vai impressionar todos. Seu cabelo está mais claro, o que é isso? — indago curiosa.

— Luzes. Acho que ficaram legais... — murmura, dando de ombros e eu me sento na cama.

Nos encaramos até começarmos a rir.

— Melhor ir se arrumar, já são quase seis, daqui a pouco o papai vai estar impaciente soltando fogo pelas ventas. Ele odeia se atrasar. — sugiro e ela ri, levantando-se em seguida.

— Tem certeza que não vai? Posso arrumar seu cabelo e fazer uma maquiagem espetacular em você. — tenta uma última vez e eu faço uma careta.

Maquiagem? Nem fodendo.

— Tenho certeza, mas obrigada de qualquer forma. — falo, forçando um sorriso e ela apenas assente, dando de ombros.



Na última hora eu fiquei tentando me lembrar de todas as roupas que eu tenho enquanto Pamella se arrumava. Jeans folgados, camisetas enormes e tênis. Nada disso parece bom o suficiente. Eu deveria ter pensado em ir comprar um

jeans do meu real tamanho e uma camiseta mais normal, mas quem disse que eu tive essa ideia?

Bufo irritada e impaciente.

Papai e Pamella têm que ir embora, para então eu ter algum tempo para me arrumar e ir para o local. Espero conseguir fazer tudo isso a tempo.

— Estamos indo, Paris. — Pamella finalmente anuncia.

Ela está usando um vestido curto e todo brilhante, com um salto alto completando seu visual. Sua maquiagem é forte, marcando bem seus olhos e tenho que admitir que ela parece perfeita assim.

— Oh, sim. Até mais tarde. — resmungo e ela assente, aproximando-se e beijando minha testa.

Assisto Pamella sair do quarto e assim que ela fecha a porta, corro para a minha janela. Dois minutos depois ela sai com papai e os dois entram em seu carro.

Começo a tirar minha roupa e vou direto para o banheiro completamente desesperada. Lavo meu cabelo em poucos minutos e tomo o banho mais rápido de toda história. Saio do banheiro sem toalha, molhando tudo, e quando tomo impulso para correr, eu acabo caindo de testa no chão.

Poderia piorar mais?

Putaquepariu! Ando de volta para o banheiro sentindo o sangue descer por minha testa.

O que eu fiz pra merecer isso, afinal?

Entro debaixo do chuveiro mais uma vez e limpo meu corpo e, especialmente, minha testa. Volto para o meu quarto, tentando me acalmar. Pego uma toalha e me enrolo nela, indo atrás de um *band-aid*. Paro em frente ao espelho e vejo o estrago que fiz na minha testa.

Se antes eu já parecia como uma merda, agora eu estou *literalmente* uma merda.

Faço um curativo rápido e vou até meu guarda-roupas. Sem tempo nenhum para procurar uma roupa melhor, pego um jeans folgado e uma camiseta preta sem qualquer detalhe especial. Visto minhas roupas íntimas e em seguida as

peças que escolhi. Vou até o maior espelho e penteio meu cabelo, decidindo deixá-lo solto pela primeira vez em muito tempo.

Pego algum dinheiro na minha carteira, meu bilhete, celular e minhas chaves. Desço apressada e saio de casa, correndo pela rua até chegar à avenida principal.

Eu preciso de um táxi.



Eu estou completa e totalmente atrasada. A abertura do Circuito começa em menos de dois minutos e eu ainda estou na fila quilométrica para entrar dentro da arena.

Depois de quase cinco minutos tentando pegar um táxi, eu consegui e praticamente pulei no taxista, exigindo para ele voar todo caminho até aqui. Agora estou vestindo uma outra camiseta que eu comprei há alguns minutos com o nome FUROR atrás e o rosto de Trent na frente. Porra, é a melhor camiseta que eu já vi em toda minha vida. Eu me troquei em um banheiro qualquer desses de rua. A camisa é bastante justa, mas linda, por isso valia a pena o incômodo que eu estava sentindo no momento, sem esquecer que eu já estou com meu cabelo solto. Camisa justa do Trent e cabelo solto é demais para mim, mas tudo bem.

Mal posso esperar para ver o Trent.

Capítulo 10

Parisa Cohen

Assim que me acomodo no meu assento, começo a olhar freneticamente para todos os lados. Não consigo controlar minha ansiedade, que ao invés de diminuir, só aumenta. Minha boca está seca e minhas mãos já estão suadas. O que me deixou mais satisfeita, foi apenas o fato da abertura ainda não ter começado.

A arena está lotada e o lugar onde eu estou sentada não é bem favorável para os fãs do Trent. Para ser bem sincera, eu estou sentada no meio do pequeno aglomerado de fãs do Shark. Pense em uma garota com sorte. Pensou? Sim, ela provavelmente se chama Parisa.

Os fãs de Shark me olham com cara feia, mas eu estou pouco me importando para o que eles pensam. Provavelmente a minha cara fechada está fazendo-os ficar bem longe de arrumar confusão comigo. Quem vier me provocar, levaria de volta. Eu já estou bem irritada, então qualquer empurrão me lançará sobre a borda e eu estou pronta para dar uns tapas em alguém.

“*Nossa, eu tenho que parar de ser tão agressiva*”, penso e quase dou uma risada sozinha.



Finalmente a abertura começa com vídeos sendo exibidos nos muitos telões espalhados pela arena. O mestre de cerimônia fala e comanda o *show* enquanto todos gritam animados. Enquanto isso, eu estou mais ocupada olhando o telão para quando mostrarem qualquer imagem de Trent, do que ocupada gritando por qualquer besteira aleatória.

— O grande campeão está aqui essa noite para uma luta com seu maior rival. — o careca começa a falar enquanto todos explodem em gritos, e os do meu lado, explodem em vaias. — Me ajudem a chamá-lo, porra! — grita.

Todos começam a gritar “FUROR” sem parar e meu estômago embrulha imediatamente. Sinto-me paralisada diante tamanha força e amor dos fãs de Trent. Eu nunca vi nada igual a isso. Uma onda de orgulho enche meu peito, mas

logo foi dissipada por outra onda mais forte e, no momento em que ele aparece, uma onda de amor enche-me.

Não é nada mais, apenas amor.

Amor tão cru que dói dentro de mim.

Ele sai do túnel com sua famosa capa preta com detalhes vermelhos. Eu consigo ver apenas sua boca cerrada e a ponta do seu nariz, mas é o suficiente para me deixar elétrica. Solto uma lufada de ar pela boca, como se eu tivesse acabado de levar um soco no estômago. Trent faz isso comigo. Quando ele aparece, é apenas ele e mais ninguém. Ele, e *apenas* ele, sempre foi o suficiente para mim.

A forma como ele anda me deixa estupidamente quente. Ele se mexe com leveza e segurança, mostrando para qualquer um que ele é dono de si e superior a partir do momento em que coloca os pés no octógono. Ele nasceu pra lutar e eu compreendo isso. Nunca vi um lutador como Trent e eu não digo isso por que o amo. Eu amo o meu pai, mas Trent é dez vezes melhor que o papai, sendo que ele foi o primeiro treinador de Trent.

O cara é simplesmente uma máquina.

Trent entra no octógono seguido por Mike e Paul, enquanto os outros caras se posicionam do outro lado da grade, quase explodindo de tanta animação. Ele começa a tirar sua capa pacientemente devagar, numa tortura que leva todas as mulheres a soltarem gritos histéricos. Eu até gritaria, mas continuo paralisada no meu lugar, e agora posso dizer que também estou meio perdida.

A cada centímetro de pele que é exposta, mais eu quero vê-lo todo descoberto. É claro que eu já tinha visto Trent milhares de vezes sem camisa, mas eu nunca me cansaria disso. Não agora que ele está em um dos seus melhores momentos — em todos os sentidos. Seu corpo é impecável. O bronzeado quase dourado de sua pele, os quadradinhos na barriga, os braços musculosos e todas as incríveis tatuagens. Droga, ele parece de mentira! Eu não entendo como ele consegue ser tão fisicamente perfeito, ou melhor, eu entendo, mas recuso-me a aceitar tal fato. É injusto para nós, meros humanos.

— Porra, garotas! Isso está alto! — o careca exclama no microfone enquanto todas continuam clamando o nome de Trent. — Sim, sim, o garoto está aqui! — continua, agora rindo.

Finalmente todo descoberto eu posso apreciá-lo mais um pouco. O seu rosto está fechado em uma carranca e eu sei que ele está se concentrando. Mike sussurra algo em seu ouvido e ele vira para o lado. Me estico um pouco no meu lugar para ver do que Mike está falando e percebo que Trent agora encara Pamella. Do lugar onde eu estou, eu mal consigo ver com clareza, mas eu sei que é ela. Seu vestido brilhante é inconfundível, assim como o tom de cabelo mais claro que olhei hoje mais cedo.

O mestre de cerimônias chama Shark e os babacas ao meu lado começam a gritar. Rolo os olhos, concentrando-me apenas em Trent. Percebo que ele deixa de olhar para Pamella e passa os olhos pelo lugar, como se estivesse procurando alguém.

— Bem porra, acabe com essa porra de Tornado! — um cara grita ao meu lado e os outros começam a rir bem alto.

— É Furor, seu imbecil! — eu mal me dou conta de que aquilo sai da minha boca.

O cara cerra os olhos ameaçadoramente em minha direção.

— E quem disse que ligo para o nome do imbecil? Meu irmão vai acabar com esse filho da puta. — diz, fitando-me ainda raivoso.

Ah, então ele é irmão do Shark?

— Veremos quem vai estar chorando no final da luta. — retruco sorrindo docemente e ele avança para vir para cima de mim, mas um outro cara o segura em seu lugar.

— Defendendo um filho da puta que nem deve saber quem você é e, se soubesse, não ligaria uma porra para você, Patinho Feio! — cospe de volta e eu sinto minha pele queimar enquanto raiva explode dentro de mim.

Avanço para cima dele sem pensar duas vezes. Com que maldito direito ele acha que pode falar comigo dessa forma? E ainda me chamar de Patinho Feio? O outro cara o solta e quando eu acerto o rosto do idiota com um soco, ele segura meu pulso e me prende. Controlo minha raiva e minha respiração enquanto travamos uma guerra de olhares.

— Você pode dar um soco em alguém, certo? — diz cínico, apertando meu pulso enquanto eu tento puxar de volta.

— Se você não me soltar, assim que o *Tornado* sair do octógono eu vou tê-lo aqui para te encontrar e te fazer engolir toda sua merda. — rosno, começando a perder o controle novamente.

— Então você o conhece? — indaga entre risos. — Impossível ele já ter te comido, nem com plástica ele teria vontade para fazer isso. O cara pode ser idiota, mas não deve ser tão burro ou cego. — completa e eu puxo meu braço de volta com força.

Concentração, Parisa.

Ignore o ignorante.

— Você deve ser no máximo a melhor-amiga-macho dele. Sabe, aquela que ele ilude e dá falsas esperanças... — zomba, e eu bufo.

— *Cale sua maldita boca.* — ordeno entre dentes.

— Foda-se. Parece com isso, Keel, deixe a porra da garota. — o homem que o segurou anteriormente interfere e puxa o idiota outra vez.

Quando eu digo que o dia não poderia ser pior, ele piora.

Olho novamente para o octógono e percebo que Shark já estava lá, cara a cara com Trent. Eles não desviam os olhares nem por um segundo. Seus corpos estão prontos para a luta, só esperando o sinal para começarem.

Tomo uma respiração profunda e me acalmo novamente, sentindo minha mão doer. Das duas uma: ou o imbecil tem a cara dura como aço ou eu bati com muita força. Balanço minha cabeça, limpando meus pensamentos e concentrando-me apenas no octógono. O careca começa a falar, e falar, e falar enquanto Shark e Trent não se movem. Assim que o careca sai e o juiz entra dando sinal para os dois, eles se afastam e a luta começa.

A princípio eles não parecem ter pressa alguma para se atacarem, mas vinte segundos depois, Shark começa a ir pra cima como um carro desgovernado. O primeiro soco vem da direita e acerta em cheio o maxilar de Trent. Todos explodem em gritos. Trent não deixa ninguém bater nele. Se ele quisesse acabar com a luta, ela já teria terminado com um simples nocaute. Respiro fundo, perguntando-me o que diabos ele está fazendo... O golpe seguinte é um chute em sua perna esquerda. Algo está errado.

— Tritura ele, Shark! — algum imbecil grita logo atrás de mim.

Trent sacudiu a cabeça, se movimentando e pulando de pé em pé. Apesar dos golpes, ele ainda parece estável e isso é bom.

Shark sorri para Trent e avança novamente. Trent desvia de seus golpes, mas não revida. Que porra está acontecendo com ele? Depois de tanto vai e volta, o primeiro round chega ao fim. Eu me sinto extremamente irritada pelo simples fato de que Trent levou golpes e não revidou nem um sequer.

Max entra no octógono com Lucas e os dois parecem tão irritados quanto eu. Max fala algo para Trent e o mesmo responde, parecendo zangado. Lucas dá um pouco de água para Trent e eles saem do octógono.

O segundo round começa.

Shark continua atacando Trent, mas dessa vez ele contra-ataca com socos fortes e rápidos. Eu não sei o que está se passando com Trent. Ele parece desconcentrado, mesmo dos golpes que revidou, e Trent desconcentra em nenhuma luta.

Os golpes de Shark começam a entrar outra vez com força total e ele consegue algo quase impossível. Ele encurrala Trent. O silêncio mórbido que toma conta da arena é insuportável. Todos se calam e apenas assistem Shark em Trent. Eu posso escutar o som de sua carne sendo atingida com força e mais força. Mais alguns golpes e Trent teria ossos quebrados.

Eu não posso ver isso sem fazer nada. Eu me recuso.

— Mexa sua maldita bunda, lutador! Acabe com ele! — exclamo tão alto que minha garganta dói, como se tivesse sido rasgada ou arranhada.

A postura de Trent endurece e eu assisto os poucos segundos seguintes quase que em câmera lenta. Trent empurra seu corpo para longe da grade, reagindo imediatamente.

A arena explode em gritos, quase rugidos de tão alto.

Movendo-se com rapidez, Trent leva Shark ao chão com facilidade. Ele começa a acertar socos em Shark que me deixam apreensiva. Ele não dá nenhuma chance para que Shark se defender. O juiz interrompe um Trent furioso e focado, tirando-o de cima de Shark e todos festejam mais alto ainda o nocaute que acabou de acontecer diante nossos olhos.

Ele ganhou.

Meu sorriso deve estar maior que meu próprio rosto no momento, mas quem liga? Trent nocauteou Shark, porra! E foi incrível. Trent foi completamente implacável a partir do momento que reagiu.



Finalmente consigo me mover do meu assento e tomo meu caminho para descer e tentar me aproximar dos caras, ou melhor dizendo, de Trent. De longe observo Trent conversar com os caras, papai e Pamella lá embaixo. Com sorte eles me deixarão passar para vê-lo. Certo, eu nem preciso de tanta sorte assim, já que conheço todos os seguranças que trabalham com Trent e vice-versa. Isso é o suficiente para garantir meu passe-livre.

Ainda no meu caminho, vejo Trent pelo telão. Ele se move inquieto e parece ainda estar procurando algo enquanto os outros conversavam e riam juntos. Passo pelos fãs que festejam sem parar, indo em direção a saída para continuarem com a festa do lado de fora da arena.

— Garota Paris, o chefe disse que você não viria! — Jaz, seu segurança com quem eu mais falei até hoje, me reconhece logo de longe, fazendo-me sorrir abertamente.

— É uma surpresa. — respondo, sentindo minhas bochechas queimarem.

Jaz acena positivamente, sorrindo de volta e eu continuei meu caminho observando Pamella se aproximar de Trent com um sorriso brilhante. Enquanto isso, do outro lado, papai conversa com os caras, todos bastante animados.

Volto a encarar Trent e Pamella, acalmando um pouco os meus passos e ficando ao lado de Jaz. Trent está de costas para mim, mas eu posso ver como Pamella o encara e isso faz o ar sair lentamente dos meus pulmões, esperando para que eles fiquem logo a uma distância saudável.

Pamella começa a falar e eu sigo os movimentos do corpo de Trent. Ele parece tenso, sua postura é reta demais. Meu estômago afunda e eu começo a me sentir desesperada. Trent a envolve em seus braços, e no momento em que ele cola sua boca na dela, o chão parece faltar para mim. É como se eu estivesse caindo em queda livre. Isso é tudo o que eu mais temia.

O único cara para quem eu entreguei meu coração e a minha irmã gêmea se

beijando. Eu pensei que aquilo não fosse acontecer nunca. Pensei que a forma como ele sempre me olhava, esperando por algo, significasse alguma coisa. Mas parece que aquilo significava alguma coisa apenas para mim e para o meu mundo imaginário, onde eu teria Trent mais cedo ou mais tarde apaixonado por mim assim como eu sou apaixonada por ele.

Não consigo controlar. Meus olhos enchem-se de lágrimas e eu me viro para ir embora desse lugar o mais rápido possível.

— Garota Paris, o Senhor T...

— Preciso ir agora, Jaz. Não diga a ninguém que estive aqui, por favor. — falo sem encará-lo, pois eu provavelmente vacilaria e começaria a chorar compulsivamente como um bebê.

— Ali tem uma saída. — ele diz, como se estivesse me entendendo de alguma forma.

Aceno positivamente em forma de agradecimento e fito a porta, que não está tão longe de onde eu estou. Eu apenas preciso correr para bem longe daqui.

Para bem longe de Trent.

Para bem longe de Pamella ou de qualquer outra pessoa.

Capítulo 11

Trent Wayne

— Vamos, vamos, vamos! Hoje é seu dia, porra! Luta de abertura por quatro anos consecutivos, cara. — Mike continua falando enquanto estamos na minha sala de concentração.

Respiro fundo, esticando minhas pernas e encostando-me no sofá de couro onde estou sentado. Meus pensamentos são bloqueados e somente uma pessoa passa por minha cabeça.

Parisa.

Eu queria que ela estivesse aqui comigo e com os caras nessa sala. Eu queria poder olhar para ela antes da estúpida luta, ou até mesmo tê-la fazendo uma aposta comigo só para ter certeza de que eu não iria me machucar na luta. Nós dois costumávamos fazer muitas dessas apostas.

“— Se você ganhar essa luta sem deixar ele bater no seu rosto, eu pago o hambúrguer na saída. — Parisa diz e eu viro para fitá-la.

Os caras gargalham e eu levanto uma das minhas sobrancelhas, completamente divertido com ela.

— Eu não como essas porcarias, querida. — respondo e ela rola os olhos, jogando-se no sofá de couro.

— Isso é o que você diz agora, mas quando ver o hambúrguer que eu vou comprar, você vai querer um pedaço. Eu tenho toda certeza. — continua e dá de ombros.

— Se é o que diz, então isso vai acontecer. — falo sorrindo de lado e ela rola os olhos novamente.

Mas que mania quente do caralho!

— Então? Aceita a aposta, lutador franguinho? — pergunta finalmente sorrindo.

Cruzo os braços e cerro os olhos para ela.

Lutador franguinho?

— E se eu perder a aposta? — indago curioso.

— Se você perder, além de ter sua cara quebrada pelo outro cara, você vai ter a cara quebrada por mim. Depois que isso acontecer, vou ser obrigada, por uma crise de consciência e pena repentina, a cuidar de você. — enuncia entediada e eu não posso evitar o sorriso que se espalha no meu rosto outra vez.

Não é uma má ideia, afinal ter as mãos de Paris em mim é sempre uma boa e tentadora ideia. Eu gosto de como isso soa.

— Vamos pensar então nos prós e contras de você quebrar minha cara. Contra: vou ter minha cara quebrada por você, obviamente; pró: vou ser cuidado por você. — sentencio, encostando-me na parede e eu percebo que suas orelhas começam a ficar vermelhas, espalhando a vermelhidão para suas bochechas. — Parece um bom investimento. — completo.

— Se você não estivesse falando tantas palavras difíceis eu pensaria que está flertando com a Paris, e porra, se estiver fazendo isso eu juro que vou vomitar em cinco segundos. — Lucas diz e eu bufo irritado.

— Ele não está flertando comigo, imbecil. — Paris grunhe se levantando.

Isso é o que ela diz.”

É sempre assim quando Parisa assiste a algumas das minhas lutas. Eu sempre a tinha perto de mim na minha sala de concentração, enquanto em vez de me concentrar, eu fazia apostas e mais apostas com ela para mantê-la previamente calma para o show que aconteceria uma vez que eu estivesse no octógono. Essa era sempre minha parte favorita de quando ela ia para as minhas lutas, fora que eu sempre tinha um gás a mais nas lutas por que eu queria que ela me visse no octógono e soubesse que lá dentro é um dos dois únicos lugares em que eu sinto como alguém que realmente tem um propósito na vida.

Bufo irritado, sendo cutucado por Max dois segundos mais tarde. Ele me encara como se soubesse tudo o que está se passando na minha cabeça.

— Ela pode estar aí fora, cara. Foco na porra da luta. — ele sussurra só para eu escutar.

Rolo os olhos. Filho da puta observador do caralho!

— É minha luta, Max. Vou fazer o que faço, ela estando aí fora ou não. — retruco, fechando os olhos.

— É bom que faça isso. De qualquer forma, Parisa sempre pira quando te vê machucado. — joga de volta.

Sim, eu sei disso.

— Não quero mais falar sobre Parisa. Ela não veio, então que se foda. Eu não vou perder a luta por causa de sua ausência, nem mesmo se preocupe. — minto mais para mim do que para ele.

Eu implorei para que ela viesse hoje, mas ela não veio. Estou foddidamente irritado com isso, mas o que diabos eu poderia fazer para ela vir? Parisa é cabeça dura pra caralho.



Eu estou pronto.

Enquanto caminho coberto por minha capa preta, eu posso escutar meu nome ser entoado por milhares de pessoas. Isso me concentra de forma instantânea. Eles estão aqui para me ver, então eu tenho que fazer isso valer à pena.

Assim que coloco meus pés no octógono, uma paz entra dentro de mim. Esse é o meu lugar. Foi para isso que eu nasci. Nada pode me assombrar aqui dentro. Eu controlo isso. Eu controlo meu corpo, controlo as minhas lutas.

Começo a tirar a minha capa sem pressa alguma. Estico meu pescoço de um lado para o outro, deixando a capa para que Mike pegue.

— A gêmea gostosa está aqui com Jake, e parece que a Paris não apareceu mesmo, olhe lá. — Mike grita no meu ouvido.

Viro minha cabeça para ver e encontro somente Pamella e Jake nos lugares especiais que eu tenho para todos da minha equipe e amigos. Ela está usando um vestido brilhante e está toda arrumada. Nada como a Parisa. Nada como a porra da *minha* garota que nem por um caralho será realmente minha algum dia em toda minha vida.

Viro meu rosto de volta, lembrando-me de que Paris não está aqui. Coloco meu protetor na boca e espero por Shark.



Shark está na minha frente e de repente sinto como se eu fosse um peso morto. Palavras rudes entram na minha cabeça e meus demônios resolvem me atacar bem na hora da minha luta.

“— Tudo culpa do garoto inútil, Sally! Estúpido! — o homem grita alto. — Leve-o para a sala escura e ele não vai mais sair de lá essa semana! — completa e eu sinto meus ossos gelarem.

A mulher me puxa pelo meu cabelo, arrastando-me com força até a sala escura.”

Sou acertado mais uma vez por Shark, enquanto minha cabeça dá mil e uma voltas. As palavras e as velhas cenas resolveram invadir minha cabeça na hora errada. Eu me sinto completamente estúpido dentro do maldito octógono. O primeiro round acaba e eu não consigo acertar nenhum golpe.

Isso não é quem eu sou.

— Porra, Trent. O que diabos está pensando? — Max entra no octógono rosnando com raiva e me puxando até o meu banco.

— Isso, caralho. O que diabos está acontecendo com você? Shark é merda perto de você, lute essa porcaria de luta como homem. — Lucas diz, empurrando para sentar no banco.

— Foda-se vocês dois. Eu sei o que estou fazendo. — falo irritado.

Isso não era para acontecer.

Eu deveria bloquear as malditas lembranças do inferno da minha cabeça. Elas não podem me foder nesse momento.

— Segundo round. Lute essa porra se não quiser que a garota fique puta com você. — Max enuncia e eu bufo.

Será que ele realmente tem que me lembrar de Parisa a cada oportunidade que aparece?

Os dois saem do octógono e eu volto a minha posição de ataque. Encaro Shark, que está sorrindo em desdém na minha direção. Pedaco de merda estúpido. Ele está enganado se acha que tem algum maldito mérito nesse primeiro round.

O segundo round começa e eu tento me concentrar o máximo possível nos meus movimentos. Shark ataca e eu respondo, com socos fortes e rápidos, deixando-o algumas vezes tonto. Ele acerta meu maxilar esquerdo com um jab e eu fecho os olhos por reflexo.

“— Bom que aprenda, verme. — diz, disparando um soco sem piedade no meu maxilar esquerdo.

— O que acha que vou aprender com isso? — retruco, esperando por outro golpe seu.

— Estúpido, miserável. Você não passa de escória. — rosna de volta, com o rosto contorcido em raiva. — Tudo que você toca, você destrói. Você que devia ter morrido, não eles. — continua cuspiendo em cima de mim e me acertado com socos e chutes.

Sinto como se fosse apagar de tanta dor a qualquer minuto.

— Faça isso então, imbecil. Eu não ligo para esse mundo, nem para você e para bruxa. Foda-se os dois. — falo, cuspiendo para fora o sangue que acumula em minha boca.

A última coisa que sinto é um chute na minha cabeça antes de apagar totalmente.”

Mal percebo que estou me defendendo de Shark, completamente encurralado na grade de proteção do octógono. Ele acerta em todos os lugares possíveis, enquanto a arena se cala em um silêncio quase fúnebre. Minha mente está afundando na escuridão e eu não consigo mais raciocinar corretamente.

— Mexa sua maldita bunda, lutador! — isso é como um filete de luz no fim túnel.

Abro meus olhos, tomando consciência do que está acontecendo. A voz é de Paris, porra! Ou será que eu estou alucinando, caralho?

Avanço para cima de Shark sem pensar duas vezes. Solto meu punho com força e o acerto, deixando-o desnorteado com minha resposta abrupta. Meu corpo respondeu a aquela voz que parece mais como uma maldita alucinação. Parisa não está aqui.

Derrubo Shark e quanto mais eu o ataco, mais desesperado para se proteger ele fica. O suor desce pelo meu corpo enquanto eu o soco sem piedade, da

mesma forma que ele fazia comigo há poucos segundos. Sou afastado dele à força.

Nocaute.

Eu ganhei a porra da luta.

— E o vencedor é o Furor, senhoras e senhores! — o mestre de cerimônias entra sem esperar nem mais um segundo e levanta o meu braço.

Solto o ar com força, tirando o protetor da minha boca e sorrindo, enquanto sinto meu rosto doer um pouco por causa dos malditos golpes que eu recebi. Isso nunca aconteceu comigo. Eles nunca invadiram minha mente enquanto eu estava no octógono. Esse é o meu lugar. Eu tenho o controle disso, não eles.

Eu controlo a minha luta.



Os caras entram no octógono sorrindo de ponta a ponta e Jake vem logo atrás, acompanhando-os.

— Se aquele imbecil te nocauteasse, eu iria ser obrigado a chutar sua bunda. — Jake diz e eu acabo rindo.

— Seria bom vê-lo tentar, velho. — retruco, cruzando os braços e ele ri comigo, balançando a cabeça.

— Porra, falava que esse era o seu maldito plano que eu não me desesperaria. — Lucas exclama, fazendo todos rirem.

— Qual seria a graça? — indago e ele bufa.

Saímos do octógono e todos se aproximam de mim para tirar foto ou para conseguir algum autógrafo. Dei atenção para alguns, mas logo me juntei novamente aos caras. Pamella finalmente aparece. Ela me encara com um sorriso aberto, mas então eu percebo que nada nela realmente me atrai, apenas sua irmã gêmea, Parisa, mas ela está fora do meu alcance. Esse é um sentimento que eu tenho que superar e enterrar. Jake nunca aceitará, ele sempre deixou isso bem claro e eu nunca me arriscaria em perdê-la por minhas fodidas falhas.

— Parabéns, Furor! — Pamella exclama, sorrindo.

Porra! Ela não é a Paris nem mesmo de longe.

— Obrigado. — forço-me a lhe dar um sorriso, enquanto ela se aproxima mais alguns passos de mim. Meu pescoço queima intensamente e me sinto muito incomodado. — Você gostou da luta? — indago, sabendo que só uma opinião importa para mim, de uma única pessoa, mas ela não está aqui hoje.

— Você foi implacável. — diz, mexendo em uma das mechas do seu cabelo e Parisa invade minha mente mais uma vez.

Foda-se! Eu tenho que superar isso, porra.

Ela precisa sair da minha maldita mente.

Em um movimento rápido, eu puxo Pamella para mim, seus olhos se arregalam e quando eu amasso minha boca em cima da sua ela parece ainda mais surpresa. Seus olhos se fecham lentamente, mas eu não tenho coragem de fechar os meus. Se eu os fechasse, eu com certeza veria a Parisa na minha cabeça e tudo o que eu menos quero é perder o controle com a imagem de Parisa na cabeça e sua irmã em meus braços.

A língua de Pamella suavemente tenta alguma conexão com a minha, mas eu não sinto nenhuma porra diferente. Ordinário poderia definir esse beijo, mas mais do que ordinário, esse é um beijo praticamente inexpressivo. Completamente sem significado.

Pamella me empurra levemente, separando a boca da minha. Seu rosto está vermelho e eu percebo que quando ela cora, é completamente diferente da Parisa. As orelhas de Parisa sempre ficam vermelhas antes de suas bochechas. Com Pamella, apenas suas bochechas ficam avermelhas.

— Por que você fez isso? — Pamella pergunta com uma mão em cima de sua boca. Fico calado, sentindo que não tenho mais nada a perder nesse momento.

— Foda-se, eu vi isso, imbecil! — a voz de Jake me acorda. Ele se coloca ao lado de Pamella e de repente os dois me encaram.

Jake parece puto pra caralho.

— Pai, isso não foi nada. — Pamella tenta falar.

— Isso não é com você, garota. — Jake rosna. — Eu disse para você ficar longe delas, Trent. — seus dentes rangem.

Pamella sai andando e rolando os olhos, e eu volto a encarar Jake. — Você nunca falou sobre Pamella, apenas sobre Parisa, não é mesmo? — menciono.

Jake dá dois passos para frente e então estamos cara a cara.

— Eu pensei que essa porra estava clara entre nós dois. — Jake murmura, visivelmente raivoso. — Se você tocar um dedo na Parisa, você está fodido. — respira fundo. — Eu pensei que pudesse confiar em você e em sua maldita palavra. — continuou e isso é pior do que um soco. — Resolva essa merda com a Pamella. — sai andando.

Foda-se, porra!

Passo as mãos por meus cabelos e por algum motivo, olho para trás e reconheço uma pessoa. Parisa. Eu tenho certeza que é ela.

Jaz, um dos meus seguranças, aproxima-se e para ao meu lado. — Senhor, a garota Paris estava aqui. Ela pediu que não falasse, mas ela não parecia bem de jeito algum. — diz e meus olhos continuam seguindo seu corpo pequeno.

— Ela viu o que aconteceu? — indago.

— Sim. — responde, simples.

Porra, Parisa.

Ela está aqui.

Ela assistiu a minha luta e acabou de ver eu beijar sua irmã.

Put. Que. Pariu.

Meus pés não me obedecem, e eu não quero que eles me obedeçam. Eu preciso ir atrás dela. Eu ainda tenho algo a perder. Ou melhor, alguém. Passo pelas pessoas que ainda tentam me parar para fotos, autógrafos e o caralho a quatro, mas eu não posso perdê-la de vista.

— Parisa! — exclamo, mas ou ela não me ouviu ou ela está me ignorando.

Assim que ela sai pela porta de emergência da arena, eu corro. Abro a porta rapidamente e logo que eu estou na rua, eu a observo correr quase que desesperadamente. Ela está correndo de mim? Caralho! Sua imagem é linda. A forma como seu corpo se mexe quando ela corre é perfeito. Ela é perfeita. Eu corro mais rápido e quando estou perto o suficiente, seguro seu braço e a puxo, parando-a bruscamente.

Seu rosto está vermelho e os olhos azuis que eu mais amo no mundo, estão vermelhos e brilhantes, marejados.

Eu fiz isso?

— Você veio. — murmuro e ela puxa o braço para longe do meu toque.

Limites.

Um vento gelado passa por nós e traz o seu cheiro para mim.

— Sim. — enuncia, virando o rosto para o lado.

Sua beleza é como um soco no estômago.

Eu nunca cansarei de vê-la, de adorá-la. Eu preciso tê-la por perto, mesmo que ela continue sendo apenas uma amiga.

“Amiga”, penso mais uma vez com desdém.

— Tudo bem? — pergunto, franzindo o cenho.

Seus olhos fogem dos meus e ela olha para tudo, todos os lados, menos para mim.

— Tudo. — murmura. — E você? — indaga ainda usando um tom baixo, mas soando cínica.

— Olha para mim, Parisa — peço, mas ela me ignora. —, *por favor*. — sussurro.

Ela nunca me ignorou dessa forma. Mas o que diabos é isso, afinal? Ela se importa? Se importa por eu ter beijado sua irmã?

Seguro seu rosto, dessa vez não a deixando fugir do meu toque, e o viro para mim. Parisa fecha seus olhos, me bloqueando sem nenhum remorso aparente. Meus olhos, diferentemente dos seus, continuam abertos, enquanto eu tento memorizar tudo o que eu estou vendo diante de mim.

Ela está usando um de seus jeans folgados, seu tênis da Nike e uma camiseta que com certeza não é uma das suas. A camiseta me tem bem na frente e, — *porra!* — eu posso ser um filho da puta do inferno nesse exato momento, mas dizer que eu não estou duro por me ver colado ao seu corpo naquela camiseta seria uma puta mentira. Ela parece um anjo machucado usando uma camiseta minha. Uma camiseta do seu fodido melhor amigo.

Mil vezes merda.

— Por favor. — suplico desesperadamente, respirando fundo.

Ela me olha e eu posso jurar que nada é mais bonito do que seus olhos, do que ela.

— O quê? — indaga, seu tom de voz completamente fraco.

— Você está bem? — pergunto no mesmo tom.

Seu olhar perdido estava me deixando doente, fraco. Ela não estava bem e eu podia ver isso sem dificuldade.

— Muito bem. — sussurra, desviando o olhar do meu novamente. — Acho que comi algo errado antes de entrar, apenas isso. — diz recuando dois passos, recusando meu toque outra vez.

Mentira.

Ela está mentindo.

— Apenas isso? Tem certeza? — pergunto.

Ela me olha com os olhos azuis protegidos por uma capa gélida e ao mesmo tempo ácida. Parisa age como se não me conhecesse.

— O que mais seria, Furor? — rosna, cerrando os olhos.

— Bem, diga-me você. — falo, me aproximando dois passos e fechando a distância entre nós.

— Eu já disse o que aconteceu. — diz recuando mais uma vez. — E não estupidamente se atreva a me tocar. — completa.

Respiro profundamente o ar frio e tento controlar a raiva súbita que cresce dentro de mim sem parar.

— O que achou da luta? — indago sem saber mais o que falar.

Ela solta uma risada seca.

— Você lutou como um idiota, eu odiei. — diz simples. — Se me der licença, estou indo para casa. — vira-se para ir embora.

Sinto o pior de mim tomar conta da minha mente.

— Parisa! — exclamo entre dentes e ela para, virando-se outra vez para mim.

Seus olhos brilham intensamente e eu posso ver as lágrimas se acumulando. Ela está chorando. Puta que pariu, *não!*

— O que você viu? — pergunto, querendo ouvir sua voz uma última vez.

Ela passa as mãos em seu rosto, limpando suas lágrimas e sorrindo triste. Eu sinto como se uma faca tivesse acabado de atravessar meu estômago com esse sorriso direcionado a mim.

— O que você fez? — indaga e sai correndo sem esperar uma resposta minha.

O que eu fiz? *Fodi tudo.*

Capítulo 12

Parisa Cohen

Chegando em casa, eu jogo o dinheiro para o taxista e saio em disparada até a porta de casa. Eu não sei se qualquer descrição de dor poderia descrever como eu me sinto no momento. É como se meu coração pudesse parar a qualquer momento. Meus soluços se misturam com a minha respiração rápida e curta, fazendo-me praticamente sufocar na minha dor. Pego minha chave do bolso do meu jeans e passo quase um minuto inteiro tentando abrir a porta. A enxurrada de lágrimas cai sem que eu possa controlar. É mais forte que eu e quase insuportável. Solução alto, finalmente conseguindo abrir a porta. Entro em casa e me encosto na porta.

Escorrego até o chão e coloco minhas mãos na minha cabeça, segurando meus cabelos com força. Tudo que eu mais quero é que toda essa dor pare. São tantas lágrimas, tantos soluços que se eu já tivesse tido a experiência de afogamento, eu diria que é o mesmo do que eu estou sentindo agora nesse momento.

“O que você viu?”

O que eu vi? O que eu vi era exatamente o que eu não queria ter visto. Isso não era para ter acontecido, mas, *porra*, o que diabos eu poderia fazer? Eu devia ter falado para Trent o que eu sentia por ele. Eu devia ter feito isso há anos, mas continuei me iludindo e pensando que as minhas atitudes atrapalhadas já mostravam para ele o que eu sentia. Nem sempre ações são o suficiente para que uma pessoa perceba o que a outra sente, e agora — somente agora — eu sei que devia ter aberto a minha boca e soletrado, se necessário, para ele o que eu sentia. O quanto eu o amava. O quanto eu o amo.

Mas também não é como se eu pudesse competir com Pamella. Ela é bonita, eu não. Essa é a notícia mais velha de todos os tempos. Isso é o que eu venho escutando desde que ela chegou.

Levanto-me cambaleando e subo as escadas devagar, tentando controlar o que estou sentindo e tentando não tropeçar em meus próprios pés. Eu sempre fui boa em esconder minhas emoções e quase nunca choro. Sou durona mesmo, todo mundo sabe disso, mas nesse momento eu não consigo manter-me firme. O que eu estou sentindo agora, eu nunca senti antes.

Sinto-me completamente miserável.

Pelas lágrimas vejo meu quarto e entro, nem mesmo me incomodando em ligar a luz. Caminho até a minha cama e me jogo ali, engolindo o meu choro, e negando-me a começar a chorar outra vez. Antes que eu desse conta, meus olhos fecham-se por livre e espontânea vontade. Minha cabeça lateja de forma absurda, me deixando mais tonta do que eu já estou.

A última imagem que passa por minha cabeça é a de Trent e Pamella se beijando e eu sei que isso me assombrará para sempre.

Foda-se.



Meu corpo está sendo balançado, por quem? Eu não faço ideia. Aconchego-me mais na minha cama, não querendo abrir os olhos. Não sinto vontade de olhar para qualquer pessoa.

Aliás, eu tinha adormecido?

— Paris, acorde. — é Pamella.

Eis a minha resposta de quem me acordou.

Suspiro, abrindo os olhos vagorosamente contra a minha vontade. Pamella está me encarando curiosa sentada na ponta da minha cama, já vestida com sua fiel saia jeans curta e regata.

— Oi. — minha voz sai fraca e rouca.

— Já é tarde. — comenta e eu me sento na cama. — O papai já foi para academia há algum tempo, eu resolvi ficar para ir com você. — diz, mexendo na barra de sua saia inquietamente.

— Eu não estou me sentindo muito bem... Acho que não vou hoje. — murmuro dando de ombros e olhando para tudo, menos para Pamella.

— Ouvi dizer que você esteve na abertura do Circuito... — diz, parecendo incerta em suas próprias palavras.

Respiro fundo.

— Sim, eu estive lá. — respondo sem tantos detalhes.

— Paris. — Pamella me chama e eu subo o olhar até ela.

— Sim? — indago.

— O que há de errado? — retruca apreensiva.

Solto a respiração e dou de ombros.

— Nada, Pam. Eu estou apenas cansada de ontem. Meu assento não foi o melhor e eu nem consegui chegar até vocês no final. — minto, levantando da cama e tentando parecer forte.

— Não chegou até nós? — pergunta, franzindo a testa. — Trent disse que ele falou com você. — completa.

Meu coração fica um pouco mais frio, endurece e os batimentos ficam mais fracos. Um nó se forma em minha garganta e eu sou obrigada a pigarrear, caso contrário minha voz falhará.

— Ele chegou até mim, na verdade. Nós conversamos brevemente por alguns minutos e eu voltei pra casa, apenas isso. Nada demais. — respondo.

— Oh... Bem, você não vai mesmo para a academia? — insiste.

Não dar as caras na academia seria pior do que dar as caras.

Eu preciso ir.

Não posso ser fraca.

— Eu vou. — falo, encarando-lhe firme. — Apenas preciso de um banho. — completo e Pamella assente com um sorriso fraco no rosto, saindo do meu quarto em seguida.

Pego minha toalha e vou para o banheiro fazer minha higiene matinal. Encarar Pamella não foi tão difícil como eu imaginava. Sim, eu estou literalmente destroçada por tudo que aconteceu, mas ela continua sendo minha irmã. Mesmo que isso pareça fodido demais, preciso pensar nela. E se ela gostar de Trent? Como diabos vou sobreviver vendo eles se beijando todos os dias por aí? Eu iria explodir em algum momento e isso não seria bom. Eu tenho apenas uma coisa a fazer nesse momento: ligar para a mamãe o mais rápido possível e arrumar uma passagem apenas de ida para Seattle.



Entro na academia com Pamella lá para as duas da tarde. Era realmente tarde quando eu parei para reparar no relógio. Eu acordei às uma e meia da tarde, nada como meu costume de sempre acordar sempre muito cedo, mas ainda sim eu sinto meu corpo pesado, travado e cansado.

Caminho até um banco lateral ao octógono e me sento ali, deixando minha mochila do meu lado. Subo o olhar e eu percebo que *ele* está me encarando.

Trent Elliot Wayne, meu melhor amigo.

Seus olhos parecem cansados e há sombras escuras embaixo deles. Sua boca cerrada e seus punhos apertados me dão indícios de que ele está com raiva.

Bufo irritada e desvio meu olhar do dele, achando muito difícil continuar olhando e disputando aquela batalha visual. A conexão entre nós já está ligada e nós nem nos aproximamos ainda.

Pego minhas bandagens e começo a proteger minhas mãos. Eu posso escutar os caras conversando alto e rindo lá dentro do octógono, mas não me importo muito. Termino de me proteger e coloco minhas luvas, levantando-me e tomando meu caminho para o primeiro saco de pancadas mais próximo. Eu preciso fazer alguma coisa para deixar toda a frustração e tristeza sair de dentro de mim e, nada melhor do que dar uns bons socos em um saco de pancadas.

É uma boa terapia. Meu tipo favorito de terapia.

Tomo uma respiração e começo meu ataque. Eu nem mesmo me aqueço antes disso, uma vez que estou desesperada para jogar toda a merda para fora de mim. Respiro fundo, nunca parando os golpes por um segundo sequer.

Eu não sei quanto tempo eu passei alternando meus golpes entre chutes e socos, mas logo eu estava completamente suada e pingando. Ainda assim, eu não paro.

— Ei, garota. — Max chega me chamando.

Ele puxou o saco de pancadas de perto de mim e eu paro, tomando uma respiração profunda e soltando o ar devagar.

— Diga. — murmuro, ofegante.

— Você ainda não falou com o cara hoje e ele não para de olhar para você.
— comenta e eu rolo os olhos.

Eu definitivamente não estou com saco para Trent hoje.

— Ele não vai morrer porque eu ainda não falei com ele hoje, ou será que vai? — falo cinicamente e Max levanta uma sobrancelha. — Bem, porra, eu vim apenas pra treinar um pouco, não para bater papo. Será que isso pode acontecer? — completo mais irritada do que antes.

Max me encara atônito e completamente incrédulo. Ele não parece acreditar que essas palavras estão saindo da minha boca, mas ele também não demora para soltar o saco de pancadas e sair acenando positivamente com a cabeça.

Começo novamente com a minha sequência de socos e chutes. Em algum momento eu imagino Trent naquele saco de pancadas e meu coração aperta de forma estupidamente forte. Meus olhos começam encherem-se de lágrimas mais uma vez e antes que eu desabe, eu abraço o saco de pancadas para tentar me controlar e me recompor da minha fraqueza.

Não deixo as lágrimas caírem. Eu não posso mais deixar isso acontecer. Eu sufoco a dor que quer me sufocar.

— Parisa. — Trent me chama.

Sua voz soa baixa, rouca e muito doente. Não é como o Trent autoritário de sempre, com suas inúmeras ordens e comandos. É mais como um Trent machucado, suplicando desesperadamente por minha atenção.

Abro meus olhos sem pressa alguma e viro para encará-lo enquanto solto o saco de pancadas. Assim que o fito de perto, um arrepio sobe por toda minha espinha. A imagem dele e de Pamella persiste em reaparecer na minha cabeça. Eu odeio isso. Odeio que toda hora essa imagem volte sem minha permissão. Eu não quero me lembrar do que aconteceu. Eu não quero me lembrar deles dois juntos.

— Trent. — respondo, assustando-me com a minha própria voz, já que eu não estava ciente de que minha voz soaria ainda mais doente do que a dele.

Talvez isso se deu pelo simples fato de eu estar cansada tanto mentalmente quanto fisicamente. É como se meu coração estivesse sendo apunhalado por facas afiadas e logo em seguida, sugado por um aspirador em sua força máxima. A única coisa que eu quero para ser sugada, era a minha memória.

Eu quero esquecer tudo.

— Está tudo bem? — pergunta, ainda no mesmo tom.

Porra, é tão difícil olhar para ele.

Eu não consigo odiá-lo e vê-lo ferido é muito ruim para mim, é mais do que eu posso suportar. Mas ainda sim, eu não vou ceder.

— Veio me perguntar se estou bem? — minha voz agora sai mais forte e cortante.

O clima entre nós pesa instantaneamente e é quase palpável toda aquela nuvem escura insuportável que paira em cima de nós.

— Sim. — responde simplesmente, ainda no mesmo tom.

Seria mais fácil se ele estivesse agindo como sempre faz. Confiante e forte, não esse Trent assustado e fraco. A cada segundo que se passa, ficava ainda mais difícil toda essa situação para mim.

— Me diga, por que eu não estaria bem? — resmungo, irritada.

Quanto mais indefeso ele parece ficar, mais forte eu me torno, o que é extremamente assustador para mim. Desvio nossos olhares, acalmando minha respiração, que já está irregular.

Trent se aproxima de mim e eu não mexo um músculo.

— Querida, não se afaste de mim. — murmura.

— Eu quero que saia. — respondo, sem mais delongas.

Viro-me para encará-lo e continuo firme. Seus olhos estão tão escuros... Nada como o habitual azul brilhante.

— O que quer dizer com isso? — indaga entre dentes.

— O que eu disse. — jogo de volta, rolando os olhos. — Eu. Quero. Que. Saia. — pontuo todas as palavras.

— Porra, Paris, por favor...

— Saia. De. Perto. De. Mim. — eu o corto, pontuando mais uma vez e com mais força todas as minhas palavras.

Se ele não saísse de perto de mim, eu cederia e esqueceria da minha dor só para ter certeza de que ele estava bem e isso já está fodido o suficiente. Não posso fazer isso por ele dessa vez.

Os segundos parecem ser incontáveis, mas logo Trent se distancia de mim, dando-me as costas e saindo andando para fora da academia.

Caminho até o banco e me sento antes que eu caia no chão. Tiro minhas luvas e as jogo ao meu lado, abaixando minha cabeça e passando minhas mãos por meu rosto. Sinto a ferida na minha testa arder, lembrando-me da minha queda na noite passada.

Bom, que se foda. Que se foda tudo!

Pego meu celular de dentro da minha mochila e nesse momento eu percebo que não tenho mais dúvidas do que eu devo fazer.

Mamãe.

Disco rapidamente seu número e no terceiro toque ela atende.

— Filha! Tudo bem, querida? — ela indaga, soando animada e doce como sempre.

— Eu vou, mãe. Eu vou para Seattle. — eu falo simplesmente e ela fica muda do outro lado da linha.

Eu preciso de um tempo para mim antes de resolver todo esse assunto com Trent. Encará-lo todos os dias não tornaria mais fácil tudo o que eu vi, tornaria tudo ainda mais doloroso. Eu preciso de um tempo bem longe de todo mundo, para que quando eu voltasse, tudo ficasse um pouco mais fácil para então eu lidar com isso como tem que ser feito.

— Maravilha, querida. Vou lidar com sua passagem, os preparativos e tudo mais! — exclama animada. — Amor, ela está vindo! — grita longe do telefone, mas é alto o suficiente para que eu escute sua satisfação. — Decidiu que dia vem? — pergunta.

— Dez dias, mamãe. Eu preciso de apenas dez dias, tudo bem? — murmuro.

— Sim! Sem problemas, bebê! Vou arrumar tudo para você, meu amor. Estou morrendo de saudades. — diz e eu suspiro.

— Eu também. — falo, pigarreando em seguida. — Preciso ir lidar com algumas coisas agora, falo com você depois. Te amo, mãe. — completo.

— Tudo bem, querida. Te amo. — diz e desligamos a chamada.

Eu posso fazer isso.

Apenas preciso pensar em como falar isso para o papai e Pamella.



Cinco dias mais tarde...

Dizer que tudo parece mais fácil depois de quase uma semana é uma estúpida mentira. Nos últimos dias eu falei com Trent apenas o necessário, enquanto ele passou a responder da mesma forma, me deixando com mais raiva ainda. Não, eu não quero que ele se arraste até mim para explicar algo que nem deveria ser da minha conta, mas ainda assim eu estou com raiva. Ele me obedeceu quando eu lhe disse para ficar longe de mim. Eu nem queria que ele realmente se afastasse. Merda! Até mesmo os caras perceberam o quão estranho estávamos agindo um com o outro.

Pam tentava resgatar o assunto da noite da abertura do Circuito a cada oportunidade que tinha, mas eu sempre fugia desesperadamente e mentia para ela, alegando ter algo para fazer. Pior do que não ter nenhuma explicação sua, é ter uma explicação e saber que ela está apaixonada por ele. Se isso acontecer, eu desistirei de Trent. Eu não serei capaz de lutar com Pamella sobre isso. Não quando eu não tenho chance alguma de vencer.

Levanto-me da minha cama e vou direto para a cozinha. É noite, eu já estou banhada e esperando papai chegar com Pamella. Eles foram comprar pizza, uma vez que eu não tenho um pinga de paciência para isso. Eu odeio esperar. Encaro as paredes da cozinha, já me sentindo um pouco nostálgica. Eu sentirei falta daqui. Essa sempre foi minha casa e eu amo esse lugar.

Decidi que hoje eu irei contar para Pamella e para o papai sobre a minha ida pra casa da mamãe. Papai teria cinco dias para se acostumar com a ideia. Eu sei que isso o deixará louco, mas ele precisará aceitar. É minha escolha e eu não mudarei de ideia por nada e nem ninguém.

Resolvo ir para a sala e fico assistindo a algum desenho animado idiota que passa na televisão enquanto eles não chegam, o que não demora muito para acontecer. Papai e Pam chegam vinte minutos mais tarde com duas caixas de pizza e Coca-Cola. Eles sorriem para mim e nós nos encaminhamos para a cozinha.

Minha barriga ronca assim que eu sinto o cheiro da minha pizza favorita. É uma de frango com catupiry e esse é o meu sabor de pizza favorito, e ainda mais favorito pois na pizzaria que o papai compra, eles adicionam picles e outras besteiras se as pessoas pedirem, e o papai sabe que eu amo pizza e picles, ou seja, é melhor pizza do mundo!

— Estou morrendo de fome. — murmuro, pegando os pratos.

Papai ri alto.

— Finalmente, querida. Eu percebi que você quase não comeu esses dias, então isso é um progresso. — diz, encarando-me.

Sinto minhas orelhas queimarem e em seguida é a vez das minhas bochechas, fazendo-me soltar um sorriso amarelo.

— Talvez tenha sido porque você ainda não tinha comprado essa maravilha, não acha? — brinco. — Nada melhor do que essa pizza, pai... — comento, colocando os pratos na mesa.

Abro a caixa da pizza e pego dois pedaços para mim.

— Meu erro, desculpe-me. — zomba de volta, fazendo-me rir e rolar os olhos em seguida.

Sento-me e Pamella me passa um copo com refrigerante. Eu dou um sorriso fraco, agradecendo-lhe e ela sorri de volta. Pamella logo passa um copo para o papai e os dois se sentam à mesa comigo. Mordo um pedaço da pizza e meu estômago quase bate palmas agradecendo. Céus, essa pizza é realmente maravilhosa.

— Tenho algo para falar com vocês. — enuncio, mordendo outro pedaço.

Eles dois já haviam se servido de pizza — sem picles — e agora me encaram juntos. Mastigo sem pressa e o papai levanta uma sobrancelha, mostrando estar impaciente com minha demora.

— Tenho uma passagem para Seattle. — falo calma e papai solta a pizza no

prato imediatamente, assim como Pamella. — Eu estarei embarcando daqui a cinco dias para passar um tempo com a mamãe. — completo.

— Mas que diabos...? — papai grunhe e eu rolo os olhos.

— Espero que você entenda. — respondo, firme.

— Me diga que é uma brincadeira, Paris. — pede e eu balanço minha cabeça negativamente.

— Não é uma brincadeira, pai. — respondo e ele cruza os braços, irritado e emburrado.

— Não pode fazer isso agora. — retruca entre dentes e agora é a minha vez de levantar uma sobrancelha.

— O que quer dizer com isso, pai? Você não vai me dizer o que fazer pelo resto da vida. — digo, chateada com sua falta de compreensão.

— Agora que eu tenho minhas duas garotas comigo depois de anos, você resolve ir embora? Quer que eu aceite isso? — rosna, irritado demais.

— E a mamãe? Pare de olhar apenas para o seu próprio nariz e pense nela. Ela está na mesma situação, e não pense que ela me induziu a isso. Eu estou indo porque quero. Quero um tempo para mim e quero passar um tempo com a minha mãe depois de anos. — falo entre dentes. — Acredite, o senhor não vai me impedir de fazer isso. — continuo. — Você me ensinou a nunca ser egoísta, pensei que tinha aprendido algo sobre isso também. — completo.

Ele torce a boca, insatisfeito e irritado e Pamella segura minha mão por cima da mesa.

— Ela deve estar radiante. Sempre falava tanto de você, mas nunca tinha tempo para sair de Seattle. — diz sorrindo doce e eu solto um suspiro. — Pai, a mamãe também merece isso. A Paris quer um tempo para ela, por favor, aceite. — ela encara o papai, mas não solta minha mão.

— Porra. — pragueja, conformando-se.

— Vou ligar sempre, pai. — digo mais calma.

Ele me encara e rola os olhos.

— Cinco dias? Deveria ter falado antes. — resmunga e Pamella ri. — Com quem diabos vou ter essas estúpidas discussões de sempre? — pergunta e eu

gargalho.

— Eu sei que você ama discutir por coisas bobas comigo, mas vai sobreviver. — enuncio com um sorriso no rosto.

— Quanto tempo vai ficar em Seattle? — pergunta.

— Tenho apenas uma passagem de ida, papai. Quando for a hora de voltar, eu vou saber. — falo segura e ele balança a cabeça em positivamente, mas ainda contra sua vontade.

— Não demore nessa porra de cidade fria ou eu mesmo vou buscá-la. — diz e eu dou uma risada com Pamella outra vez.

Ela aperta minha mão e eu a observo. Seus olhos doces parecem felizes e tristes, tudo ao mesmo tempo.

— Você também vai aguentar, cola. — sussurro, apertando sua mão de volta e sorrindo de lado.

— Veremos, cópia. — brinca de volta.

Isso é o certo a ser feito nesse momento.

Seattle é a minha única saída.

Capítulo 13

Trent Wayne

Assim que Parisa some da minha vista, eu caio de joelhos no chão, sentindo uma dor estranha e desconhecida tomar conta de mim. Esse não é o mesmo tipo de dor que fui acostumado a sentir, aquela dor que meus velhos demônios do passado ainda me causam. Essa dor é dez mil vezes pior. Eu sinto minhas entranhas apertarem, como se uma pressão insana estivesse sendo exercida sobre elas. É dilacerante, sufocante.

Eu sei o que é ter um ombro deslocado, braço quebrado e costelas quebradas, mas porra, nada é parecido com isso, com *essa* dor. Os olhos de Parisa me assombrarão pelo resto da vida. A forma como ela me olhou e me desprezou logo em seguida. Eu causei dor nela e isso é tudo o que eu *sempre* evitei fazer.

Fico olhando diretamente o caminho que Parisa tomou para ir para longe de mim, e eu estou quase me levantando indo atrás dela para tentar explicar o que acabou de acontecer. Mas que diabos eu devo explicar, afinal? Como eu explicarei que beijei sua irmã gêmea apenas para esquecê-la? Isso não é a porra de uma boa explicação. Isso me tornaria ainda mais um babaca.

Desde que coloquei os olhos nela pela primeira vez, eu prometi para mim mesmo que nunca a machucaria, mas cá estou, literalmente fodido por ter quebrado minha própria promessa.

“Bufo irritado por ainda estar aqui. O dono da academia que sempre uso como esconderijo me pegou dormindo debaixo da escada e agora ele me deixou aqui, preso em sua sala.

A porta finalmente abre e uma coisa pequena entra por ela. Sinto algo estranho se iluminar dentro de mim, assim que ela lança um sorriso grande e branco em minha direção. Quem é ela? Eu não sei, mas quanto mais ela se aproxima de mim, mais eu sinto meu interior se mexer inquieto.

— Oi. — diz, sem parar de sorrir por um só segundo. — O papai me pediu para te fazer companhia. — *senta-se ao meu lado.*

Seus olhos azuis brilham de uma forma incrível. Ela sem dúvidas é a criança mais bonita que já vi, mesmo eu não tendo visto muitas crianças até

hoje.

— Não quero e não preciso de companhia. — resmungo irritado, atacando-a sem perceber.

Seus olhos brilham, assustados, e sua boca começa a perder o bonito sorriso. Eu gosto desse sorriso e saber que eu estou apagando-o, faz com que eu me sinta um imbecil por tê-lo feito.

— Sinto muito. — ela sussurra, levantando-se, mas eu seguro sua mão, impedindo-a de prosseguir.

Ela olha para as nossas mãos e eu faço o mesmo. Mesmo pequena demais perto da minha, sua mão macia se encaixa de uma forma perfeita e eu desejo nunca mais soltá-la.

— Desculpe-me. — murmuro. — Apenas estou irritado porque seu pai me trancou aqui dentro. Não precisa ir embora, não quero isso. — completo, ainda usando um tom de voz baixo.

Ela começa a sorrir novamente e um alívio toma conta de mim.

— O papai não devia ter feito isso, mas ele disse que resolveria algo antes de vir, por isso estou aqui. — enuncia, voltando a sentar-se ao meu lado.

Ela não ameaça soltar minha mão e eu não quero que ela o faça, por ora. Eu não soltarei até que ela o faça por si só.

— Eu sou Trent. — apresento-me, dando de ombros.

Ela aperta minha mão com força.

— Eu sou Parisa. — responde.

Finalmente, depois de tantos anos, sorrio sinceramente. Seu nome é lindo e foda pra caralho. **Parisa.** Eu nunca ouvi esse nome antes e fico feliz por isso, porque a partir de hoje existirá apenas uma Parisa em minha vida, e eu nunca vou deixá-la para baixo, mesmo sem saber qual é o meu futuro ou se ainda vou vê-la depois de hoje. Essa é uma promessa que faço para mim mesmo.

Pequena Parisa.”

Ela sempre foi tão doce comigo desde o começo. Tão pequena e tão preocupada. Aquela foi a única vez que eu a fiz ficar triste ou desapontada. Parisa tinha apenas oito anos e nós tínhamos acabado de nos conhecer.

Nunca me importei em como os outros se sentiriam se eu fosse grosso ou idiota com eles, mas no dia em que vi o seu sorriso bonito ir embora por meu comportamento idiota, eu passei a me importar unicamente por causa dela. Eu não podia ser um idiota com ela e machucá-la outra vez.

E eu cumpri minha palavra.

Até hoje.

“— Garotos são idiotas. — Parisa resmunga e eu dou uma risada, rolando meus olhos. — Menos você. — completa dando de ombros e mexendo em seu cadarço azul.

Eu não sei o que falar para ela.

Minha pequena lutadora não me acha um idiota e isso faz eu sentir como se fosse o garoto mais incrível do mundo.

Um garoto. Sou apenas um garoto de treze anos com problemas mentais. Isso é o que eles dizem, mas o velho, Jake, me ajuda como pode. Ele é o meu maior exemplo de como eu quero ser quando crescer.

*Ele e Parisa são a minha **única e real** família.*

Eu os amo.

Eu a amo.

— Ainda bem que você não me acha um babaca, porque eu vou irritar você quando estiver mais velha e quiser sair por aí para arrumar algum namorado. — resmungo, jogando uma pedrinha no chão.

Eu viro para encará-la e percebo suas orelhas queimarem, levando toda vermelhidão direto para suas bochechas. É sempre assim. Desde a primeira vez que a vi, há um ano, notei isso. Ela tinha apenas oito anos, mas era literalmente adorável.

— Não vai precisar fazer isso. — afirma, levando-me a levantar uma sobrancelha. — Você vai ser meu namorado. — completa firme e eu começo a tossir.

É o quê?

— Seu pai não gostaria disso, querida. — respondo assim que consigo parar de tossir gradativamente, desviando nossos olhares.

Ela é apenas uma garota inocente, merda! Não posso trazer sua beleza pura e angelical para o meu mundo de merda.

— Papai ama você, e eu também. — diz, segurando minha mão. — Não vou querer outro namorado, Trent. Tem que ser você.

— Você não sabe o que diz, criança. — murmuro de volta e puxo minha mão da sua. — Eu não vou fazer nada que Jake não queira. Eu devo muito ao seu pai, Parisa. — encaro seus olhos azuis confusos. — Isso é tudo, certo? Somos melhores amigos e assim será. — completo.

Ela dá de ombros.

— Melhores amigos. — repete.

Assim que tem que ser. Ela é a melhor coisa que aconteceu em toda minha vida e eu nunca arriscaria perdê-la.”

Essa conversa inocente que tivemos anos atrás nunca saiu da minha cabeça. Por todos os anos seguintes, assisti Parisa crescer diante meus olhos e se transformar em uma mulher incrível, e eu estaria mentindo se dissesse que não esperava que aquelas mesmas palavras saíssem de sua boca outra vez. Talvez eu devesse ter falado isso em seu lugar. Talvez eu devesse ter falado para ela o quanto eu ansiava em tê-la só pra mim, mas eu fodi tudo quinze minutos atrás. Eu não posso fazer isso agora, já que ela provavelmente continuará a me ignorar, e, acima de tudo, eu dei minha estúpida palavra para Jake.

Levanto-me e me encosto na parede.

Eu preciso de Parisa. Preciso dela assim como eu preciso respirar todos os dias. Se ela saiu daquela forma daqui, isso significa que ela sente algo a mais por mim. Por mais que eu esteja apenas cogitando essa ideia, eu sinto um misto de satisfação e decepção por isso. Vou lidar com isso como acho que deve ser feito e vou questioná-la, ou pelo menos tentar.



Volto para dentro da arena e vou o mais rápido possível para a minha sala de concentração. Preciso sair daqui, desse lugar. Batidas fracas na porta me fazem acordar e virar o rosto até o ponto onde vejo Pamella entrar na sala. Bem, porra, em que diabos eu me meti?

Que caralho eu fiz?

— Trent, eu queria que soubesse que o beijo não foi importante, certo? *Eu...* — ela para de falar e suas bochechas ficam vermelhas. — Eu não gosto de você *dessa* forma. Acho que eu estava apenas um pouco encantada com esse novo mundo. Eu espero que você entenda. — finaliza, fazendo o menor dos pesos sair das minhas costas.

Menos um problema para resolver.

— Porra. — praguejo, jogando-me no sofá. — Isso é bom, Pamella. Eu gosto de você apenas como uma amiga, aquilo foi apenas um maldito e estúpido impulso. — murmuro.

Ela ri baixo e aproximando-se de mim e tomando o lugar ao meu lado.

— Você parece perturbado com algo. — enuncia de cenho franzido.

— Parisa. — sentencio, fechando os olhos.

— O que há com ela? — indaga.

— Ela esteve aqui e nos viu. — cuspo como se fosse veneno na boca.

Pamella se mexe inquieta ao meu lado.

— Droga. — agora é a sua vez de praguejar baixo. — Tem certeza? — pergunta.

— Sim. — bufo, sentindo a irritação começar a queimar por minha pele. — Eu fui atrás dela, mas agora ela já foi pra casa.

A lembrança do brilho triste em seus olhos e como eu me senti, assalta-me novamente. Nada mais faz sentido na minha vida, assim como nada nunca fez qualquer maldito sentido quando eu estou fora do octógono ou longe de Parisa. Ela é tudo. Porra, sei que sim. Ela é tudo pra mim e eu apenas fodi tudo como sempre faço.

— E...? — indaga, usando um tom sábio.

Ótimo, isso é tudo o que me faltava.

— E eu preciso falar com ela. — rosno irritado.

Ela ri brevemente e segura minha mão, mas não é como a Parisa costuma

segurar a minha mão. Não tem o encaixe perfeito.

— Acho que precisa mesmo falar com ela. — diz, encorajando-me. — Agora eu finalmente posso perceber o que estava ao meu redor. Você precisa fazer algo o mais rápido possível, Trent.

— Não é o que está pensando, somos am...

— Em *Seattle* isso tem outro nome. — Pamella me corta e aperta minha mão. — Eu não sei como vocês chamam isso aqui em *New York*, mas lá tem outro nome e eu fui criada em um lugar onde eu via isso todos os dias. — murmura.

Sinto como se facas afiadas estivessem perfurando minha pele.

— Não é isso. — nego, sem nem mesmo saber o porquê.

— O que impede você de fazer o que quer fazer? — pergunta confusa.

Solto sua mão e me levanto, sentindo a cada segundo que se passa, uma dor e ira insuportável tomar conta de mim.

— Jake. — respondo entre dentes.

— O papai? — indaga cruzando os braços e eu assinto simples. — Que idiotice. — resmungo, fazendo-me bufar.

— Isso não é algo que lhe diz respeito, Pamella. Isso é sobre eu e Jake. Ele sabe tudo sobre mim, tudo que eu nunca tive coragem de contar para Parisa ou qualquer outra pessoa. — enuncio, sentindo minhas mãos começarem a tremer. — Acha que é fácil querer alguém por anos e não poder fazer nada a respeito? — pergunto, desejando que tivesse um saco de pancadas na minha frente.

Eu estou à beira de um ataque de raiva.

— Não, eu não sei como se sente, mas acho que deveria lutar por ela e lutar contra tudo que tem te prendido e evitado que você lute por ela. — diz e se levanta.

Fecho meus olhos, concentrando-me em não pirar. Então eu devo lutar contra mim? Já faço isso há longos anos. Não é como se eu pudesse ter controle da minha cabeça fodida de merda.

A porta é aberta e os caras começam a entrar, trazendo Jake com eles. Ele olha de Pamella para mim, e depois repete, olhando de mim para ela.

— Resolveu essa merda? — Jake cospe e eu rolo os olhos.

— Foi um erro, apenas isso. Somos amigos, certo, Trent? — Pamella diz eu apenas aceno positivamente, impossibilitado de abrir a boca.

As palavras de Pamella rodeiam minha cabeça e logo a imagem de Parisa aparece para mim mais uma vez.

— Preciso ir embora. — consigo falar entre dentes.

Caminho até minha roupa, começando a vestir-me e não ouvindo nada dos caras que geralmente são barulhentos como o inferno.

— Não vamos comemorar? — Paul pergunta confuso.

Tento controlar o tremor das minhas mãos, enquanto visto minha camiseta preta. Respiro fundo, piscando completamente ligado.

— Peguem algum dinheiro e comemorem sem mim. — rosno, segurando-me sobre a borda. — Preciso treinar. — explico.

— Você acabou de sair de uma luta. — Mike diz, soando como se eu estivesse falando alguma loucura.

— Eu não ligo, apenas preciso treinar. — enuncio, pegando minha mochila e jogando-a sobre meu ombro.

— Certo, cara. — Mike diz e eu me viro para encará-los.

Todos, *exceto Jake*, me olham como se eu tivesse enlouquecido. Ele sabe que eu preciso disso, sabe que eu preciso tirar a merda de dentro de mim antes que eu enlouqueça.

Começo meu caminho até a porta, mas Jake segura meu braço no meio do caminho.

— Não faça qualquer merda. A chave está no lugar de sempre, você pode entrar para treinar. — murmura para mim e eu apenas concordo, livrando-me dele.



Chego na academia depois de alguns poucos minutos, levando em conta o

excesso de velocidade que usei no trânsito, e entro pelas portas do fundo. Ligo apenas uma luz, seguindo direto até o primeiro saco de pancadas que encontro pela frente. Não me incomodo em tirar minha camisa ou meu jeans; não me incomodo em proteger minhas mãos ou fazer qualquer outro tipo de procedimento idiota que me previna de qualquer tipo de dor futura.

Ataco o saco de pancadas cegamente, tentando esvaziar toda a dor que insiste em me queimar por dentro. Meu coração arde como uma chama alimentada por gasolina dentro de mim. É como se eu estivesse virando líquido e, ao mesmo tempo, estivesse queimando por conta disso. Quanto mais eu soco a porcaria do saco de pancadas, mais raiva se instala dentro de mim e eu preciso mais do que nunca colocá-la para fora.

Após longos minutos, meus dedos começam a sangrar com o atrito bruto e constante, mas isso não está nem perto de me impedir de continuar. Tomo uma respiração rápida e profunda, arrancando o saco de pancadas do suporte em seguida e o arremessando para o lado.

Foda-se! Foda-se! Foda-se!

Bufo irritado, cessando meus golpes aos poucos e me sentando no chão. Preciso dar mais dinheiro para Jake trocar o suporte dessas porcarias.

“Você mal sabe, eu sei que está machucada enquanto eu finjo dormir.”

Levanto rapidamente, pego minha mochila e saio por onde entrei. Um vento frio passa por mim, amenizando superficialmente a minha temperatura corporal. Assim que entro no meu carro, ligo e piso fundo no acelerador.

Eu preciso falar com Parisa, caralho!

Passo pelos carros, deixando-os para trás enquanto ignoro os sinais de trânsito, batucando inquietamente com os meus dedos no volante. Dou uma olhada rápida em minhas mãos, percebendo os nós cheios de sangue que é apenas um adorno que as deixa fodidas pra caralho. Eu sei que todo esse sangue e feridas precisam ser limpos, inclusive as da minha cara quebrada por conta da luta, mas eu não tenho tempo para isso.

Assim que entro na rua onde fica o meu destino, vejo de longe Jake e Pamella entrarem dentro de casa. *Inferno!* Não tenho como falar com ela agora, já que sei que Jake viria com mil e uma perguntas e eu não saberia como responder a nenhuma delas. Resolvo estacionar o carro ali no começo da rua.

Não conseguirei dormir de qualquer maneira, então eu vou ficar aqui e esperar.



Eu passei a noite toda em claro.

A cada cinco minutos eu pegava meu celular e passava pela galeria de fotos, olhando para algumas das poucas fotos que eu tenho no meu aparelho, sendo a maioria delas de Parisa.

Ela sorrindo, ela emburrada, ela pensativa, ela treinando com os caras, ela irritada comigo... Tudo ela. Parisa sabe de todas as fotos que eu tenho, afinal meu celular nunca foi um segredo para ela, e o mais interessante é que ela nunca se irritou com o fato de estar por todo lado do meu celular. Bom para mim, aliás.

Bocejo, jogando meu celular para o banco do passageiro. Ele apagou há horas, mas mesmo assim eu não consegui fechar os olhos e descansar nem por um segundo sequer.

Observo Jake sair de casa e ele nota que eu estou aqui, parado em meu carro, ele vem em minha direção. Abaixo meu olhar para as minhas mãos, notando o sangue seco ao mesmo tempo que escuto batidas no vidro do carro.

— Por que não entrou? — indaga assim que eu abaixo o vidro.

Dou de ombros, encarando-o.

— Parisa não vai para a academia? — pergunto, interessado em saber sobre ela.

Seus olhos me avaliam por breves segundos antes dele voltar a falar outra vez.

— Eu não sei. Ela ainda não acordou e isso nunca acontece, então resolvi deixá-la. — responde, simplesmente.

Porra.

Assinto como resposta.

— Você não vai banhar e limpar sua cara? Parece como merda, criança. — resmungo, dando uma risada e eu rolo meus olhos.

— Cala a boca, velho. — cuspo de volta.

Jake se afasta ainda rindo de mim, enquanto caminha até seu carro. Assim que ele parte, eu penso uma, duas, três, quatro vezes se eu devo ou não entrar atrás de Parisa.

Resolvo não fazê-lo e deixá-la ter mais algum tempo, e, *bom*, ela ainda está dormindo. Eu sei como ela pode ser difícil pela manhã.

Ligo o carro e acelero, mas não antes de dar uma olhada para a janela do seu quarto.



Acompanhei todos movimentos dela a partir do momento em que ela entrou na academia. Devia passar das duas da tarde e eu já estava treinando há alguns pares de horas. Eu me sinto mais cansado do que nunca, mas eu esperei por esse momento como um louco. Ela chegou, e eu, finalmente, tenho a chance de falar com ela.

Caminhando sem olhar para os lados, Parisa se senta em um banco lateral ao octógono, deixando sua mochila ao seu lado. Porra, ela não vai mesmo me olhar, caralho? Fecho meus punhos, enquanto meus dentes cerram-se por conta própria. Eu estou me controlando o máximo possível para não ir até ela e pedir-lhe um pouco de atenção.

Finalmente ela sobe seu rosto bonito e me encara. Ela parece me observar atentamente, enquanto eu faço o mesmo, mais aliviado por ela finalmente ter me dado um pouco de sua preciosa atenção. Mas Parisa não demora muito e logo bufa, desviando seu olhar do meu.

Rosno irritado, indo até Paul que me espera do outro lado do octógono. Eu recomeço meu treino com ele, mas, dessa vez, estou completamente sem foco. Max se junta a nós dois e depois de poucos segundos, lá eu estava procurando Paris com os olhos novamente.

Eu não consigo tirar meus olhos dela.

— Preste atenção na porra do treino, Furor. — Max exclama, acertando um soco no meu maxilar esquerdo.

Isso não funciona de qualquer maneira.

Depois de mais alguns poucos minutos, Max sai do octógono e eu pego minha garrafa de água. Acho Parisa atacando um saco de pancadas com raiva. Respiro fundo, vendo que Max chama sua atenção para ele, puxando o saco de pancadas de perto dela e começando a falar com Parisa.

Eles não demoram muito, já que Max vem calado de lá dois minutos mais tarde.

Assisto Parisa voltar a golpear o saco de pancadas mais outra vez e agora eu não consigo aguentar mais nenhum segundo longe dela. Faço meu caminho rapidamente até onde ela está e paro alguns passos, antes de falar qualquer coisa.

Parisa abraça o saco de pancadas e eu sinto meu corpo enfraquecer diante de sua atitude. Ela parece esgotada — *não só fisicamente* — e isso fode comigo, porque ver Parisa triste é algo completamente além do meu limite.

“Você mal sabe que todos os meus erros, estão me afogando aos poucos.”

— Parisa. — eu a chamo, minha voz falhando e soando fraca sem minha permissão, enquanto eu praticamente suplico por sua atenção.

— Trent. — retruca roboticamente.

É como estar sendo queimado vivo.

Sua voz está fraca e levemente rouca, deixando-a, por alguns segundos, vulnerável diante dos meus olhos. Vê-la de perto depois de tudo que aconteceu ontem é perturbador para mim. Ela parece cansada e sua expressão facial começa a tornar-se praticamente glacial, enquanto me fita sem desviar os olhos.

“Você mal sabe que estou tentando melhorar as coisas pedaço por pedaço.”

— Tudo bem? — pergunto, incapaz de controlar minha ansiedade.

Ela fecha os olhos por breves segundos, onde vejo seu rosto se contorcer em uma careta. Abrindo os olhos outra vez, Parisa me encara intensamente.

— Veio me perguntar se eu estou bem? — indaga e sua voz me corta em pedaços, enquanto ela carrega suas palavras com raiva.

Ela quebrou todas as minhas muralhas, deixando-me fraco e completamente assustado. Porra, ela me odeia? É isso? Eu não vou conseguir viver sabendo que a pessoa que eu mais amo no mundo inteiro me odeia. E tudo isso é por minha

maldita culpa.

— Sim. — murmuro, sentindo minha boca ficar seca.

Ela rola os olhos.

— Me diga, por que eu não estaria bem? — resmunga entre dentes.

Merda!

Parisa desvia o olhar do meu, mostrando que eu não sou nem um pouco bem-vindo para ela nesse momento. Eu não posso deixar isso acontecer. Eu preciso dela.

— Querida, não se afaste de mim. — murmuro outra vez, enrolando minhas palavras em uma súplica perdida.

— Eu quero que saia. — responde firmemente.

Nada mais faz qualquer fodido sentido na minha vida. A parte mais escura de mim está por vir e eu não quero que isso aconteça, mas uma vez que isso não é algo que eu tenho controle sobre, eu sinto que estou fodido.

— O que quer dizer com isso? — rosno de volta.

Ela não pode estar falando sério.

— O que eu disse. — diz, rolando os olhos para mim. — Eu. Quero. Que. Saia. — completa e o ar sai e volta para os meus pulmões em um movimento insuportável.

— Porra, Parisa, por favor...

— Saia. De. Perto. De. Mim. — pontua as palavras com firmeza.

É isso.

Ela me odeia.

Eu não aguento olhar para ela por nem mais um segundo. A vontade de tomá-la em meus braços e lhe implorar por perdão é quase maior que eu mesmo. Rapidamente caminho até a saída da academia antes que eu faça algo que possa me arrepender pelo resto da minha vida. Ainda não aceito que a perdi sem nem mesmo tê-la. Isso *não* vai terminar assim.

“Você mal sabe que eu...”

Eu te amarei até que o sol morra.”

Capítulo 14

Parisa Cohen

Os últimos cinco dias passaram como um grande e confuso borrão para mim. Eu decidi não ir para a academia nesses dias, optando por continuar com minha saúde mental — para não enlouquecer totalmente. Falando sério, eu estou beirando a loucura com tantos pensamento e imagens ridículas na minha cabeça. Eu preciso de um tempo para mim, e mesmo que essa pareça ser uma decisão errada em partes, eu *preciso* fazer isso.

Eu arrumei a minha mala desde a noite passada, e minha mochila com chocolate e porcarias também já está no ponto. Eu estou usando um dos meus jeans folgados e surrados, coturno preto, camiseta e casaco grosso por cima; além do meu fiel cabelo arramado. Sento-me na cama e Pamella entra no quarto, sentando-se ao meu lado e me lançando um sorriso fraco.

— Eu quero falar com você antes de ir. — sussurra.

Percebo que, finalmente, a nossa hora chegou. Ela não me deixará ir sem que fale o que tem segurado todos os dias sobre aquela noite. Sim, eu continuei fugindo e fugindo, alegando qualquer coisa que cruzasse minha cabeça, só para não ouvir nada mais sobre aquela fatídica noite.

— Sim... — retruco baixo, assentindo com a cabeça.

É agora.

Se ela estiver apaixonada por Trent eu provavelmente ficarei apenas com a passagem de ida para Seattle.

Seguro a respiração e espero que ela comece a falar.

— Sinto muito pelo que aconteceu naquele dia. Demorei para perceber o que estava ao meu redor, mas quando percebi, já era tarde. — solta um suspiro. — O que aconteceu naquele dia não foi nada mais que um erro. Eu estava encantada com esse novo mundo e me deixei levar, mas acredite, não significou nada para mim, Paris. — finalmente consigo respirar. — Trent é um cara bom, e agora eu posso ver nos seus olhos o que sente por ele. Você deveria ter sido sincera desde o começo e ter falado sobre ele comigo. Somos irmãos antes de tudo, eu não queria te magoar. Me perdoe. — completa, deixando algumas

lágrimas caírem.

Sinto meus olhos lacrimejarem, mas me mantenho firme. Eu a abraço forte e Pamella corresponde na mesma intensidade. Agora eu me sinto muito aliviada em ir embora sem qualquer clima estranho ou entrelinhas com Pamella.

— Está tudo bem. Preciso de um tempo, nada mais que isso. — murmuro, com a voz embargada e trêmula. — E eu não tenho que te perdoar em nada. Você não tinha como saber e, além do mais, eu nunca vou ter nada com Trent. Somos melhores amigos e nos resumimos a isso. — completo.

É difícil dizer isso, mas é a mais pura verdade.

— Eu não vou falar mais nada, mas eu sei o que vai acontecer no final de tudo. — resmunga no meu ouvido e beija minha bochecha. Pam se afasta sorrindo e eu sorrio de volta, me recompondo.

— O papai já deve estar vindo aqui pra reclamar mais um pouco. — ela diz, levantando-se e eu dou uma risada. — Vamos passar na academia para você se despedir dos caras, certo? — pergunta.

Segundo ela, Trent não aparece lá há três dias, e não será hoje que ele vai resolver dar as caras.

— Sim, claro. — falo, dando de ombros. — Eles são frescos como o inferno e nunca me perdoariam se eu fosse embora sem me despedir. — falo, e nós rimos juntas.

Duas batidas na nossa porta soam e logo em seguida papai entra. Ele parece tão emburrado, que ganharia de qualquer *menino-do-buxão* contrariado pela mãe por aí.

— Está pronta? — pergunta e eu me levanto sorrindo.

— Sim, e temos um plano, sabe disso. — falo e ele assente de volta, cruzando os braços.

— Tem certeza sobre isso? Podemos cancelar essa viagem. Foda-se o dinheiro, eu mando ele de volta para sua mãe. — apela pela última vez.

Durante os cinco últimos dias, ele tentou me convencer, mas não conseguiu. Eu vou para Seattle.

— Nem mais uma palavra, por favor. — comando, rolando os olhos e me

aproximando dele, abraçando-o forte. — Vai ser por um tempo, pai, só isso. Pam vai estar aqui e eu já disse milhões de vezes: vamos nos falar todos os dias. — falo, encarando seu rosto.

Ele bufa, chateado. — E eu já disse milhões de vezes que não vai ser a mesma coisa. — rebate.

Olho para Pam, que ri nos encarando.

— Chega disso. — ela diz, parando de rir. — É o que ela tem que fazer nesse momento, pai. Deixe-a. — completa e eu assinto.

Papai nos dá as costas e saiu resmungando, enquanto pega minha mala no caminho. Pisco para Pam em um agradecimento simples e agarro minha mochila. Dou uma olhada final no meu quarto, tomando uma respiração profunda.

Estou pronta.



Eu, papai e Pam chegamos na academia não muito tarde. Ele passou o caminho todo resmungando e emburrado, enquanto eu ria das besteiras que Pamella falava para nos animar, mas no final das contas, eu me sinto praticamente destroçada por minha decisão. Descemos do carro e eu deixo minha mochila lá dentro.

Tenho um plano: eu me despedirei dos caras e, papai e Pam me deixarão no aeroporto e seguirão de volta para a academia, afinal, o dia não irá parar apenas por que eu estou indo embora.

Entramos na academia e como o esperado, os caras estão treinando sem Trent. Amaldiçoo-me mentalmente por pensar nele.

— Vou falar com os caras. — aviso papai e Pam.

— Dez minutos. — papai diz e eu assinto.

Caminho sem pressa até eles, e assim que Mike me vê, ele sorri. Rolo os meus olhos, deixando um sorriso escapar.

Puto.

— Ei, Paris. — resmunga, encostando-se na grade do octógono.

Entro, parando em frente a todos eles e cruzo os braços, pronta para avisá-los.

— Eu adoraria falar com vocês sobre algo. — anuncio rapidamente.

— Primeiro deixe-me falar. — Lucas diz em um tiro. — Furor não para de ligar para todos nós. O que diabos deu em vocês, afinal? Ele está louco atrás de você e, porra, por que diabos você não está vindo treinar? — ele revira os olhos. — E que diabos de roupa é essa? Isso não são suas roupas de treino. Você deveria ligar para el...

— Porra, cala a boca. — eu o corto, começando a ficar chateada. — Eu não apareci para treinar porque eu simplesmente não quis. — falo e eles levantam as sobrancelhas em sincronia. — Eu não vim para falar sobre isso, quero apenas me despedir. Eu tenho um voo para Seattle que parte daqui a uma hora e meia e gostaria de me despedir de todos vocês. — assim que termino de falar, eles todos começam a reclamar alto.

— Porra, sério? — Paul enuncia com os olhos arregalados e eu aceno positivamente, dando de ombros.

— E Trent? Já falou com ele? — Max indaga desconfiado.

— Porra, mas que diabos... Trent é apenas um amigo. Eu não ligo para ele toda hora que quero fazer xixi só para ele ter um relatório diário da minha vida. — cuspo. — Eu não devo satisfação a ele, está certo? — passo uma mão pelo meu cabelo, tentando me controlar.

— Isso significa que não o avisou? Ele vai ficar furioso. — Lucas diz e os outros assentem.

— Que se foda. — murmuro.

— Podemos te abraçar? — Mike pergunta e eu rolo os olhos. — Merda, quanto tempo você vai ficar fora? — indaga, me abraçando e eu devolvo o abraço estranho.

Eu não tenho o hábito de abraçar os caras, mesmo que eles sejam como irmãos para mim. Trent sempre foi o único que eu abraçava por livre e espontânea vontade.

— Não sei. — murmuro.

— Vou sentir sua falta, maluca do pântano. — murmura, beijando minha testa.

Gargalho, finalmente deixando-me relaxar um pouquinho com eles. — Cala a boca. — enuncio rindo e ele me solta.

O próximo a me abraçar é Lucas. Ele sorri abertamente e me tira do chão, girando-me no ar e me fazendo rir mais um pouco.

— Como vou passar meus dias sem seus malditos golpes certos? — pergunta.

— Você vai sobreviver, idiota. — falo rindo e ele me coloca no chão.

— Talvez sim, talvez não. — diz, dando de ombros.

— Isso vai ser chato. — Paul resmunga entre dentes. — O cara vai ficar louco, Paris. — solta antes de me abraçar.

— Vocês vão ter que segurar a barra sozinhos. — rebato.

— Vai ser difícil pra caralho. Você é a única que o deixa calmo. — diz o que eu já sei e meu estômago embrulha.

— Vou sentir sua falta. — murmuro, tentando trocar de assunto.

— Eu também. — bufa, depositando um beijo na minha bochecha e me colocando no chão.

Max me encara com os braços cruzados e eu rolo os olhos.

Ele é e sempre foi o mais próximo de mim depois de Trent.

— Vai me dar um abraço ou não? — pergunto. — Eu não vou morrer se for embora sem seu abraço. — completo e ele apenas sorri de lado. — Você não deveria fazer isso. — alerta.

— Mesmo? — pergunto cinicamente.

Ele ignora a pergunta, me abraça forte e eu correspondo da mesma forma.

— Vou sentir sua falta. — diz.

— Também, Max.

Nos afastamos segundos depois e logo eu me sinto afetada, enquanto os

encaro. Eu estou acostumada com eles me enchendo o saco todo dia e eu sei que sentirei falta de todas suas idiotices, mas eu não admitirei. Não com palavras.

— Paris, vamos. — papai me chama.

— É isso, caras. Preciso ir. — falo e eles assentem.

Eu sorrio em despedida e me viro para sair do octógono. Tomo meu caminho até o papai e a Pamella, que me esperam pacientemente. Saímos juntos da academia e entramos no carro, indo a caminho do aeroporto.

Pam continua falando como sempre, mas nesse momento todas as palavras que os caras jogaram para mim estão passeando na minha cabeça. Deixar New York sem dizer nada para Trent parece ser um tremendo erro, mas dizer para ele também parece ser um erro. Eu sei que ele não me deixará partir e essa é uma batalha que eu estou evitando. Eu não quero ter que me explicar para ele. Meus motivos parecem ser bons, mas não o suficiente.

Chegamos ao aeroporto e assim que entramos pelo portão para eu fazer o check-in, me viro para os dois.

— Vou sentir sua falta. — Pamella é a primeira a se pronunciar, começando a chorar.

Sorrio e a abraço.

— Também, Pam. — Murmuro, beijando sua bochecha.

Papai me puxa para um abraço, tirando-me do chão e eu o abraço de volta, bem forte, deixando-o saber que sentirei sua falta como nunca senti antes.

— Prometa que vai ligar todos os dias. — rosna entre dentes.

Suspiro.

— Eu prometo. — afirmo.

Ele me coloca no chão e beija minha testa, demorando mais do que um mero segundo. Assim que ele parte o beijo, eu beijo sua bochecha em despedida.

— Amo vocês. — falo, pegando minha mala.

Pam sorri, tentando controlar as lágrimas que caem de seus olhos e o papai a abraça, mantendo-se firme.

Eu vou fazer meu check-in com o coração na boca.

Viro para trás mais uma vez e não encontro mais o papai e a Pamella.

É isso.

Eu estou indo para Seattle em quarenta minutos.



A primeira chamada para o meu voo é anunciada nos alto-falantes espalhados pelo aeroporto e eu me levanto em um pulo.

— Parisa! — escuto meu nome ser gritado por alguém.

Eu sei de quem é essa voz, mas eu apenas não posso acreditar.

É um sonho.

Isso!

É um sonho.

Continuo meu caminho e, no terceiro passo, a mesma voz volta a me chamar. Porra, não é um sonho. Viro meu rosto para trás e encontro um Trent descabelado e desnorteado. Meu coração acelera sem minha permissão, mas não é como se eu conseguisse mandar na merda do meu coração.

— Parisa! — grita pela terceira vez.

Seus olhos parecem desesperados, enquanto ele me fita e corre em minha direção. Trent está usando uma calça de moletom cinza e uma camiseta verde, descalço e com apenas sua chave do carro e carteira na mão.

Pisco uma, duas, e na terceira vez, ele já está na minha frente.

— Foda-se! Não faça isso, querida. — diz, segurando meu rosto com as duas mãos e deixando seus pertences caírem no chão. — Não, não, não. Porra, Parisa! Você ia me deixar sem dizer uma maldita palavra? Diga que é uma estúpida brincadeira. — rosna, entre dentes.

A forma como ele me olha é cortante.

Sinto minha garganta fechar e quando eu abro a boca, nada sai. Nem um pio

sequer.

“Mal você sabe, estou tentando me montar peça por peça.”

— Fale. Alguma. Coisa. — grunhe.

— Estou indo embora. — murmuro, com a voz fraca e rouca.

Ele fecha os olhos e me solta. Trent segura seus cabelos com força, abaixando-se com o corpo tenso. Ele parece estar lutando contra si mesmo e aquilo dói em mim.

É como se eu estivesse sendo sufocada.

— Porra, não... — ele murmura.

— Trent... — eu o chamo.

Ele solta seus cabelos loiros rebeldes e me encara, voltando até minha frente, enquanto sustenta uma expressão devastada. Eu viro o meu para o lado, achando impossível continuar o encarando. Não posso fazê-lo... Não quando ele parece tão perdido. Minha barriga se contorce e eu quero tanto lhe dizer que ficarei aqui em New York, mas não posso.

— Parisa, é uma brincadeira? — pergunta e eu solto um sorriso fraco. Ele segura meu rosto, virando-o para si e eu sinto meus olhos encherem-se de lágrimas.

— Não, Trent. Eu estou realmente indo para Seattle. — murmuro, com a voz embargada.

— Não pode fazer isso. Não vou deixar você fazer isso. — diz, aproximando o rosto do meu.

Nossos narizes se tocam e eu suspiro pesadamente.

— Não vou deixar que você me diga o que fazer. — retruco.

Ele grunhe.

“Mal você sabe, eu ainda estou assombrada pelas memórias.”

A imagem dele e de Pam surge na minha mente e em seguida o embarque para o meu voo é anunciado novamente. Engulo minha dor e ignoro a sua, afastando-me bruscamente de Trent.

— Preciso ir. — falo, segurando minha mochila com força.

— Me diga o que fazer para você ficar. Qualquer coisa, qualquer coisa, querida. Por favor. — suplica.

Não.

Não vou ceder.

Não posso.

Agora isso é sobre mim.

— Eu não vou ficar. Não há nada que possa fazer. — aviso, colocando minha mochila em minhas costas.

É difícil dizer-lhe não, ainda mais por que antes eu nunca realmente lhe disse não.

— Paris. — me chama.

Encaro seus olhos azuis nublados.

— Quem afinal lhe disse sobre isso? — indago.

— Isso não importa. — retruca. — Por que está partindo? Fale a porra do motivo, e tem que ser um bom. — exige.

— Quero ver minha mãe e ter um tempo para mim, para pensar apenas em mim. — falo, simples.

Ele cerra os olhos.

— Mesmo? Não seja covarde, querida. Diga a porra da verdade. — ele parece que vai enlouquecer a qualquer segundo.

— E qual seria a tão gloriosa verdade, ó Senhor-Sabe-Tudo... — jogo de volta.

— Diga que essa porra é sobre mim. Eu sei que é. Não fuja da verdade, Parisa. — bufa, irritado.

— Sim, Trent. O mundo inteiro gira ao seu redor, grandíssimo imbecil. — cerro os olhos de volta, fechando meus punhos.

— Não se trata disso. — rosna.

— Então trata-se de quê? — pergunto irritada.

— Trata-se de honestidade. Seja honesta comigo, porra! Diga-me a verdade e nada mais que isso. — diz, aproximando-se outra vez. — Me peça a verdade também. Eu nunca tive medo de lhe dar a verdade. Peça-me o que quiser. — murmura tão perto de mim que nossos narizes se tocam outra vez.

Eu quero lhe pedir a verdade, mas talvez seja tarde demais para isso.

— Sinto muito, Trent. Preciso ir. — falo, dando-lhe as costas e começando meu caminho para a fila do embarque.

Meu corpo é puxado e eu bato meu rosto numa superfície quente demais e macia, embora dura e muito sólida. Ele me amassa contra si, segurando meu corpo com força. Minhas barreiras começam a desmoronar e eu o seguro de volta com toda força possível.

— Eu quero que fique. — diz no meu ouvido e eu mordo meu lábio.

— Não me peça isso, por favor. — murmuro de volta. — É meu tempo. Preciso disso para esquecer o que eu vi. — finalmente solto as palavras.

— Me desculpe, querida. — começa a suplicar em meu ouvido, enquanto meu coração parece diminuir e diminuir em uma velocidade insana. — Eu sinto muito por tudo. Se eu pudesse voltar e mudar tudo, eu o faria. Sei que o que estou dizendo agora não vai melhorar as coisas em nada, mas, porra, quero tanto você que às vezes chega a ser difícil respirar. Você está em todo lugar. Dentro e fora de mim. Está sob minha pele, Parisa. Eu vivo você, eu preciso de você, eu sou foddidamente insano por você. — assim que Trent para de falar, ele beija atrás da minha orelha.

“Estou pronta para perdoá-lo,

mas esquecer é uma luta mais difícil.

Mal você sabe que eu...

Eu preciso de um pouco mais de tempo.”

É como se ele tivesse acabado de arrancar meu coração e tomado para si. As lágrimas rolam por meu rosto e a tentativa de manter-me firme até o final é totalmente falha. Suas palavras me deixam sem fôlego. — Sinto muito também. — murmuro de volta entre soluços.

Trent me coloca no chão, mas continua me segurando por minha cintura. Eu

tento parar as lágrimas que caem, enxugando-as com meu casaco grosso.

— Se precisa disso, vá. — diz por fim, mas eu não consigo mexer minhas pernas. — Porra, falo sério, querida. Vá antes que eu te jogue sobre meu ombro e te leve para o meu carro. — grunhe impaciente.

Separo-me de suas mãos e o encaro uma última vez.

— Adeus, Trent. — sussurro.

Ele fecha os olhos, virando o rosto para o lado.

Viro-me de vez e saio correndo para o portão de embarque, deixando-o para trás com todas as lembranças. Eu preciso me refazer mentalmente. Meus pensamentos devem estar girando apenas em mim, não nos outros.

Não em Trent.

Capítulo 15

Trent Wayne

“Por favor, não vá.

É difícil dormir a noite quando estou sozinho.

Por favor, não vá.

Eu penso em você sempre que estou sozinho.

Por favor, não vá.”

Sento-me na minha maldita cama pela décima vez nessa mesma noite. Eu não consigo dormir há dias, e para ser mais exato, desde o dia da minha discussão com Parisa na academia. Ela não me quer por perto e eu posso aceitar isso, mas não por muito tempo. Ela é tudo para mim e eu — talvez — nunca tenha admitido isso olhando em seus olhos ou em voz alta, mas o que eu sinto por ela é quase irreal. Como se eu fosse menos da metade do homem que eu sou e ela fosse a parte que me falta.

Ela é a única coisa que sempre fez sentido em mim, na minha vida.

Os dias estão ficando cada vez mais torturantes e eu não sei quanto mais eu poderei aguentar sem surtar de vez. Parisa não dá as caras na academia e eu estou ficando desesperado pra caralho.

Eu parei de ir para a academia, afinal de contas ela não aparece mais por lá. Fiquei em casa, no escuro do meu quarto, encarando o teto e esperando que o mundo explodisse. Eu sei que ela está com raiva de mim, mas no fundo eu esperava que ela ligasse. E quanto mais o tempo passa e eu não recebo nenhuma merda de ligação, mais eu sinto como se meu coração estivesse endurecendo e tornando-se pesado dentro de mim.

Levanto da minha cama e caminho até a sacada do meu quarto. Sento em uma das poltronas, onde uma é preta e outra é branca. É assim que eu me sinto com Parisa. Eu sou o lado negro e ela é o lado branco, cheio de luz, que pode me salvar da minha escuridão.

Minha casa acabou de ficar pronta e quando eu pensei em meu quarto, eu pensei em Parisa. Foda-se, mesmo eu sabendo que nada nunca acontecerá entre

nós dois, eu pensei em colocar algo aqui dentro para ela. E foi assim que eu tive a ideia e pedi que colocassem duas poltronas, lado a lado, uma preta e uma branca.

Respiro o ar gelado, não me incomodando muito e fico aqui, olhando o céu e toda a extensão da minha propriedade. Consigo fitar mesmo de longe o portão de ferro... Esse é um lugar grande pra caralho, e eu gosto que seja assim.

Cruzo os braços, irritado.

Eu preciso fazer alguma coisa para me distrair. Já deve passar das três da manhã e eu sei que não conseguirei dormir. Avisto meu caderno de desenhos e um lápis na mesa em frente as poltronas e me estico, pegando-os rapidamente. Faz muito tempo desde a última vez que desenhei algo. Eu costumava ser bom nisso e algumas das minhas tatuagens foi eu mesmo que desenhei.

Os olhos marejados de Parisa entram em minha mente e logo minha mão ganha movimento, rabiscando a folha com força. Concentro-me e sem demora eu já estou desenhando os olhos da minha garota em meu caderno. É estupidamente doloroso fazer isso, e mais doloroso ainda pelo fato de eu ter causado aquela dor nela. Eu não esqueci nenhum detalhe de como ela parecia, de como seus olhos estavam e então coloquei tudo aquilo pra fora; minha raiva, meu desespero, minha saudade e meu remorso, despejando tudo nos meus rabiscos.

Vinte minutos depois eu tenho a imagem em minhas mãos. Eu quero imediatamente rasgar, mas eu fico parado, encarando-a.

Levanto-me com o caderno em mãos e vou até meu *closet*, pegando uma camisa verde e vestindo-a para fazer conjunto com minha calça de moletom cinza que eu já estou usando. Passo rapidamente por minha mesa, pego a chave do meu carro e sigo para o andar de baixo.

Saio de casa e um dos meus seguranças vem até mim.

— O senhor precisa de alguma coisa? — pergunta.

— Não. — respondo sem nem mesmo olhá-lo.

Eu não posso deixar a coragem ir embora.

Corro até meu carro, jogo o caderno no banco do passageiro, bato a porta com força e arranco sem demora.

Eu vou fazer isso.

Terei a imagem tatuada em minha pele para que eu nunca esqueça o que eu fiz.



Finalmente chego ao estúdio de tatuagens vinte e quatro horas, onde eu sempre faço todas as minhas tatuagens. O dono me conhece desde que eu era um adolescente idiota, pois eu trabalhei aqui por três meses quando eu tinha apenas dezessete anos, então eu posso manusear minhas tatuagens sempre que eu desejar.

— Gale. — eu o saúdo assim que entro no local.

Ele sorri, percebendo que sou eu, mas eu não sou capaz de esboçar nada de volta.

— Garoto, quanto tempo... — diz, levantando-se.

Não tem ninguém no local nesse momento além dele, claro, e isso é bom. — Preciso de uma máquina para uma nova tatuagem, e eu mesmo quero fazer. — enuncio sem enrolação.

Ele assente e em seguida pede que eu o siga, e assim faço. Passamos por duas salas e entramos na última.

— Vou preparar a máquina. — fala, me fitando. — Precisa de tintas coloridas?

— Azul e vermelho. — resmungo.

Sento-me em uma cadeira e coloco meu caderno em um suporte, observando-o atentamente. Eu preciso passar isso para outra folha e, em seguida, tê-lo em minha pele.



Termino minha tatuagem um bom tempo depois e passo uma pomada para proteção. Gale me deixou sozinho na sala, e assim que eu tinha os contornos no

meu bíceps esquerdo, eu comecei o trabalho. Eu nunca fiz uma tatuagem com tanto significado como essa. O azul dos olhos de Parisa em minha pele e seu nome em tinta vermelha é a coisa mais foda de todas. A forma como suas lágrimas descem por meu braço. Porra, é lindo pra caralho.

— Obrigado por isso, Gale. — falo, parando em sua frente na sala principal.

Pego o dinheiro em minha carteira e entrego para ele.

— Posso ver a tatuagem nova, garoto? — pergunta.

Não, ninguém a verá. Ainda.

— Não. — balbucio e ele assente sem insistir.

Nos despedimos e eu saio de lá, indo para o meu carro e tomando meu caminho para casa novamente.



Sento-me novamente na minha poltrona preta, observando que o sol já estava nascendo no horizonte. Pego meu lápis e comecei a rabiscar outra vez. Eu não estou indo treinar, então eu continuarei desenhando, já que não tenho planos para o dia todo.

Batidas fracas soam através da porta do meu quarto e eu não me atrevo a responder, mas já sei quem é: Roxy, minha cozinheira. Uma senhora baixinha, gordinha, com cabelos ondulados, gentil e sempre preocupada com meu bem-estar. Tenho muito apreço por ela e ela é uma das melhores pessoas que conheço.

Escuto-a se aproximar lentamente depois de abrir a porta.

— Vi que tinha chegado e resolvi passar para perguntar se quer comer alguma coisa. — diz, suavemente.

— Não agora, Roxy. — respondo, sem parar de rabiscar.

— Por que está tão inquieto, querido? — questiona.

Eu não quero falar em voz alta, mesmo eu sentindo que preciso colocar toda minha dor para fora. — Não é nada. — murmuro.

Ela se aproxima mais e coloca sua mão em meu ombro. Meu corpo rejeita imediatamente esse contato, mas eu me controlo, uma vez que eu estou a ponto de explodir.

— É por causa da garota dos olhos azuis? — continua, afagando meu ombro e não me dando ouvidos.

— Não, não é nada sobre ela. — viro-me para Roxy. — Você poderia me deixar sozinho? — indago.

— Claro, querido. — sussurra, sorrindo de lado.

Ela começa a se afastar e eu não tiro meu olhar dos seus passos.

— Tenha fé. — sentencia, antes de sair e fechar a porta.

Bufo irritado.

Fé? Eu nunca consegui entender o significado dessa palavra ou sequer esse sentimento. Eu nunca tive fé. Não consigo me recordar de ter rezado alguma vez ou ao menos ter recorrido com súplicas à Deus. Algumas pessoas dizem que se conectar com Deus é uma forma de encontrar paz, ter esperança, ter fé. Eu posso não rezar ou ser próximo de Deus, mas eu sinto isso todas as vezes que estou perto de Parisa ou até mesmo quando eu penso nela. Essa tal fé eu só tenho e encontro em Parisa.

Cortando meus pensamentos, escuto meu celular tocar e eu me levanto rapidamente.

O nome de Max pisca na tela e eu atendo logo. — Fala, cara. Tudo bem? — ele pergunta.

— Tudo. — respondo sem um pinga de humor na voz.

— Porra, Trent. Você não vai aparecer de novo? — pergunta, incrédulo.

— Não. — replico, monossílabo.

— Qual o problema? — questiona irritado e eu bufo.

— Estou indisposto, porra. Pode me deixar em paz agora? — retruco.

— Trent, p...

Desligo, sem deixar que ele continue a falar no meu ouvido. Já estou puto o

suficiente para dar ouvidos ao Max nesse momento. Jogo meu celular em qualquer lugar, sentindo meu corpo finalmente ficar cansado.

Deixo-me cair na cama e sem que eu perceba, apago sem demora.



Acordo com o toque insuportável do meu celular, tirando-me do sério mais uma vez.

Mas que diabos?

Levanto-me e pego o celular que estava caído no carpete do meu quarto. Max novamente.

— Que porra você quer, Max? — rosno.

— Tenho que te falar algo muito sério, cara. — ele diz, praticamente atropelando as palavras.

Max só pode estar de sacanagem.

Puta que pariu.

— Fala logo, Max. — bufo.

— A Parisa está indo embora. — anuncia, sem mais delongas.

Indo embora?

Como assim?

— O que você quer dizer com isso, Max? — indago, sentindo meu corpo ficar tenso.

— Ela acabou de se despedir de todos nós aqui na academia. Ela está indo para Seattle, Trent. — resmungo.

— Ela já foi embora? — pergunto, com um fio de esperança.

— Ela já saiu daqui com o Jake e a Pamella. Eles vão deixá-la no aeroporto. — responde.

Porra, o que eu fiz com ela? O que eu fiz com a gente? Ela está indo

embora? Me deixando? Ela pode tentar dizer que não é nada relacionado a mim, mas sei que isso é sobre mim. Até pouco tempo eu via em seus olhos que ela não cogitava realmente essa ideia de ir para Seattle. Ela está indo embora para colocar mais distância entre nós, como se toda essa distância já não fosse o suficiente.

Pego minhas chaves do carro e desço as escadas, saio pela porta da frente e vou direto para o meu carro. Entro no veículo, e assim que eu o ligo, eu saio cantando os pneus, rezando pela primeira vez e pedindo a Deus para que eu consiga encontrar Parisa.



O trânsito não está colaborando e eu estou quase tomando a decisão de ir correndo até aeroporto. Essa porcaria de trânsito de New York está insana, e tudo parece cooperar para que eu não chegue até Parisa. Felizmente, dez minutos mais tarde, eu consigo sair do trânsito infernal e dirijo o curto caminho na maior velocidade permitida. Chego ao aeroporto e corro até o primeiro balcão que avisto. Uma mulher loira está sentada, mascando seu chiclete sem pressa nenhuma em atender qualquer pessoa.

— Qual o próximo voo para Seattle? — pergunto, direto.

Ela fica mexendo em suas unhas e eu tenho que reunir o resto de controle que eu tenho para não gritar em sua cara.

— O senhor quer uma passagem para o próximo voo? — questiona debilmente e eu fecho meus punhos com força.

— Sim. Que horas sai o mais próximo? — enuncio entre dentes.

Ela começa a digitar e me olha entediada.

— Tem um voo saindo agora e o próximo será daqui sete horas. — diz. — E não temos passagem para o voo que está saindo nesse momento. — completa.

Caralho.

— E tem qualquer outro voo com cadeiras disponíveis que esteja saindo agora? — pergunto, apreensivo.

— Colorado. Tem um voo para o Colorado.

Eu pago minha passagem com meu cartão de crédito e corro para fazer o *check-in*.

Precisa dar tempo. Eu preciso achar Parisa.



Quanto mais eu sou parado, mais eu me desespero.

Felizmente o detector de metal não acusa nada, então eu corro para o portão de embarque. Uma grande massa de pessoas está se dirigindo para a fila de embarque, e quando eu vejo aquelas roupas e aquele cabelo, eu percebo que é ela.

— Parisa! — grito seu nome com força.

Ela não para imediatamente, mas eu duvido que ela não tenha ouvido.

— Parisa! — grito novamente. — Parisa! — repito.

Ela vira para mim e nossos olhos se cruzam pela primeira vez em dias. Continuo correndo objetivamente até ela, torcendo para que isso tudo seja apenas uma brincadeira. Paro em sua frente, sentindo meu coração acelerado pra caralho.

— Foda-se! Não faça isso, querida. — peço, segurando seu rosto com minhas mãos trêmulas e deixando que meus pertences caiam no chão. — Não, não, não. Porra, Parisa! Você ia me deixar sem dizer uma maldita palavra? Diga que é uma estúpida brincadeira. — rosno, entre dentes.

Ela não responde qualquer coisa, deixando-me ainda mais apreensivo por uma reação sua. Eu não posso perdê-la. Não, nem fodendo. — Fale. Alguma. Coisa. — enuncio, entre dentes.

— Estou indo embora. — murmura, com sua voz soando muito rouca.

Então isso não é uma brincadeira. É verdade, a mais pura verdade. Isso me acerta com força, fazendo-me sentir como se o chão tivesse afundado completamente debaixo dos meus pés. Caio sobre meus joelhos, segurando meus cabelos com força, raiva e dor. Tudo minha maldita culpa. Como eu pude ser tão estúpido?

— Porra, não... — murmuro, tentando controlar a onda de raiva que começa a tomar conta do meu corpo.

— Trent... — ela me chama suavemente.

Solto meus cabelos e volto a ficar de pé, ainda com um fio de esperança em minhas mãos. Eu estou completamente perdido sem Parisa.

Ela virou o rosto para o lado, cortando nosso contato visual.

— Paris, é uma brincadeira? — pergunto e ela sorri de lado. Seguro seu rosto e o puxo para mim, para que eu possa olhar em seus olhos.

— Não, Trent. Eu estou realmente indo para Seattle. — murmura com a voz embargada e os olhos marejados.

Porra!

— Não pode fazer isso. Não vou deixar você fazer isso. — enuncio, aproximando meu rosto do seu.

Nossos narizes se tocam e eu sinto minhas entranhas apertarem. Eu quero beijá-la e tomá-la para mim. Tomá-la como eu sempre quis.

— Não vou deixar que você me diga o que fazer. — retruca firme e eu solto um grunhido.

Seu rosto se contorce e ela parece estar sofrendo, fazendo com que eu me sinta imediatamente doente.

— Preciso ir. — diz, segurando sua mochila.

Merda, não. Tem que ter um jeito de fazê-la ficar.

— Me diga o que fazer para que você fique. Qualquer coisa, qualquer coisa, querida. Por favor. — suplico.

Eu faria qualquer coisa por e para ela.

— Eu não vou ficar. Não há nada que possa fazer. — diz, colocando a mochila em suas costas.

Isso só pode ser um pesadelo.

— Paris. — resmungo.

— Quem afinal lhe disse sobre isso? — indaga.

— Isso não importa. — retruco, perdido. — Por que está partindo? Fale a porra do motivo, e tem que ser um bom. — exijo.

Por que ela não admite, porra?

Por que ela não diz realmente o que quer?

— Quero ver minha mãe e ter um tempo para mim. Para pensar em mim. — diz simplesmente e eu cerro meus olhos.

— Mesmo? Não seja covarde, querida. Diga a porra da verdade. — falo, tão furioso quanto desesperado.

Quero apenas que ela diga a verdade!

Put a que pariu!

— E qual seria a tão gloriosa verdade, Oh-Senhor-Sabe-Tudo... — rebate.

— Diga que essa porra é sobre mim. Eu sei que é. Não fuja da verdade, Parisa. — bufo.

— Sim, Trent. O mundo inteiro gira ao seu redor, grandíssimo imbecil. — cerra os olhos de volta, fechando seus punhos com força.

— Não se trata disso. — rosno.

— Então trata-se de quê? — indaga, irritada.

— Trata-se de honestidade. Seja honesta comigo, porra! Diga-me a verdade e nada mais que isso. — enuncio e me aproximo dela. — Me peça a verdade também. Eu nunca tive medo de lhe dar a verdade. Peça-me o que quiser. — estamos tão perto que nossos narizes começam a se tocar novamente.

Vamos, Parisa.

Me peça a verdade.

— Sinto muito, Trent. Preciso ir. — murmura, dando-me as costas e começando seu caminho para a fila de embarque.

Puxo seu corpo para mim, sendo incapaz de resistir contra esse ato. Eu a seguro firme em meus braços, tentando mostrar que eu não suportarei ficar longe dela.

— Eu quero que fique. — sussurro em seu ouvido.

— Não me peça isso, por favor. — murmura de volta. — É meu tempo. Preciso disso para esquecer o que eu vi. — completa.

Minha pele começa a arder e eu me sinto sufocado por suas palavras. Não posso deixá-la ir sem saber o quanto eu a desejo.

— Me desculpe, querida. — supliquei em seu ouvido, sentindo meu coração acelerar. Eu não posso lutar mais contra o que sinto por Parisa. — Eu sinto muito por tudo. Se eu pudesse voltar e mudar tudo, eu o faria. Sei que o que estou dizendo agora não vai melhorar as coisas em nada, mas, porra, quero tanto você que às vezes chega a ser difícil respirar. Você está em todo lugar. Dentro e fora de mim. Está sob minha pele, Paris. Eu vivo você, eu preciso de você, eu sou foddidamente insano por você. — beijo a pele atrás de sua orelha e inalo seu cheiro.

Ela está chorando.

Porra.

— Sinto muito também. — murmura de volta entre soluços.

Eu a coloco no chão e continuo segurando-a firmemente por sua cintura. Ela tenta enxugar suas lágrimas e eu tomo uma respiração funda. — Se precisa disso, vá. — sentencio entre dentes, enquanto ela me encara de volta sem mexer um maldito músculo. — Porra, falo sério, querida. Vá antes que eu te jogue sobre meu ombro e te leve para o meu carro.

Ela se separa das minhas mãos e eu seguro seu olhar por um último momento.

— Adeus, Trent. — sussurra.

Fecho meus olhos, controlando meu impulso de puxá-la para mim mais outra vez e acabo deixando-a ir.

Sim, eu deixei Parisa ir porque ela precisa disso, não eu. Não sei quanto tempo eu vou aguentar, mas vou deixá-la fazer seu caminho e parar de ser um burro egoísta. Mais cedo ou mais tarde ela voltará, e se não voltar, eu mesmo irei atrás dela sem qualquer remorso.

Vê-la partir é ruim, mas pior ainda é tê-la por perto e não poder tocá-la. Isso é tortura. Vou lutar por Parisa contra tudo e todos. Jake vai ter que me engolir,

porque ela será minha e de mais ninguém.

Capítulo 16

Parisa Cohen

O meu voo foi calmo, mas minha cabeça ainda está assolada pelo turbilhão de acontecimentos. Eu sinto meu corpo elétrico demais. As palavras de Trent ainda estão tão presentes na minha mente, e eu ainda consigo sentir seu cheiro impregnado em mim.

Depois de tantos anos com esperanças ridículas, deixei-me levar por um acontecimento que nem devia ser da minha conta. Ele beijou Pamella, e...? Não é como se tivéssemos um relacionamento sério. O que aconteceu foi só um pontapé para que eu me perguntasse quem eu realmente sou e o que eu quero ser. Também foi um pontapé para eu decidir se vale ou não a pena lutar pelo que eu desejo.

Não, não vou me jogar em cima do Trent na primeira oportunidade, mas fui criada de uma forma que, se eu quero algo, eu vou ter isso, mas apenas debaixo de muita luta. Minha situação não está distante disso. Eu sei que quando voltar para New York, as coisas provavelmente sairão do controle, mas eu irei me preparar bem para segurar as pontas.



Finalmente cheguei em Seattle.

Depois de quase seis horas e meia presa dentro do avião, finalmente eu estou em Seattle, e como esperado, está chovendo. Seattle é a cidade cinzenta e eu terei que me acostumar com esse fato. Felizmente, o jetlag não vai me pegar com força. Bocejo, soltando o cinto e me levantando do meu assento. Eu estou segurando minha mochila com uma mão e na outra eu tenho meu casaco.

Assim que todos nós saímos do avião, eu vou direto para pegar minha mala. Minha cara deve estar um pouco amassada, porque nas últimas duas horas de voo eu decidi que deveria parar de pensar e dormir um pouco. E foi isso que eu fiz. Na verdade, duas horas para mim é apenas um leve cochilo. Pego meu celular do bolso da minha calça e o ligo. Mamãe provavelmente já deve estar aqui, mas eu preciso pegar minha única e solitária mala que cabe todas as

minhas roupas.

Caminho até a esteira e fico observando-a até minha mala aparecer cinco minutos mais tarde. Eu a agarro e puxei para fora. Meu celular começa a tocar e eu atendo prontamente. É a mamãe.

— Oi, meu amor! O-Onde você está? — eu posso sentir a sua emoção mesmo do outro lado da linha.

Sorrio, sentindo-me um pouco ansiosa e nervosa também.

— Eu já peguei minha mala e estou caminhando pelo saguão. — falo, arrastando minha mala e olhando para todos os lados. — A senhora não devia estar segurando uma plaquinha ou algo parecido? — ela ri.

Na verdade, a risada está mais perto e presente do que eu realmente pensei. No segundo seguinte, sinto uma mão leve e fina segurar meu braço. Viro o rosto para trás e, finalmente, depois de anos, ela está ali, em carne e osso. Mais bonita ainda desde a última vez que nos vimos pessoalmente, ela exhibe um sorriso lindo e reconfortante. Seus olhos castanhos estão cheios de lágrimas ainda não derramadas, dando um brilho espetacular para sua figura.

Solto minhas coisas no chão e sem perceber, eu já estou em cima dela, abraçando-a com tanta força que eu espero ela reclamar. Mas ela não reclama, pelo contrário, ela corresponde da mesma forma. Mamãe começa a chorar e eu também me junto a ela. Essa tem que ser a última vez que vou chorar, porra, não aguento mais isso. Deve ser o meu período que está chegando e, por isso, eu estou assim, chorando por tudo.

— Ai, meu Deus, você e-está muito crescida! — exclama entre soluços e eu sorrio. — Você está tão linda, meu amor. — conclui, afastando um pouco o rosto e nos encaramos de perto.

— Senti sua falta, mamãe. — falo soluçando e ela sorri de volta.

Ela começa a distribuir beijos por meu rosto e eu gargalho.

— E o que eu digo de mim? Senti falta de você e desses lindos olhos azuis. — retruca.

Nos afastamos um pouco e ela segura minha mão. Eu finalmente percebo um homem loiro, alto e bonito nos encarando. Ele sorri, segurando minhas coisas em suas mãos.

— Filha, esse é Will, meu marido. — anuncia, sorrindo de lado. — Will, amor, essa é Paris. — mamãe completa.

— É um prazer conhecê-la, embora pareça que eu convivi com você todos esses anos. Você é quase idêntica a Pam. — diz, estendendo a mão e eu sorrio fraco.

Eu o cumprimento com minha mão livre, enquanto ele sorri abertamente.

— Pode ter certeza que não somos parecidas em nada, tirando a aparência, claro. — falo e ele ri com mamãe.

— Fiquei sabendo que você luta, é verdade? — ele pergunta.

Mamãe aperta minha mão, me puxando para perto.

— Eu apenas treinava com uns amigos, nada profissional. — dou de ombros. — E nem pretendo ser profissional. — completo.

— Meu filho também treina em uma academia, mas não vai seguir carreira. Vocês vão se dar bem. — Will diz.

Sorrio amarelo.

Ele tem um filho?

Pam não mencionou isso.

— Falando nele, vamos logo. Tenho certeza que ele deve estar morrendo de fome. — mamãe diz. — E você também. — completa, encarando-me e eu sorrio assentindo.

Eu realmente estou com fome.



Will para em frente a uma casa enorme branca. Mamãe veio no banco de trás comigo e nós conversamos durante o caminho inteiro.

— Vamos, meu amor. Vou te mostrar a casa por dentro e amanhã você vê o resto com Oliver. — ela exclama, animada.

Saímos do carro e quando vou pegar minha mala, mamãe me puxa e eu vejo

que Will já está pegando-a. Passamos pelo jardim bem cuidado na entrada e logo estamos em frente à porta.

Mamãe abre a porta e entra, puxando-me consigo. O lugar é incrível e muito bem arrumado. Will deve ter uma boa condição financeira, porque a casa já é grande por fora, mas por dentro ela parece ser ainda maior. A decoração é clara e neutra, mas muito elegante.

Passamos por todos os cômodos do primeiro andar, enquanto mamãe me apresenta tudo. O lugar é mesmo muito grande, e ainda tem quartos no segundo andar. Eu adorei essa casa.

— Eu espero que goste do seu quarto novo. — ela sentencia assim que paramos no pé da escada.

Will já está ali com minha mala, mochila e casaco. Eu pego minhas coisas e sorrio para ele em agradecimento.

— Se ela não gostar, vai ter que fingir. Você, senhora Katherine, me alugou a semana inteira com isso. — uma voz se aproxima do nada.

Viro para trás e encontro a figura. Alto, cabelos pretos, sorriso largo e grande, e... bonito. Bonito mesmo. Parece com um modelo ou algo assim.

— Filho. — Will murmura.

Passo os olhos de um para o outro e percebo que ele puxa muito para Will. Esse é o tal Oliver?

— Filha, esse é Oliver, filho de Will. — minha mãe nos apresenta, sorrindo. — Oliver, essa é Parisa, minha filha. — completa.

Ele me olha de cima a baixo, não deixando de por sorrir um só segundo.

— Eu sabia que estava escondendo o melhor de mim, Kath. — diz e eu franzo o cenho. — Estava escondendo a gêmea bonita. Isso foi uma grande maldade. — continua e eu sinto minhas orelhas esquentarem, mandando uma onda quente para as minhas bochechas.

Mamãe ri alto com Will.

— Ela é linda, não é mesmo? — mamãe sai do meu lado e abraça Will.

Essa situação poderia ficar mais embaraçosa? Eles três me encaram e eu tenho certeza que eu estou mais vermelha que o próprio tomate.

— Os olhos da gêmea mais bonita são mais bonitos. Azuis? Eu amo essa cor. — Oliver comenta, cruzando os braços. — Afinal, ela é muda? Tem que ter algum defeito, e ela ainda não falou nada. Deve ser a mudez! Mas vamos trabalhar nisso, tudo bem? — oh, meu Deus!

— Não sou muda. — murmuro e ele gargalha.

— Claro que não, Belezinha. — diz.

— Oliver, mostre o quarto da Parisa para ela. Eu e seu pai vamos comprar pizza e voltamos em vinte minutos. — mamãe comanda, aproximando-se de mim e me abraçando. — Eu já volto. — beija minha bochecha.

Ela e Will pegam suas coisas e saem juntos. Assim que Oliver segura minha mala, eu pisco rapidamente.

— Você vem, Belezinha? — pergunta e eu arqueio uma sobrancelha.

— Eu tenho um nome e não é esse. — rosno e ele sorri, subindo os degraus.

Vou atrás dele.

— Esse devia ser seu nome. — avisa e eu rolo os olhos. — Eu sabia que Katherine estava me escondendo a gêmea bonita. — completa.

— Você já pode parar com isso. Eu não sou bonita. — falo, irritada com suas palavras.

Ele para bruscamente e eu o encaro.

— Quem te disse isso? São todos uns grandes cegos do caralho. — enuncia, franzindo a testa.

— Você deve ser o único cego. — comento, dando de ombros.

Escuto ele bufar e continuar a subir as escadas, enquanto eu o sigo outra vez.

— Não sou cego, sou sincero. — diz, simplesmente. — Não diga isso para a Pam ou ela me mata, mas você é dez vezes mais bonita que ela.

Gargalho.

— Você só pode ter um parafuso a menos. — falo, sem parar de rir.

— Fale o que quiser, cada um tem sua opinião, Belezinha. — retruca e

chegamos ao andar de cima.

Conto sete portas.

— A propósito, eu falei sério quando disse que teria que fingir se não gostar do quarto. Katherine vai me obrigar a arrumar tudo de novo e trocar as coisas do lugar. — resmunga, caminhando na minha frente. — Ela diz que arrumou as coisas, mas quem fez isso foi eu. Ela apenas comprou tudo. — completa e eu rio baixinho.

Ele vira pra trás e levantou a sobrancelha.

Engulo o riso e assinto, tentando ficar séria.

— Eu vou adorar o quarto, tenho certeza. — falo e Oliver volta a andar.

Ele para em frente a penúltima porta e abre, ligando a luz e entrando. Continuo seguindo-o e encaro o local. Uau. Esse lugar é bem maior que o meu velho quarto. Não que eu ligue para isso. Eu sei que não vou usar nem metade de todo esse espaço aqui, mas continua sendo lindo.

— Essa sua cara de vento significa que gostou ou o quê? — a voz de Oliver me desperta.

— Isso aqui está horrível. — falo, pegando meu celular. — Vou ligar para a mamãe. Aqui. Eu. Não. Durmo. — minto e ele arregala os olhos.

— Pelo amor de Jesus Cristo, não faz isso. O que ficou ruim? — indaga, soltando minha mala e caminhando até a cortina. — É essa cortina florida? É, eu também achei meio brega, mas sua mãe gostou. — ele fita o quarto, desesperado. — Já sei! — grita e eu quero gargalhar. — É esse tapete felpudo! Eu sabia! Parece que mataram uns trezentos animais para fazer isso. — sentencia, pegando o tapete do chão. — Vou jogar essa porcaria fora e denunciar os malditos assassinos de animais. Isso deveria ser proibido. — balança a cabeça negativamente.

Começo a gargalhar bem alto, sem qualquer controle sobre a crise de riso que eu entrei. Oliver me encara perdido, com o tapete em uma mão enquanto a outra descansa em sua cintura.

— Mas que diabos...? — murmura.

Eu realmente não consigo parar de rir. Sento-me no chão, segurando minha barriga. Depois de tanto tempo sem sorrir de verdade, eu estou feliz por estar

rindo aqui e agora, mesmo que seja com um cara que eu apenas acabei de conhecer.

— Droga... S-sua cara f-foi ótima! — exclamo, tentando parar de rir.

— Você está brincando? — pergunta, cerrando os olhos.

Levanto, não deixando de rir, e tento enxugar as lágrimas que escorregam por minhas bochechas. Isso sempre acontece quando eu rio muito.

— O quarto é incrível. Não precisa mudar nada. — falo, caminhando até ele e pegando o tapete de sua mão. — E você não precisa denunciar ninguém, isso nem deve ser mesmo de animais. — ele cruza os braços.

— Caralho, juro por Deus, quando eu tiver uma chance, eu vou me vingar. — rosna e eu rolo os olhos.

— Sou sua nova irmã, não pode fazer isso. E além do mais, eu estava apenas brincando. — explico, dando de ombros.

— Nova irmã? Não somos irmãos, Belezinha. — diz, finalmente sorrindo outra vez. — Vamos ser, a partir de hoje, parceiros de crime. — completa e eu gargalho outra vez.

Esse cara só pode estar brincando.

— Se é o que você diz. — retruco, levantando uma sobrancelha.

— É o que eu digo e é o que vai acontecer. — sentencia, caminhando até a porta. — Meu quarto é o da frente e você tem passe livre para entrar, e eu gostaria das mesmas regalias. — ele sai. — Vou trocar de roupa, eles já devem estar chegando. Te vejo por aí, Belezinha. — abre sua porta e entra, fechando-a em seguida.

Rio, incrédula, e faço o mesmo que ele, fechando minha porta e encarando meu novo quarto mais uma vez.

O que quer que esteja guardado aqui em Seattle para mim, eu estou dentro e foda-se o resto.



Mamãe não chega muito tempo depois com Will. Eu ainda estou no meu quarto quando escuto eles lá embaixo. Deixo minha mochila na cama e pego meu celular.

***“Cheguei em Seattle e já estou na casa da mamãe.
Ligo daqui a pouco, já estou com saudades! Beijos,
Paris.”***

Mando logo essa mensagem para o papai ou daqui a pouco ele começará a me ligar freneticamente. Batidas fracas na minha porta me fazem virar o rosto e vejo mamãe colocar a cabeça para dentro com um sorriso.

— Vamos jantar? — pergunta.

Eu sorrio, assentindo em seguida. Deixo meu celular na cama e saímos juntas do quarto. Ela me abraça de lado e descemos conversando sobre qualquer besteira que nos vem à mente.

Chegamos na sala de jantar e Will já está lá com Oliver. O garoto está sem camisa e usa apenas uma calça de moletom cinza. Ele parece bem e seu corpo é malhado pra caramba. Se ele me pegar o encarando, eu poderei alegar que é apenas curiosidade. E, de fato, é apenas curiosidade.

A imagem de Trent sem camisa invade minha mente e eu trato logo de me sentar em uma cadeira. Eu posso ver milhões de caras sem camisa, mas eu nunca terei a mesma sensação de quando eu vejo Trent sem camisa. Meu estômago se contorcia, meu corpo ficava quente, eu começava a me sentir sensível. Isso tudo acontecia instantaneamente quando eu o olhava sem camisa, ou até mesmo com camisa. Ele é bom de se olhar o tempo todo.

— Compramos de calabresa e frango com catupiry. — mamãe diz, sorrindo.
— Qual você mais gosta? — pergunta.

— Frango... — sussurro. — Com pickles. — completo, fazendo uma careta e Oliver ri.

— Quem come pizza de frango com catupiry e pickles? Isso é nojento, Belezinha. — enuncia, sentando-se na minha frente.

— Eu como. — cerro os olhos para ele. — Mas eu posso comer apenas de frango com catupiry, isso não é um problema. — volto a falar, olhando para a mamãe.

— Ah, droga... — resmunga, ficando chateada. — Amor, temos que comprar pickles para a Paris amanhã. — ela olha para Will e ele assente.

— Mãe, não precis...

— Por que não precisaria? Você é minha filha, meu amor. — ela me corta, olhando-me maternalmente. — Pickles, anotado. Mais alguma coisa? — pergunta e eu balanço minha cabeça negativamente.

— Não, apenas pickles. — respondo e ela assente, voltando a sorrir.



Passamos todo o jantar conversando sobre mim. Quanto mais eu falava, mais mamãe perguntava, e até Oliver e Will perguntaram algumas vezes. Depois que terminamos de comer, continuamos sentados conversando por mais meia hora.

Volto para o meu quarto e vou tomar um banho. Meu corpo começa a esfriar e sinto como se estivesse pronta para desmaiar na cama. Abro minha mala em cima da cama e pego uma calça preta, camiseta simples e uma calcinha de algodão branca. Fecho a mala e sigo para o meu banheiro.

Começo o meu banho sem pressa alguma. De alguma forma, eu sinto como se as coisas estivessem prestes a mudar para mim de forma radical. Não é um sentimento ruim, eu só estou tentando desvendar esse sentimento.

Dez minutos mais tarde, eu saio do banheiro me sentindo bem melhor e mais relaxada. Penteio meu cabelo e coloco minha escova na penteadeira, que já está cheia de acessórios. Maquiagens, secador e um monte de coisa de menina. Não faço ideia de como usar isso, e eu tenho quase certeza de que nunca vou usar essas coisas.

Mamãe entra no meu quarto com seu sorriso brilhante e doce. Ela usa um sobretudo que parece ser de seda e muito macio.

— Estou muito feliz que você está aqui. — enuncia, sentando-se em minha cama.

Sento-me ao seu lado.

— Estou feliz por estar aqui. — retruco.

É verdade, mas uma parte minha ficou em New York. Vou conviver com isso e deixar o passado no passado. Nem todas as nossas memórias são boas o suficiente para serem lembradas a todo momento. Algumas coisas merecem ser esquecidas.

— Você gostou de Oliver? — pergunta, sorrindo.

— Ele é agradável. — falo, dando de ombros e nos entreolhamos.

Rimos juntas.

— Sim, ele é agradável. — retruca. — Vocês vão se dar bem, eu sei que sim. — completa.

— Espero que sim. — resmungo.

— Amanhã ele vai sair para treinar, se quiser pode ir com ele. Não quero interromper suas atividades diárias e sei que isso é algo que você gosta. — comenta e eu assinto prontamente.

— Se não for um problema, eu gostaria de ir. — digo, meio acanhada.

— Não é um problema, meu amor. — sorri docemente. — Agora vá descansar um pouco. Boa noite. — beija minha bochecha.

— Boa noite, mamãe. — murmuro.

Ela sai, desligando a luz e eu jogo minha mala no chão. Procuro meu celular pela cama e o acho. Aperto em uma tecla do meu pequeno tijolo neandertal e ele acende.

Sério, esse celular é muito primitivo.

Disco o número do papai e relaxo, deitada na minha nova cama. Chama uma, duas, três vezes. No quarto toque, ele atende.

— Pai? — murmuro, abraçando um travesseiro.

— Querida. — retruca e eu sorrio.

— Tudo bem? — pergunto simples.

— Bem. — responde cinicamente. — Como está indo aí? — questiona.

— Tudo bem. O lugar é bonito e agradável. — explico. — Amanhã vou treinar com o filho do marido da mamãe. O nome dele é Oliver e ele treina em

uma academia, acredita? Pra todo lugar que vou eu tenho lutadores ao meu redor. — brinco.

— Não se acostume. Sua academia é aqui, Paris. — avisa, sem um pinga de humor na voz.

Rolo os olhos.

— É algo temporário, pai. Não sei quando vou voltar, mas não quero perder o ritmo. — respondo.

— Não gosto disso. Você já deveria ter sua passagem de volta. — enuncia, e eu tenho certeza que ele está emburrado.

— Não vamos discutir sobre isso. — falo sem paciência para esse assunto. — Amanhã eu ligo de novo, vou dormir. — sussurro.

— Boa noite, querida. — murmura.

— Boa noite, pai. — respondo.

Encerro a chamada e deixo meu celular ao meu lado.

Eu já estou sentindo falta do papai. Por longos anos foi apenas eu e ele, juntos, todos os dias. E agora estou longe dele e de muitas outras pessoas que sempre fizeram parte da minha rotina.

Mas eu sei que vou ficar bem.

Capítulo 17

Parisa Cohen

Encaro o teto branco do meu novo quarto e solto um suspiro fraco. Sento na cama, encostando-me no dossel de ferro e relaxando um pouco mais. Bocejo preguiçosamente e de repente minha porta é aberta.

— Bom dia, raio de sol. — Oliver me saúda, animado como sempre.

Por mais que todas essas palavras combinadas não sejam capazes de seduzir alguém, o seu timbre teve a resposta em meu corpo muito mais do que eu imaginei que poderia vir acontecer, afinal voz de Oliver é bastante agradável. No entanto, dai-me paciência. Nunca fui uma pessoa sorridente de manhã, e nem esbanjo todo esse bom humor que está estampado na cara de Oliver. Ele não se parece com alguém que seja resmungão ou que seja mal-humorado, pelo menos foi a impressão que ele me deu até agora.

— Dia. — murmuro, passando as mãos por meu rosto amassado.

— A sua animação é comovente, belezinha. — diz, rolando os olhos. — Eu achei que você já estaria pronta para ir treinar comigo e fazer algumas posições. — ele se aproxima da minha cama com um sorriso pequeno deslizando em seus lábios.

Seu olhar brilha com malícia e isso me muito deixa constrangida. Não foi coisa da minha cabeça a sua frase com duplo sentido. Sou muito tonta pela manhã e ele ainda vem de regata, bermuda, esse sorriso e essas palavras?

— Eu até estaria, mas essa cama é muito boa. — resmungo, dando de ombros.

Não caia nessa, Parisa, ele está brincando com você!

— Você pode querer que eu a leve ao banho e a faça ficar limpa, mas como eu prezo pelos bons costumes, e os nossos pais estão tomando café, vou ter que decepcioná-la e a deixar seguir essa linha sozinha. Sinto muito. — olha-me apologetico. Eu simplesmente não posso acreditar no que acabei de ouvir. — Mas sempre podemos correr o risco.

Ele se levanta e pisca para mim. Aquilo, entretanto, não mexe comigo como eu achei que aconteceria. Temo ainda estar sob o *efeito Furor* de beleza. Sacudo

minha cabeça, afastando os pensamentos sobre Trent. Ainda é muito cedo para pensar nele. O meu foco tem que ser eu, e apenas eu.

Assim que Oliver sai do meu quarto, eu me levanto e vou direto para o banheiro. Tomo um banho levemente demorado, tentando esquecer um pouco as palavras sórdidas de Oliver. Eu definitivamente não tenho um pensamento ruim sobre ele, ao contrário, acho que vamos nos dar bem. Bem até demais. Apenas espero que ele não esteja tentando fazer o que todos os caras fazem: conquistar e depois foder.

Eu quero mantê-lo apenas como um amigo.

Assim que as coisas devem ser.

Volto para o quarto enrolada em uma toalha e pego minha roupa de treino. Visto minha calça folgada, regata branca e camisa preta grande por cima. Amarro meu cabelo firmemente para não soltar, e saio do meu quarto, pronta para ir treinar com Oliver.

Assim que coloco meu pé no último degrau da escada, eu percebo que Oliver já me espera, encarando-me com suas sobrancelhas levantadas.

— O que foi? — indago, incomodada.

— Fala sério, Belezinha. Você vai treinar com isso? — pergunta e eu cerro os olhos em sua direção.

— Isso são as minhas roupas. — retruco.

— Roupas? Você é uma pessoa bonita, e não me leve a mal, mas você deveria usar coisas bem melhores que essa. — se aproxima com um sorriso de lado. — Odeio essa coisa de fazer compras, mas posso fazer um esforço e ir com você comprar umas roupas novas. Pelo que parece seu estilo de moda é quase nulo. — passa seu braço por meu ombro e me puxa para perto.

— Isso não vai acontecer, Oliver. — eu o aviso, entre dentes.

— Sinto muito te dizer, mas isso vai acontecer. — explica, como se estivesse falando com uma criança. — Sabe, Belezinha, quando as pessoas olharem você comigo, eu quero que eles invejem o que eu tenho ao meu lado. — sussurra em meu ouvido.

Um arrepio corre por toda a minha espinha e eu me separo de Oliver instantaneamente.

— Eu não entendo o que você quer dizer com isso, mas realmente acho que deve parar agora mesmo. — comunico e o canto da sua boca sobe em um meio sorriso.

— Você leva as coisas tão a sério, Belezinha, deve parar com isso. — diz, aproximando-se outra vez de mim. — Vem, vamos tomar café! — segura minha mão e sai me puxando e guiando por todo caminho.

Chegamos à cozinha e eu avisto mamãe sorrindo com Will.

— Bom dia. — falo, tentando soar agradável.

Tento puxar minha mão da de Oliver, mas é burrice. Ele aperta mais forte e observo mamãe rir com Will.

— Bom dia, meu amor! — mamãe exclama com um sorriso doce nos lábios. — Parece que estão se dando bem. — diz, apontando com o dedo para a minha mão e de Oliver juntas.

— Parece que sim. — falo cinicamente. — Nossa relação não é nada — tento puxar minha mão com força novamente. — forçada. — aponto sugestiva com a cabeça para as nossas mãos.

Oliver gargalha alto e Will o acompanha.

— O humor dessa gêmea é tão bom. — Oliver diz, rindo debilmente e eu reviro os olhos, impaciente.

— Será que pode me soltar agora? — pergunto.

Ele me encara, parando de rir gradativamente, enquanto libera minha mão do aperto e eu respiro aliviada.

— Precisamos comprar roupas novas para a Belezinha, Kath. — Oliver diz, sentando-se em frente ao seu pai. Ele começa a se servir e eu faço o mesmo caminho, sentando-me ao seu lado. — Olhe a roupa dela! — enfia uma torrada na boca. — E julgando por ontem e hoje, ela só tem roupas três ou quatro números maiores que o seu real tamanho. — completa de boca cheia.

— Eu já disse que não preciso disso. — balbucio, irritada.

Por que as pessoas cismam tanto com minhas roupas?

— Ele tem razão, Paris. — minha mãe continua, apoiando Oliver. — Acho que devemos comprar algumas roupas novas para você.

Chuto a perna de Oliver e ele me encara, arregalando os olhos enquanto eu cerro os meus, desafiando-o e ele cerrou de volta, aceitando o desafio silencioso que estabeleci entre nós.

Por que ele apenas não cala a boca?

— Eu sempre estou certo. — Oliver enuncia, presunçosamente.

Sua mão pousa discretamente em minha coxa e ele belisca com força por cima da malha da minha calça. Desgraçado! Soco sua mão e ele a puxa de volta.

— Podemos deixar isso para mais tarde. — sugiro. — Bem mais tarde, tipo daqui a dois meses. — balanço meus ombros.

Mamãe e Will riem outra vez.

— Deixe-a pensando que isso vai acontecer, Kath. — Oliver diz, rolando os olhos em seguida. — Marcaremos o dia e a hora e lá você estará, Belezinha. Conte com isso. — pisca para mim pela segunda vez no mesmo dia.

Meu estômago comprime levemente e eu quase rosno. Não quero mudar por que ele ou qualquer outra pessoa está dizendo que eu devo. Quero mudar por que eu simplesmente desejo fazer isso por mim, e eu sei que a hora ainda não chegou.

Se é que essa hora vai chegar.



Assim que terminamos nosso desjejum, nos despedimos da mamãe e do Will, saindo de casa e indo direto para o que eu deduzi ser o carro de Oliver.

— Você sabe dirigir, belezinha? — pergunta Oliver, tirando a chave do carro do bolso de sua bermuda.

— Não. — dou de ombros.

Ele desliza um sorriso pelos lábios e abre a porta para mim.

— Mais uma atividade para nossa lista de afazeres. — brinca, me empurrando com seu ombro.

Rolo os olhos e entro no carro.

Oliver fecha a porta e entra do lado do motorista. — Você dependia do seu papai para te levar em todos os lugares? — Oliver pergunta cinicamente assim que bate sua porta e liga o motor. — Pensei que fosse mais independente. Mulheres independentes são quentes... Você tem que anotar isso no seu caderno de *Dicas do Oliver*. — seguro a risada que ameaça escapar por minha boca.

— Você parece um feminista falando dessa forma, e eu nunca imaginei que fosse um. — comento, colocando o cinto de segurança e cruzando os braços.

Oliver estica o braço, segurando no meu banco e vira o rosto por cima do ombro. Ele sorri mais amplamente enquanto tira o carro da sua vaga. — De onde você vem os caras devem ser uns putos do caralho, não é mesmo? — questiona.

— Talvez. — resmungo.

Viro meu rosto, tentando parar de encarar seu braço e seu rosto. Eu só posso estar passando por algum tipo de provação, porque não pode ser possível...

— Eu sou feminista em apenas algumas situações. — anuncia firme. Ele deixa o carro em ponto morto, parado na frente de casa. — Acho que mulheres independentes são quentes pra caralho, mas a partir do momento que estão em minha cama, o poder muda de mão. — abro minha boca incrédula.

Minhas orelhas queimam, drenando meu sangue direto para minhas bochechas. Oliver gargalha bem alto, arrancando com o carro, enquanto eu tento controlar a vermelhidão que se espalha em minhas bochechas, mas é claramente inútil. Encaro o vidro do carro, tentando me esconder do olhar de Oliver.

— Até parece que você é virgem. — diz, fazendo-me afundar no banco.

Oliver para de rir e o carro fica em um silêncio absoluto. Eu viro o rosto para frente, sem deixar de cruzar os braços e o encaro de soslaio. Ele parece bem pensativo. — Belezinha? — me chama.

No segundo seguinte ele pisa no freio com tudo e eu sou lançada para frente com força, mas felizmente o cinto de segurança me impede de dar com a cara no vidro.

— Que diabos você acha que está fazendo? — rosno, irritada.

— Você nunca transou? — pergunta com os olhos desconfiados. Permaneço calada e seus olhos ampliam gradativamente. — Caralho, Paris. Como diabos você nunca transou? Deve ser por isso todo esse seu mal humor matinal. — diz,

visivelmente segurando uma nova risada, mas não deixando de estar assustado.

— Você já pode calar a boca. — falo emburrada. — E minha vida sexual não lhe diz respeito, está bem?

Ele volta a dirigir e liga o rádio.

— Mais uma atividade para nossa lista, Belezinha. Eu já tenho tudo em minha cabeça. — ele diz com a voz arrastada.

Bem, estou fodida.

Oliver não é desses caras que desistem facilmente, e eu sei que não vou me livrar dele tão cedo... não que eu queira fazer isso, mas ao seu ver a nossa relação está tomando um rumo que não é o que eu desejo. Ou sei lá... Não sei o que eu realmente desejo nesse momento.



— Essa é a academia onde eu treino. — diz, puxando-me pela mão.

Assim que saímos do carro, Oliver segurou minha mão como hoje mais cedo, impedindo-me de soltar a sua.

— Parece ser legal. — falo acanhada, já que as pessoas nos encaravam sem qualquer pudor.

Será que eles acham que estão sendo discretos?

— Não sei quantas horas você treinava, mas eu treino apenas três e esse vai ser seu tempo de treino a partir de hoje. — diz firme, deixando claro que não haverá discussões sobre isso. — Vamos aproveitar, ainda temos muito o que fazer em casa.

Ele solta minha mão e eu dou uma olhada no local. Um lado é área de musculação e o outro é para lutas e artes marciais em geral. O lugar é bem grande, mas a academia do papai é maior. Uma onda de nostalgia me bate e eu trato logo de esquecer todos os pensamentos que persistem em me rodear.

— O que temos para fazer em casa? — questiono, voltando a encarar Oliver.

— Coisas de irmãos. — sussurra, sorrindo de lado.

Rolo os olhos, mas acabo sorrindo de volta.

Não tem como ficar irritada ou ao menos chateada com Oliver.

— Tipo dar uma surra em você? — pergunto, levantando minha sobrancelha esquerda.

— Seria legal ver você tentar. — diz, desafiando-me.

— Você não me conhece, Oliver. — respondo, segura.

— Vamos trabalhar nisso, Belezinha. — retruca, não muito intimidado.

Eu e Oliver começamos a nos aquecer e logo estamos treinando e rindo. Ele tem uma piada para tudo e isso não me irrita nem um pouquinho.

Ele me deixa confortável e é muito fácil estar ao seu lado.



Três horas mais tarde, saímos da academia pingando suor. Nós estamos no carro e ele dirige com o rádio tocando nas alturas. A música é algo de uma dessas cantoras de Pop e ele sabe a letra toda, o que me fazia rir mais do que o necessário.

—...and you're gonna hear me roar! — ele canta o mais alto que consegue.

Eu não consigo respirar direito.

Oliver continua a cantar a música sem errar uma palavra sequer, e assim que a música acaba, ele abaixa o volume do som e sorri para mim, enquanto eu tento enxugar as lágrimas que caem dos meus olhos.

— O que achou da minha apresentação? — questiona, parando no sinal vermelho e levantando as sobrancelhas em expectativa.

— Tirando a desafinação, tudo foi perfeito. — comento e ele faz uma careta.

— Nossa, Belezinha, eu nunca fiz um show desse para qualquer pessoa e você fica criticando a minha afinação. — diz, fingindo estar ofendido. — Duvido que faça melhor. — completa, olhando para frente enquanto acelera outra vez.

— Não, eu não canto. — sentencio, parando de rir.

— Todo mundo canta, mesmo que seja como eu, mas canta. — joga de volta e eu aceno com a cabeça.

— Então provavelmente estaremos empatados no quesito desafinação, ou melhor dizendo, afinação. — brinco e ele ri.

São quase duas da tarde quando nós chegamos em casa. Cada um segue para o seu quarto para tomar banho, mas não antes de Oliver me empurrar por todo o caminho e fazer mais piadas. Entro debaixo do chuveiro e tomo meu banho não muito demorado, afinal minha barriga já está roncando.

Volto para o meu quarto e vejo que meu celular pisca em cima da cama. Caminho até lá e pego o aparelho, vendo que o nome do papai e da Pam piscam na tela. Retorno suas mensagens e me visto com alguma roupa confortável. Seco meu cabelo e o deixo solto apenas para secar.

Oliver coloca a cabeça para dentro do meu quarto depois de dar duas batidas na porta.

— Vamos almoçar, belezinha. — diz. — Seu cabelo é muito longo. — constata e eu rolo os olhos, me aproximando da porta.

— Faz algum tempo que eu não o corto. — resmungo, girando a maçaneta.

Ele cruza os braços.

— Esse corte não te valoriza em nada. — avalia-me.

— É mesmo? E o que você sugere, cabeleireiro? — pergunto cinicamente.

— Eu sugiro um corte mais curto. — puxa uma mecha do meu cabelo. — Vou ter que transformar você em algo mais quente, Belezinha. — completa, soltando meu cabelo e passando o braço por meu ombro.

— Vai o cacete. — digo, dando uma cotovelada em sua barriga.

Ele tosse, rindo de mim.

— Pode apostar que eu vou. E sobre o cacete, se você quiser ele está aberto a visitas. — murmura para mim.

— Guarde-o para si, Oliver. — ordeno e acabamos por rir juntos.



Um mês mais tarde...

Não sei realmente em que diabos eu me meti. Oliver me acordou essa manhã, se jogando em cima de mim e com um sorriso enigmático nos lábios. Eu pensei que era coisa da minha cabeça, mas quando paramos em frente a um salão de beleza, eu senti vontade de correr. Na verdade, eu nem mesmo queria sair do carro. Comecei a gritar com ele, que me ignorou totalmente e saiu do carro com a chave. Eu me mantive irredutível até quando pude, mas ele me puxou para fora do carro e me imobilizou.

Respirei fundo, muito fundo, até que tomei uma decisão: eu preciso mudar. Entretanto, eu não admiti em voz alta.

Nesse exato momento, eu estou de braços cruzados enquanto um cara mexe em meu cabelo. Ele corta mecha por mecha, seguindo, provavelmente, ordens de Oliver. Mamãe se juntou a nós há algumas horas e eu estou nessa cadeira há muito mais tempo do que eu consigo me lembrar. Já fizeram minhas unhas, minhas sobrancelhas e eu acho que até passaram um pouco de maquiagem em meu rosto.

Finalmente percebo que estão finalizando meu cabelo, mas também sei que isso tudo não é minha praia. Não tenho paciência para toda essa besteira de salão de beleza.

— Eu tenho algumas roupas novas para você, querida. — mamãe conta e eu solto um gemido, não querendo soar tão contrariada.

— Mãe, eu não preciso de roupas novas. — reclamo.

— Precisa sim, meu amor. Suas roupas são bem estranhas. — o cabeleireiro diz com sua voz nasalada e chata.

Oliver gargalha, enquanto eu rolo meus olhos voltando a ficar irritada por estar nessa situação. — Eu te disse que as pessoas reparam, Belezinha. — Oliver diz, como se fosse o dono da verdade. E talvez ele seja.

— Ninguém te perguntou nada, sequestrador. — retruco, entre dentes.

— Ele está te fazendo um favor, amor. Seu cabelo estava muito maltratado. — o cabeleireiro continua se metendo. — E as pontas duplas? Eu mal podia

contá-las. — completa, bagunçando meu cabelo com os dedos.

— Eu não estou sendo paga para ouvir tudo isso. — digo, sacudindo os ombros.

— Finalizado! — o cabeleireiro intrometido exclama, puxando a toalha de meus ombros.

Eu estou livre? Finalmente!

Passo minha mão em minhas costas, procurando por meu cabelo e arregalo os olhos quando não sinto nada. Nem um fio sequer. Minha cadeira gira e eu encaro o espelho.

Put. Merda.

Essa não sou eu.

Meu cabelo descansa graciosamente em meus ombros. O corte é bem moderno. E curto. Eu estou praticamente careca. Tudo bem, exagerei, mas essa é uma puta mudança. Minhas sobancelhas estão feitas, uma maquiagem fraca realça meus olhos e meus lábios brilham com o *gloss* que foi aplicado ali.

Aquela realmente não se parece em nada comigo, mas sim com a Pamella. Isso! Essa é a Pam de cabelo curto e preto, e, claro, olhos azuis. Não. Essa não é ela. Porra! Eu pareço bonita como ela.

Respiro e conto até dez, tentando não pirar. Se os caras vissem como eu estou, eles provavelmente ririam. E Trent... O que ele pensaria?

— Deus, Belezinha, você está uma belezinha! Quer dizer, você já era uma, meio bruta e rude, mas agora... — Oliver diz, puxando-me dos meus pensamentos sobre Trent. Ele para na minha frente com seu sorriso bonito e olhos brilhantes.

— Eu não sei se gosto disso. — murmuro, muito envergonhada. — Olhe para mim. Pareço muito...

Paro de falar e suspiro derrotada.

— Linda.

— Estranha.

Falamos ao mesmo tempo e ele rola os olhos.

— Você não está estranha. — fala, segurando meu rosto. — Você está mais linda do que sempre foi, Paris. Sei que não sou o único a perceber isso. Seu cabelo novo te deixou quente pra caralho e agora vai ser ainda mais difícil resistir ao seu rosto bonito, Belezinha. — suas palavras me atingem de uma forma inexplicável.

Sorrio sem perceber, sentindo meus olhos marejados, e no segundo seguinte ele beija minha testa.

— Você está linda, querida. — mamãe diz e eu acabo sorrindo mais ainda. Ela me puxa para um abraço apertado, que eu correspondo completamente emocionada.

— É uma nova Parisa. — cochicha. — Eu amo as duas... Você está apenas mais bonita do que já era. Oliver tem toda razão, meu amor. — conclui, beijando minha bochecha enquanto eu assinto.

Sim, ele tem razão.

Capítulo 18

Trent Wayne

Um mês mais tarde...

Engolindo o ar pesado do meu quarto quente, eu me empurro para cima com corpo encharcado de suor e as mãos emboladas em punhos nos lençóis. Minha respiração ofegante faz com que meu peito desça e suba de forma rápida, enquanto as imagens malditas do pesadelo desta noite queimam atrás dos meus olhos. Minha cabeça lateja, pulsando atrás das minhas orelhas como se um sino estivesse ali dentro.

Eu quero me levantar e chutar muitas coisas.

Quebrar tudo que estiver na minha frente.

Puxando minha camisa fora, uso-a como toalha ao enxugar o meu rosto e me levanto da cama em um salto. O meu sangue parece borbulhar em minhas veias. Caminho em direção a varanda do meu quarto e sento-me na minha poltrona negra.

O céu está em uma coloração engraçada de azul e rosa. *Amanhecer*. Algumas estrelas ainda brilham no céu e o frescor da manhã ameniza a minha pele fervente. Eu não deveria ter bebido tanto na noite passada, mas não fui forte o suficiente para me segurar e não entornar algumas muitas doses de tequila e uísque.

Consegui manter a minha merda esquecida pelo menos por um período pequeno de tempo, no entanto, saber que Parisa está longe de mim por apenas poucas horas com *sabe-se lá quem*, me atormenta o espírito. Eu estou definitivamente definhando por ela e a sua ausência. Eu preciso ouvir a sua voz, tocá-la e saber que ela está bem, que ela voltará para casa, *voltará para mim*. Todo o seu silêncio está me matando rapidamente de diferentes formas.

Muitas foram as vezes em que arrumei as malas e comprei passagens com a ideia firmada de que iria atrás dela, de que eu a traria para casa e a faria entender que eu necessito estar perto assim como eu necessito respirar. Mas no próximo segundo a sua voz vinha como uma bomba em minha mente lembrando-me do pedido que ela fez antes de ir, *de precisar ficar sozinha por um tempo*. Eu faria tudo que ela me pedisse, inclusive sacrificar o meu coração por ela. Vê-la chorar ficará para sempre dentro da minha mente. E saber que a culpa foi minha, estará

sempre lá para me lembrar de como fui um estúpido filho da puta.

Colocando o moletom sobre a cabeça, olho para o céu alaranjado percebendo que o rosa começou a suavizar no horizonte. Está próximo das seis da manhã e eu sinto uma adrenalina diferente pulsar em minhas veias.

Saltando em meus pés, eu saio de casa e pego o meu carro.

Preciso treinar. Socar alguma coisa, expulsar a sensação de perda que se apossa do meu peito. O meu corpo está muito tenso. Eu não pareço com alguém que acabou de acordar. Aperto o volante debaixo das minhas mãos e piso fundo no acelerador.

Eu preciso extravasar.



Soco.

Chute.

Jab, jab, jab, chute.

Suor.

Garganta seca.

Punhos pulsando.

Jab, jab, chute, jab, jab, joelhada.

Eu não reparo que alguém está na academia comigo até que percebo que uma pessoa para a poucos metros atrás de mim e faz um barulho semelhante a um pigarro.

Jake.

— Finalmente eu vejo você de volta a ativa, garoto. — me viro em sua direção torcendo o pescoço, o que acaba produzindo um estalo alto. — Tenho que confessar que você estava começando a me deixar preocupado.

— Oi, Jake. — murmuro, encarando-o sem muita expressão.

— Vamos até ali um segundo, precisamos conversar. — sinaliza com a sua

cabeça em direção a porta do seu escritório e vira as costas para mim.

O que diabos ele quer, eu não faço nenhuma porra de ideia, mas abandono o saco maltratado e sigo atrás dele alguns segundos depois. Quando entro, Jake está de pé com alguns papéis nas mãos e os coloca dentro de uma gaveta secreta em sua mesa. Eu não me preocupo com o que possivelmente pode ter nos papéis, a única coisa que faço é sentar-me no sofá de couro ao lado da porta e deixar o meu corpo descansar por alguns segundos. Olho para o frigobar que tem do outro lado da sala e penso em pegar uma cerveja, mas mantenho-me sentado, uma vez que eu sei o quanto Jake irá encher os meus ouvidos com suas baboseiras.

— Então — Jake começa, puxando a minha atenção para ele —, o que porra aconteceu com você? Desde o dia da abertura do Circuito você não é mais o mesmo. Será que você está tendo um tempo difícil, garoto? Você sabe que pode conversar comigo sempre que precisar.

Sim, eu sei muito bem sobre isso. Sempre foi assim desde que Jake me acolheu, mas eu não posso começar a empurrar o meu coração para fora e dizer que estou definhando desde que Paris resolveu me manter longe. Eu sei o que Jake pensa sobre isso e uma vez que Parisa continua me mantendo longe, eu não posso desafiar o seu pai sem uma certeza de que ela quer o mesmo que eu.

Quando eu estou pronto para dizer qualquer coisa após pensar em inúmeras desculpas, o telefone de Jake toca e interrompe a minha linha de raciocínio. Ao observá-lo sorrir e tirar o telefone do seu suporte, eu soube de quem se tratava.

Parisa.

— Um minuto Trent, é a Paris. — diz, sorrindo.

Os meus batimentos aceleram e eu fecho minhas mãos, tentando controlar a ansiedade crescente em meu peito.

— Coloque no viva-voz, eu sinto falta dela. — sussurro para Jake, que acaba sorrindo melancólico e aperta o botão do telefone.

— Ei, pai, bom dia. — naquele momento todo o meu mundo balança.

Como eu sinto a falta dela, porra! Parece existir um buraco em meu peito, uma ferida que está sendo arranhada e sangra de modo que eu sou incapaz de estancar.

— Bom dia, querida. Como estão as coisas? — aproximo-me da mesa de Jake para ouvi-la melhor.

— Estão bem por aqui. Estou me acostumando com Seattle, mesmo que seja bem frio o tempo todo. — sua voz me traz uma paz inexplicável. — Eu tenho treinado algumas vezes por semana e estou conhecendo a cidade.

Parisa, se você soubesse como machuca ouvir a sua voz e não poder pronunciar-me e deixá-la saber que estou aqui, *ouvindo-a*.

— E quando você volta? — Jake está tão ou mais ansioso do que eu para que esse dia chegue.

Um espaço de tempo corre, deixando-me aflito até que Paris volta a falar. Eu não sei o que ela está fazendo, mas parece como se estivesse sussurrando com alguém e isso deixa-me nervoso e mais ansioso do que eu já estou.

— Pai... Eu não sei quando vou voltar, eu estou gostando de estar aqui com a mamãe e... — um barulho de algo caindo e risadas interrompem Parisa. — Oliver, merda! Eu estou no telefone, pelo amor de Deus! — ela exclama com a voz distante.

Quem. Diabos. Porra. É. Oliver?

Sem qualquer chance de controle, raiva e fúria queimam em meu peito quando a imagem de Parisa e outro homem invade a minha mente. ***Parisa é minha.*** Eu sei que ela é minha e que *ela pertence a mim*.

— Quem é Oliver? — Jake rosna, enquanto eu me seguro para não começar a bradar e exigir respostas de Parisa.

— Filho do marido da mamãe, você sabe, pai. — diz, com a voz mais próxima e alta.

Mais irritado do que estive durante todas essas semanas, levanto-me e saio da sala de Jake. Minha garganta está seca e minhas mãos logo começam a tremer. Pego minha mochila no banco e marcho irritado até a porta. Assim que passo por lá, escuto uma voz familiar.

— *Criança.* — sua voz intensifica minha raiva.

No momento em que eu o encaro, percebo que ele mudou muito. Seus cabelos estão mais grisalhos, o rosto está cheio de rugas e os olhos sem qualquer expressão lhe deixam ainda mais sombrio do que sempre foi. Seu corpo grande

agora está curvado, enquanto ele se segura em uma bengala.

— O que diabos pensa que está fazendo aqui? — pergunto, secamente.

Sem desviar os olhos, ele abre um sorriso insuportavelmente cínico. Sinto que a qualquer segundo eu vou socar sua boca, mas mantenho-me firme e não lhe dou qualquer porra de confiança.

Eu não o quero perto de mim.

— Fiquei sabendo que está ganhando muito dinheiro. Sua avó precisa de ajuda, criança. Não temos dinheiro para comida. — comenta, sem deixar de sorrir.

Imagens passam por minha cabeça, deixando-me quase alucinado com as lembranças.

“O cômodo gelado não me irrita mais.

Não me lembro quantas vezes estive aqui, mas com certeza já foram tantas que eu já estou acostumado.

***Quarto Escuro** é como eles o chamam. Eu sou colocado aqui dentro sempre que eu me descontrolo ou sempre que eles decidem que não querem ter que lidar comigo.*

Minhas pernas já estão fracas e eu mal consigo ficar de pé. Meus braços longos são as únicas coisas que uso para me sustentar em pé, já que eu estou segurando com toda força que me resta nas correntes que prendem meus pulsos. Elas descem do teto e eu estou aqui: preso, de pé, até que eles se cansem de me ver dessa forma.

O sangue ainda seco que saiu do meu nariz e da minha boca na noite passada não me irritam também, mas eu posso sentir o cheiro ruim que exala do meu corpo. Fazem quatro dias que estou aqui e quatro dias que eu não banho ou que sou solto. E, fazem dois dias que eu não como ou bebo qualquer coisa.

O ranger da porta me alerta e logo eu tomo uma respiração profunda. A luz é ligada repentinamente e eu permaneço de olhos fechados. Eu não tenho permissão para abrir os olhos enquanto estiver aqui dentro, a não ser que eles mandem que eu o faça.

— Cadê o pão da criança, Sally? — sua voz forte e alta soa pelo quarto.

Finalmente eu terei algo para comer depois de longos dias.

— Que pão? Ele não merece nada, Peter. — a voz estridente da mulher retruca e meu estômago se contorce.

— Abra os olhos, criança. — o homem que devia ser meu avô, diz.

Tento e abro meus olhos, acostumando-me com a claridade.

Eu não consigo olhar com nitidez nos dois minutos seguintes, mas logo depois disso, eu me acostumo e percebo o que ele esteve fazendo no quarto escuro desde a última vez que a luz foi ligada e que eu tive permissão para olhar o cômodo.

*As paredes eram cobertas por imagens. **Fotos.***

O casal de cabelos loiros está de forma estupidamente bonita, mas nada desperta qualquer sentimento bom em mim. As fotos são grandes e todas alegres, mas bem no meio delas, tem a foto de um acidente de carro.

A imagem é maior que todas as outras e me atormenta todos os dias.

— Vê, criança? Vê o que você fez, verme? — sou golpeado nas costelas e cerro os dentes, segurando com força as correntes que passam por meus pulsos.

— Ele não merece qualquer pão, nem sequer água. Deixe-o aí por mais alguns dias. — a voz feminina e aguda grita, possuída de raiva.

Minha avó.

Sinto aquele homem atrás de mim e no segundo seguinte, ele chuta minhas pernas.

Meus dentes cerrados estão apertados em linha mais reta e mais forte ainda. Eu sinto como se pudesse morrer a qualquer segundo. A saliva começa a sair por entre meus dentes, enquanto eu torço mentalmente para sobreviver por mais alguns dias.

— Vou deixar a luz ligada — o homem diz, passando por mim. — Espero que reflita sobre suas ações, verme. — ele bate a porta.

Sou deixado sozinho mais uma vez no Quarto Escuro, que não é mais escuro. Tento me firmar em meus pés, mas minhas costelas reclamam. Provavelmente algumas estão fraturadas, já que não consigo me segurar de forma correta nas correntes e nem me manter firme sobre meus pés.

Um grunhido sai por meus lábios e tudo a minha volta começa a girar. Encurto minhas respirações, pois respirar torna-se difícil para mim. Com os olhos bem abertos, fito o casal que está colado nas paredes. Eu não realmente os conheci, mas ao mesmo tempo em que sinto muito, eu não consigo sentir nada bom enquanto os observo. A dor tomava conta de mim e eu não sei mais distinguir o que é bom ou ruim.

Na realidade, nunca foi me mostrado qualquer sentimento bom.

Eu não sei o que é sentir boas coisas, e provavelmente nunca vou saber.”

— Por que não vai procurar um trabalho? — pergunto, olhando para longe dele.

Se eu continuasse encarando sua fodida cara, eu acabaria enterrando meu punho no seu nariz.

— Somos velhos, criança. Não podemos trabalhar. O dinheiro que recebemos mal dá para o aluguel. — escuto ele bater com a bengala no chão.

— Quero mesmo que se foda e passe fome. — viro e o encaro. — Eu não tenho nada com vocês e aviso para que não me procure daqui pra frente. — meus dentes trincam, enquanto seus olhos parecem se encher de fúria.

— Você é mesmo um estúpido verme do caralho. — sua antiga forma está de volta e ele joga a bengala para o lado, tomando seu tamanho original.

— Estava brincando de vovô bom para ganhar alguns trocados? — um riso seco sai por meus lábios, enquanto eu pergunto.

Eu sou maior que ele, mas ele não deixa de vir para cima de mim. Mesmo velho, ele não perdeu o ar de prepotência que sempre o arrodeou.

— Você vai se arrepender disso, *verme*. — rosna, sério.

— Você que vai se arrepender se voltar a me procurar. — digo bem alto. — E eu realmente quero dizer isso. Volte sua maldita bunda para o seu inferno e esqueça meu nome.

Ele me dá as costas com os olhos em chamas. Ando em direção ao meu carro e paro quando escuto sua voz outra vez.

— Se está pensando que se livrou de mim ou de Sally, não se engane.

Pondero se devo ou não lhe responder, mas resolvo me afastar dele o mais

rápido possível, ou eu acabaria em uma maldita delegacia.

O dia não podia piorar.



Um mês mais tarde...

O botão de enviar me desafia a cada minuto que se passa, e a cada novo gole que eu dou no líquido que preenche minha garrafa de vodca, mais confiança eu começo a adquirir. A mensagem que eu escrevi há quase quatro horas ainda está ali, esperando eu arrumar coragem e jogar minha dignidade no lixo, para que eu, finalmente, a envie. Eu não escrevi muito, apenas o suficiente. Um pedido bem simples.

“Querida,

Volte para casa.

Furor.”

Eu não espero por uma resposta sua, apenas quero que ela perceba o quanto eu preciso dela. Essa distância está me deixando louco. Noite após noite, eu pego o carro, vou para o *pub* mais próximo e bebo tudo que encontro pela frente para tentar esquecer Parisa, mas parece que quanto mais bêbado eu fico, mais as alucinações de Parisa em minha mente parecem ser reais.

Aperto no botão de enviar e jogo meu celular para o lado.

Se eu tenho algum problema em esperar por Parisa? *Sim*. Eu a quero, e a quero *agora*. É desgastante e doloroso, mas não consigo pensar em nada além dela.

Meu celular começa a tocar no tapete e eu o pego rapidamente. A tela pisca com o nome de Parisa e eu mal posso acreditar que ela está me ligando. Estou metade bêbado, caralho. É uma péssima hora para falar com ela, mas eu o faria. Atendo o celular e respiro fundo. Do outro lado da linha eu não escuto quase nada, então sinto que ainda não é hora para falar. Só de saber que ela está em ligação comigo já é o suficiente para mim nesse momento.

Meus pensamentos são poucos e eu me sinto extasiado. Levanto-me do

chão e cambaleio até a sacada, me jogando na minha poltrona com a minha garrafa de vodka.

— Trent. — ela murmura, sua voz mais doce do que nunca.

Deixo meus olhos fecharem e inalo o ar levemente frio. **Porra, Parisa.** Um estranho sorriso começa a se espalhar pelos meus lábios e eu me conformo com o que tenho. Sua voz já é reconfortante pra caralho para mim.

— Querida...

Minha voz sai rouca e arrastada. Minha língua está levemente pesada por conta da bebida, mas foda-se. Percebo que é cedo demais para ela estar acordada e logo começo a falar novamente.

— O que faz acordada tão cedo, querida? — questiono, tomando o último e longo gole da minha bebida, deixando a garrafa no chão.

Escuto ela suspirar do outro lado.

— Tive um pesadelo estranho e acordei. — responde baixo. — Andou bebendo, Trent? — deixo um riso escapar.

— Digamos que sim. — respondo evasivamente e eu sei que ela acabou de rolar os olhos. — Não role os olhos, querida.

Ela bufa do outro lado.

— Não tem como você saber que eu fiz isso. — retruca entre dentes.

Bem, porra, eu sinto falta de irritá-la todos os dias.

— Eu sei **tudo** sobre você, Parisa. — murmuro vagarosamente.

Ela pigarreia e eu tenho certeza que a deixei constrangida. Suas orelhas com certeza estão vermelhas, levando o sangue para suas bochechas.

— Tudo bem por aí? — troca de assunto e eu esforço-me para não rir.

— Mesmo inferno de sempre. — a sinceridade escorre por minhas palavras. — Preciso que volte para casa, querida. Você é a minha paz, porra! — praguejo, sentindo meu sangue ferver.

Não me conformo. Eu a quero *aqui* do meu lado.

— Trent...

Ela sussurra e logo lembro-me do tal Oliver. Abro meus olhos e encaro o céu escuro. A raiva começa a consumir minha mente repentinamente.

— *Quem é Oliver?* — cuspo a pergunta com clareza.

Parisa demora alguns segundos para responder e isso me deixa mais puto ainda. — Como sabe sobre Oliver? — retruca e eu rolo os olhos.

— Qual a parte de “*sei tudo sobre você*” que está difícil de entender? — indago entre dentes, cerrando os olhos em vão, já que ela não estava me vendo.

— Você continua o mesmo idiota de sempre, não é mesmo? — pergunta, mas não espera por minha resposta. — Ele é o filho do marido da mamãe e agora, um amigo meu.

Amigo...

— Ele sabe que é apenas um amigo? — sinto a necessidade de perguntar.

— Claro que sim! — exclama rapidamente, como se eu estivesse ofendendo-a.

— Bom que ele saiba, porque se ele *fodidamente* tocar em você no lugar errado, ele é um cara *morto*. — murmuro.

Meus dedos fecham em torno do celular com força. Não me agrada ter esse tal Oliver ao redor de Parisa vinte quatro horas dos sete dias da semana. *Não* me agrada *nenhum imbecil*, que não saiba seu lugar, perto de Parisa.

— Não quero falar sobre isso. — enuncia um minuto depois.

— *Isso é nós?* Por que eu quero falar sobre *isso*, e especialmente sobre ***você***. — rosno entre dentes. Eu não gosto do seu descaso. — Quando você vai voltar para mim? Se demorar muito, eu vou atrás de você, Parisa. Dois meses já é demais para mim.

— Preciso de mais algum tempo, Trent. Eu não quero que venha até mim. — sinto ela hesitar. — *Voltarei quando for a hora certa.*

Que diabos de hora certa é essa?

Ela está fodendo com minha mente.

— Odeio essa distância que criou entre nós.

— Apenas respeite meu tempo. Não há problema em nos falarmos ocasionalmente pelo telefone. Podemos levar isso sem danos, Trent. — ela tenta explicar, mas para mim não tem qualquer explicação. — *Espero que esteja em boa companhia.*

Ela solta as últimas palavras e eu acabo rindo. Não sei de onde diabos ela tirou isso, mas o ciúme em seu tom de voz é praticamente palpável.

— Não se preocupe quanto as minhas companhias, eu não tenho uma há algum tempo. — digo. — E a única que eu realmente quero, está em Seattle, mantendo-se longe e torturando minha mente. — bocejo, cansado.

— Sinto muito por você. — diz, rindo.

— Tem sorte pra caralho de estar longe ou então eu faria você se arrepender por estar rindo de mim, *querida*. — ameaço rouco e ela para de rir.

— **Trent...** — murmura em um aviso fraco.

Ficamos em silêncio apenas ouvindo a respiração um do outro por longos minutos. — Preciso ir. — diz, quebrando o silêncio.

Quero dizer-lhe para ficar por mais algum tempo, mas não o faço.

— Bom dia, *querida*. — me despeço dela.

— Bom dia, Trent.

Parisa finaliza a ligação e eu deixo meu celular cair na poltrona. Isso foi o suficiente para trazer uma paz momentânea para dentro de mim. Fecho os olhos mais uma vez e logo estou dormindo sem qualquer sentimento ruim para me atormentar dessa vez.

Capítulo 19

Parisa Cohen

Um mês mais tarde...

Levanto-me da minha cama tomando uma respiração profunda, enquanto tento me acalmar. Eu nunca fui de ter pesadelos, mas hoje eu tive um horrível. Trent estava em minha frente e seu rosto estava tão devastado que meu coração aperta até agora com a lembrança. Ele me dava as costas e saía andando, e quando eu tentei ir atrás dele, meu corpo parecia estar preso, não me deixando alcançá-lo de forma alguma. Pareceu tão real que uma onda de medo e apreensão tomou conta de mim.

Amarro meu cabelo curto com um elástico e caminho até a minha pequena sacada. O vento frio de Seattle não me incomoda tanto quanto o fazia antes. Eu estou acostumada, mesmo que tenham se passado apenas dois meses desde a minha chegada. Até agora esses dois meses estão me fazendo muito bem. Eu tenho meu espaço aqui, ainda que Oliver muita das vezes apareça para fazer uma piada ou outra.

Eu estou me descobrindo cada vez mais depois do acontecido no salão de beleza. Nunca pensei que pudesse ser bonita, mas agora, quando me vejo no espelho, posso perceber que sou bonita.

De qualquer forma, eu não sabia que estava pronta para uma transformação até que Oliver me arrastou para isso. Eu ainda não sei como lidar com maquiagem, por isso não uso muita. Minhas roupas mudaram um pouco, mas meu estilo não. Ainda têm dias que eu apenas me enfio nas minhas velhas roupas três números mais largas e dou uma banana para o mundo e seus preconceitos. Mas têm dias que eu coloco as roupas do meu tamanho e me sinto bem fazendo aquilo. Meus jeans colados e camisetas justas me irritaram muito na primeira vez que os coloquei, fazendo-me arrancar as peças do meu corpo rapidamente, mas agora eu sei que isso não é nada demais. Eu posso usar um jeans colado e uma camiseta sem surtar total e, de quebra, ainda me sinto bonita.

E eu gosto muito disso. Muito mais do que um dia eu pensei que gostaria... Quero dizer, eu nunca gostei de como eu era antes, mas agora eu me aceito. Não por parecer bonita, mas sim por estar completamente confiante de quem eu sou.

Os meus pensamentos fogem e me levam novamente para Trent. Dizer que

eu não sinto sua falta é a pior mentira que eu poderia falar. Eu sinto muito sua falta. Sempre fomos como unha e carne. Eu sinto falta disso. Sinto falta de ter alguém me olhando de forma tão intensa que chegava quase a ser sufocante. Não que Oliver não faça isso, mas eu sei o que Oliver quer e ele já deixou isso bem claro. E eu gosto de Oliver. Ele se tornou um amigo indispensável para mim. Ele coloca um sorriso em meus lábios com muita facilidade e eu aprecio muito isso.

Mas com Trent era diferente. Ele não me fazia rir com facilidade e eu sempre me senti presa com seus olhares enigmáticos e observadores. Era como se ele sempre quisesse me falar algo, mas no final ele acabava não soltando uma palavra sequer. No entanto, no dia do aeroporto ele fez algo importante que, se eu não estivesse tão sufocada pelos acontecimentos, eu ficaria com ele em New York. Ele suplicou para que eu ficasse. A forma como ele disse desejar-me me deixa quente como o inferno, porque eu ainda o desejo mais do que tudo.

Ele precisa de mim assim como eu preciso dele.

No momento em que ele deixou todas aquelas palavras saírem por sua boca como uma súplica final, eu soube que ele me amava, que ele me amava assim como eu o amava. Assim como eu o amo.

*Um amor **muito** cru, **muito** bruto, mas **muito** real.*

Eu quero que ele seja minha realidade.

Há horas que eu me pego pesquisando seu nome na internet. As fotos não mostram nem um terço de sua beleza, mas ainda assim, quem as visse não teria uma dúvida sequer de que ele é bonito pra caralho. Isso me irrita um pouco.

Eu não tenho notícias de Trent, então eu não sei se ele está indo para festas com os caras, e eu sei o que acontece nessas festas. Uma vez eu segui Trent depois de uma luta. Ele mandou Jaz me levar para casa, mas eu consegui suborná-lo com meus “*olhos bonitos*”. O lugar para onde ele foi, era um clube só pra gente com muito dinheiro e eu sabia que quem entraria ali tinha que estar com sua pulseira. Era uma festa privada e eu ouvi os caras planejando essa festa durante toda a semana. Eu acabei roubando uma quando estava sozinha na sala de concentração de Trent. Eu não sabia que me arrependeria em fazer isso, mas quando vi Trent rodeado de mulheres seminuas meu coração quase saiu pela boca. Eu tinha apenas quinze anos e ele tinha quase vinte.

Eu nunca me senti tão humilhada na vida como naquele dia.

Lembro-me de recolher todo o resto de dignidade que eu tinha para não fazer uma cena e ir perguntar o que diabos ele estava fazendo com aquelas putas do caralho. Quando eu saí do clube, Jaz me esperava com o rosto de quem sabia o que eu tinha visto. E ele provavelmente sabia.

Foi a primeira vez em que ele me viu devastada por Trent.

Eu tinha medo que Trent estivesse fazendo o mesmo que fazia naquele tempo. Eu sei que mesmo uma pessoa amando a outra, o desejo carnal às vezes fala mais alto. E Trent é um lutador. Eu já presenciei o quão tenso ele fica. Eu sei, porque os caras viviam repetindo isso, que o sexo aliviava a tensão deles, mas algo me diz que não é sobre a luta em si que ele fica tenso. Parece ter algo a mais envolvido, algo que ele não quer me contar.

Solto um suspiro, sentindo-me derrotada e volto para dentro do quarto. Pego meu celular e me jogo em minha cama. Começo a vasculhar minhas poucas fotos e encontro uma que tirei quando Trent tinha dezenove anos. Era seu aniversário e eu tinha feito um bolo de chocolate para ele. Seus olhos nunca brilharam tanto como naquele dia, e essa é — provavelmente — uma das melhores lembranças que eu tenho de nós dois.

“Finalmente terminei de fazer esse bolo de chocolate.

Eu me lembro que da última vez que eu fiz um bolo, Trent o comeu quase todo, deixando-me furiosa com ele. Dessa vez ele pode fazer isso, afinal é seu bolo.

Escuto risadas do lado de fora e percebo que estou parecendo mais horrível do que sempre pareço. Eu estou suja de chocolate por todo lado, meu cabelo está preso num coque que está sujo de farinha de trigo, minha camisa preta está mais suja ainda. Eu devia ter começado a fazer o bolo mais cedo, então eu teria algum tempo para banhar e trocar de roupa. Agora vai assim mesmo.

— Parisa, chegamos! — papai exclama da sala.

Pelo menos eu já tinha limpado tudo na cozinha, então a única coisa suja sou eu.

— Estou na cozinha. — grito de volta.

Pego as duas velas rapidamente e as enfio no bolo.

19.

Papai é o primeiro a entrar na cozinha e logo os caras vem atrás dele. Trent é o último a aparecer. Ele está usando jeans e moletom. Meu coração parece querer sair pela boca e quando ele olha para mim. Eu não consigo conter o sorriso que se espalha por todo meu rosto.

— Ah, merda! Você fez um bolo, Paris? — Mike pergunta, encarando o bolo.

Rolo os olhos, mas não deixo de olhar para Trent logo em seguida.

— Se alguém está fazendo aniversário, eu estou fazendo o bolo. — respondo, sem pressa.

— Não foi isso que aconteceu quando eu fiz aniversário no mês passado. — Paul reclama e eu acabo rindo.

Desvio meu olhar do de Trent e encaro Paul.

Ele está emburrado e de braços cruzados.

*— Desculpe, vou reformular a frase. — falo, limpando a garganta rapidamente. — Se alguém **importante** está fazendo aniversário, **eu** estou fazendo o bolo.*

Lucas começa a rir bem alto com Mike, enquanto Max bate no ombro de Paul, rindo e tentando consolar o amigo. Percebo que papai me observa atentamente, mas ri com os outros.

— Isso só quer dizer uma coisa. — Paul diz, com as bochechas em chamas. — Trent é seu preferido. — cospe, chateado.

— Depois do papai, sim, ele é meu preferido. — confesso, sorrindo de lado e piscando para ele.

Encaro Trent novamente e dessa vez ele está encostado na parede, de braços cruzados e com um pequeno sorriso deslizando em seus lábios. — Feliz aniversário, Trent. — falo, colocando o meu sorriso mais brilhante e oferecendo-o para ele.

Ele se aproxima lentamente de mim e eu prendo a respiração, tentando não cair dura no chão.

Minhas pernas parecem ser feitas de geleia.

— Querida, não precisava fazer isso. — ele diz, parando na minha frente.

— Claro que precisava, é seu aniversário. — resmungo, rolando os olhos porque eu já esperava uma reclamação dele antes de seu agradecimento.

— Obrigado por isso e por tudo. — resmunga, sua voz é rouca e baixa.

Dou de ombros e ele ri baixinho, puxando-me para ele no próximo segundo. Ele me tira do chão, abraçando-me muito forte. Meu coração vai na boca e volta com seu afeto público e repentino.

— Eu estou suja da cabeça aos pés, Trent. — sussurro, tentando ignorar seu abraço.

— Você fez um bolo para mim, querida. Não ligo se vou ficar sujo ou não, apenas preciso te agradecer por isso. — diz, em meu ouvido. — Agora corresponda o abraço se quiser que eu te solte.

Contra minha vontade eu tenho que corresponder o abraço, mas o que eu quero mesmo é que ele não me solte nunca mais.

— Será que podemos cortar o bolo? — Lucas pergunta.

Quando olho para ele, vejo que Lucas e Mike enfiam o dedo na cobertura do bolo. Cerro os olhos para os dois, segurando os ombros de Trent com força, pronta para ir dar uns tapas na cabeça dos dois idiotas.

— Quem mandou enfiarem o dedo no bolo? — rosno, irritada.

Trent me coloca no chão e eu parto para cima de Lucas e Mike.

— Vocês não iam sair do abraço tão cedo, então resolvemos que comer seria mais interessante do que vê-los tão afetivos. — Lucas diz, colocando Mike em sua frente.

Sou segurada por papai antes que eu chegue até eles.

Os dois mandam língua para mim e eu mando o dedo do meio de volta. Difícil mesmo é achar quem é o mais maduro na situação.

— Vamos partir o bolo. — papai diz. — É com você, garoto. — sou colocada ao lado de Trent e o mesmo segura minha mão.

Esquecendo da minha irritação com os dois idiotas, pego o isqueiro que está em cima da mesa e acendo as duas velas. Logo Mike começa a cantar

parabéns e todos nós o acompanhamos.

Trent aperta minha mão levemente e eu viro meu rosto para encará-lo, enquanto eu canto com os outros. Ele me olha de rabo de olho e eu sorrio. Eu realmente não consigo conter meu sorriso enquanto ele parece sem graça por estar nessa situação.”

A lembrança de Trent faz com que meu estômago dê voltas, principalmente por serem lembranças daquele dia. Depois que ele cortou, *todo torto*, o primeiro pedaço do bolo, ele ofereceu para mim. Eu lhe lancei um sorriso e agradei enquanto os caras reclamaram por longos minutos.

Depois que eu servi todo mundo, fomos pra sala e ficamos conversando. Trent ficou me encarando e eu não perdi a chance de encará-lo de volta. Sempre fomos assim. Nenhum dos dois nunca gostou perder a guerra visual que acontecia entre nós.

Suspiro fraco, enquanto fecho os olhos e tento relaxar um pouco. Meu celular vibra na minha mão e eu abro meus olhos outra vez. *Oh, merda!* É uma mensagem. Uma mensagem de Trent!

“Querida,

Volte para casa.

Furor.”

As palavras que ele usa nessa mensagem são tão simples, mas com um significado pesado para mim. Eu preciso falar com ele. Ouvir sua voz... Ouvir ele me chamar de *querida*.

Penso por mais alguns breves segundos, mas não demoro para me decidir e apertar no botão verde do meu celular, enquanto eu espero ansiosamente Trent atender. E ele o faz não muito tempo depois.

Eu não escuto nada mais do que a respiração pesada de Trent, então decido ficar calada, mas sei que ele está comigo nesse momento. — Trent. — corto o silêncio ao murmurar seu nome.

Ele continua calado e eu respiro fundo, começando a realmente me questionar se essa foi uma boa ideia. Eu quero muito ouvir sua voz, *droga!*

— Querida...

Ele finalmente murmura de volta, com a voz rouca e arrastada. Um frio se instala na minha barriga e os arrepios sobem por minha espinha enquanto eu sorrio satisfeita. Eu adoro como ele fala essa palavra.

— O que faz acordada tão cedo, querida? — questiona, com a voz mais arrastada que antes.

Solto a respiração em um suspiro fraco. Consigo perceber que ele enrola língua, dando-me a certeza de que esteve bebendo.

— Tive um pesadelo estranho e acordei. — respondo sincera. — Andou bebendo, Trent? — eu indago, mas já com toda certeza de que sim, ele andou bebendo.

— Digamos que sim. — responde evasivamente, fazendo-me rolar os olhos. — Não role os olhos, querida.

Bufo irritada.

— Não tem como você saber que eu fiz isso. — retruco entre dentes.

Assim que me dou conta do que estamos fazendo, sinto uma onda de nostalgia enorme crescer dentro de mim. Eu sinto falta de discutir com ele por coisas bobas, ou até mesmo, fazer pirraça.

— Eu sei **tudo** sobre você, Parisa. — murmura sem pressa.

Solto um pigarro, limpando minha garganta. *Sim, Trent, você sabe tudo sobre mim.* Um calor vem das minhas orelhas até as minhas bochechas. Mesmo de longe ele consegue me constranger.

— Tudo bem por aí? — troco de assunto rapidamente, tentando recuperar-me.

— Mesmo inferno de sempre. — murmura sincero e eu fecho os olhos. — Preciso que volte para casa, querida. Você é a minha paz, porra! — pragueja, entre dentes.

Droga, Trent.

Ele também é minha paz, mas eu ainda não estou pronta para voltar.

— Trent... — sussurro, tentando procurar outras palavras, mas não consigo falar mais qualquer outra coisa.

— *Quem é Oliver?* — Trent cospe a pergunta do nada.

Abro meus olhos um pouco assustada. Como diabos ele sabe sobre Oliver? Será que a Pam falou algo sobre ele, ou será que foi o papai?

— Como sabe sobre Oliver? — retruco, curiosa pra caramba.

— Qual a parte de “*sei tudo sobre você*” que está difícil de entender? — indaga entre dentes e eu rolo os olhos com seu tom de voz impaciente.

— Você continua o mesmo idiota de sempre, não é mesmo? — pergunto, mas não espero uma resposta. — Ele é o filho do marido da mamãe e agora, um amigo meu. — completo.

Seja o que for que Trent esteja pensando, não é nada bom.

— Ele sabe que é apenas um amigo? — pergunta.

— Claro que sim! — exclamo, sentindo-me ofendida.

Quando Trent resolve dar uma de idiota, ele realmente faz isso muito bem. Ele acha que eu estou tendo o que com o Oliver?

— Bom que ele saiba, porque se ele *fodidamente* tocar em você no lugar errado, ele é um cara *morto*. — murmura.

O frio na barriga volta com força e eu tomo uma respiração profunda. Eu sei muito bem o que ele quis dizer com isso, mas eu apenas quero que ele diga com as palavras certas. Entretanto, não posso pedir isso dele, já que nem mesmo **eu** estou pronta pra dizer o que *sempre* quis dizer para ele.

É uma via de mão dupla. Eu por ele e ele por mim.

— Não quero falar sobre isso. — falo, percebendo o silêncio entre nós.

— *Isso é nós?* Por que eu quero falar sobre *isso*, e especialmente sobre **você**. — ele rosna entre dentes, mais irritado do que nunca. — Quando você vai voltar para mim? Se demorar muito, eu vou atrás de você, Parisa. Dois meses já é demais para mim.

— Preciso de mais algum tempo, Trent. Eu não quero que venha até mim. — hesito, porque lá no fundo eu quero que ele venha atrás de mim. — *Voltarei quando for a hora certa*.

Espero me sentir preparada para enfrentar tudo o quanto antes.

— Odeio essa distância que você criou entre nós.

Concordo mentalmente com ele.

— Apenas respeite meu tempo. Não há problema em nos falarmos ocasionalmente pelo telefone. Podemos levar isso sem danos, Trent. — eu tento explicar para ele e lembro-me que ele está bêbado. Não sei realmente onde Trent está no momento, mas sei que quando ele está bêbado ele tem um monte de vagabundas por perto. — *Espero que esteja em boa companhia.* — solto, sem conseguir segurar as palavras.

Sempre fui ciumenta pra caramba. Quase cheguei a socar uma *maria-tatame* que estava dando em cima de Trent lá na academia quando eu tinha apenas dezessete anos. Ela era a maior *Barbie-Puta* do caramba e estava me dando nos nervos. Por fim, eu acabei chamando Trent e pedi que ele me levasse para casa porque eu não estava me sentindo muito bem. Eu pude perceber que ele parecia desconfiado, mas foda-se. Eu realmente ia quebrar a cara dela se ela continuasse por mais cinco segundos.

— Não se preocupe quanto as minhas companhias, eu não tenho uma há algum tempo. — diz, sem nenhuma emoção na voz. — E a única que eu realmente quero, está em Seattle, mantendo-se longe e torturando minha mente. — finaliza e eu acabo rindo completamente aliviada.

— Sinto muito por você. — digo, entre risos.

— Tem sorte pra caralho de estar longe ou então eu faria você se arrepender por estar rindo de mim, *querida*. — ameaça, com a voz rouca e eu paro de rir imediatamente.

— **Trent...** — murmuro de volta em um aviso fraco, muito fraco mesmo.

O silêncio se instala novamente, mas não é algo que incomoda. O que realmente me incomoda é o fato de eu ter tanto para falar para ele, mas não achar que seja a hora certa para isso. Eu não posso ficar muito tempo em ligação com Trent quando estou sempre tentada a finalmente lhe dar pelo menos uma simples dimensão do que eu sinto por ele. *Do que eu sempre senti por ele.*

— Preciso ir. — finalmente quebro o silêncio.

Eu quero ficar e falar mais, mas apenas não consigo.

— Bom dia, *querida*. — se despede de mim.

Solto a respiração devagar, tentando controlar o desânimo que vai tomando conta de mim.

— Bom dia, Trent. — eu respondo e logo finalizo a ligação.

Respiro fundo uma, duas, três vezes e deito meu corpo na cama.

Eu sinto falta de tudo sobre ele. De estar perto dele, de sentir seu cheiro, de brigar com ele, de rir com ele, mas acho que o principal mesmo, é a falta absurda que eu sinto de lutar com ele. De quando ele resolvia colocar minhas bandagens para mim e vice-versa, porque no final nós sempre entrelaçávamos nossos dedos e ele piscava para mim.

Sim, eu quero voltar.

O fogo vai finalmente conhecer a gasolina.

Capítulo 20

Trent Wayne

Dois meses se arrastaram de forma quase impiedosa depois que eu soube dos próximos destinos do Circuito. Alabama, New Jersey, Colorado, Seattle, Boston e depois de volta para New York.

Seattle.

Eu estou quase definhando de tanta ansiedade.

A ideia de ver Parisa em mais algumas *poucas* horas não sai da minha cabeça nem por um fodido segundo. E ainda mais por que Pamella está conosco, ou seja, eu posso pedir para ela me levar até a casa da sua mãe.

Até Parisa.

Porra, claro que sim!

Eu já tenho um plano, e deixar Seattle sem ver Parisa não está no meio dele. E se eu quiser arriscar, sendo um pouco otimista, posso adicionar “*trazer Parisa de volta para casa comigo*” no plano. Eu sei que ela não acha que está pronta, mas eu não aguento mais toda essa distância.

— Animado para Seattle? — Max indaga.

Estamos todos no meu jato particular, voando do Colorado para Seattle. A luta de ontem à noite foi foda. Fui golpeado por todo lado por causa da minha ansiedade e agora sinto meu corpo pesado pra caralho. — Nunca estive tão animado em toda minha vida. — retruco, entre dentes.

A última vez que falei com Parisa eu estava bêbado como o inferno, o que aconteceu há dois meses, e ela ainda nem voltou para New York. Não sei o que diabos ela está pensando, mas, **porra**, já se passaram quatro meses desde sua partida.

Está na hora dela voltar para o lugar de onde nunca deveria ter saído.

— Eu consegui algo pra você. — Max anuncia, jogando-se na poltrona ao lado da minha.

Levanto uma sobrancelha, desconfiado, enquanto ele tira um papel do bolso

de sua calça. Max joga o papel para mim e eu o apanho no ar. — É o endereço da casa da mãe da Parisa e Pamella. Eu estava falando com a Pam e consegui isso com ela, acho que é algo que te interessa. — ele dá um sorriso de lado sem nem mesmo me fitar.

Leio o endereço escrito no papel e não contenho o sorriso que começa a escorrer por meus lábios.

— Obrigado, cara. — agradeço e Max me encara de volta.

— Só não vai fazer merda, certo? Se quiser ver Parisa, eu vou com você. *Ou melhor*, todos nós vamos. Estamos todos sentindo falta dela. — diz e eu dou de ombros.

Não gosto dessa ideia.

Quero ir ver Parisa sozinho. Eu e ela, apenas nós dois.

Só assim posso tentar convencê-la a voltar.



Finalmente aterrissamos em Seattle.

Já é de tarde, quase cinco horas, e todos estão cansados da viagem, mas comigo é o contrário.

A adrenalina que toma conta de mim é quase sufocante.

— Os carros alugados já estão lá fora. — Mike diz, enquanto pegamos nossas malas.

Jaz pega a minha mala da minha mão e me dá o saco de gelo que estava segurando. Bem, porra, preciso de um pouco disso.

— Vocês podem ir para o hotel, eu tenho algo para fazer antes de ir pra lá. — aviso, sem mais delongas.

Pamella chega sorrindo com Max ao seu lado, e o mesmo me fita enquanto solta um sorriso amarelo. Antes que todos possam perguntar que diabos eu vou fazer, Pamella começa a falar.

— Não sei quantos de vocês vão topa, mas estou indo para a casa da

mamãe matar a saudade. — ela diz, sorrindo abertamente.

Porra, *não*.

Os caras começam a sorrir e eu percebo que os filhos da puta entenderam o que ela quis dizer.

— Claro que topamos. — Lucas é o primeiro a falar, com um sorriso de lado.

Claro, *é só o que me faltava*. Aperto o gelo com mais força na minha bochecha esquerda, sentindo minha raiva crescer consideravelmente dentro de mim.

— O que você ia fazer, Trent? — Mike pergunta e todos me encaram.

— Nada. — balanço a cabeça aleatoriamente e viro de costas para eles.

Sim, eu estava indo pedir a ajuda de Pamella para ela me levar até Parisa, mas existe uma grande diferença entre a *Parisa só comigo* e a *Parisa com os caras e comigo*. Mesmo que ela não seja *visualmente* o tipo desses imbecis, eu tenho medo de que alguém perceba que ela é, *porra, linda pra caralho*.

Tento acalmar meus malditos nervos, enquanto escuto Pamella falar com os caras. *Ninguém vai estragar isso*.

Eu vou ver Parisa depois de quatro malditos meses.



O caminho parece mais longo do que o esperado.

Eu estou dirigindo atrás dos dois carros em que os outros estão. Decidi ficar sozinho por que eu ainda estou puto pra caralho. Eu sou um asno egoísta quando se trata de Parisa. Sempre fui e, *provavelmente*, sempre vou ser. Continuo contrariado sobre a ideia de ter os caras lá para irritar Parisa. Eu já faço isso naturalmente, mas com eles por perto ela fica mais difícil ainda de se lidar.

Finalmente o carro em que Pamella está, para em frente a uma casa branca e grande. Estaciono atrás do carro que Paul, Mike e Lucas estão usando. Pego meu celular de cima do banco do passageiro, enfio no bolso e saio de dentro do carro com a chave.

Um som alto sai de dentro da casa branca e parece que estão tendo uma festa lá dentro, mas não percebo muita movimentação. Talvez a mãe da Parisa esteja apenas ouvindo música alta.

— Mamãe não costuma fazer isso, deve ser o Oliver. — Pamella diz, franzindo a testa.

Eu conheço esse nome e ele não me agrada nem um pouco.

— Seu irmão? — Mike pergunta.

— Ele é apenas filho do marido da mamãe... É mais ou menos um meio-irmão, sem essa coisa de sangue, mas mais por consideração mesmo. — diz, dando de ombros e sorrindo largamente. — Vamos entrar, eu ainda tenho minha chave. — balança as sobrancelhas para cima e para baixo.

Ela nos conduz pelo caminho e eu sou o último da fila indiana que acabou se formando. Jaz fica em frente aos carros com Garret e Simon, os outros dois seguranças.

Pamella abre a porta e entra no local, logo todos nós estamos a seguindo. O som de música eletrônica se torna mais alto ainda, quase ensurdecedor.

Assim que entro na casa, fico parado como todos os outros. O cara, que provavelmente é o tal Oliver, está de pé de braços cruzados sorrindo enquanto uma garota de vestido preto e curto, cabelos pretos na altura dos ombros e salto alto, anda até ele. Ou melhor, tenta andar. Suas pernas se enrolam no caminho, enquanto ela tenta se equilibrar no salto alto.

De alguma forma, ela parece-me familiar pra caralho. O lugar está com o cheiro da Parisa, então ela deve estar por perto enquanto o seu *irmão* se diverte com essa garota.

— Porra! Que curvas, caralho! — Mike grita ao meu lado, mal dando para escutar.

O Oliver finalmente nos avista, mas a garota não. Ele abre um sorriso largo enquanto me encara. Não desvio o olhar. O que quer que seja que ele esteja fazendo, ele *não* vai ganhar.

Ele volta sua atenção para a garota assim que ela se enrola mais ainda em suas pernas e cai em cima dele. Ele ri e no movimento seguinte puxa o rosto dela para ele. As mãos dela agarram seus ombros, enquanto ela parece tentar

empurrá-lo.

Filho da puta!

Será que ele não percebeu que ela não quer beijá-lo? Ele coloca uma mão em sua bunda, apertando-a e puxando-a para mais perto dele. Cerro os olhos, sentindo minhas mãos começarem a tremer.

A garota finalmente consegue se soltar dele e cai de bunda no chão. Ele continua rindo, enquanto ela tira os saltos de seus pés. Tirando um controle do bolso de sua bermuda, o cara aperta em algum botão e o som finalmente desaparece.

— Grande imbecil! Eu já falei sobre isso, Oliver. Quer dizer, *nós* falamos sobre isso. — **porra, não!**

— Belezinha, esse era apenas o último estágio do seu treinamento. — ele diz, sorrindo abertamente e eu dou o primeiro passo.

Não, *malditamente*, pode ser!

Ela se levanta, enquanto ele anda para longe dela e para perto de nós. — *Último estágio...* — resmunga debochada, pegando os saltos e se virando em nossa direção. — Você vai ter agora seu último estágio tamb...

Sua voz some e seus olhos ampliam enquanto percebe a plateia.

Eu vejo vermelho.

*Minha garota na porra de um vestido estupidamente curto e colado. Mas o que diabos aconteceu com seu cabelo? **Foda-se!** Onde diabos está a **minha** Parisa?*

Seus olhos finalmente encontram-se com os meus e eu a vejo ofegar parecendo perdida demais. A raiva que começa a queimar dentro de mim faz com que eu afaste meus olhos dela e encare aquele imbecil que está bem perto de mim nesse momento.

— **Porra...**

— **Que...**

— **Gostosa!**

— **Paris?**

Mike, Paul, Lucas e Max falam respectivamente, parecendo assustados pra caralho.

— *O que diabos significa isso?* — rosno entre dentes, perguntando para o filho da puta.

Meus pés me levam até ele, que não recua, só se aproxima, ficando de frente para mim sem desviar do nosso ataque visual.

— Você quer dizer o quê? O fato de eu estar beijando a *minha Belezinha*? — indaga, sorrindo de lado.

Eu o empurro para trás, pronto para enfiar meu punho na sua boca, mas sou parado no meio do caminho. As mãos macias que tanto me faziam falta seguram-me com máximo de força que elas têm. Aquilo realmente não me pararia, eu sou mais forte que ela mil *malditas* vezes, mas eu deixo Parisa pensar que tem o controle da situação.

— Oliver, eu não sou *sua Belezinha*. — ela diz, ficando na minha frente.

Ele sorri mais amplamente que antes e cruza os braços em seguida. — Não? Pensei que nossos beijos significassem algo para você, Belezinha. — levanta uma sobrancelha.

Puxo Parisa para fora do caminho e fecho o espaço que sobrava entre eu e Oliver, dando um soco certo em seu nariz. Ele sacode a cabeça e vem pra cima de mim. *A raiva me deixa completamente cego. Ele estava falando sobre que diabos de beijos? Parisa o beijou* outras vezes?

Ele acerta meu queixo com força e eu bufo irritado.

— Faça melhor, *fodido*! — rosno entre dentes para ele.

Parisa corre para ficar no meio de nós dois outra vez.

O nariz do porco está sangrando, enquanto eu não sinto nada mais que uma leve fígada no meu queixo. Talvez isso chegue a doer em alguma hora desse dia, mas agora eu estou entorpecido de raiva.

— Parem com isso! — ela exclama, empurrando-me para trás.

— Eu não comecei com isso. — o porco resmunga.

Parisa me olha e dessa vez eu não desvio os nossos olhares. Ela parece inspecionar a minha situação atual e eu apenas me deixo encará-la de volta.

Eu a esperei para nada?

— Acho que você tem que limpar isso, Oliver. — Pamella fala, se aproximando dele.

O clima no local não está nada bom. Minhas mãos continuam tremendo e Parisa ainda parece assustada e ansiosa.

— Vamos tomar algo. — Pamella diz outra vez.

Algum tempo depois todos começam a sair da sala resmungando enquanto eu e Parisa continuamos nos encarando firmemente. Os segundos correm lentamente enquanto eu tento encontrar a velha Parisa dentro da mulher na minha frente.

— *O que você fez?* — questiono, quase que desesperado.

Quero respostas.

Respostas para tudo que vi e que estou vendo.

— Eu... — ela tenta falar, mas para e respira fundo. — Eu mudei. — solta as palavras com se fossem simples de entender.

Para que diabos ela *mudou*? Não faz qualquer porra de sentido! Parisa nunca se preocupou com sua aparência e isso era uma das coisas que eu mais gostava nela. Ela é natural e nunca precisou de artifícios para parecer bonita.

Ela simplesmente é bonita, porra!

— Mudou para quê, Parisa? — me aproximo dela. — O que te fez mudar?

Meus dentes trincam, enquanto eu tento não colocar minhas mãos em cima dela.

— Mudei para mim mesma. — retruca, cerrando os olhos. — No começo eu não quis. Eu fui empurrada para *isso*, mas... Agora eu me sinto bem com a minha mudança. — explica.

Suas palavras são como o vento para mim enquanto tento entendê-la, mas nada entra na minha cabeça. A imagem viva do filho da puta beijando a *minha garota* apenas continua me deixando cego de raiva.

Parisa sai andando e sem pensar duas vezes eu vou atrás dela.

Ainda quero minhas malditas respostas!

— O que está fazendo aqui? — pergunta, subindo as escadas enquanto eu a sigo. — Pensei que tinha deixado claro a parte de *não vir atrás de mim*.

Sua voz não está muito certa do que ela diz.

— O Circuito me trouxe até aqui. — respondo, mais puto que nunca.

Chegamos ao andar de cima e ela continua seguindo pelo corredor. Ok, Parisa, *a fodida brincadeira de gato e rato acabou*.

Seguro seu braço e puxo seu corpo para mim. Ela se segura em meus ombros, enquanto eu aperto sua cintura e prendo seu corpo com o meu contra a parede.

— Já chega, Parisa. — rosno entre dentes, colando nossas testas.

— Já chega com o quê? — seus olhos brincam de cima para baixo, ora fitando minha boca, ora me encarando nos olhos.

Recolho todo meu autocontrole para não beijá-la nesse exato momento. — Não sei o que diabos significa tudo isso que está diante dos meus olhos. Eu gosto, *querida*, gosto muito. — descolando nossas testas, eu desço meu rosto e o enfio em seu pescoço. — Mas a outra Parisa é e sempre foi mais do que qualquer rótulo. — inspiro seu cheiro com força, o que me traz uma calma instantânea.

— Eu sou mais do que isso. — sua voz sai rouca e baixa, enquanto ela segura em meus ombros com mais força a cada segundo.

— Então me diga... — beijo sua pele macia. — O que aquele porco — beijo novamente, subindo minha boca até sua orelha. — estava fazendo com as mãos em cima de você?

A calma desaparece de mim quando me lembro da maldita cena. Ver outro cara com as mãos em cima de Parisa é tudo o que eu sempre me neguei a aceitar. E, *porra*, não é diferente agora. *Agora* é que tudo *literalmente* mudou. Sua mudança é como um maldito soco no estômago.

Ela é minha e precisa saber disso.

*Precisa **nunca** esquecer-se disso.*

— Eu n-não sei... — sua voz vai sumindo gradativamente.

— Você tem algo com ele? — cuspo as palavras, irritado.

Empurro mais meu corpo contra o seu, sentindo-a amolecer contra mim. Beijo sua orelha, tentando fazer com que ela ceda mais um pouco e me dê as *malditas* informações.

— Nós... — ela para de falar e ofega como se estivesse em uma luta interna. — Nós nos beijamos três vezes, mas foi só isso. Eu pedi para que ele parasse, e ele tinha parado, mas não sei o que diabos deu nele hoje. — diz e eu afundo meus dedos em sua cintura coberta pelo tecido fino do vestido. — E nas outras vezes eu estava bêbada. Nós saímos e eu bebi muito, mas eu o beijei. A culpa foi minha, mesmo eu estando fora de mim, a culpa realmente foi minha.. — completa.

Inferno.

O ciúme toma conta de mim.

— Por que fez isso? — pergunto, afastando meu rosto de seu pescoço e encarando-a de perto.

Sua boca está aberta, enquanto ela respira com dificuldade.

— *Eu não sei.* — diz, com um olhar confuso. — Agora... — respira fundo. — Me dê um bom motivo para não fazer isso nunca mais, Trent. Para que eu não deixe que *façam* isso.

Seu pedido me deixa ansioso.

— Volte para casa comigo e eu vou te dar todos os *bons* motivos que você precisa, querida. — digo evasivamente e ela rola os olhos.

— Me solta. — grunhe e eu sorrio de lado.

— Não vou te soltar, querida. — aviso.

Ela me olha irritada e rola os olhos outra vez.

Ficamos calados nos encarando fervorosamente.

— Me diga o que você quer. — pede, subindo suas mãos até o meu cabelo.

Ela puxa meu rosto pra perto e eu começo a ficar duro pra caralho com sua audácia. Ter Parisa me puxando contra si é como uma bomba de tesão explodindo em meu corpo.

— Eu **quero** você! Quero você como nunca quis ninguém e se são essas palavras que você precisa ouvir, são essas palavras que eu vou te dar. — minha voz sai ríspida, enquanto não desviamos o olhar um do outro. — Eu *sempre* quis você, querida. Com suas roupas folgadas, com seu cabelo amarrado, com seus tênis brancos ou sujos. Você é a mulher mais bonita que já vi, e observar você crescer durante todos esses anos me assustou pra caralho, porque eu tive que controlar o meu instinto de pegá-la pra mim. — ela sorri de lado. — Não vou parar mais nenhum dos meus impulsos se você me disser que também sempre se sentiu assim. Eu sei que sim, apenas quero ouvir da sua boca.

Seguro suas coxas nuas e a puxo pra cima. Parisa laça minha cintura com força e eu a empurro mais um pouco contra a parede.

— Eu sempre quis você, *lutador*. Sempre me senti da mesma forma que você acabou descrever. — diz. — Achei que fôssemos amigos. *Apenas amigos*.

— Não quero ser apenas seu amigo. — digo, sem mais delongas. — Quero estar sob sua pele, assim como você sempre esteve em mim. *Impregnada em mim*. Em todos os lugares.

Parisa solta um suspiro.

— Eu preciso de mais algum tempo antes de voltar para New York. — diz baixo e eu rosno irritado.

— O que diabos te prende aqui? É aquele maldito filho da p...

— Não é nada com ele. — ela me corta. — É comigo mesma, Trent. Não vou demorar aqui, só preciso de algum *pouco* tempo. — enrola meu cabelo nos seus dedos.

— Venha para a minha luta amanhã. — peço, enquanto ela continua com carinho em meu cabelo.

— Não sei se vou conseguir lidar com os caras me enchendo o saco. — diz, torcendo a boca levemente.

— Eu posso lidar com eles pra você. — digo, esperançoso.

— Melhor não. — murmura e eu bufo.

— Parece que você nunca vai fazer nada que lhe peço. — enuncio irritado.

— Qual vai ser a graça de me ter curvada a todos os seus desejos? —

pergunta, sorrindo de lado e eu cerro os olhos. — Obrigada pelo convite, lutador, mas nos vemos apenas em New York. — beija meu queixo.

Seu sorriso bonito me deixa mais calmo e acaba me persuadindo.

— Então venha comigo para o meu quarto de hotel. — ela levanta uma sobrancelha assim que termino a frase.

— Acha que vai ser fácil me ter, **Furor**? — pergunta cinicamente. — Eu quero você, mas isso não quer dizer que vai ser fácil assim. Lute por mim e eu vou lutar por você. Quero mais que apenas suas palavras. — ela me abraça forte. — *Ações, não palavras.* — beija meu pescoço por fim.

Respiro fundo outra vez.

— Senti sua falta como o inferno. — falo sincero. — Minha vida sem você é completamente vazia. *Eu sou vazio sem você.*

— Você ficou com alguma mulher durante esse tempo? — pergunta incerta depois de alguns segundos.

— Não, Parisa. Nada aconteceu entre mim e outras mulheres durante todo esse tempo. — digo e ela afasta o rosto para me encarar.

Ela solta um sorriso sem graça.

— Desculpe-me sobre Oliver. Ele... Ele esteve me ajudando durante esse tempo e... Eu sinto muito. — desvia o olhar do meu. — Ele é um amigo incrível. Só isso. — completa.

— Não me lembre da maldita cena. — rosno e ela sorri outra vez.

— Posso ir me trocar? — indaga.

Desço meus olhos dos seus, encontrando seu decote. O sangue ferve em minhas veias.

*Ela tem mais vestidos iguais a esse? Por que se sim, eu estou **completamente** perdido.*

— Você é o meu ponto fraco. — digo, fitando seus olhos bonitos.

— Você é meu ponto fraco. — retribui, beijando minha bochecha.

Afasto-me dela, colocando-a no chão e a encaro, precisando ouvir apenas

mais uma coisa dos seus lábios.

— Diga que é minha. — peço, entre dentes.

Seus olhos mudam de surpresos para satisfeitos e brincalhões.

— Diga que é meu. — retruca, cruzando os braços.

Nossa brincadeira de gato e rato está para acabar.

— Eu sou seu. — afirmo corajosamente.

Parisa abre um sorriso e empina o nariz.

— Eu sou sua. — diz, com os olhos brilhando.

É isso.

Está selado.

O meu caminho é ao lado dela e de mais ninguém. Vou reivindicá-la para mim e ela *realmente* será minha. Jake terá que aceitar porque eu vou lutar por Parisa com tudo que tenho e nunca, *nunca* desistirei dela.

Ela é minha e eu não vou deixar mais nenhum cara tocá-la.

Ela vai reconhecer apenas um toque, *e esse toque é o meu.*

Capítulo 21

Parisa Cohen

Assim que eu entro dentro do meu quarto, tranco a porta e deslizo pela mesma até o chão. A minha barriga está embrulhada, enquanto eu tento puxar o máximo de ar para os meus pulmões. Minhas mãos começam a tremer com a lembrança de Trent. Ele ainda deve estar no corredor, mas eu apenas não consigo voltar para encara-lo mais outra vez.

Eu mal posso acreditar no que acabei de ouvir.

Porra!

Ele me quer mesmo!

O sorriso que se espalha em meu rosto é o maior do que eu esperava. Trent está disposto a lutar por nós dois, assim como eu também estou disposta a fazer isso.

Levanto-me do chão e corro até meu guarda-roupas. Tiro o vestido preto que Oliver jogou em mim hoje mais cedo e pego uma calça de moletom folgada e uma camiseta preta, vestindo-me novamente. Batidas fracas soam através da minha porta e eu dou um pulo. Merda.

— Paris? Sou eu, Pam. — a voz da minha irmã está baixa.

É só a Pam, Parisa. Calma.

Caminhando até a porta, destranco-a e abro devagar. Pam está sorrindo de braços cruzados. Sinto minhas orelhas queimarem e acabo sorrindo involuntariamente.

— Posso entrar? — pergunta e eu abro mais a porta, acenando com a cabeça positivamente.

Pam passa por mim e eu fecho a porta. Ela se senta na minha cama e bate no lugar ao seu lado, indicando com a cabeça para mim. Ah, merda. Isso é embaraçoso. Sento-me ao seu lado e a encaro de volta.

— Você me parece incrível. — dispara e eu sinto o calor se espalhar em minhas bochechas.

— Obrigada. — minha voz é baixa.

Ficamos em silêncio até que ela começa a rir.

— Os caras já foram embora com Trent para o hotel. Eles acham que aquilo foi uma miragem, sabe... Você de vestido curto e salto. — cutuca meu braço e eu acabo sorrindo.

— Droga... Eles vão rir de mim. — percebo que pensei alto demais quando paro de falar e Pam rola os olhos.

— Rir? Eles vão babar os seus pés. — diz, mexendo as sobrancelhas e eu rolo os olhos. — E Oliver...? — pergunta sugestivamente.

Merda, Oliver!

— Preciso procurá-lo! — exclamo.

Tento me levantar, mas Pam me puxa de volta para o meu lugar.

— Ele saiu, Paris. Você não vai encontrar ele agora. — diz e eu suspiro baixinho. — O que eu quis perguntar é se está rolando algo entre vocês...

Encaro seus olhos curiosos.

— Não. — respondo francamente.

— Tem certeza? Ele estava bem puto quando o puxei para longe de você e Trent. — diz e meu estômago dá voltas.

— Tenho certeza. — afirmo, segurando meus dedos nervosamente. — Eu já conversei com ele sobre isso... Não sei o que deu na cabeça dele para ele fazer o que fez

— Ele sabia sobre Trent? — pergunta.

Vasculhando minhas memórias, eu lembro que sim. Ele sabia sobre Trent. No dia em que ele me beijou pela primeira vez foi justamente quando lhe contei sobre Trent. Esse dia eu estava muito nervosa e foi difícil convencer Oliver a me soltar. Aceno levemente com a cabeça e ela levanta a sobrancelha esquerda.

— E como Trent reagiu? — troca de foco e eu acabo rindo.

— Ele não gostou de nada do que viu. — sussurro.

Ela ri de mim e eu rolo os olhos.

— Ele ainda não fez um pedido de namoro?

Arregalo os olhos e começo a tossir. Uma coisa é Trent falar que me quer, outra coisa é ele me pedir em namoro. Consigo me lembrar muito bem que Trent nunca teve uma namorada. Uma vez quando lhe questionei sobre isso, ele apenas disse que *essa não era sua praia de jeito algum*.

— Não, ele não me pediu em namoro. — enuncio, mexendo em meu cabelo. — E acho que vamos manter isso apenas para nós dois por enquanto. Preciso sondar o papai. Não quero que ele exploda.

Ela assente concordando comigo.

— Espero que se revolvam o mais rápido possível. — diz, sorrindo e se jogando em cima de mim em um abraço forte e apertado. — Ah! Preciso lhe contar sobre Max...

Começo a sorrir, enquanto ela fala sobre Max com os olhos brilhando. É bom ter esse tipo de relação com a Pamella. Eu finalmente me sinto confortável com ela.



Pam resolveu ficar hoje, conosco, em casa. Ela colocou sua mala em seu quarto e quando a mamãe chegou com Will, foi a maior festa. Eu fiquei a noite toda olhando para a porta, esperando que Oliver chegasse logo para nós colocarmos tudo em pratos limpos.

Não quero que fique um clima estranho entre nós dois. Ele foi uma das melhores coisas que aconteceram comigo nos últimos meses e eu não quero perder nossa amizade.

São quase onze da noite quando Oliver finalmente entra pela porta.

— Ei, irmãozinho! — Pamella exclama.

Eu estou no sofá com Pam, assistindo filmes e mais filmes.

— Oi, gêmea feia. — resmunga, caminhando até a poltrona do seu pai e se jogando nela. Pam ri alto e me cutuca com o pé. Oliver pisca para mim e eu rolo os olhos. Levanto-me e ligo a luz. — Droga, Belezinha, eu não quero luz agora.

— reclama, colocando as mãos em seu rosto.

Caminho até ele e tiro suas mãos de lá. Seu nariz parece uma merda. *Não*, não acho que está quebrado, mas o avermelhado logo vai ficar roxo. Pressiono o meus dedos ali e ele reclama mais uma vez, empurrando-me para longe.

— Droga, Parisa. — grunhe entre dentes. — Estou bem, porra! É apenas meu nariz fodido pelo seu cara.

— Está horrível, Oli. — murmuro, abaixando-me para ver de perto. — Will vai me matar por te meter nisso. — ele ri.

— Vou deixar vocês dois conversarem. — Pam sai da sala em disparada.

Levanto-me e continuo encarando Oliver.

— Você pode me explicar por que fez aquilo? — pergunto finalmente.

Oliver se levanta e para na minha frente. Eu estou em desvantagem. Ele é bem mais alto que eu. Para falar a verdade, qualquer pessoa é *bem* mais alta que eu.

— Fiz o que era preciso ser feito para aquele imbecil abrir os olhos. — enuncia, cerrando os olhos para mim. — Ele nunca faria nada, Parisa. Ele nunca tomaria uma porra de iniciativa para ficar com você. — seus dentes trincam enquanto ele explica seu ponto. — Eu apenas queria mostrar pra ele que se ele não pegar você para ele, outras pessoas o farão.

Você tem um ponto, Oliver.

— Ele prometeu ao meu pai que nunca tentaria nada comigo. — respondo baixo.

Oliver sorri cinicamente.

— Ele quer agradar a quem? Seu pai ou você? — cruza os braços. — Eu fiz um favor para você, Belezinha. Eu fiz um favor para você porque eu *gosto* de você. — arregalo os olhos e ele se apressa em continuar. — *Não*, **não** é como está pensando. Eu gosto de você pra caralho, mas é como você gosta de mim. Você é minha melhor amiga — *e irmã* — gostosa pra caralho que eu ajudaria a qualquer momento e em qualquer circunstância. Não fiz aquilo por *Furor*, afinal nem o conheço realmente. *Eu fiz por você*. Você merece ser feliz.

As lágrimas começam a cair dos meus olhos e eu me jogo em cima dele,

abraçando-o forte. Oliver tem alguns pontos muito bons. Eu não sei realmente se Trent vai levar as coisas em frente ao ponto de falar para o papai que estamos nos vendo ou algo do tipo. Ele respeita meu pai pra caramba.

— Você também merece ser feliz. — minha voz sai entrecortada por causa dos meus soluços.

Ele ri me abraçando de volta e me tirando do chão.

— O seu cara vai estar em alerta agora. Se ele não agilizar as coisas, eu sei que outros caras vão cair matando em cima de você, e pelo soco que ele me deu, ele vai ficar bem mais puto e não vai economizar na força. — diz e eu começo a rir e chorar ao mesmo tempo. — Se o filho da puta me bater novamente e você priorizar dar-lhe atenção em vez de me ajudar, eu juro que nunca mais olho na sua cara bonita. — afasta o rosto do meu cabelo e nos encaramos. No segundo seguinte estamos rindo juntos.

— Desculpa. — digo, tocando em seu nariz e ele afasta o rosto da minha mão. — Eu precisava resolver as coisas. — Oliver rola os olhos e me coloca no chão.

— Agora vai pegar algum gelo para o meu nariz. — diz, jogando-se na poltrona novamente.

Enxugo as lágrimas em meio risos e vou para cozinha pegar a bolsa de gelo. Voltando para a sala, encontro Oliver encarando seu celular com os olhos focados.

— Cheguei. — digo, mas ele parece não me ouvir.

Me aproximando de Oliver, eu vejo que ele encara uma foto. A qualidade está muito ruim e eu não consigo localizar nada de importante na imagem. Cutuco seu ombro e ele quase pula da cadeira.

— Gelo. — balanço o saco na minha mão e ele o pega para si.

— Podia ter avisado, hein? Me assustou, Belezinha. — coloca o celular no bolso.

— Eu tentei, mas você estava absorto encarando seu celular. — respondo, sentando no sofá.

Ele parece tentar conter um sorriso que surge em seus lábios e eu decido não questioná-lo. Estou pronta para o que está vindo em frente. Oliver e eu

estamos na mesma página e ainda bem que ele sente o mesmo que eu.

Estou pronta para **Furor**, *e apenas ele*.



Visto meu jeans justo e uma camiseta azul. Pamella e Oliver passaram o dia inteiro tentando me convencer a ir assistir Trent lutar hoje, *e conseguiram*. Eu cedi e agora estou tão ansiosa para vê-lo lutar que parece que é a minha primeira vez fazendo isso.

— Vamos, Belezinha. — Oliver grita, entrando no meu quarto.

Pam vem atrás dele, rindo.

— Jaz está chegando em cinco minutos. — Pamella avisa.

Os dois se sentam na minha cama e ficam me encarando. Calço minha sapatilha preta e corro até a penteadeira para arrumar meu cabelo o mais rápido possível.

— Quem algum dia imaginaria você dessa forma, Belezinha? — Oliver pergunta e eu gargalho com Pam.

— Ninguém. — penteio meu cabelo apressadamente e o encaro. — Agora não me lembre disso ou estou desistindo em dois segundos.

Ele finge que está fechando sua boca com uma chave e entrega a chave imaginária para Pam, levantando as mãos pra cima em rendição. Levanto da cadeira e enfio meu celular no bolso da minha calça.

— Vamos? — Pam pergunta, animada.

Respiro fundo e assinto.



Trazer Oliver foi uma boa ideia em partes. Ele me manteve entretida o caminho todo, mas agora que acabamos de chegar, ele disse que vai me agarrar novamente para provocar Trent. Pam não para de rir, e até Jaz está rindo.

— Se você fizer isso, eu mesma vou terminar de arrebentar seu nariz. — cerro os olhos e ele ri alto.

— Calma aí, Belezinha. — diz, sem parar de rir. — Você está muito agressiva... — Jaz para o carro quando estamos na entrada dos fundos da arena. Todos nós saímos e vamos atrás de Jaz, já que nossas entradas estão com ele. — Ele precisa mesmo de um segurança? — Oliver sussurra em meu ouvido, enquanto me puxa pelo ombro.

— Não, mas os caras e os patrocinadores decidiram que sim. — retruco no mesmo tom e ele ri.

— Que idiotice.

Belisco sua costela e ele cala a boca.



A arena está lotada. Decidimos ir logo para os nossos lugares reservados que ficam na parte da equipe de Trent, porque eu quero manter a surpresa... A última surpresa não terminou muito bem, mas eu acho que hoje as coisas vão ser diferentes.

Os caras ainda não estão por aqui, mas eles provavelmente logo chegarão. Eu estou ansiosa para propriamente revê-los, já que ontem foi um desastre total. Mas ao mesmo tempo, eu quero adiar esse momento, já que eu conheço os caras muito bem e sei que eles ficarão me encarando e perguntando milhares de coisas o tempo todo.

— Para de apertar os dedos, Belezinha. — Oliver pede, rindo.

— Daqui a pouco não vai sobrar nenhum. — Pamella entra na de Oliver.

Oliver pega minha mão esquerda e a Pam pega a direita, não me deixando continuar com o meu tique nervoso. Os dois continuam tentando me entreter, mas eu mal escuto o que eles falam. Apenas percebo alguma coisa quando Lucas e Mike param na minha frente.

— Era real, cara. — Lucas diz para Mike.

Os dois estão com os olhos arregalados e atentos enquanto me encaram.

— Caralho. — Mike murmura. — Parisa?

Solto uma risada por conta da sua pergunta.

— Quem mais seria? — retruco, soltando as mãos de Pam e Oliver.

Levanto e eles me olham de cima a baixo.

— *A gêmea gostosa?* — Lucas testa a pergunta e eu rolo os olhos.

— Não sei se percebeu, mas ela é bem gostosa. — Oliver responde se levantando.

— Podemos pular a parte embaraçosa, por favor? — pergunto, estalando os dedos em frente aos seus rostos.

Eles finalmente parecem ter acordado e logo começam a lançar sorrisos grandes em minha direção.

— Vai me dar um abraço? — Lucas pergunta, levantando a sobrancelha e eu rolo os olhos.

Dando dois passos adiante, paro na frente de Lucas e ele me tira do chão em um abraço de urso. Gargalho, enquanto ele me gira no ar. — Chega! — exclamo, sem parar de rir.

Assim que ele me coloca no chão, Mike me puxa abraçando-me da mesma forma que Lucas fez. A dupla de idiotas nem está sendo tão idiota assim. *Pelo menos por enquanto.*

— O cara está vindo aí. Ele não disse que você viria. — Mike diz assim que me coloca no chão.

Paro de rir gradativamente enquanto absorvo sua frase.

— É uma surpresa. — balanço os ombros.

Mike e Lucas assentem com a cabeça, ainda com o olhar curioso e sujo em cima de mim, e Oliver me puxa pela mão.

Sentando-me no meu lugar, o nervoso em ver Trent começa a subir por minha espinha uma outra vez.



Finalmente ele está saindo do túnel com Max e Paul. Vestindo sua capa, Trent anda despojadamente e completamente seguro de si. O ar foge dos meus pulmões e eu aperto a mão de Oliver com força enquanto escuto ele rir baixo. Os próximos cinco minutos passam como um borrão enquanto eu encaro Trent no octógono sem sua capa. Ele parece muito, *muito* bem e focado.

— Ei, Paris! — Max me saúda com um abraço rápido e um sorriso.

Paul chega até nós e faz o mesmo enquanto debilmente tento acenar de volta para eles.

Trent está pulando no octógono enquanto o outro lutador é anunciado. Ele vira o rosto em nossa direção e quando seus olhos encontram os meus, ele para de se mexer imediatamente. Sem saber o que fazer, tento sorrir para ele, mas o resultado final provavelmente é uma careta. A partir daí, Trent não afasta os olhos de mim.

A luta começa e dizer que ele fica mais de dois minutos sem me encarar é besteira. O nocaute sai com um minuto e quarenta e seis segundos. No momento em que ele é afastado do outro cara, ele me procura com os olhos imediatamente. E lá estou eu, sorrindo para ele, como se ele fosse o centro de tudo.

E ele é. Nesse exato momento nada mais importa, *só ele*.



Os caras nos guiam pelo caminho até a sala de concentração de Trent. Pamella está abraçada com Max, conversando com Oliver, enquanto eu sou a última. O meu coração está quase saindo pela boca.

— Paris. — Jaz me para, segurando meu braço.

Os outros continuam andando e conversando, não percebendo que eu fiquei para trás.

— O chefe está te esperando aqui. — diz, apontando para a porta ao meu lado.

Merda.

Respiro fundo e o encaro.

— Tem certeza? — pergunto.

Ele sorri e acena que sim, apontando com a cabeça para a porta. Tomando a frente, ele abre a porta e eu entro dentro da sala. Minhas pernas parecem querer me deixar na mão assim que eu encaro as costas de Trent. A camada fina de suor faz com que seus músculos tensos pareçam bem mais bonitos de perto. E as tatuagens... *Ah, merda, as tatuagens!*

Assim que Jaz fecha a porta, Trent se vira e me encara. Eu não sei se é assim que as pessoas se sentem quando estão perto de ter um ataque cardíaco, mas eu não duvido nada que seja. Meus batimentos estão tão rápido que parece que eu acabei de pular de paraquedas.

— *Querida.*

A forma como Trent me olha, derrete-me toda. Ele anda em passos largos até mim e fecha a distância entre nós, tirando-me do chão e encostando-me contra a parede.

— *Trent.*

Respondo, tentando parecer calma. Seus olhos queimam dentro dos meus e quando vou tocar em seu maxilar, ele segura minhas mãos acima da minha cabeça. Descendo o rosto, ele avança até meu pescoço, cheirando-me e beijando a minha pele sensível. Laço sua cintura, trazendo-o mais para perto, enquanto tento me concentrar em não gemer na sua frente.

Ele afasta o rosto do meu pescoço e me encara outra vez. Puxando todo ar que consigo, tento recuperar e segurar o fôlego.

Estou perdida, merda!

Ainda segurando minhas mãos acima da minha cabeça, ele desce sua boca até a minha. Todo o fôlego que eu estava segurando se esvai em um mísero segundo. Os lábios de Trent caem com força total em cima dos meus, fazendo-me esquecer de tudo. Sua língua passa vorazmente entre meus lábios e eu não hesito em deixar-lhe tomar o controle. Ele começa devagar, como se quisesse gravar o momento e eu quase paro para lhe agradecer, porque **eu** quero gravar o momento em minha cabeça.

Soltando minhas mãos, eu finalmente me seguro em seus ombros enquanto

ele agarra meus cabelos, inclinando minha cabeça para ter melhor acesso da minha boca. Choramigo contra seus lábios quando ele começa a beijar-me furiosamente. O ritmo aumenta em uma questão de dois milésimos e o nosso beijo não é mais sobre gravar o momento, é sobre a nossa necessidade mútua e reprimida por anos.

Sua língua briga com a minha impiedosamente, enquanto eu subo uma mão para os seus cabelos, puxando-o para mim. Ele parece querer rir entre o beijo e então eu aperto minhas pernas ao redor de sua cintura com força, fazendo-o gemer contra meus lábios. — *Porra.* — grunhe quando eu separo nossas bocas.

Sinto meus lábios pulsarem e tenho certeza que eles estão inchados. Tento recuperar a minha respiração, mas sei que na verdade eu estou arfando contra ele.

— Melhor do que eu imaginava. — sua voz rouca me faz apertar mais ainda minhas pernas ao redor de sua cintura.

Abro os olhos devagar, sentindo como se eu estivesse acabando de acordar de um sonho. Encontro ele me encarando com seu olhar faminto e acabo sorrindo de lado.

— Nada mal. — brinco e ele cerra os olhos para mim.

Aproximando o rosto novamente do meu, ele beija meus lábios vagarosamente.

— Escolha outras palavras. — exige.

Ele começa a distribuir beijos curtos por todo meu rosto. Fecho os olhos rindo e enfiando minhas unhas em seus ombros.

— Bom. — retruco.

Ele continua a atacar-me com seus beijos molhados e eu acabo rindo mais ainda, encolhendo-me apenas quando ele beija o lóbulo da minha orelha. — Vamos, Parisa. Diga o que eu quero ouvir. — rosna.

Mordendo meu lábio inferior, ele o puxa entre os dentes, sugando-o com força. O calor entre minhas pernas se intensifica de forma absurda, indo de cem para mil num piscar de olhos.

Abro meus olhos e ele solta meu lábio.

— Foi o melhor beijo de toda minha vida. — sussurro, soltando seus ombros e ele sorri para mim.

Esse é um dos raros momentos em que eu consigo perceber que seu sorriso alcança os seus olhos.

É de tirar o fôlego. *Literalmente.*

— A recíproca é verdadeira, querida. — confessa, encostando a sua testa na minha.

Colando nossas bocas outra vez, eu sinto minhas mãos tremerem, enquanto o calor que se espalha por meu corpo começa a se tornar quase insuportável.

— Volte para casa comigo. — pede, roçando nossas bocas.

Solto um barulho estranho, fazendo-o rir contra meus lábios.

— Golpe baixo, *lutador*. — reclamo.

Descendo uma mão pelo meu corpo, ele amassa a minha bunda por cima da minha calça jeans, empurrando-me contra o sua ereção. Merda!

— *Isso é golpe baixo*. — retruca, beijando meu queixo.

Eu o encaro outra vez de perto. ***Eu estou perdida***. Sempre soube que o amava, mas agora é um outro nível completamente desconhecido para mim. Amor não parece ser o suficiente para descrever o que eu sinto nesse exato momento.



Três semanas mais tarde...

— Eu sei, eu sei, eu sei... ligar todos os dias para vocês. — exclamo, tentando me afastar de Oliver que não deixa de me abraçar e apertar.

Ele finalmente me solta e me entrega o seu casaco da GAP. Will o puxa pelos ombros, enquanto ele me encara com um bico extremamente fofo. Ele está chateado comigo, mas vai superar.

— As crianças crescem tão rápido. Estou orgulhoso de você, Belezinha. — diz, contrariado.

Will, mamãe e eu rimos juntos.

— Eu vou ligar sempre, tudo bem? — explico, sentindo-me mais emocionada do que o esperado.

As últimas semanas foram difíceis para mim. Eu não queria deixar minha mãe, nem Will e Oliver, mas eu não posso mais adiar a minha volta. Está na hora. Eu estou pronta.

— Não demore para voltar. — mamãe comenta chorando e eu a abraço pela enésima vez.

Começo a chorar com ela e logo Oliver volta a me abraçar novamente, puxando-me da mamãe e me tirando do chão. Escuto ela rir outra vez com Will.

— Se eu fosse você, eu iria atrás da sua garota loira. — murmuro baixo. — Vá atrás de Fable, Oli.

Ele ri em meu ouvido.

— Ela não é minha, Belezinha. — murmura de volta.

— Por pouco tempo, eu sei que está interessado nela. — falo sorrindo. — Você me ignorou quase por completo durante os últimos dias. Está no mundo das nuvens, idiota. — belisco seu ombro e ele gargalha, me colocando no chão.

— Vou dizer para ela que você mandou um beijo. — brinca e eu rolo os olhos.

— Diga para ela que eu pedi gentilmente que ela coloque algum juízo na sua cabeça de bagre. — respondo e ele faz uma careta.

— Mexa sua bunda para o avião. — bufa, cruzando os braços.

— Está me expulsando? — pergunto, levantando uma sobrancelha e ele dá de ombros.

Rimos novamente juntos e eu abraço cada um deles pela última vez antes de seguir para o embarque.

Estou chegando, New York!

Capítulo 22

Parisa Cohen

Assim que coloco minhas três malas no carrinho, tomo uma respiração profunda, preparando-me mentalmente e emocionalmente para o meu reencontro com o meu pai. E com Trent — *novamente*. E, claro, com Pamella e os caras. Pego meu novo celular — *presente da mamãe* — e ligo para o papai, que atende imediatamente, como se estivesse esperando por minha ligação.

— Querida! Onde você está? — ele soa mais animado do que nunca. — O seu voo já chegou, eu sei. Aparece logo, filha, sem mais brincadeiras! — sorrio abertamente, empurrando o carrinho com minha mão livre.

— Onde vocês estão? Não estou olhando nenhum de vocês, pai. — retruco, sentindo meu corpo mais tenso do que nunca. Eu estou literalmente uma pilha de nervos.

Desligo a chamada sem avisar e paro de andar. Procurando o contato de Oliver e de mamãe, encaminho uma mensagem para os dois, avisando-os que cheguei bem e que ligarei mais tarde.

Enfio meu celular no bolso da minha calça e continuo o meu caminho. De longe, eu finalmente noto o papai, Trent, Pamella e os caras. Papai está atento a qualquer movimento junto com Trent, enquanto Pam conversa com os caras.

E então o papai me avista. Seus olhos parecem assustados a priori, mas logo ele começa a se mover. Começo a sorrir de ponta a ponta, e quando ele está praticamente correndo, eu solto o carrinho e fecho a distância entre nós dois.

— *Inferno!* — amaldiçoa entre dentes.

Involuntariamente, as lágrimas começam a cair e escorregar por minhas bochechas, enquanto eu abraço apertado o papai.

— Senti sua falta. — falo, entre soluços.

Nos encaramos e percebo que seus olhos estão mais azuis e brilhantes que nunca, como se ele estivesse prestes a chorar. *Mas ele não chora*. — O que eu posso dizer de mim? Eu já estava me preparando para ir buscá-la naquela maldita cidade. — diz, esbanjando uma carranca que não me assusta em nada.

Gargalho, jogando minha cabeça para trás, mas logo volto a abraçá-lo outra vez.

— Eu ainda estava com a esperança de que tudo não tinha se passado de uma miragem. — Lucas diz, quando papai me coloca no chão.

Viro meu corpo e encontro os seis parados me encarando. Lucas, Paul, Mike, Max, Pamella e Trent.

— Sinto muito por desapontá-lo. — brinco, piscando para ele.

— *Porra.* — Mike murmura.

Pamella começa a rir junto comigo.

— Ganhamos um abraço também? — Paul pergunta e eu dou de ombros.

Mike é o primeiro a me abraçar. Ele me tira do chão e roda o meu corpo no ar. Reclamo, apertando seu ombro e então ele me coloca no chão outra vez. O próximo a me abraçar é Paul e logo em seguida é Lucas. O bastardo começa a descer a mão que está em minha cintura e, quando percebo que ele está quase chegando na minha bunda, eu seguro sua mão.

— O que acha que está fazendo? — papai rosna antes mesmo que eu o faça. Lucas sorri, me colocando no chão.

— Apenas checando se ela trouxe toda a bagagem, mestre. *É só por precaução.* — diz e Paul começa a rir com Mike como duas malditas hienas.

Solto a mão de Lucas e rolo os olhos. *Babaca.*

Os próximos são Max e Pam, ao mesmo tempo. Os dois riem quando me jogo em cima deles, que estão abraçados. ***Um casal!***

— Finalmente de volta, Paris. — Max comenta, beijando minha bochecha e eu aceno positivamente.

— Oh, agora mesmo que o papai vai ter um ataque do coração. — Pam sussurra para mim e eu começo a rir novamente, soltando-me em seguida do abraço.

É verdade.

Papai nunca gostou das roupas de Pamella, e, *provavelmente*, vai odiar as minhas novas roupas.

Meu corpo é puxado para um abraço, que eu conheço há anos, sem aviso prévio. Trent me gira para si, tirando-me do chão como se eu não pesasse uma grama sequer. Laçando seu pescoço com meus braços, eu aperto meu corpo contra o dele.

— *Porra, finalmente.* — sua voz rouca perto do meu ouvido me faz tremer, e eu sei que ele sentiu isso. Trent pressiona o rosto no meu cabelo e pescoço, tentando inspirar o máximo de mim nesse momento.

Ele *sempre* faz isso.

Essa coisa de cheirar.

— Ele pode fazer isso e nós não? Não acho justo, mestre. — Mike reclama irritado e eu quase o xingo.

— Já chega. — papai diz, puxando-me dos braços de Trent.

Solto um grunhido em decepção, o que os fazem rir da minha cara. Sinceramente, esses caras são uns idiotas.

— Podemos ir embora? — indago, tentando não parecer tão irritada quanto realmente estou.

Todos assentem e dois minutos mais tarde os idiotas estão discutindo sobre quem me levará para casa. Trent apenas passa todos os minutos me encarando com um olhar... *necessitado? Faminto?* É difícil estar perto dele e não poder tocá-lo. Ele provavelmente sente o mesmo que estou sentindo agora.

Papai acaba com a briga dos caras e não demoramos para entrar no carro, indo para casa com todos eles nos seguindo em seus próprios carros.



Hoje é dia de pizza!

Chegamos em casa juntos e todos nós entramos conversando. Os caras vão direto para cozinha, enquanto Trent e papai levam minhas malas para o andar de cima.

— Ei, Parisa! — Lucas me chama, sorrindo de lado.

Se eles continuarem a agir como idiotas ao meu redor, eu vou sentar a mão

na cara deles. *Sem brincadeira.*

— O que há? — pergunto e Mike me puxa para si.

— Conte-nos... Você ainda tem aquele vestido preto? — Mike pergunta, sorrindo abertamente.

Rolo os olhos e me afasto dele. *E deles.*

— *Uma vez babacas, **sempre** babacas.* — sentencio, saindo da cozinha.

Eles reclamam alto, pedindo para eu voltar porque a conversa não tinha acabado. Encontro papai descendo da escada, enquanto Pam e Max está conversando em um canto da sala.

— Não vai comer? — papai pergunta para mim.

— Vou apenas tirar o casaco e passar uma água no rosto. — respondo e ele assente, parando na minha frente e beijando minha testa.

— Não vou deixá-la ir embora novamente. — ele murmura, o que me faz sorrir de lado.

Seus olhos azuis estão sérios. Ele provavelmente sentiu muito a minha falta, assim como eu senti dele. Sempre fomos apenas eu, ele e Trent. Eu nunca tinha ficado tanto tempo sem eles, e eles sem mim. *É compreensível.*

Papai vai para a cozinha e eu subo, indo direto para o banheiro. Abro a torneira da pia e passo um pouco de água no meu rosto. A viagem me deixou mais cansada do que eu poderia chegar a imaginar. Fecho a torneira e vou para o meu quarto. Assim que bato a porta, eu acho Trent me encarando. Ele está de pé, em frente a minha cama com os braços cruzados e os olhos atentos. Tiro o casaco que Oliver me deu e jogo em cima da minha mesinha, ajustando em seguida a minha camiseta no meu corpo.

— Posso te ajudar em alguma coisa? — pergunto clinicamente.

Ele não fala nada, o que me deixa desapontada.

Sinto falta da sua voz.

Trent começa a se aproximar de mim, e por instinto vou me afastando dele. Eu não sei por que estou fazendo isso, já que eu quero tanto ele perto de mim.

— Você está com medo? — questiona, dando mais um passo em minha

direção.

— *De você?* — indago, rindo nervosamente.

Bato com minhas costas na parede e ele sorri para mim.

Bem, então é isso.

Adeus, sanidade mental.

— Não precisa ter medo de mim, *querida*. — diz, parando na minha frente.

Inclino minha cabeça para vê-lo melhor e encontro seu sorriso pequeno e polido, que é incrível.

— Não tenho medo de você, *lutador*. — retruco, sincera.

“*Eu estou apenas estupidamente nervosa*”, penso.

— Isso é bom. — resmunga, colocando os braços em cada lado meu. Sua voz sai mais rouca e arrastada, o que me faz apertar minhas pernas uma contra a outra. — Senti sua falta *como o inferno*, mas disso você já sabe. — fala assim que percebe que eu não vou me pronunciar. — Agora me diga se eu posso ir lá embaixo e falar com seu pai sobre nós.

Arregalo os olhos, engolindo a seco.

— É melhor dar um tempo. Acabei de chegar, e... e não sabemos se *realmente* vai dar certo. — respondo, tropeçando nas palavras.

Enfiando uma mão em meu cabelo, ele inclina minha cabeça mais um pouco para cima. Seus olhos queimam intensamente dentro dos meus e eu sinto como se estivesse derretendo.

— Vai dar *malditamente* certo. — grunhe, separando minhas pernas com seu joelho e deixando sua perna ali no meio da minha, pressionando seu corpo contra o meu com força.

Eu sabia que ele ia sugar toda minha sanidade mental assim que eu voltasse, *mas isso já é outro nível*. Eu mal consigo pensar coerentemente, já que a dor no meio das minhas pernas está praticamente insuportável.

Trent desce o rosto até ficarmos cara a cara e passa seu nariz suavemente contra o meu, seguindo para me cheirar pela segunda vez em menos de uma hora. Fecho os olhos, sentindo-me mais sensível do que nunca.

— Não temos certeza — *Oh, merda!* — Não temos certeza disso. — tento falar, mas ele não coopera, continuando com seu ataque contra mim.

Trent sorri, enquanto deposita um beijo no meu pescoço.

— O que você propõe? *Estudo de campo?* — sua voz sai divertida, enquanto ele mordisca minha pele, atíçando-me até a borda.

— Se você quer chamar assim. — respondo, levando uma mão até seu cabelo e brincando com o mesmo.

Agarrando minha bunda com sua outra mão, ele me puxa para cima de uma só vez, deixando sua perna ainda no meio das minhas e me fazendo sentar em cima dela. Um gemido escapa dos meus lábios quando Trent mói sua perna propositadamente contra a minha intimidade.

Isso não é justo.

— *Baby*, isso está ficando difícil para mim. — ele grunhe, enquanto seus lábios passeiam contra a minha pele. — Você **não** pode gemer dessa forma.

Eu juro que posso ter um ataque cardíaco a qualquer segundo.

Deixo um sorriso nervoso escapar dos meus lábios.

— Eu não gemeria dessa forma, mas então você teria que parar de esfregar sua perna contra a minha... *A minha...*

Ele ri baixo, um som rouco e extremamente sexy.

Oh, merda, merda, merda!

Deixo minha cabeça descansar contra a parede e Trent solta meu cabelo, tomando meu pescoço com sua boca. Eu sei que essa é a gota final para que a água transborde do copo. Jogar a cabeça para trás é lhe dar acesso livre para me atacar. *Literalmente*. E eu não me arrependo de fazê-lo, pois os beijos de Trent são maravilhosos e estão enviando arrepios por todo meu corpo.

— Devemos... Devemos descer... — as palavras saem esganiçadas enquanto eu tento puxar o máximo de ar possível pela boca. — *A pizza, Trent...*

Não é como se eu estivesse impedindo-o de fazer o que ele está fazendo comigo. Eu estou completamente tomada por todas essas novas sensações que eu estou sentindo.

É tudo tão novo e tão... *excitante e bom*.

— Me diga até onde eu posso ir com você. — Trent pede e eu abro os olhos.

Tento controlar minha respiração para que eu, então, fale alguma coisa. — E-Eu não faço qualquer ideia. — digo sincera e ele assente. — Eu acho que com o tempo você descobre.

Um sorriso se encaixa perfeitamente em seus lábios, o que me faz derreter mais um pouquinho. Trent não é de sorrir. *Nunca foi*. E aqui está ele, exibindo seu sorriso bonito — *e completamente derretedor de calcinhas* — para mim.

— Eu gosto dessa ideia. — diz, aproximando o rosto mais uma vez do meu. — Descobrir com o tempo...

Colando nossas bocas, ele percorre todo o caminho dos meus lábios com sua língua, de um lado para o outro, como se estivesse apenas tentando provar-me o máximo possível ou como se eu fosse a sua sobremesa proibida depois do jantar. — Entretanto, eu quero ter acesso livre para tomar sua boca rude a qualquer momento, baby. — diz, puxando meu lábio inferior entre os dentes.

Eu adoro quando ele faz isso.

— Se você for um bom garoto, eu deixarei. — brinco e ele semicerra os olhos em minha direção.

O movimento seguinte já é esperado. Ele cola nossas bocas e dessa vez eu que passo minha língua por seus lábios, assim como ele fez segundos atrás, e acabo ganhando um grunhido rouco de satisfação. Tomando o controle, Trent guia o nosso beijo deixando-o frenético e muito rápido. Deslizando minhas mãos por seus ombros, seguro sua nuca e o puxo para mais perto. O beijo começa a adquirir uma pitada de luxúria e desejo, diferente do nosso primeiro beijo há quase um mês. É como se todo nosso desejo reprimido de anos estivesse caindo por terra nesse momento.

Envolvo meus dedos em seu cabelo, puxo os fios propositadamente, com a quase certeza de que isso o deixará louco. Trent amassa mais a minha bunda em um aperto forte.

— *Foda!* — rosna assim que eu separo nossas bocas.

Sua voz áspera faz eu me esfregar contra ele instintivamente.

Eu, provavelmente, nunca me senti tão quente e molhada como estou me sentindo agora. Abro os olhos e acho Trent, que já está me olhando atentamente. Lanço um sorriso pequeno para ele e ele não devolve, apenas continua me observando como se eu fosse a coisa mais interessante de todo o mundo.

Sinto meu coração praticamente queimar dentro de mim.

— Você é tudo pra mim, sabe disso? — sussurra, com os olhos três tons mais escuros.

“Não, eu não sei, mas você é tudo pra mim”, penso.

Uma batida fraca na porta faz com que eu e Trent virássemos nossos rostos até lá. — *Papai está vindo.* — a voz abafada de Pam nos alerta.

Empurrando Trent para longe, me firmo no chão quase falhando miseravelmente, já que minhas pernas parecem duas grandes geleias.

— Eu estou duro. — Trent diz, sem se importar muito.

— Melhor esconder seu material com alguma coisa. — respondo, descendo meus olhos para sua calça e constatando que ele realmente está duro.

— *Meu material?* — zomba da minha escolha de palavras e eu levanto a sobrancelha, desafiando-o a me contrariar.

— Sim, idiota. — bufo, caminhando até minha cama.

Sem bater na porta, papai entra no meu quarto com uma fatia de pizza na mão.

— Os garotos vão acabar com a pizza. — enuncia, mordendo um pedaço da sua fatia. Finalmente percebo que Trent está sentado na minha poltrona com uma almofada em cima das pernas.

— Já estamos descendo. — aviso, tentando segurar o riso.

Papai encara Trent e levanta uma de suas sobrancelhas.

— Que diabos você tem? — papai questiona.

— Uma maldita dor na lombar, velho. Estou apenas descansando um pouco, enquanto Parisa me conta sobre suas aventuras em Seattle. — mente tão bem que eu quase acredito nele.

Papai nos encara por breves segundos e caminha até a minha porta. — Não vou impedir os garotos de comerem a pizza. Desçam logo e deixem a conversa para depois. — papai diz e sai do quarto, fechando a porta em seguida.

Trent deixa a almofada na poltrona e se levanta.

— Vamos levar isso por enquanto dessa forma? — pergunta, parando na minha frente.

— É o melhor nesse momento. — sussurro e ele apenas assente levemente com a cabeça.

— Vamos descer. — resmunga, beijando minha testa.

O jantar foi bastante animado. Os caras não perderam a chance de tentar flertar comigo, o que deixou papai e Trent bem putos, mas no final deu tudo certo.

Eu e Trent vamos levar assim, por enquanto.

Um teste.



Despertando na minha velha cama, uma sensação boa corre por meu corpo. É bom estar de volta em casa. Não que eu não me sentisse em casa em Seattle — lá também é minha casa — mas aqui é diferente.

Levanto e pego minha toalha azul, indo direto para o banheiro para fazer a minha higiene matinal. Assim que tomo o meu banho e escovo os meus dentes, eu volto para o meu quarto e pego minhas malas, colocando-as em cima da cama.

A lembrança de ontem à noite volta na minha cabeça e me pega em cheio. Os momentos que passei com Trent aqui dentro me fazem sorrir instantaneamente. Com isso em mente, resolvo brincar com a paciência do homem hoje.

Pego um *shorts* colado preto da *Nike* e um top vermelho da mesma marca. Visto-me com as peças e decido pegar também uma regata folgada para colocar por cima. Calço meu *Nike* branco com a minha meia de bolinhas azul.

Quase pronta.

Vou até a minha velha penteadeira e escovo meu cabelo molhado. Resolvo deixá-lo solto, já que ele precisa secar e porque eu não tenho mais um problema com cabelo solto.

Arrumando a minha mochila, coloco uma outra calcinha de algodão, minha saia jeans e uma camiseta com **FUROR** na frente, para trocar de roupa assim que o treino acabar hoje. Desço com a minha mochila e vou direto para cozinha. Deixando a mochila na bancada, começo a fazer o café-da-manhã.

Pego algumas frutas para fazer uma vitamina e logo estou fazendo também a massa das panquecas.

Minha cabeça está longe durante todo esse processo, então eu mal percebo quando papai chega na cozinha.

— Ei, querida. — me cutuca e eu dou um pulo.

Merda.

— Que susto, pai. — reclamo e ele ri.

Depositando um beijo na minha cabeça, ele segue e se senta em uma cadeira. Ficamos calados enquanto eu termino de fazer tudo. Sirvo um copo de vitamina para ele e coloco duas panquecas em seu prato. Ele me olha e sorri. Me sirvo com um pouco de vitamina e panqueca, sentando-me ao seu lado.

Trent provavelmente não está vindo para o café-da-manhã e em parte isso é bom. Preciso ter um tempo com o papai para sondá-lo. Ou pelo menos tentar.

— Como foi em Seattle? — papai pergunta, colocando um pedaço de panqueca na boca.

— Bom, divertido... — digo, tentando achar as palavras certas. — Transformador! — exclamo e ele ri.

— Posso ver o “*transformador*”. — aponta para a minha roupa com seu garfo.

Pam entra na cozinha.

— Bom dia. — diz, sorridente.

— Bom dia. — eu e papai respondemos.

Ela se serve com um pouco do mesmo do nosso e se senta na nossa frente.
— Continue sobre Seattle. — papai pede.

— Oh, sim... Foi incrível. A mamãe é uma mulher maravilhosa e o marido dela também, o Will. — digo encarando o papai e ele assente sem demonstrar muita emoção. — E claro, *Oliver*. Ele é filho do Will... Nós nos tornamos muito amigos. O senhor ia gostar dele. — concluo, sorrindo de lado.

— Se você está dizendo. — resmungo, bebendo um pouco da sua vitamina.

— Quando vai arrumar um namorado, Paris? — Pam pergunta, sorrindo cúmplice.

Boa pergunta.

Olho o papai e o mesmo para de comer para me encarar.

— Em breve. — respondo simplesmente.

— *Em breve?* — ele rosna e Pam ri. — Você está vendo alguém, Parisa? Melhor trazer o filho da puta para que eu possa falar com ele.

Eu quero rir, mas ao mesmo tempo eu não consigo fazer isso. Papai e sua estúpida superproteção me irrita, mesmo que seja para o meu *bem*.

— Você vai ter que aceitar, pai. — aviso.

Ele fecha os punhos em cima da mesa.

— Se estiver vendo alguém, é bom que não seja da academia. — ele fala, mais sério do que nunca.

Tecnicamente ele não é da academia.

Tecnicamente.

— Não estou vendo ninguém, *ainda*. Mas eu falo sério quando digo que vai ter que aceitar qualquer decisão minha. — explico. — Não sou uma criança, entendido?

Ele balança a cabeça negativamente.

Vai dar merda.

— Clima ruim, assunto fechado. — Pam diz, estalando o dedo para nós dois. — E sim, papai, o senhor vai ter que aceitar o que Parisa decidir. *Sem mas*.

E assim paramos de conversar.



Eu realmente senti falta desse lugar.

É incrível ver que academia ainda está exatamente como da última vez que estive aqui para me despedir dos caras.

— Vou para a minha sala. — papai avisa e eu e Pam assentimos.

Caminhando até um banco, me jogo em cima dele e abro minha mochila. Tiro minhas bandagens lá de dentro e começo a proteger minhas mãos enquanto Pam conversa comigo.

— Eu vou me aquecer. — aviso, pegando minhas luvas de dentro da mochila e ela acena positivamente.

Os alunos começam a chegar do outro lado da academia. Sigo para o lado adaptado de Trent. É ali que sempre treinamos... Nunca nos misturamos com os alunos do papai, só quando ele pede ajuda ou coisa do tipo.

— Olha quem já está aqui! — a voz de Lucas soa bem alto.

Viro para trás e vejo ele, Mike, Max e Paul. Os quatro estão sorrindo largamente para mim e eu acabo sorrindo de volta para eles.

— Bom dia, rapazes. — saúdo os quatro, educadamente.

— Bom dia, Parisa. — Mike diz, correndo até mim.

Ele passa o braço por meu ombro, puxando-me para perto. Eu o acerto com a minha luva e ele reclama.

— Quem te deu essa intimidade? — questiono, levantando uma sobrancelha.

Ele sorri de lado e Lucas se junta a ele.

Os dois idiotas.

— Ninguém deu essa intimidade a ele, e é melhor vocês pararem de colocar as mãos em cima dela. — Trent diz, atrás de mim.

De onde diabos ele saiu?

Viro para trás e finalmente o encontro. Ele está usando uma camisa preta perfeitamente colada em seus braços e peitoral largo, que favorece bastante sua forma física. Resolvendo não dar muito na cara, deixo para avaliá-lo melhor quando ninguém estiver notando.

— Disse o *melhor amigo*. — Paul zomba, fazendo a dupla de idiotas rir com Max.

— Você sempre soube **disso tudo**, não é mesmo? — Lucas acusa Trent, que dá um passo em direção a ele.

Certo, certo. Hora de calar a boca, mas eles não percebem isso.

— Por isso sempre teve a Parisa por perto. Boa jogada, cara. Você é meu ídolo. — Mike sorri, cruzando os braços.

Quando Trent resolve dar outro passo, coloco minha mão em seu braço, segurando-o com força. — Ele vai bater em vocês se não calarem a boca. — digo entre dentes.

Eles começam a rir e os músculos de Trent contraem debaixo dos meus dedos. Eu realmente acho que eles não têm medo da morte.

— Defendendo a *melhor amiga*. — Paul continua, balançando as sobrancelhas sugestivamente.

Deus, dai-me paciência, porque se Você me der uma arma, eu atiro nesses caras.

— Quer saber? Se quiser bater neles, vá em frente. Eles estão merecendo de qualquer forma. — enuncio, soltando Trent.

Em três segundos os três idiotas saem correndo para longe de nós.

Covardes.

Max sai de fininho, deixando-me sozinha com Trent.

— Que diabos de *shorts* é esse? — ele grunhe, passando a mão no cabelo.

— *Shorts* de treino. — respondo, dando de ombros.

Abaixo para pegar minhas luvas que caíram no chão depois de toda essa

comoção e volto para minha posição inicial. Trent continua me fitando, mas dessa vez ele está de braços cruzados.

— O quê? São apenas *shorts*, Trent. Você não vai me dizer o que vestir. — respondo e começo a colocar minhas luvas em minhas mãos.

— Isso mostra muita pele e mais parece uma calcinha. — reclama.

Rolo os olhos, mas acabo sorrindo.

— Melhor ir se acostumando. — pisco para ele e saio andando para o octógono.



Termino de me alongar e os caras voltam para dentro da academia. Trent vem ao meu encontro e começamos a treinar juntos. Alterno meus *jabs* e chutes em uma série, sentindo minha pele arder e meus músculos reclamarem. Trent recebe meus golpes pacientemente com os amortecedores.

Tento manter o ritmo, mas meia hora mais tarde, eu já estou ofegante e com uma camada de suor banhando meu corpo. Os meus golpes saem lentos, diferente de meses atrás. Eu acho que perdi completamente pique para treinar com Trent.

— Vamos, querida, faça melhor. — exige, soltando os amortecedores no chão.

Sem muita pressa, me aproximo dele e tento golpeá-lo, mas ele desvia e sorri de lado.

— Braços pesados, querida. — diz, levantando uma sobrancelha. — *Mexa-se*.

Bufo irritada e tento acertá-lo outra vez. Trent desvia por debaixo do meu braço e dá um tapa forte na minha bunda, fazendo-me grunhir alto.

— Eu *odeio* quando você faz isso. — rosno, tentando tirar o meu cabelo do rosto.

Ele cruza os braços e eu tento não focar nos seus músculos.

— Mesmo? — pergunta sincero e eu aceno que sim. — Se refere ao tapa?

— Me refiro às provocações... — respondo e ele sorri satisfeito. — E quanto ao tapa, você vai pagar por isso de alguma forma.

— Mal posso esperar.

Os caras entram no octógono pulando e conversando alto.



O dia se passou muito rápido.

Assim que os caras entraram no octógono, eu saí de lá e fui para um saco de pancadas ouvindo suas cantadas horríveis. Eu não queria atrapalhar Trent e o seu treino, já que ele tem que estar preparado para suas dez lutas no Circuito que acontecerão nas próximas três semanas.

Almoçamos todos juntos em um restaurante perto da academia, e eu tive que aguentar um pouco mais os caras me irritando o tempo todo. Trent ficou calado o tempo todo apenas me observando.

Voltamos para a academia e Trent treinou por dois pares de horas com os caras. Em um momento, eu parei com meus exercícios e fiquei observando-o por longos minutos. Ele parecia incrível, treinando incansavelmente enquanto os caras se revezavam para aguentar sua pilha. *Literalmente uma máquina furiosa.*

Agora eu estou fechando minha mochila com as minhas coisas dentro dela. Depois do banho eu sinto minhas pernas um pouco pesadas, já que finalmente meu sangue esfriou, e também me sinto relaxada. Calço minha sandália e coloco a mochila nas costas.

Saio do banheiro e ajusto minha saia jeans e camiseta.

— *E lá vem ela...* — Lucas exclama, assim que entro no campo de visão deles.

Já passa das cinco e eu estou apenas esperando o papai terminar com sua última classe para irmos embora.

Varrendo o local com meus olhos, procuro Trent e o acho falando com papai e uma loira. O cabelo longo dela está amarrado e a roupa dela parece colada pra caramba.

Me aproximo dos caras e desvio o olhar dele.

Não vou olhar.

— Belas pernas... — Mike diz, piscando para mim.

Rolo os olhos.

Eles realmente não vão parar.

— Obrigada, idiota dois.

Ele levanta a sobrancelha e cruza os braços.

— E quem é o idiota um?

— Lucas. — respondo.

Paul começa a rir, e Lucas e Mike reclamam.

— E o Paul? — Lucas questiona e eu encaro Paul.

Ele engole o riso enquanto eu o avalio.

— Eu diria *puta*... — digo, inclinando a cabeça para o lado. — ... ou *porco*.

Eles começam a rir, mas logo olham para o outro lado da academia.

— Nosso garoto já está arrumando um novo par de pernas. — Paul resmunga, sorrindo malicioso.

Sigo o olhar deles e vejo Trent e a loira conversando. Papai já está de volta com sua classe e os deixou sozinhos. Minha barriga remexe e eu sinto-me completamente incomodada.

— Você é realmente um porco. — cuspo para Paul, mas não desvio os olhos de Trent.

A loira mexe no cabelo o tempo todo, inclinando-se para frente. *Vagabunda*. Eu sei que ela está mostrando o seu decote pra ele.

— Porco? Eu? — Paul pergunta, rindo.

— O que ela diria de Trent se soubesse dos *atos* dele? — Lucas comenta, acompanhando Paul nas risadas. — Que atos? — indago, finalmente desviando meus olhos de Trent para encarar Lucas.

Ele sorri maliciosamente para mim.

— O cara gosta de variedade na cama, e eu não quero dizer apenas sobre: um dia uma loira, no outro uma morena, e na próxima semana uma ruiva. - Lucas brinca com as palavras.

Sinto minha pele arder enquanto o ciúme corre por minhas veias.

— O que ele quer realmente dizer é que o cara gosta de pelo menos três em sua cama. *Ao mesmo tempo.* — Mike diz por fim.

Detalhes. Informações.

Muita informação e detalhes que eu gostaria de nunca ficar sabendo.

— E é assim que começa. Agora eu tenho certeza que ela vai puxar um papel do meio dos peitos e vai colocar no bolso dele. — Paul sussurra.

— Em 3... — Mike começa.

Viro o rosto para encarar Trent e a mulher novamente.

— Dois... — Lucas continua.

Ela leva uma das mãos até seu decote e tira algo de lá.

— Um. — Paul anuncia orgulhoso, quando ela deposita algo no bolso de Trent.

E aqui estou eu esperando que ele tire o maldito papel do seu bolso e devolva para ela, mas ele não o faz. Sendo assim, ela sai rebolando e quase quebrando o quadril com seus movimentos exagerados. Trent olha para onde eu estou e quando nos encaramos de longe eu tenho certeza que ele percebeu que eu vi tudo.

Bastardo.

— Vou tomar um ar. — aviso os caras e saio marchando mais irritada do que nunca.

Minhas mãos estão cerradas de cada lado do meu corpo e eu tenho que respirar fundo para não ir até a biscate e dar uns tapas nela. E em seguida, dar uns tapas em Trent.

Assim que eu saio da academia sou puxada pelo braço e eu já sei quem é.

— Melhor você me soltar agora ou *eu juro* que vou esmagar suas bolas. — uso o meu tom mais frio e calmo possível.

— O que você viu não significa nada. — ele diz, arrastando-me até o seu carro.

Tento me soltar durante o caminho, mas ele não afrouxa o aperto.

— Então, o que significa? — pergunto quando ele me empurra contra a Range Rover preta.

Seus olhos azuis parecem cansados, como se ele estivesse chateado por ter que me dar uma explicação.

— Porra, já falei que não significa nada, Parisa. — grunhe, irritado.

Então ele que vai ficar irritado agora?

— Não confia em mim? — pergunta, cerrando os olhos.

— Você deixou aquela puta colocar a porra do número dela no seu bolso. Pra começar você devia ter recusado, e pra terminar *você devia ter recusado*. — rebato, socando seu peito furiosamente.

Com um sorriso deslizando por seus lábios, ele segura minhas mãos e empurra meu corpo com mais força contra o carro.

— Você fica irresistivelmente quente quando está com ciúmes. — comenta, aproximando o rosto do meu.

Viro meu rosto para o lado.

— Se isso acontecer mais alguma vez, eu vou ter que tomar a frente da situação. — enuncio, olhando para as plantas do canteiro.

Ele beija meu maxilar lentamente, passando sua língua molhada por minha pele. — O que você vai fazer? — murmura no meu ouvido e eu fecho os olhos.

— Arrancar as mãos da piranha e depois eu vou costurar sua boca, assim você nunca mais vai sorrir para nenhuma vagabunda. — confesso meu plano para Trent e ele ri mais uma vez.

— Baby, assim eu não vou poder sorrir pra você. — diz, soltando minhas mãos e puxando meu rosto para si.

Abro os olhos e coloco meu sorriso mais cínico no rosto.

— Antes disso eu vou tirar algumas fotos só para ter como recordação, então depois eu costuro sua boca.

Ele ri e cola nossos corpos de vez.

— É bom eu não arriscar. — grunhe, divertido.

— Você que sabe. — retruco, encarando seus lábios.

Ele amassa nossas bocas com força e eu enfio minhas unhas em seus braços, ainda puta demais com tudo que ouvi dos caras e que vi daquela puta. Trent enfia sua língua dentro da minha boca e a cada segundo que passa, eu o machuco mais ainda. Ele grunhe contra os meus lábios e eu sinto sua ereção cutucar meu estômago. Empurro Trent pra longe de mim e trago minha mão até minha boca.

— Você foi um idiota hoje, Trent. — digo me aproximando dele apenas para pegar o papel de dentro do seu bolso.

Ele me olha visivelmente furioso.

Trent tenta me segurar outra vez, mas eu sou mais rápida.

Rasgo o papel e deixo o vento levar os pedacinhos.

— Amanhã nos vemos... — sentencio, caminhando de volta até a academia.
— ... ou depois de amanhã. — viro para ele e penso um pouco mais.
— *Melhor!* Nos vemos quando eu estiver a fim de olhar sua cara bonita mais uma vez.

— Isso é o que você diz — ele retruca, irritado. — Tenho bolas azuis nesse momento, não me deixe aqui, porra.

Balanço minha cabeça e acabo rindo.

— Vá para casa e cuide das suas bolas azuis — pisco para ele.

Escuto ele amaldiçoar o mundo inteiro e até a loira biscate.

Trent não vai brincar comigo. Não mesmo.

Mas, se ele o fizer, ele estará em maus lençóis.

Capítulo 23

Parisa Cohen

Dois dias mais tarde eu e Trent estamos treinando novamente no octógono. Eu me sinto mais confiante a cada segundo que se passa... Trent faz com que eu me sinta assim. Tanto suas palavras quanto seus gestos me deixam muita das vezes sem palavras, fazendo com que eu me sinta mais do que especial para ele.

— Eu quero sorvete. — digo, jogando-me no chão.

Tiro as luvas das minhas mãos e começo a arrumar meu cabelo. Trent se senta ao meu lado e eu solto a respiração que estava prendendo. Estou usando um macacão completamente colado ao meu corpo que Oliver fez questão de enfiar na minha mala quando eu estava me preparando para voltar. A peça é bem confortável, eu já tinha usado ele quando fui treinar com Oliver e Fable na minha última semana em Seattle.

— Agora? Não quer esperar até a hora de ir embora? — Trent indaga e eu dou de ombros.

— Acho que não vai dar tempo. Você tem luta hoje. — explico, sentando-me ao seu lado.

Ele se levanta e estende uma mão para mim. Seguro sua mão e ele me puxa para cima. — Então vamos comprar seu sorvete. — diz, entrelaçando nossos dedos.

Deixo que ele faça isso, afinal o papai está na sua sala agora, então eu acho que não tem problema algum.

Assim que saímos despercebidos da academia, vamos até o seu carro e ele pega sua carteira e celular lá de dentro. Estou encostada no carro o encarando quando noto um casal nos fitando alguns metros adiante.

Uma sensação ruim corre por meu corpo.

Enquanto eles começam a fazer seu caminho em nossa direção, percebo que eles já devem ser de idade. As rugas e o andar da mulher a denunciavam bastante, e mesmo o homem que anda mais firme do que ela, parece já ter mais de sessenta anos.

Trent sorri para mim e entrelaça nossos dedos novamente, mas eu não sou capaz de devolver o sorriso. Eu estou apenas com... *medo*? Ele percebe que algo está errado e vira para ver o que eu estou olhando. Seus dedos apertam os meus com força assim que ele fita o casal.

Trent os conhece.

Sinto seu corpo ficar tenso e ele vai apertando minha mão mais e mais a cada segundo que passa. Eu não sei quem são aquelas pessoas, mas já não tenho um bom pressentimento sobre eles.

— Querido neto. — a mulher diz assim que eles param a, provavelmente, dez passos longe de nós dois.

Neto? Ela é sua avó? Oh, Deus.

Aperto a mão de Trent de volta, certificando-o que estou com ele. Eu não sei nada sobre seus pais e sobre nenhuma família de Trent, já que ele nunca fez questão de contar e isso sempre pareceu ser um assunto proibido. Mas agora com essa mulher na nossa frente e ele completamente desconfortável, eu acho que sei o porquê disso e até tenho algumas respostas para muitas das minhas perguntas.

— O que estão fazendo aqui? — sua voz está mais fria que o polo-norte.

Trent descontrolado é basicamente uma *bomba-relógio*. Quem quer que realmente sejam essas pessoas, elas estão deixando-o muito irritado. Ele está indo de zero a cem em segundos.

— Vê como ele nos recebe? Ele me tratou muito mal da última vez que tentei falar com ele, Sally. — o velho diz, adquirindo uma carranca.

Eles dois me fitam e a mulher sorri tão doce quanto pode. Eu quero me esconder deles. Porra, eles são assustadores pra caramba.

— Eu te disse para não me procurar novamente, vocês não significam nada para mim. — Trent diz em um rosnado.

Ele aperta meus dedos com tanta força que eu tento tirar minha mão da sua, fazendo-o me encarar. Seus olhos parecem mais escuros do que poucos minutos atrás e sua expressão está com um misto de horror, raiva e dor.

— Minha mão, Trent. — digo e ele afrouxa imediatamente o aperto.

— Ela é sua namorada, *querido*? — a mulher pergunta, interrompendo

nosso contato visual.

Eu ainda não gosto dela e nem desse sorriso doce que ela está esbanjando em minha direção.

*Apenas **não** parece certo.*

— Isso não é da sua maldita conta.

Assim que Trent solta a última palavra, o sorriso dela vai lentamente se desfazendo e ela adquire uma carranca assombrosa. Deixar Trent sozinho nesse momento não é uma opção, mas se fosse, eu já teria corrido para bem longe deles.

— Ele não mudou nada, Sally. Continua a mesma escória de sempre. — o homem rosna e estufa o peito, parecendo um maldito pavão.

Trent dá um passo para frente e eu vejo que é nossa hora de sair de perto deles, mesmo que tenha sido eles a virem a nosso encontro. Não posso arriscar deixar Trent se aproximar mais deles ou ele partirá para cima e tê-lo preso por agressão não é nada bom.

— Trent, *não*. — peço, apertando sua mão e ficando em sua frente.

Ele não me olha. Na realidade, Trent está encarando os dois como se fossem suas presas.

— Está se preparando para acabar com a vida dela também, *verme*? — a voz da mulher sai carregada de ódio.

Ainda bem que eu estou de costas para eles ou então eu realmente vomitaria. *Esses são seus avós? Quem diabos trata um neto dessa forma?*

— Isso é só o que ele sabe fazer. — o homem retruca e eu sinto Trent estremecer de raiva. — Matou os pais e agora vai fazer isso com essa putinha do caralho.

A respiração de Trent é sonoramente alta demais. Ele vai explodir e eu só consigo me preocupar com isso. Não ligo que o seu avô tenha me chamado de puta ou qualquer outra coisa.

Eu preciso acalmá-lo.

— Quanto? — Trent pergunta, simples.

É dinheiro? Disso que se trata?

— O suficiente para que não tenha cara de esmola. — a mulher diz, com um ar divertido na voz.

— *Trent*, vamos embora. — sussurro, apertando seu braço.

Ele finalmente me encara e eu suplico silenciosamente com meus olhos para irmos embora de perto dos seus avós.

— Um minuto apenas, querida. — beija minha testa e eu assinto.

Ele me puxa para ficar atrás dele e eu posso escutá-lo pegar alguma coisa de dentro da sua carteira. Provavelmente um cheque.

Eles estão silenciosos demais.

— *Nunca mais voltem*. — Trent finalmente quebra o silêncio depois de um longo minuto.

— Não precisa nem pedir. — a mulher responde.

Escuto os passos arrastados deles e alguns segundos depois, Trent se vira pra mim. Seus olhos procuram os meus ansiosamente e eu acho que a minha expressão não é nada boa.

Eu não fui criada em um ambiente como esse. Posso não ser muito próxima dos meus avós, mas todas as vezes nos reunimos para ocasiões importantes com toda a família, eles sempre foram adoráveis, amáveis e carinhosos. Os avós de Trent são... *horríveis*.

— Entra no carro, por favor. — Trent pede para mim.

Ele abre a porta e eu entro rapidamente dentro do seu carro. Trent faz o mesmo, entrando do outro lado. Ele liga o carro, sai da sua vaga e logo acelera, indo para algum lugar que eu não faço a mínima ideia de onde seja.



Estamos estacionados em frente ao Central Park.

Nem eu e nem Trent falamos qualquer coisa durante o caminho, mas eu pude sentir que ele estava tenso. Sua postura é tão reta que parecia muito

incômoda do ângulo que estou vendo e seu maxilar travado já deve estar doendo pra caramba.

— Fala alguma coisa. — ele finalmente pede.

Pisco nervosamente e respiro fundo.

— O que eu devo falar? — indago.

Trent e eu nos encaramos e ambos soltamos o cinto de segurança.

— Qualquer coisa... Apenas não fique em silêncio. — murmura.

Penso em como abordar o assunto da melhor forma, mas não há uma melhor forma. — Aqueles eram seus avós? — sussurro.

Trent se mexe desconfortável e acena que sim com a cabeça.

— *Por que... O quê... Eu não entendo!* Do que eles estavam falando? Por que eles estavam te tratando daquela forma horrível, Trent? — pergunto, me alterando.

Eu não consigo entender o por quê de eles tratarem Trent daquela forma tão asquerosa.

— Meu passado não foi um mar de rosas, Parisa. — responde, quebrando nosso contato visual e sentando-se de frente para o volante outra vez.

— Por favor, Trent... Eu *preciso* saber. — digo, tocando em seu braço. Ele fecha os olhos e respira fundo.

— Prometa que não vai me olhar da mesma forma que eles o fazem. — rosna entre dentes. — Posso receber isso de qualquer um, *menos de você*.

— Eu nunca te olharia diferente...

— Bem, então prometa! — exige, irritado.

— Eu prometo, eu prometo. — disparo rapidamente e aperto seu braço.

Ele afasta o seu banco um pouco para trás e parece estar se preparando para o que quer que seja que ele vá me contar.

— Nunca conheci meus pais. — começa e eu solto seu braço, concentrando-me em suas palavras. — Quando eu tinha meses de vida, eles morreram em um acidente de carro. Era Natal, como sempre o frio de New York

estava massacrando e para uma criança de apenas meses, esse frio era ainda pior. Fiquei resfriado, eles me colocaram no carro e estavam me levando para o hospital quando o meu pai perdeu o controle do veículo por causa da pista escorregadia e um caminhão bateu no nosso carro. — levo minha mão até minha boca, tentando conter as lágrimas que enchem meus olhos, enquanto Trent não esboça uma emoção sequer.

— *Oh meu Deus, eu sinto muito.* — murmuro, com a voz embargada.

— Eu não faço qualquer ideia de como consegui sobreviver. Fiquei quase dois meses na UTI, mas logo fui liberado e meus avós tinham minha guarda total. — diz, fechando os olhos.

— *Como... Como se lembra?* — pergunto, desnorteada.

Ele tinha apenas meses.

— Não lembro. — retruca. — Essa era a história que a minha avó contava sempre que eu lhe pedia para contar algo antes que eu adormecesse.

Merda.

— O que eu consigo me lembrar é ruim. Não quero te encher com a minha merda, Parisa. — diz, seu rosto se contorcendo.

— Por favor, Trent... — suplico.

Não posso deixá-lo guardar tudo aquilo dentro de si mesmo.

Eu quero e *preciso* ajudá-lo.

— Eles começaram a me torturar assim que eu tive idade suficiente, *quatro anos*, para reconhecer realmente o que era a dor. Eu passei fome e sede durante muito tempo, eles se recusavam a me dar comida ou água, acusando-me de ter matado a minha mãe. *Sua filha.* — cospe as palavras como se fossem veneno em sua boca.

Não consigo segurar as lágrimas que começam a cair dos meus olhos. Escutar Trent me contar sua história faz o meu coração apertar de forma quase sufocante. *Ele foi torturado!*

— Você não fez isso. — sussurro, horrorizada.

— Eu sei que não, mas por muito tempo acreditei que tudo o que tinha acontecido era minha culpa. — responde, passando as mãos por seu cabelo. —

Quando conheci seu pai eu tinha fugido de *casa* e desde então nunca mais voltei. Você conhece essa parte. Jake me abrigou em seu escritório lá na academia por quase três anos. — dá de ombros e eu assinto, tentando enxugar as lágrimas insistentes. — O que você não sabe é que Jake me levou em um psiquiatra um ano depois do nosso primeiro encontro. Minhas atitudes explosivas não podiam ser explicadas apenas por minha raiva sobre meu passado, Jake dizia. Eu fui diagnosticado com Transtorno Explosivo Intermitente, mais conhecido como Síndrome do Hulk. Passei grande parte da minha vida lidando com essa raiva sem fim que tomava conta de mim, além da merda bipolar que tenho que lidar e uma droga de depressão. Eu não sou um cara estável, Parisa, eu sou um pacote andante de merdas.

— Isso... É por isso que o papai não quer que *eu...* que *nós* nos...?

Trent sorri, seco.

— Sim, *porra*. Se fosse minha filha eu faria o mesmo. Quem diabos iria querer alguém como eu perto de sua filha? — ele me encara e eu cerro os olhos. — Ele tem medo que eu perca o controle e te machuque. Ele me fez prometer não te trazer para a minha merda, Parisa. É suposto que eu nunca te toque!

— Tarde demais.

— Sim, tarde demais, querida. — grunhe. — Eu também tenho medo de perder o controle e te machucar. *Nunca me perdoaria, porra*. Mas de alguma forma, você é a minha paz. Mesmo que eu esteja mentalmente fodido, você é a minha paz. Você me traz paz com seus olhos bonitos e seus sorrisos bonitos. Só *você*. — Trent enxuga as lágrimas em minhas bochechas e eu respiro fundo.

— Você nunca me machucaria, eu sei que não. — seguro sua mão. — Eu amo você. — sussurro.

Seus olhos arregalam-se assim que ele absorve minhas palavras.

Três palavras que esperei muito tempo para falar.

— Caralho! — rosna, sua voz bastante rouca. — Eu amo você, Parisa. Sempre amei você.

Suas palavras fazem meu coração acelerar e eu me inclino até Trent. Assim que estou perto o suficiente, eu encaixo nossos lábios juntos, beijando-o docemente.

— Tenho dias ruins pra caralho, querida. Você ainda pode fugir. — diz, roçando nossas bocas rudemente.

Abro meus olhos e o encaro firme.

— Você é meu, nada mais importa. Dias bons ou ruins, eu não ligo. Não posso suportar a ideia de estar longe de você. — retruco, sentindo minha pele esquentar e ele sorri de lado.

— Porra, ter você me reivindicando dessa forma me deixa duro pra caralho. — grunhe e eu gargalho. — *Você é minha, baby.* Dias bons ou ruins, eu sou seu. *Esse é nosso destino.*

Esse é o momento em que eu decido que é a hora. Eu preciso de Trent o mais rápido possível. Eu, ele e um quarto. *Simples.* Então, só assim eu serei realmente sua e ele meu.



Termino de pentear meu cabelo e levanto da cadeira, indo até o espelho e fitando-me por fim. Eu pareço bem. Visto uma camiseta preta, para combinar com o jeans justo e sapatilha azul que estou usando. Depois que eu e Trent tomamos sorvete no Central Park mais cedo, eu pedi para ele me deixar em casa. Passei o resto da tarde pensando em todos os acontecimentos do dia.

Foi intenso.

Não consigo tirar da cabeça as suas palavras, e as imagens de um Trent pequeno, assustado e ferido rondam a minha cabeça sem parar. Sinto tanto por ele ter passado por tudo aquilo. Respiro fundo e balanço minha cabeça.

É hora de deixar isso um pouco para o lado.

Batidas soam através da minha porta e papai entra no meu quarto.

— Está pronta? — pergunta, encostando-se na parede.

Aceno positivamente e pego meu celular, enfiando-o no meu bolso e caminhando até o papai.

— Ele está agitado, espero que isso não o atrapalhe. — papai diz.

— Também espero...

Passamos pela porta e caminhamos lado a lado pelo corredor.

— Você está bem, querida? — papai pergunta, segurando meu braço.

Eu o encaro.

— Sim, claro. — respondo rapidamente. — Eu... *Uh...* Eu queria saber se posso sair para comemorar com os caras depois da luta...? — lanço um sorriso pidão, batendo meus cílios repetidamente.

Papai cerra os olhos para mim.

— Quem vai te trazer para casa? — pergunta, soltando meu braço.

— Trent, provavelmente. — digo, dando de ombros. — Vai, pai, *por favor*. Eu estou levando em consideração sua opinião, mesmo que eu já tenha idade suficiente para decidir por mim. — apelo.

Ele rola os olhos e bufa.

— Certo, certo. Vá comemorar. — diz entre dentes.

Pulo em cima dele, laçando seu pescoço e o abraçando forte. Deposito beijos em sua bochecha e ele acaba rindo.

— Obrigada, obrigada, obrigada! — exclamo.

Papai e eu descemos e saímos de casa, indo direto para o seu carro e logo estávamos a caminho da arena.



Chegamos na arena e enfrentamos uma fila para entrar no local, mas quando paramos no setor três e papai mostrou nossos cartões da equipe de Trent, ganhamos acesso livre.

— Vamos na sala de concentração rapidamente e depois tomaremos nosso caminho para nossos assentos. Jogo rápido. — papai diz e eu aceno com a cabeça e dou de ombros, tentando não demonstrar minha animação, mas por dentro eu estou praticamente me roendo.

Quando eu e papai finalmente chegamos na frente da sala de concentração de Trent, passamos por seus seguranças e entramos na sala. Enquanto passo pela porta, posso escutar os caras rindo de alguma coisa. — Chegou quem faltava! — Lucas exclama.

Acho Trent sentado em uma cadeira. Ele está concentrado colocando a bandagem em suas mãos, mas logo sobe o rosto devido a algazarra dos caras.

— Viemos desejar boa sorte, garoto. — papai diz, olhando para Trent.

— Sim, *boa sorte*. — afirmo, sorrindo de lado.

Trent acena com a cabeça em um movimento simples.

— Obrigado, velho. — ele diz para papai e volta a me encarar. — *Parisa*. — completa.

Pisco discretamente para ele.

— Vamos agora para os nossos lugares. *Pamella*. — papai a chama.

Minha irmã veio mais cedo com Max... A coisa parece estar bem séria entre eles. Caminhando até nós, Pam se junta a mim e papai nos empurra para sair da sala.

Sempre isso.



O último golpe que Trent deu em Stalin, o outro lutador, foi certeiro. Um nocaute, assim como ele sempre faz, mas dessa vez foi um pouco diferente, já que ele olhou para mim assim que foi afastado do outro homem.

Foi *literalmente* de arrepiar.

Agora eu e ele estamos dentro do seu carro, indo para um *pub* não muito longe da arena. Estamos calados, apenas desfrutando da presença um do outro, e isso é bom, já que eu tenho planos bem maiores para hoje à noite. Poucos minutos depois Trent estaciona o carro e nós saímos de lá de dentro.

O vento frio faz eu me encolher um pouco.

— Vamos? — ele pergunta, baixo.

Assentindo com a cabeça, Trent coloca a mão em minhas costas e me guia pelo caminho. Assim que entramos no *pub*, avistamos os caras no bar virando doses de alguma bebida.

— Quando quiser ir embora é só me avisar. Não vou beber hoje. — Trent diz no meu ouvido.

— Nem eu! — retruco e ele me olha interrogativamente.

Dou de ombros e ele pressiona os dedos em minha espinha. Um leve tremor passa por meu corpo, mas eu ignoro.

— Parisa! — Mike exclama sorridente.

Oh, a noite vai ser longa...



Eu passei um par de horas tentando me divertir com os caras, mas o olhar de Trent em cima de mim me fazia praticamente correr até ele e beijá-lo sem restrições. Dessa forma, eu desisti de me divertir e fui até o mesmo.

— Eu quero ir pra casa. — digo, terminando de beber minha água.

Ele está sentado em uma das cadeiras giratórias em frente ao balcão. Paro no meio das suas pernas e ficando na ponta dos pés, abraço-o forte pelo pescoço.

— Bem, avise Pamella e ligue para Jake para avisar que já está a caminho. — Trent resmunga no meu ouvido.

Respiro fundo e afasto meu rosto para encará-lo.

— Quero ir para sua casa, Trent. *Sua cama*. — explico, levantando uma sobrancelha.

Um brilho de incredulidade e desejo pisca em seus olhos. Finalmente tocando-me, ele aperta minha cintura e me puxa para mais perto.

— Você não bebeu nem um pinga de álcool... Está falando sério? — pergunta, alisando minha cintura por cima da camiseta.

— Por que eu brincaria? — questiono, mas não o espero responder. — Você não quer isso?

E então lá estou eu me sentindo insegura.

— Porra, claro que sim! Que diabos de pergunta é essa? — rosna, cerrando os olhos. — Isso tudo é sobre você. Basta ter certeza do que você quer.

Minhas preocupações vão embora.

— Então vamos logo, ou eu vou pular sob seus ossos e nunca mais soltar. — sussurro.

Trent sorri para mim e eu derreto.

Aquele. Maldito. Sorriso.



Despedindo-me de todos com um aceno de longe, eu e Trent saímos e vamos para o seu carro.

O caminho para sua casa é completamente desconhecido para mim, já que nunca fui lá, então eu não sei se estamos perto ou longe. Tento ficar calma e menos tensa, e Trent deve ter percebido meu estado, já que coloca sua mão em minha coxa e afaga o local suavemente durante partes do caminho.

Finalmente, quase vinte minutos depois, Trent para o carro em frente a um portão de ferro alto. Eu sei que sua casa estava em construção há quase três anos e que os caras viviam repetindo que seria uma puta mansão, mas eu pensei que era apenas uma brincadeira. Assim que os portões são abertos, ele segue pelo caminho de pedrinhas até a mansão branca.

Era muito bonita, caramba!

Ele estaciona o carro dois minutos mais tarde e nós saímos. Eu vou até seu encontro e ele entrelaça nossos dedos, puxando-me pelo caminho.

Entramos na casa e Trent me empurra contra a porta, colando nossas bocas. Ele me puxa para cima, fazendo-me laçar sua cintura com minhas pernas e eu o beijo com a mesma intensidade.

— Vamos fazer isso contra a porta? — pergunto assim que ele separa nossas bocas.

Trent ri, amassando minha bunda em um aperto forte e começa a fazer seu

caminho para algum lugar que eu não faço ideia de onde seja.

— Vamos fazer isso na minha cama, e é lá o lugar onde você deve estar. Comigo. Debaixo de mim, em cima de mim, e porra, em qualquer posição que queira. Esse é o lugar onde você pertence.



Diferente do que eu sempre imaginei, Trent não está com pressa, e isso me deixa nervosa. Eu — secretamente — estava esperando que ele arrancasse logo minhas roupas, em seguida as suas, e deslizasse para dentro de mim sem demora, mas não é bem assim que as coisas estão acontecendo, e isso me apavora. Seus olhos azuis estão tão escuros e cheios de desejo que parecem completamente negros.

Eu inspiro e expiro freneticamente uma, duas, três vezes.

“Controle-se, Parisa, é só sua primeira vez. Nada demais”, Ah, claro, nada demais.

Trent segura meu rosto de cada lado e toma meus lábios com os seus. O nervosismo dentro de mim vai lentamente cessando, enquanto ele me beija apaixonadamente, conduzindo-me de forma deliciosa. Sua língua atíça a minha em um jogo sensual e estupidamente bom e, inclinando minha cabeça um pouco mais, ele consegue o acesso perfeito e mais profundo para minha boca. Sua língua explora todo canto que consegue, encontrando-se com a minha e continuando com suas tórridas carícias.

Separo nossas bocas dois minutos mais tarde e Trent aproveita para colocar uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha, fazendo-me sorrir de lado.

— Você realmente quer isso, Parisa? — indaga, atento a todas as minhas expressões, mas eu não oscilo em qualquer momento.

Sua voz áspera e rouca leva uma onda de desejo até um ponto no meio das minhas pernas, enquanto um calor absurdo toma conta do meu corpo. — Sim. — respondo simplesmente, encontrando-me incapaz de falar mais do que isso.

Trent toma minha resposta e deixa suas mãos deslizarem do meu rosto até a minha cintura. Ele não desgruda os olhos de mim por nem um segundo e eu encontro-me incapaz de fazer o contrário. Não consigo parar de olhá-lo.

— Fico feliz que não fugiu de mim depois que compartilhei o meu lado mais escuro com você. — murmura.

Levo uma mão até sua bochecha e outra até seu cabelo. Ele fecha os olhos por alguns instantes, respirando pesadamente, e os abre segundos mais tarde, voltando a me fitar.

— Eu *nunca* te abandonaria. — sussurro de volta, sentindo meu coração apertar.

Ele assente e cola nossas bocas novamente. Segurando minha camiseta de cada lado, Trent começa a levantá-la durante nosso beijo. Seguro seu cabelo com força, trazendo-o para mais perto de mim enquanto sinto o ar gelado do quarto colidir com a minha pele, o que me faz tremer.

— Eu prometo que vou tentar ser o melhor pra você. — diz, descolando nossos lábios.

Assinto com a cabeça no automático e no segundo seguinte, Trent termina de tirar minha camiseta com a minha ajuda. Dando dois passos para trás, ele joga a peça em algum lugar do seu quarto. Seus olhos famintos me avaliam e o meu instinto imediato é de tentar me esconder do seu olhar, mas eu não movo um músculo sequer.

— *Que diabos eu fiz para merecer tudo isso?* — sussurra para si mesmo.

Sem aguentar o espaço entre nós, ele volta para perto de mim e amassa nossas bocas uma contra a outra mais uma vez. Suas mãos descem e sobem por minhas costas nuas e eu até consigo sentir os calos ásperos que seus dedos tem. *É deliciosamente bom.* Alcançando e parando no fecho do meu sutiã, Trent o solta com facilidade e interrompe nosso beijo. Ele puxa meu lábio inferior com força e eu choramingo baixo.

— Vá para a minha cama. — ordena, com sua voz rouca e ofegante.

Vou me afastando lentamente de Trent e com isso ele fica com meu sutiã em suas mãos, enquanto caminho até sua cama. Deixo minha sapatilha pelo caminho e deito-me em sua cama com apenas meu jeans justo cobrindo-me por fim.

Acompanho os movimentos de Trent dos próximos vinte segundos. Ele joga meu sutiã para o lado e faz o mesmo com sua camisa assim que ele a puxa para fora do seu corpo. Ele vem em minha direção e eu aperto minhas pernas para

tentar aliviar toda a tensão que estou sentindo ali no meio.

Arrastando seu corpo contra o meu, Trent finalmente está pairando sobre mim. Apoiando-se em seus braços para não despejar seu peso em cima de mim, ele beija minha boca e segue fazendo o mesmo até minha orelha. Seus beijos estalam contra minha pele enquanto ele faz o seu caminho até meu pescoço, onde ele deixa uma mordida ali.

Arqueando minhas costas para cima, finalmente meus mamilos endurecidos e sensíveis tocam sua pele quente. Ele solta um grunhido gutural, beijando minha clavícula em seguida e chupando-a com avidez, o que me faz soltar um suspiro sôfrego. Apoiando-se agora com apenas um braço, Trent deixa o outro livre e captura o meu mamilo sensível com sua mão, massageado a carne lentamente e fazendo-me revirar os olhos até fechá-los.

— *Oh, m—merda!* — gaguejo entre dentes.

A avalanche de sensações que colidem dentro de mim torna-se mais fortes quando Trent captura meu outro mamilo com seus lábios finos e molhados. Ele geme contra minha pele, fazendo com que vibrações fortes viajem pelo meu corpo. E eu sinto, eu sinto tudo que ele está me proporcionando. Tento escapar da sua tortura, mas ele apenas intensifica suas carícias, deixando-me completamente molhada, desnorteada e a sua mercê.

— Nem nos meus sonhos eu a visualizei tão bonita assim, *baby*. — diz, separando os lábios do meu seio.

Um calor abrasador se espalha com mais força ainda por meu corpo quando ele finalmente volta até minha boca de deposita um beijo simples e leve ali.

Trent belisca meu outro mamilo e o solta em seguida.

Levantando seu corpo de cima do meu, suas mãos viajam pelo meu estômago até chegarem ao cócs da minha calça. Desabotoando e abrindo o zíper, ele começa a puxar a peça para fora do meu corpo, deixando-me apenas com a minha *lingerie* branca.

— *Maldita seja*. — pragueja, sua voz entorpecida de luxúria.

Abro meus olhos e encontro Trent encarando-me e bebendo-me com o seu olhar. Minhas entranhas apertam dolorosamente forte, fazendo-me tentar fechar minhas pernas, mas Trent as segura abertas, expondo-me para seu deleite. Fecho os meus olhos novamente, achando impossível continuar com eles abertos.

Suas mãos viajam da minha panturrilha até o interior das minhas coxas, fazendo eu me empurrar um pouco mais para ele.

— Eu quero ter cada pedaço seu gravado na minha mente. — rosna. Ele aperta minhas coxas, afundando os dedos na minha pele e fazendo meu sexo latejar mais e mais.

Soltando minha coxa direita, ele sobe seus dedos até onde eu mais o ansiei. Seus dedos vagam lenta e provocativamente sob o tecido da minha calcinha fina e molhada. Espalhando mais minhas pernas com sua mão livre, Trent desce seu corpo, apoiando-se outra vez em seu braço e colidindo nossas bocas. Ele me tortura por breves segundos, massageando meu clitóris por cima da calcinha. Assim que ele afasta minha calcinha para o lado e desliza um dedo para dentro de mim, eu arqueio as costas, mordendo meu lábio com força para não explodir de uma só vez.

Toda essa tensão sexual está me deixando mais sensível do que nunca. Escuto os dentes de Trent trincarem e logo ele está beijando meu pescoço, enquanto move seu dedo sem muita pressa. — *Doce, Parisa.* — grunhe.

Com o seu dedão pressionando e raspando contra meu clitóris, ele acaba deslizando outro dedo para dentro de mim. Trent aumenta a velocidade de seus movimentos, enquanto eu começo a falar algumas palavras soltas e desconexas, completamente fora do eixo. As sensações são desconhecidas e novas. Trent atinge um ponto dentro de mim que me faz balançar meus quadris furiosamente, tentando obter alguma libertação.

— Trent, *por favor...* — suplico sobre a borda, pronta para deslizar.

— O que, baby? *Diga.* — demanda, beijando o lóbulo da minha orelha.

Oh, merda!

— *Merda, merda, merda... Eu vou...*

Trent desacelera os movimentos e tira os dedos de dentro de mim, aproveitando para espalhar minha umidade por todo meu sexo.

— Agora você está pronta. — rosna, depositando um beijo em meu ombro.

Abro meus olhos lentamente e Trent puxa minha calcinha para baixo, levando-a consigo enquanto ele começa a afastar seu corpo de mim. Ele levanta da cama, enquanto eu estou quase me contorcendo para que ele volte e me alivie

totalmente. “*Ainda não gozei, lutador*”, penso em falar, mas fico calada.

Trent não perde tempo. Ele chuta seu tênis dos pés e pega alguma coisa dentro de uma cômoda, fazendo seu caminho de volta até a cama. Eu nunca o vi tão selvagem como agora nesse momento. Seus olhos não deixam de observar-me por um só segundo. Seu cabelo loiro está completamente bagunçado e desgrenhado, enquanto ele parece meio fodido.

Fodido por mim.

— Você ainda pode desistir. — enuncia, dando-me uma última chance para voltar atrás.

Nego com a cabeça e lhe dou um sorriso nervoso — provavelmente mais parecido com uma careta.

— Não quero desistir. — afirmo, corajosamente.

Ele acena com a cabeça e coloca um pacote pequeno na boca e em seguida abre o zíper de seu jeans escuro. Sinto minhas orelhas queimarem, drenando o sangue para as minhas bochechas diante a imagem de Trent. Mal percebo que ele também começa a levar sua cueca para baixo. Não posso me forçar a não olhá-lo enquanto ele se expõe para mim. Ele ali, *gloriosamente nu*, parado na minha frente é ainda mais insanamente quente do que um dia eu cheguei a imaginar.

Engulo a seco, tentando não ficar nervosa. Trent volta a ficar em cima da cama e eu fecho os olhos. Escuto ele abrir uma embalagem e sei o que ele deve estar fazendo agora. Poucos segundos depois, ele arrasta seu corpo provocativamente sobre o meu e eu abro os olhos.

— Não desvie o olhar por nenhum segundo. — demanda.

Eu assinto e Trent traça o caminho novamente com sua mão até meu sexo, deslizando um dedo outra vez para dentro de mim. Aperto os lençóis com força, não desviando o olhar do seu nem por um segundo, assim como ele comandou.

— Você está pronta, baby? — pergunta.

Ele bombeia o dedo com força dentro de mim e eu praticamente engasgo.

— *Por favor, sim.* — choramingo baixinho, mordendo meu lábio inferior em seguida.

Trent tira seu dedo de dentro de mim e se posiciona na minha entrada,

enquanto eu prendo a respiração. O meu coração parece que vai saltar pela boca a qualquer segundo. Os músculos da minha barriga se contraem e ele beija meu queixo, tentando me fazer relaxar.

Tomando um impulso lento, ele empurra para frente e eu solto o ar preso, arqueando minhas costas e tentando relaxar. Não consigo segurar o gemido de dor que escapa dos meus lábios.

— *Shhh*, Parisa. Você vai se acostumar, baby. — ele grunhe.

Trent cola nossas bocas e empurra mais um pouco. A dor que atravessa meu corpo é forte como um relâmpago. Sinto-me quebrar em pedaços pequenos enquanto um turbilhão de sensações viaja pelo meu corpo junto com a fisgada desconfortável. Deslizando sua língua para dentro da minha boca, ele me beija com *furor*. Consigo sentir seu corpo tenso em cima do meu, enquanto ele parece estar lutando internamente contra seus instintos.

Concentrando-me nas nossas respirações ofegantes, sinto Trent me preencher por completo. O cuidado que ele está tendo comigo é quase palpável. Ele descansa sua cabeça no espaço entre meu pescoço e o ombro, e deposita um beijo no meu maxilar. Segundos incontáveis se passam, enquanto ele se acomoda da forma perfeita.

Quando penso em abrir minha boca para pedir que ele se mexa, Trent começa a balançar para trás e para frente, em um ritmo constante e lento. Solto um chiado, enquanto no lugar da dor, outras sensações começam a aparecer também. A dor ainda está muito presente, mas acaba se tornando um desconforto simples e suportável.

Tomando velocidade, ele investe com precisão, atingindo mais profundo dentro de mim a cada novo movimento. Trent levanta sua cabeça do esconderijo entre meu pescoço e nos encaramos cruamente. As pupilas dilatadas dos seus olhos denunciam o quão ligado ele está nesse momento, como se eu fosse sua droga proibida.

Capturo seus lábios com os meus e ele grunhe em resposta, balançando seus quadris com mais velocidade e penetrando com necessidade. Uma necessidade que nós dois compartilhamos nesse momento. Agarro-me com força em Trent, empurrando meus quadris a procura de mais, esperando que nos fundíssemos em um só.

Durante os minutos que se sucedem, nossos corpos escorregadios e

famintos deslizam e colidem, esbarrando com força um no outro enquanto uma névoa de desejo e excitação paira em cima de nós dois. Os meus gemidos roucos são inevitáveis, já que Trent está me jogando sobre a borda. Ele responde com grunhidos que fazem minha barriga contrair e meu sexo apertar em torno dele. Eu não consigo explicar a sensação que está se formando dentro de mim. É como se os fogos de artifícios do *Quatro de Julho* estivessem prestes a estourar dentro de mim.

Uma pressão corre por meu corpo e eu fecho minhas pernas ao redor da cintura dura e estreita de Trent. Abro minha boca, tentando puxar o máximo de ar possível e dois segundos depois sinto-me perdida em algum lugar desconhecido. Um orgasmo doloroso e ao mesmo tempo prazeroso atinge meus sentidos sem pena, deixando-me desnorreada e quase anestesiada.

Estou caindo em queda-livre.

Arqueio minhas costas e Trent beija-me duramente, grunhindo dentro da minha boca e ainda investindo à procura do seu próprio alívio. E isso não demora a acontecer. Em um segundo seu corpo está tenso em cima de mim e em outro ele simplesmente desaba, embarcando comigo em um mar de satisfação.

— *Porra...* — ele grunhe um minuto mais tarde, saindo de cima — *e de dentro* — de mim.

Eu estou tentando colocar minha cabeça no eixo outra vez.

Com o corpo quente de Trent longe de mim, o frio finalmente me pega desprevenida, fazendo eu me encolher e puxar os lençóis negros para cima de mim. Trent volta de onde quer que ele tenha se metido e eu bocejo, sentindo meu corpo começar a reclamar e me deixar na mão.

Puxando-me para perto e entrando debaixo do lençol comigo, ele me abraça por trás e afasta meu cabelo molhado do meu pescoço. Nós dois estamos suados, escorregadios e ainda ofegantes demais.

Eu não sou mais virgem, oras... Finalmente! Acho que estou delirando.

— Como se sente? — pergunta, beijando meu pescoço.

Bocejo outra vez e me aninho em seus braços fortes.

— Fodida? — brinco, descansando minhas mãos em cima das suas, que estão espalmadas em minha barriga.

— *Parisa*. — adverte, fazendo-me sorrir.

— Bem. Eu me sinto muito bem, embora tenha sido desconfortável a princípio. — sussurro, virando meu rosto para vê-lo. — Foi o que foi, *lutador*. Muito bom trabalho. — ofereço-lhe um sorriso.

Colando nossas bocas suavemente, ele escova meus lábios, beijando-me com suavidade. Meus olhos estão mais pesados que o normal e eu afasto nossas bocas, bocejando outra vez.

— Durma, *Parisa*. — diz, deixando-me confortável outra vez.

Sem pensar duas vezes, entrego-me ao sono, mas não antes de ouvir Trent sussurrando ao pé do meu ouvido um “*Eu te amo, querida*”.

Com um sorriso deslizando por meus lábios eu suspiro e sussurro de volta. — *Eu amo você, lutador*.

Capítulo 24

Trent Wayne

Assim que desperto lentamente e sinto o calor de um corpo contra o meu, tenho a porra da certeza de que tudo foi real. Minha garota está dormindo serenamente, enrolada em meus braços, parecendo muito confortável — *diferente do que ela é quando está acordada*. Sua boca rude é sempre um desafio do caralho para mim e ela quase nunca é serena. Passando minha mão por seu corpo, sinto a maciez de sua pele, o que faz-me ficar duro — *bem* mais duro do que a minha ereção matinal sempre o faz. Porra, com a visão que estou tendo nesse exato momento é bem difícil não ficar duro.

O lençol de seda negra que nos cobre contrasta bem com a pele pálida e alva de Parisa, dando-lhe um ar malditamente angelical. Puxo um pouco o tecido para baixo e tenho uma visão perfeita das suas curvas. *Da sua bunda*. Ela parece quente como o inferno, e eu estou recolhendo toda minha força de vontade para não a acordar com meus dedos dentro dela, ou, *porra*, chupando-a. Não seria uma má ideia, mas ainda preciso sondá-la depois do que aconteceu ontem.

Puxo-a para mais perto e beijo seu pescoço, aproveitando para cheirá-la. Nunca me cansarei de fazer isso. Ela tem o melhor cheiro do mundo, faz-me ficar calmo e é estupidamente hipnotizante. — Baby, acorde. — resmungo em seu ouvido.

Parisa finalmente se mexe contra mim, esfregando o seu corpo quente e pequeno no meu. A sensação que corre dentro de mim é familiar; a mesma de ontem. Tenho vontade de devorá-la e fazê-la gritar meu nome quando estiver perto de gozar, implorando por seu alívio. — Baby... — ronrona, enfiando o rosto em meu pescoço.

Tomo uma respiração profunda.

— Bom dia, querida. — enuncio em seu ouvido. Ela deposita um beijo em meu pescoço e, em seguida, sorri contra minha pele.

— É realmente um bom dia. — brinca.

Afastando-se um pouco de mim, ela se apoia nos cotovelos enquanto flexiono os braços para cima, descansando minha cabeça em minhas mãos. Seu cabelo bagunçado molda seu rosto da forma perfeita e, *porra*, ela parece

estupidamente bonita. Seus olhos azuis brilham, enquanto um sorriso sexy enche seus lábios inchados e vermelhos. Seus seios estão pressionados contra a cama e ela esfrega a sua perna na minha propositadamente.

Sinto minhas entranhas apertarem, porque eu sei que ela está me provocando e se ela não parar logo, eu vou acabar tomando-a do jeito que sempre quis. — Então... — diz, piscando seus bonitos olhos em minha direção.

— Você se sente bem? — pergunto, tentando me concentrar em qualquer outra coisa.

Suas orelhas queimam e logo suas bochechas estão vermelhas. Sempre assim. — Bem, bem... — murmura, desviando o olhar do meu.

— Parisa. — murmuro entre dentes.

Ela volta a me encarar e rola os olhos.

Estava demorando para começar com essa mania.

— Doeu no começo e, na verdade, agora ainda dói um pouco. Mas eu amei porque foi com você e foi... foi... *perfeito*. — diz quase sussurrando.

Posso dizer que ela está morrendo de vergonha de falar sobre isso, sei que sim, mas eu preciso saber como ela se sente, como ela se sentiu. **Porra**, quando entrei dentro dela eu senti como se fosse explodir. Já fodi, transei, comi tantas mulheres, mas o que fiz com Parisa foi diferente. Era sua primeira vez e eu não podia maltratá-la para o meu próprio prazer, então eu optei por ir devagar e adorá-la. *Fiz amor com ela*, esse é o ponto. Eu nunca pensei que algum dia faria amor com alguém, mas agora estou aqui me sentindo mais sentimental do que nunca. *Um completo maricas*. Mas que se foda, eu a amo e nada mais importa.

— Poderia ter sido pior, não é mesmo? Algumas garotas da minha escola comentavam pelo banheiro sobre a primeira vez delas e parecia bem mais doloroso. — diz, nervosamente.

Eu a observo mais alguns segundos antes de sorrir.

— Não foi com a pessoa certa. Provavelmente elas foderam com algum idiota que estava atrás de sexo rápido e fácil. — enuncio e ela sorri.

— Você era um desses idiotas, *Furor*. — afirma, levantando a sobrancelha em tom de desafio.

Não ousou mentir para ela, então acabo sorrindo mais ainda. Não me orgulho do que fiz no passado, mas tenho que viver com isso. Eu sempre estive atrás de sexo fácil e rápido, porque eu não tinha Parisa. Eu sempre quis tirá-la da minha cabeça, mas foi impossível. *É impossível.*

— Era, disse bem. Agora eu tenho tudo que preciso. — respondo, encarando seus lábios.

— É mesmo? — diz, divertida e irônica antes de rolar os olhos. — Garota de sorte...

Tirando o sorriso do rosto, analiso suas palavras.

Parisa não tem nenhuma sorte em me ter, na verdade eu que tenho sorte em tê-la. Sou fodido o suficiente para ser egoísta e tomá-la para mim, privando-a de ter um cara bom ao seu lado. Não sou bom e nunca fui. O tempo e as circunstâncias me foderam, mas ela não vê isso... ou vê e apenas ignora.

— Eu sou o único com sorte aqui, baby. — rosno e ela dá de ombros, sem se importar com o que eu digo.

Observando-a atentamente, vejo Parisa começar a encarar meu corpo atenciosamente. Ela sempre fez isso, mas quase enfartava de tanta vergonha quando eu a flagrava. Agora é diferente. Ela não está nem um pouco envergonhada, apenas corajosa.

Passando a língua entre seus lábios, ela toca meu estômago com uma mão e começa a contornar as minhas tatuagens. O seu indicador macio viaja e desenha em minha pele, deixando-me com um tesão do caralho. Subindo sem pressa, ela chega até meu bíceps esquerdo e para abruptamente, tirando a mão da minha pele como se tivesse acabado de se queimar.

Desço meu olhar, sabendo exatamente o que Parisa está vendo. Ela fita a tatuagem que eu fiz quando ela se foi. Seus olhos marejados com um azul brilhante e inconfundível e seu nome gravado em tinta vermelha na minha pele. Essa é a lembrança do que eu fiz com ela e do que nunca mais posso voltar a fazer.

— Oh, Trent... — Parisa sussurra, enquanto me encara com os olhos assustados.

Tiro minhas mãos da sua antiga posição e libero meus braços para tocá-la, mas no percurso ela me para. Puxando o lençol para cobrir seu corpo, ela se

senta e me encara como se eu fosse uma aberração. Ela não gostou do que eu fiz? *Porra.*

— Isso... — tenta falar, mas para.

Ela finalmente se aproxima mais de mim e contorna a tatuagem que faz morada em meu bíceps.

— Seu nome e seus olhos. — digo e ela deixa uma lágrima cair.

“Porra, Trent, fazendo-a chorar outra vez?”, penso irritado.

Sento-me na cama em um movimento brusco e puxo seu corpo para mim. Suas lágrimas começam a cair por meu ombro, molhando minha pele e me deixando nervoso.

— Baby, por favor, não chore.

Minha voz soa desesperada assim que as palavras saem da minha boca, mas é realmente assim que eu me sinto. Ver Parisa chorar é muito mais do que eu possa aguentar. Depois de longos minutos, ela se acalma e separa o rosto do meu ombro apenas para me fitar. Seus olhos azuis estão avermelhados, assim como seu nariz.

Mesmo chorando ela é bonita.

— Por que... Por que fez isso? — indaga, com a voz rouca.

Respiro fundo e fecho os olhos.

Eu não esperava que Parisa amasse a tatuagem, mas também não esperava que ela agisse assim, como se doesse nela.

Inferno.

— É apenas uma lembrança do que fiz com você e do que nunca mais posso voltar a fazer — minha voz sai fraca sem que eu perceba ou possa controlar. — Mas eu já falhei, olhe para você.

A raiva me consome.

Eu realmente não consigo dar uma dentro — e não é no sentido literal da palavra. Parisa respira ruidosamente alto e no próximo segundo se joga em cima de mim. O lençol cai ao redor de nós dois, enquanto ela pressiona seu corpo completamente nu contra o meu. Parisa tem sorte de eu estar vestido com

minha cueca, ou eu não aguentaria tanto.

— São lágrimas diferentes, Trent — diz, segurando meu rosto com suas mãos pequenas.

— Lágrimas são lágrimas — retruco e ela suspira.

— Sim, mas essas são... são de... são de apreço, gratidão e surpresa. A tatuagem é incrível, Trent. É tão tocante e triste, e, claro, cheia de emoção. Eu amei, embora todo o significado por trás dela. Foi um tempo difícil para nós dois, onde estávamos machucados e perdidos — Parisa para e respira profundamente. — Não acredito que você fez isso.

Não são lágrimas de tristeza e dor, então eu posso me conter um pouco para absorver as suas palavras.

— Não quero que chore nunca mais — digo, firme.

— Espero não chorar também — sussurra e em seguida sorri de lado. — Pareço uma menininha de TPM. Olha o que você está fazendo comigo! — acusa.

O nervosismo se dissipa de dentro de mim e eu acabo gargalhando.

— Baby, você é uma menininha... e bom, claro, você tem TPM também — brinco e ela rola os olhos, enquanto fica corada.

— Certo, certo. Que seja, otário... — diz, se afastando de mim e puxando o lençol para si.

E essa é a Parisa embaraçada e na defensiva.

— Está cedo ainda para você começar com a boca rude, querida.

Ela se levanta, enrolada no lençol e me lança um olhar duro.

— Eu que digo se está cedo ou não, *baby* — solta, ironicamente.

Parisa parece adoravelmente sexy emburrada. Sorrio de lado e ela rola os olhos por não sei mais que vez e sai andando até o meu banheiro. Levanto-me em um pulo e vou atrás dela. Quando entro no banheiro, ela está colocando creme dental em uma escova de dentes que provavelmente pegou de dentro da gaveta acoplada à pia do meu banheiro.

Como se nada estivesse acontecendo, faço o mesmo, pegando minha escova

de dentes e repetindo seus movimentos. Escovamos nossos dentes calados, enquanto eu a encaro e ela finge que nada está acontecendo.

— Agora eu posso te beijar? — pergunto dois minutos mais tarde, depois que terminamos de escovar os dentes.

Ela me olha e sai andando do banheiro e entrando no quarto. Rolo os olhos e vou atrás dela mais uma vez. No meio do caminho, puxo Parisa para mim e a seguro firmemente enquanto termino meu caminho de volta para cama.

— Agora eu vou te beijar. — afirmo, deitando seu corpo na cama.

Ela me olha com uma expressão mais suave e se arrasta pela cama, tentando fugir de mim. Cerro os olhos para ela e a puxo pelas pernas. — Não quero beijar você. — diz docemente.

Jogo o lençol que está cobrindo Parisa para longe do seu corpo e seguro seus braços. — *Oh, não me diga.* — falo, irônico.

Beijo seus lábios em um movimento rápido e volto a afastar meu rosto do seu. Descendo o olhar por seu corpo, eu tento gravar todos os seus traços e curvas. Parisa se contorce debaixo de mim, o que me faz sorrir. Solto suas mãos apenas para tocá-la em outros lugares, como por exemplo: seus seios lindamente perfeitos. Não são seios do tamanho que os homens e mulheres classificariam como normal, eu sei disso porque já os vi em todos os tamanhos. Os seios de Parisa são pequenos, mas porra, não me importo, eu os amo. Na realidade, o que eu realmente gosto é de sua bunda. E, porra, o quadril dela. São grandes e bons de apertar. Eu gosto de ter o que apertar.

Beijo sua barriga e ela prende a respiração.

Seu corpo pequeno está tenso e ansioso; ela não me repele em nenhum segundo.

— Quero comer você, Parisa. — rosno, lambendo sua pele macia.

Soltando um gemido rouco, ela empurra o quadril para cima, em resposta as minhas palavras. Levo minha mão até seu sexo, esfrego dois dedos na pele sensível, percebendo que ela já está molhada pra caralho e pronta para mim.

— Você vai deixar eu te lambar aqui, baby? — pergunto para Parisa, deslizando um dedo para dentro dela. Ela arfa e se contorce, parecendo desesperada para sair dessa posição.

— *Oh, meu Deus...* — sussurra, parecendo horrorizada.

Seguro a vontade de rir e começo a mexer meu dedo lentamente, indo e vindo, enquanto controlo seu corpo com minha outra mão, empurrando-a para baixo e não deixando que ela se livre de mim. Essa é uma das imagens mais bonitas que eu já vi em toda minha vida. Eu queria poder tirar uma foto dela, já que esse é um dos momentos em que ela parece mais bonita do que nunca, mas Parisa com certeza cortaria meu pau e me daria pra comer se eu tirasse uma foto dela nesse momento.

Respirando fundo, observo-a atentamente.

Eu gosto de vê-la desse ângulo. Seus lábios cheios e avermelhados estão entreabertos; seus olhos bonitos estão fechados com força; seu cabelo curto se espalha nos lençóis negros, quase passando despercebidos, já que são da mesma cor. Já seu rosto em geral está contorcido em prazer.

— Fiz-lhe uma pergunta, Parisa. É educado responder, sabia? — enuncio, acelerando o movimento do meu dedo.

— *Suas...* — *Oh meu Deus, Trent* — Suas palavras, merda! — ela grunhe, entre dentes. — Pare de falar assim... — completa, com a voz mais baixa.

— É uma pergunta simples. — subo meu corpo para encara-la.

Parisa ainda está de olhos fechados e agora percebo que mal consegue respirar. Bom, isso quer dizer que ela está gostando.

— Olha para mim. — exijo, beijando seus lábios cheios e molhados. Porra, ela é deliciosa.

Suas pálpebras levantam-se preguiçosamente, enquanto Parisa parece muito cansada para abrir os olhos. Ela está claramente perdida, mas logo foca sua atenção em mim.

— Me diga o que fazer com você. — rosno, sem parar de mover meu dedo dentro dela.

Ela morde o lábio inferior e parece travar uma luta interna. Parisa está totalmente vulnerável. Seu olhar me dá uma pista de como ela está se sentindo, e eu sei que ela está com vergonha de me pedir qualquer coisa nesse momento.

Ela não vai falar, então eu vou agir.

Tirando meu dedo do seu sexo, beijo sua boca com fúria. A ardência dos nossos lábios juntos se torna mais forte a cada segundo, enquanto eu devoro sua boca com necessidade. Eu nunca estarei satisfeito, sempre vou querer mais dela. Afasto nossas bocas um minuto mais tarde, apenas para continuar a beijá-la em seu pescoço. Com as costas arqueadas, ela empurra seu corpo contra o meu quando eu chupo seu pescoço.

— Preciso de vo-você, dentro de mim. — ela choraminga com a voz rouca e entorpecida de prazer.

Continuo a beijá-la e paro em seus seios, tomando um com minha boca e apertando o outro com meus dedos. Saboreio seus mamilos frisados, chupando-os com força do jeito que sempre sonhei em fazer. Ela está praticamente incontrolável debaixo de mim. Eu sei que estou levando-a até o limite, mas esse é meu objetivo. Além do mais, quero prová-la o máximo possível.

A cada novo beijo, aperto, lambida, chupada que eu lhe dou, eu fico mais duro. Estou me controlando ao máximo para não gozar apenas vendo Parisa implorando por seu alívio. *Maldição!* Como vou conseguir viver sem ela todos os dias ao meu lado quando eu for dormir ou quando eu acordar? Separo meus lábios de sua pele e me afasto do seu corpo para pegar uma camisinha. Escuto Parisa reclamar quando me distancio dela, mas é por poucos segundos. Assim que pego uma camisinha na cômoda escura ao lado da minha cama, tiro minha cueca e a chuto para bem longe.

Enquanto coloco a camisinha em meu pau, percebo que ela está me encarando. Ela não se envergonha po que eu a peguei fazendo isso e já é um avanço. Ela parece magnífica, pré-fodida e tudo mais.

E eu ainda quero tirar uma foto dela.

Volto para a cama em passos largos e me posiciono sem mais delongas. Preciso estar dentro dela o mais rápido possível. E é com esse pensamento que eu empurro com força, entrando de uma só vez, faminto e ansioso para tomar o próximo impulso. Respiro fundo, inclinando-me para perto dela e selo nossos lábios, beijando-a avidamente. Tenho a sensação que ela está ainda mais apertada que ontem, e seu gemido é um alerta para eu esperar um pouco. E eu espero. Espero porque preciso respirar antes de continuar ou vou me envergonhar aqui, gozando antes da hora, apenas por causa da sensação de como ela aperta em torno de mim.

Separo nossas bocas e encosto minha testa na sua. Ela abre os olhos e nos

encaramos, restabelecendo a conexão que há entre nós. — Não vou ser gentil, baby. — rosno, inspirando com força.

Ela abre um sorriso trêmulo e assente com a testa colada na minha. — Não precisa ser gentil — ela respira fundo. —, eu aceito qualquer coisa que queira me dar.

Isso é tudo que eu precisava ouvir para fazer o próximo movimento. Saio de dentro dela e tomo outro impulso para preenchê-la toda.

— *Parisa...*

Grunhindo seu nome, aumento a velocidade e Parisa responde, levantando seu quadril para encontrar-me mais rápido no meio do caminho. Enfiando suas unhas em meus bíceps, Parisa tenta me beijar, mas eu continuo saindo e entrando dentro dela com força, enquanto nossos corpos já suados e escorregadios colidem e esfregam-se sem restrições.

Pele a pele.

Essa sensação de estar perto de perder o controle com Parisa quase me desfaz totalmente, mas em vez disso, a tomo com mais avidez. Procuro sua boca, beijo seus lábios, engolindo seus gemidos altos para mim.

Porra, ela é muito boa.

Os seus gemidos me levam até a borda, enquanto ela arranha minhas costas, braços e todo lugar que tem acesso. Mas antes que eu goze, ela o faz primeiro. Suas coxas ficam tensas e seus quadris furiosos começam a perder o ritmo, mas eu não. Enquanto ela separa nossas bocas, gemendo meu nome, eu preciso de apenas mais quatro estocadas dentro dela para me juntar a ela e me perder na maldita névoa de prazer que há entre nós dois. Meu corpo estremece nos segundos seguintes, enquanto Parisa ainda me recebe de bom grado, e então eu gozo. Despejo meu peso em cima dela e beijo seu pescoço, inalando seu cheiro com força.

Depois de poucos segundos, saio de dentro dela e me levanto. Caminho até o banheiro e tiro a camisinha, amarrando a ponta e jogando-a fora no lixo. Volto para o quarto e visto minha cueca no caminho, apenas para me juntar a Parisa mais outra vez na cama.

Ela está olhando para o teto, respirando profundamente ao passo que tenta controlar sua respiração ofegante. Deito ao seu lado, puxando seu corpo para

perto do meu. Parisa corresponde, abraçando-me pela cintura e descansando a cabeça em meu peito.

— Tenho uma confissão. — sussurra e eu abaixo o olhar para encara-la.

— Mesmo? Conte-me. — peço, curioso.

Ela morde o lábio e sorri em seguida.

— Hoje foi ainda melhor que ontem. Quero dizer, ontem foi um pouco desconfortável, doeu, mas hoje a dor diminuiu um pouco e eu pude sentir mais prazer do que nunca. — confessa baixinho e esconde o rosto em meu pescoço, fazendo-me gargalhar.

Ela belisca meu braço, mas eu não paro de rir.

— Você é adoravelmente irresistível falando sobre sexo, sabia? — brinco assim que paro de rir.

Ela ronrona em resposta e eu traço a linha de sua espinha, enquanto espero ela falar algo.

— Tenho outra confissão. — murmura contra minha pele.

Resmungo para ela ir em frente.

— Gosto do seu cheiro depois do sexo. — comenta, baixo.

Caralho.

Ela está me testando?

— Também gosto do seu cheiro depois do sexo. E depois do treino... Depois de acordar... — enuncio e ela se esfrega contra mim.

— Cala a boca agora ou eu vou parecer uma obcecada por sexo. — ameaça entre dentes.

Gargalho outra vez.



Depois de longos minutos, meu celular começa a tocar e Parisa começa a me cutucar, provavelmente pensando que eu estou dormindo. Na realidade, estou

bem acordado. Como diabos eu posso dormir enquanto ela ainda está nua na minha cama? E mais, completamente agarrada em mim?

— Trent, o celular. — resmunga, cutucando meu braço copiosamente.

— Deixe tocar. — respondo entre dentes.

Escuto-a bufar e no segundo seguinte, ela está se desvencilhando de mim. Parisa se levanta e procura de onde vem o som irritante. Ela pega o aparelho do chão e checa o identificador. Seu rosto fica pálido e ela joga o celular para mim.

— É o papai! — exclama e sai atrás das suas roupas.

Porra, merda!

Era só o que faltava.

— Devo atender? — provoco.

Parisa me envia um olhar morta e em seguida pega suas roupas do chão e as coloca em cima da cama.

Respirando fundo, atendo a chamada.

— Onde diabos está a Parisa? — Jake grita, fazendo-me afastar o celular do meu ouvido.

— Porra, ainda é educado dar um olá ou até mesmo um bom dia, sabia? — provoco Jake.

Ele grunhe alto.

— Vá se foder, Furor. — retruca. — Onde ela está? — pergunta outra vez.

Encaro Parisa, enquanto ela se veste. Ela já está em seus jeans, apenas terminando de vestir a camiseta que está em suas mãos.

— Provavelmente no quarto de hóspedes roncando e babando na cama. — minto e Parisa me olha, levantando o dedo do meio para mim.

— O que diabos...? Por que não a trouxe pra casa? — Jake indaga furioso.

— Porque ela não queria ir pra casa. — nessa parte eu sou sincero, já que ela realmente não queria. — Ela queria conhecer minha casa, então acabou adormecendo em um dos quartos. Já estava tarde, então resolvi deixá-la dormir.

Parisa se senta no final da cama e continua me encarando ansiosa.

— Eu quero minha filha em casa. *Agora*. — ele diz e desliga na minha cara.

Bufo irritado.

— O que ele disse? — indaga curiosa.

— Vou tomar um banho e te levar pra casa. — respondo, me levantando e passando por ela.

Parisa ainda não quer que eu fale pra Jake sobre nós. Ela continua dizendo que precisamos esperar para ver se vai dar certo. Isso me irrita, porque agora tenho que levá-la pra *casa*, mas a porra da sua casa é aqui, comigo.

Ela provavelmente percebeu que estou puto pra caralho, então não veio atrás de mim. Ligo o chuveiro e tomo um banho rápido, que não me acalma em nada. Enrolo a toalha em meu quadril e saio do banheiro, indo direto para o closet.

Visto-me rapidamente com um jeans e camiseta escura, e enfio um tênis nos pés. Assim que viro pra sair do closet, Parisa está encostada, me fitando.

— Não fica chateado, por favor. — pede, descruzando os braços e vindo ao meu encontro.

Rolo os olhos, mais irritado ainda.

— Não estou chateado, estou puto, o que é bem diferente. — aviso, passando a mão em meus cabelos, tentando me acalmar. — Não quero nos manter em segredo, Parisa. Quero que todos saibam sobre eu e você, inclusive Jake. Não gosto de mentir pra ele. — concluo, andando de um lado para o outro.

— Eu sei, eu sei. — ela soa desesperada. — Não gosto de mentir para o meu pai, mas ele não gosta do que há entre nós. Na realidade, ele odeia e nós dois sabemos disso. Eu não quero que por causa disso, *dele*, nos afastemos. Ele é irredutível quanto a nós dois, Trent. — diz, segurando meu braço e fazendo-me parar de andar.

— Vamos dar um jeito nisso. — respondo, encarando-a.

Ela sorri de lado e eu tenho que desviar os olhos dela, ou minha irritação vai começar a ir embora e eu vou parecer um louco. Mas eu estou certo e nem um pouco louco.

— Eu sei que sim, mas precisa ser do jeito certo e na hora certa. Só preciso de um pouco mais de tempo, Trent. É meu pai. — Parisa diz e me abraça por trás, descansando o rosto em minhas costas.

Respiro fundo e me acalmo aos poucos.

Ela também está certa, entretanto. Ela quer um tempo para sondar seu pai, assim como sempre faz. E isso é preciso. Eu sei que ela vai entrar no assunto com Jake de forma sutil, para ver como ele reage.

— Pouco tempo. — comento e ela aperta mais os braços em torno de mim.



O caminho até a casa de Jake foi silencioso, mas nem um pouco desconfortável. Parisa passou metade do caminho com o braço esticado, afagando minha nuca, enquanto eu tentava me concentrar na estrada. A ideia de encostar o carro e foder Parisa ali dentro era bastante tentadora, e eu realmente estava quase fazendo isso, mas foi quando ela parou de me tocar e ficou mexendo em seu celular.

— Você vai entrar? — ela pergunta, quando eu paro o carro.

Aceno positivamente com a cabeça e saímos do carro. Antes mesmo de chegarmos até a porta, Jake sai de dentro de casa praticamente marchando.

— Pra dentro, Parisa. — Jake rosna, assim que nos alcança e puxa Parisa pelo braço.

— Pai, espera eu...

— Eu disse pra dentro! — ele esbraveja.

Parisa rola os olhos e sai andando visivelmente irritada. Eu e Jake nos encaramos e logo que Parisa bate a porta, ele começa a falar.

— É bom que você não tenha tocado em um fio de cabelo da minha filha. — sentencia, usando seu tom ameaçador.

Fico calado por alguns segundos.

— Eu já te disse o que aconteceu, Jake. Ela queria conhecer minha casa e eu a levei, depois ela acabou dormindo em um dos quartos. Só isso. — minto

outra vez.

Seus olhos são avaliativos e ele provavelmente está pensando se aceita ou não minha desculpa.

— Quero você e sua merda bem longe dela, Trent. — diz seco e sério.

— Eu contei tudo para ela, Jake, ela *sabe*. — enuncio.

A princípio ele parece incrédulo e até assustado, mas volta a sua expressão inicial. — O que você quer ganhar contando isso a ela? Pena? — ele pergunta.

Raiva enche meu peito.

Não, não quero e nunca quis que qualquer pessoa tivesse pena de mim. Muito menos a Parisa. E essa é uma das razões por eu nunca ter contado antes nada da minha vida pra ela. Nunca quis sua pena e Jake sabe disso.

— Não quero pena de ninguém, Jake. Apenas contei isso a ela porque eu achei que era a hora certa. Ela é importante pra mim e eu quero que as coisas fiquem claras entre nós dois. — respondo, tentando controlar minha irritação.

— Vá embora. — resmunga, dando-me as costas e andando de volta para dentro de sua casa.

Assim que Jake entra, eu solto um grunhido irritado. Porra.

Isso não vai ser nem um pouco fácil.



Chego na academia às duas e meia da tarde. Depois que saí da casa de Jake, voltei para a minha e fiquei pensando em como diabos vou convencer Parisa a contarmos logo para Jake sobre *nossa situação*. Não consegui pensar em mais nada que eu já não tenha dito a ela, então logo depois eu vou arrumar minha mochila de treino e agora estou aqui, ansioso outra vez para vê-la.

Parece que um maricas do caralho seu apossou do meu corpo.

Varrendo a academia com os olhos, procuro Parisa e a encontro sentada com Pamella em um dos bancos em frente ao octógono, rindo e comendo seus malditos pickles.

Seu cabelo está solto e molhado, descansando em seus ombros; ela está com uma camiseta azul que combina com seus olhos e uma saia jeans curta que deixa tudo muito à mostra. Não gosto disso. Quer dizer, eu gosto, mas apenas para mim. Sei que os caras já devem ter feito cantadas e mais cantadas pra ela, o que me deixa bem puto e me remete ao tópico que não sai da minha cabeça: *Parisa é minha e todos têm que saber disso.*

Caminho até o banco que fica do outro lado octógono e jogo minha mochila ali em cima.

— Finalmente chegou, porra! — Mike exclama, se aproximando com Lucas e Paul.

— Não estou com saco hoje. — aviso, tirando minha camisa.

Abro a mochila e soco a camisa lá dentro, pegando minhas bandagens em seguida.

— Devia ter comido alguma gata ontem, Furor. — Lucas diz.

Se você soubesse, imbecil...

— Bem colocado, Lucas. Se tivesse comido alguém ontem, você não estaria tão mal humorado hoje. — Paul completa o pensamento.

— Podemos te arrumar algumas bem gostosas... — Lucas continua.

— Algumas o quê? — a voz de Parisa me faz virar até eles.

Ela está ao lado de Mike, mordendo um pickles enquanto me encara.

— Algumas gatas pra ele, *bebê*. — Mike diz, passando o braço pelos ombros dela.

Bebê? Quem diabos permitiu que ele a chamasse assim? E por que merdas ela não se afasta dele? Estou prestes a cometer um assassinato, enquanto Parisa só rola os olhos e sorri.

— Ele está muito mal humorado e logo estará tenso. Sexo ajuda. — Lucas informa.

Esses filhos da puta não vão calar a boca? Caralho!

— Eu sei como resolver o problema dele. — Parisa afirma, fechando o pote que está segurando.

— É mesmo? — Paul pergunta, sorrindo maliciosamente.

— Sim. — diz, sorrindo mais amplamente. — Apenas alguns *rounds* no octógono e ele estará de bom humor.

Ela se afasta de Mike e se aproxima de mim. Seus movimentos não são exagerados, mas ainda assim seus malditos quadris balançam de um lado para o outro de forma sensual naquela saia do caralho colada que nem o inferno. Os caras acompanham os movimentos dela — mais precisamente, *da sua bunda* — e eu tenho que contar até dez para não enfiar um soco na cara de cada um deles.

— Vou pegar suas luvas, então podemos gastar suas energias e, claro, deixá-lo de bom humor. — Parisa diz, parando ao meu lado.

Ela pega minhas luvas, que são bem maiores que as suas mãos. Ela não veio preparada pra treinar, isso é fato.

— Acho que estou um pouco mal humorado também. — Lucas sussurra, ainda encarando a bunda de Parisa.

Dando um passo pra frente e outro para o lado, fico bem na frente dela.

Encarem meu pau então, fodidos.

Eles desviam os olhos e reclamam.

— Deem o fora. — rosno irritado.

Eles saem resmungando e eu escuto Parisa rir atrás de mim. Me viro para ela e ela já está com minhas luvas em suas mãos.

— Vamos cuidar desse mal humor? — indaga, sorridente.

Cerro os olhos para ela ver meu descontentamento e irritação.

— Meu cinturão do Circuito é mais grosso que essa sua maldita saia. — reclamo.

Ela faz uma falsa cara de ofendida e soca meu peito.

— É mesmo, querido? Bom saber. Da próxima vez me empreste seu cinturão. — fala, piscando para mim. — Agora, sério, vamos tirar esse mal humor do seu traseiro bonito. — completa e me empurra para sair andando na minha frente.

A sigo até o octógono, colocando minhas bandagens e quando estamos lá dentro, Parisa começa a pular de um pé para o outro. Minha irritação se dissipa antes mesmo de começarmos. Como diabos ela consegue pular vestindo aquela saia?

— E aí, lutador... Pronto para lutar? — pergunta.

Um sorriso se espalha por seus lábios, alcançando seus olhos. Sinto-me incapaz de não devolver esse sorriso pra ela e acabo retribuindo seu gesto. A conexão entre nós está ligada e eu percebo nesse momento que sem os sorrisos de Parisa os meus dias seriam mais sombrios. Ela é minha maldita luz e eu a quero fazer minha. *Para sempre.*

Capítulo 25

Parisa Cohen

Papai realmente não está facilitando as coisas.

Assim que chego da casa de Trent, depois da melhor noite e manhã da minha vida, os dois ficam lá fora conversando. Eu estou com um pouco de medo, já que olhando pela janela eu posso ver um Trent bem irritado, prestes a explodir. Alguns minutos depois, papai vem para dentro e Trent vai embora. Eu corro e me sento na minha cama, como se eu não estivesse espionando os dois, porque sei que papai está vindo ao meu encontro. E então ele começa a falar assim que entra no meu quarto...

— O que diabos te deu na cabeça, Parisa? — esbraveja, levando as mãos até seus cabelos tão pretos quanto o meus.

— Do que está falando? — respondo, tentando manter um diálogo normal.

— Dormir na casa de Trent? E você nem me avisou! — acusa, irritado.

— Não tenho mais cinco anos, pai, por favor — bufo, rolando os olhos. — E mais uma coisa: eu apenas dormi lá, não é como se ele tivesse me agarrado ou qualquer coisa do tipo. — minto.

Seu rosto está vermelho pra caramba. Eu até riria, mas sei que ele está falando sério.

— Eu já te perguntei isso e vou perguntar novamente pela última vez: o que sente por Trent, Parisa? — questiona.

Nossos olhares se debatem, enquanto ele tenta me empurrar ao máximo até que eu diga algo.

— Eu o amo! Já disse isso, merda! — exclamo.

O clima pesa instantaneamente dentro do meu quarto. Ele está me pressionando, oras, o que eu posso fazer?

— O ama como? — continua, cerrando os olhos e eu bufo novamente.

— Você vai realmente começar com tudo isso? Como disse, já tivemos essa conversa, então se lembre do que eu falei da outra vez — meus dentes trincam, enquanto eu nem mesmo pisco para não deixar de registrar qualquer reação sua. — Não entendo por que diabos age assim, pai! É o Trent, droga! Você sempre o ajudou, e o ama, não ama?

Estou soando meio desesperada, mas preciso que ele veja as coisas como elas são. Papai ajudou Trent desde quando ele era moleque e o trouxe para a nossa família. Éramos apenas eu e ele, então veio Trent. Não consigo entender por que isso o incomoda mais que o necessário.

Ele respira pesadamente.

— Sim, porra, claro... ele é como o filho que nunca tive e quero que continue assim, como um filho — “*não como um genro*”, penso ironicamente. — Quero que ele respeite o que eu pedi para ele. Trent me deu sua maldita palavra!

E então chegamos na bendita promessa.

Grande baboseira.

— O que você pediu a ele? — indago.

Claro, já sei a resposta. Trent me contou, mas ainda quero ouvir do meu pai. Quero que ele admita o quão ridículo é isso.

— Se *acha* que isso é da sua conta, está enganada. Não é da sua conta — rosna e me dá as costas, pronto para sair do quarto.

Não tão fácil, papai.

Corro até ele e seguro seu braço, puxando-o novamente para, dessa vez, ficarmos cara a cara.

— Acho que é da minha conta e acho que quero me conte. — enuncio com uma falsa calma. Ele olha para minhas mãos em seu braço e eu o solto imediatamente.

— Não tocar em você com outras intenções. — ele diz entre dentes. — Na realidade o que eu realmente falei foi: “*Não foda com a Parisa*”. Eu e você sabemos como ele se descontrola em questão de segundos e se por algum caralho ele tocar em você, ou te bater, ou qualquer coisa que seja, eu estarei pronto para espancá-lo com minhas próprias mãos. *Por isso!* Por **isso** eu não

quero que ele nem mesmo cogite a ideia de se envolver — mais do que sempre foi envolvido — com você.

Tento falar alguma coisa, mas nenhum som sai da minha boca.

— Sabe de uma coisa? Não quero mais falar sobre isso. Se quiser ir para a academia, se arrume, porque eu estou saindo em poucos minutos. — ele me dá as costas novamente e sai do quarto.

O que teria que acontecer para o papai perceber que Trent nunca me machucaria? Palavras nunca seriam o suficiente para que ele perceba isso, eu consigo sentir.

Oh-oh... A merda vai ficar feia.



O caminho até a academia foi preenchido apenas pela voz de Pam. Ela falava sobre várias coisas, enquanto eu e papai assentíamos ora ou outra no automático. Eu nunca fui uma pessoa medrosa, mas preciso admitir que a forma como papai está agindo em relação ao assunto de hoje mais cedo, me deixa com muito medo. Mais do que eu poderia algum dia imaginar que teria.

Chegamos à academia poucos minutos depois. É um pouco tarde, quase dez da manhã, mas a academia já está aberta. Não duvido nada que o papai tenha vindo muito cedo para cá só para abrir e deixar as coisas nas mãos de Marco, um de seus empregados, e depois tenha voltado para casa.

Ajusto a saia que escolhi para usar hoje, já que não estou nem um pouco com vontade de treinar. Entro com a Pam, ela continua falando alguma coisa sobre Max e um jantar, mas eu não estou muito ligada em suas palavras.

Trent ainda não chegou e logo me vem uma vontade de mandar uma mensagem para ele, mas desisto. Não quero que ele se sinta pressionado. Não por mim.

— Ei, pernas bonitas. — Lucas diz, sorrindo para mim enquanto Mike se aproxima de nós.

Eu tenho os amigos mais idiotas do mundo, mas eu os amo.

Pra caramba.

— Oi, Lucas. O que você quer comigo? — pergunto, cruzando os braços.

— Eu poderia fazer uma lista bem grande do que eu quero com você, já que Trent não está aqui para nos atrapalhar, mas você sabe como se defender, então não vou arriscar. — brinca, balançando as sobrancelhas maliciosamente.

— Oi, linda! — Mike exclama, passando o braço por meus ombros e me puxando pra perto.

É realmente um mais idiota que o outro.

— Vocês não têm mais nada para fazer? — indago, tentando empurrar Mike.

— Não. O homem ainda não chegou, então apenas apreciaremos você até ele chegar. — Mike murmura, beijando minha bochecha bem perto da boca.

Dou uma cotovelada em suas costelas e ele se afasta rindo e reclamando, ao mesmo tempo, enquanto Lucas gargalha.

— Se fizer isso de novo, eu vou arrancar seus lábios, idiota. — ameaço, cerrando os olhos.

— Deus, Parisa! Nem te beijei na boca, linda. Está agindo como se tivesse um namorado. — resmunga, esfregando as costelas com as mãos.

“Não tenho um namorado, tenho Trent”, penso em dizer, mas é melhor eu calar a boca — por enquanto.

— Isso não quer dizer nada. Não é por que uma garota não tem namorado que isso dá passe-verde para qualquer homem beijá-la. Se liga, babaca. — retruco, irritada.

— Certo, certo. — diz, rolando os olhos e levantando as mãos para cima em sinal de rendição. — Desculpa. — completa rindo.

Lucas ainda ri e logo eu começo a rir com eles dois.



Trent ainda não tinha chegado às uma da tarde.

No horário do almoço todos nós fomos para um restaurante que tem perto

da academia. A comida é saudável e muito boa, eu particularmente adoro. Eu e papai ficamos sentados lado a lado, mas nem eu puxei conversa com ele e nem ele comigo. Foi melhor assim. Nossos temperamentos são bem parecidos, então é melhor cada um ficar na sua por ora.

Ainda durante todo o almoço, os caras ficaram fazendo milhares de piadas e até tentaram flertar comigo, mas eu apenas levantava o dedo do meio para cada cantada que eles soltavam. Ninguém merece. Voltamos pra academia às duas. No caminho, eu fiquei desejando pickles e Max, como o cunhado perfeito, comprou para mim em um estabelecimento pequeno que tem na esquina da rua da academia. Assim que voltamos, eu e Pam nos sentamos em um banco e ficamos conversando. Deixei-me relaxar um pouco e comecei a prestar atenção no que tanto ela falava.

— Ele deve estar falando agora com o papai sobre o jantar. — Pamella diz, com um sorriso maior que o seu próprio rosto.

— E o que vamos fazer para o jantar? — indago, mordendo um pedaço do pickles que eu estou segurando.

— Nada. — diz e eu levanto uma sobrancelha. — Na verdade, o Max disse que se encarregaria de tudo e que queria apenas que eu estivesse pronta, assim como você e o papai. — explica, com seu sorriso sonhador escorrendo pelos lábios.

— Tomara que seja alguma comida boa, senão o papai vai achar defeito em tudo. Sabe disso, certo? — pergunto, rindo.

Ela ri comigo e rola os olhos.

— Claro... O Max falou que pediria para a cozinheira do Trent preparar as coisas. — retruca.

Assinto com a cabeça e nos entreolhamos.

Gargalho de toda a situação e ela me acompanha novamente.

— Vou torcer para o seu namorado sair com as bolas intactas desse jantar. — brinco e ela para de rir.

— Você vai se manifestar ao meu favor se o papai começar a sair do controle? Quer dizer, ele te escuta na maioria das vezes e só você parece conseguir deixá-lo em seu devido lugar. — escuto sua suplica e explicação.

Isso é meio que verdade.

— Claro, Pam. — digo convicta. — Se o papai começar a pressionar o pobre do Max, eu vou interferir. Gosto muito do Max para vê-lo sendo esmagado, enquanto gagueja sobre quais são as reais intenções dele para com você. — digo e ela ri, empurrando-me.

— Ele está realmente nervoso. — retruca, olhando para o outro lado.

Abaixo o olhar e pego mais um pickles, enquanto Pam me dá um cutucão.

Odeio que me cutuquem.

— Olha quem chegou. — sussurra, com seu tom malicioso e eu sigo o seu olhar.

Trent.

Ele está caminhando até um banco do outro lado da academia e jogando sua mochila lá em cima. Os caras imediatamente vão até seu encontro.

— Vá falar com ele. — Pamella me encoraja e eu a encaro.

— Eu devo? Quer dizer, claro que sim, mas vou deixá-lo respirar um pouco. — murmuro e ela rola os olhos.

— Mexa sua bunda até seu cara, caso contrário aquelas piranhas o farão primeiro. — diz, indicando com a cabeça até um grupinho de mulheres que encaram Trent.

— Estou indo. — rosno, fazendo Pam rir mais ainda de mim.

Levanto-me e ando até Trent e os caras. No caminho, eu lanço um olhar ameaçador até aquelas mulheres. Não é a primeira vez que eu faço isso. Sempre lancei olhares ameaçadores para todo tipo de mulher que ficava encarando Trent por mais tempo que o necessário, mesmo quando eu era a *mulher-macho*. Eu certamente era mais assustadora antes do que agora.

— Podemos te arrumar algumas bem gostosas... — Lucas fala.

Ele com certeza está oferecendo mulheres para Trent, assim como sempre faz.

— Algumas o quê? — pergunto, parando ao lado de Mike.

Trent sobe o olhar até me encontrar e eu mordo um pedaço do meu pickles.

— Algumas gatas para ele, bebê. — Mike responde, passando o braço por meus ombros e puxando-me para perto.

Rolo os olhos e acabo rindo.

Quem deu essa intimidade para ele me chamar de bebê?

— Ele está muito mal-humorado e logo estará tenso. Sexo ajuda. — Lucas completa, dando de ombros.

Fizemos sexo essa manhã... Ele nem deve estar tão tenso assim, apenas irritado.

— Eu sei como resolver o problema dele. — afirmo, fechando o pote de pickles.

E eu realmente sei!

— É mesmo? — Paul indaga, usando seu sorriso malicioso.

— Sim, eu sei. — respondo, sorrindo abertamente. — Apenas alguns *rounds* no octógono e ele estará de bom humor.

Me afasto de Mike e começo a aproximar-me de Trent. Nos primeiros segundos, ele me encara enquanto caminho até ele, mas logo depois ele encara os caras, com o maxilar travado.

— Vou pegar suas luvas, então podemos gastar suas energias e, claro, deixá-lo de bom humor. — aviso, parando ao seu lado.

Seguro sua mochila e pego as luvas lá de dentro.

— Acho que estou um pouco mal-humorado também. — posso escutar Lucas sussurrando.

Sinto Trent dar um passo para frente e outro para o lado, ficando na frente do meu corpo, enquanto os caras reclamam. Eles provavelmente estavam encarando minha bunda. Deixo meu pote de pickles no banco e coloco as luvas em minhas mãos.

— Deem o fora. — Trent rosna.

Posso escutar eles se afastarem reclamando mais ainda e começo a rir. Viro-

me para Trent e, segundos depois, ele se vira de volta para mim. — Vamos cuidar desse mau humor? — pergunto, ainda sorrindo.

Ele cerra os olhos, completamente irritado, e eu tenho que me segurar para não gargalhar.

— Meu cinturão do Circuito é mais grosso que essa sua maldita saia. — reclama, entre dentes.

Faço uma cara de ofendida e soco seu peito, ainda achando graça do Trent ciumento que se apossou do seu corpo.

— É mesmo, querido? Bom saber. Da próxima vez me empreste seu cinturão. — pisco para ele. — Agora, sério, vamos tirar esse mau humor do seu traseiro bonito. — eu o empurro.

Saio andando e entro no octógono, com a plena consciência de que Trent está vindo atrás de mim. Começo a pular de um pé para o outro e percebo que agora ele está mais relaxado.

— E aí, lutador... Pronto para lutar? — provoco, com um sorriso sincero. Ele sorri de volta e eu tenho que me controlar para não derreter com o seu sorriso bonito.

— Sempre estarei pronto para qualquer luta. — ele diz, ainda sorrindo de lado.

Treinamos por alguns breves minutos juntos, mas eu paro logo porque não estou com uma roupa adequada e por que Trent não para de olhar para as minhas pernas.



Depois de alguns minutos sentada no banco encarando Trent treinar dentro do octógono com os caras, papai se aproxima de mim.

— Pode me ajudar na aula? Preciso que alguém faça um *clinch* para os alunos aprenderem. — pergunta e eu aceno positivamente com a cabeça.

Papai chama Lucas, que está com Trent e os outros caras no octógono, e eu me levanto. — Fala, Jake. — diz, enxugando o suor da testa e tirando suas luvas.

— Quero que faça um *clinch* como demonstração com a Parisa para os alunos. — papai diz.

Lucas assente para papai, sorri de lado e me encara.

— Com prazer. — diz e papai sai andando na nossa frente. — Ei, maricas, olhem isso! — Lucas exclama para os caras no octógono.

Trent para de treinar e me fita.

Terminamos de fazer nosso caminho e ficamos atrás de papai, que começa a explicar sobre o golpe.

— Minha filha vai mostrar um *clinch* para vocês. Ela vai prender Lucas em torno do pescoço e ele vai jogá-la no chão. — ele explica, saindo da nossa frente e todos nos encaram. — Cuidado com ela, Lucas. — completa.

— Se deu bem, filho da puta. — Paul grita e todos caem na gargalhada.

Lucas me olha sorrindo e eu rolo os olhos.

Grandes merdas...

— Sem gracinha, Lucas. — aviso apontando o dedo para ele, que apenas dá de ombros.

Me aproximo de Lucas, subindo um pouco minha saia para não atrapalhar quando eu for laçar seu corpo com minhas pernas.

— Nesse golpe as cotoveladas e joelhadas são as mais usadas. — papai começa a explicar e eu paro na frente de Lucas. — Parisa. — me dá a deixa.

— Se tocar mais que o necessário, eu vou realmente te dar uma joelhada. — falo e ele gargalha alto.

Segurando seu pescoço, eu apoio meus antebraços em seus ombros, enquanto ele descansa sua cabeça em meu ombro direito.

— Joelhadas. — papai comanda.

Começo a fazer o que ele pediu, enquanto Lucas se protege dos meus golpes.

— Cotoveladas. — papai continua com seus comandos e eu e Lucas continuamos a fazer nossa parte.

Alternando entre as joelhadas e cotoveladas, ouvindo Mike gritar alguma coisa que faz Paul rir.

— Chão. — o último comando vem e Lucas segura minhas coxas, me jogando no chão com cuidado e ficando em cima de mim.

*Um, dois, três, **quatro** segundos* se passam e ele não me solta.

— Chega. — rosno, o empurrando.

Lucas ri abertamente, enquanto escapo de perto dele. Me levanto, arrumando minha saia e respirando fundo.

— Sortudo! — Mike grita outra vez e todos gargalham.

Menos papai.

Procurando Trent com os olhos e eu o acho me encarando.

Menos Furor, que está furioso de verdade.

— Eu vou beber água. — murmuro, saindo dali.

Ando em passos largos até o bebedouro que fica um pouco escondido e me encosto na parede. Meu corpo é puxado e eu não preciso abrir os olhos para saber quem é.

— Ele tocou em você, Parisa. — Trent rosna, segurando minha cintura com força.

— Foi apenas uma demonstração. — falo, baixinho.

Ele grunhe.

— Maldita demonstração do caralho. Jake só pode estar de brincadeira. — abro os olhos e o encaro.

Subo uma mão até seu cabelo e afago com carinho.

— Deixe isso pra lá, baby. — peço.

Seu aperto na minha cintura suaviza, assim como sua expressão, mas ele ainda está bem irritado.

— Eu vou aparecer hoje à noite com Max na sua casa. — diz, lutando para não se irritar mais do que já está irritado.

— Tomara que o papai não assuste o Max... Ele é bom para a Pam. — digo, puxando a Trent para mim. — Você também vai querer fazer algo assim? Do tipo formal e tudo mais? — indago.

Beijo seu queixo e ele me empurra contra a parede.

— Se você quiser isso, eu posso fazer. — bufa e eu beijo seu maxilar. — O que eu realmente quero agora, é estar dentro de você. — murmura no meu ouvido.

Puxo sua cabeça e colo nossas bocas. Ele toma meus lábios com força, amassando sua boca com rispidez contra a minha. Nossos beijos sempre me deixam sem fôlego logo no início. Eu não consigo ir devagar com Trent. Sua língua sonda meus lábios e eu abro a boca, sedenta por mais. As borboletas em minha barriga se transformam em mamutes, que espancam meu estômago e minhas costelas, levando-me a gemer esganiçadamente contra os lábios de Trent. Entrego-me totalmente a ele, enquanto suas mãos deslizam ao longo da minha cintura, subindo e descendo.

O beijo torna-se desesperado e faminto, e as mãos de Trent acompanham esse ritmo. Ele desce suas mãos até parar sobre minha bunda, debaixo da saia. Ele aperta minha pele com força e eu sou obrigada a fugir do seu beijo. Inalo desesperadamente o fôlego que eu segurei, tentando não fazer barulho.

Trent sobe suas mãos e toma meu rosto com elas, alisando as maçãs das minhas bochechas. Ele pressiona o dedão no meu lábio inferior inchado e eu suspiro quase sem força.

— Nunca vou me cansar de você. — sussurra, beijando meus lábios suavemente.

Abro meus olhos e o encaro.

— Bom saber. — brinco, com a voz rouca e ele sorri de lado.



Pam e eu viemos mais cedo para casa para arrumar um pouco as coisas. Depois do meu momento com Trent, Pam falou comigo para irmos logo e Trent ligou pra Jaz nos buscar e nos levar em segurança. Avisamos papai e ele apenas assentiu com a cabeça. Quando chegamos em casa, eram quase cinco da tarde.

— Quero que tudo saia perfeito! — Pam exclama, terminando de limpar a mesa da sala de jantar.

— Tudo vai sair perfeito. — digo, terminando de colocar o último copo no escorredor de louça. — Pode ir se arrumar. — aviso.

Ela sorri abertamente, satisfeita com o resultado da nossa limpeza e corre para me abraçar e beijar minha bochecha.

— Obrigada, Paris. — sussurra.

Rolo os olhos e rimos.

— Vai logo se arrumar, sério. — enuncio e ela assente, me soltando em seguida e saindo da cozinha correndo.

A noite vai ser interessante.



Assim que eu termino de me vestir, calço minhas sandálias e desço. Eu estou vestida apenas com uma calça de moletom branca e uma regata preta. Não ia me arrumar toda para comer em casa, mesmo que seja um jantar importante para Max e Pam.

Eles me entenderiam.

Chego na sala e o papai já está sentado em sua poltrona. Eu me deito no sofá e o encaro. Ele está vestindo um jeans e camiseta preta.

— Está preparado? — pergunto e ele rola os olhos.

— Nem um pouco. — murmura, fazendo-me rir e Pam chega completamente deslumbrante.

Seu vestido branco é longo e marca todos os lugares certos do seu corpo. Ela parece muito bonita e estupidamente radiante.

— Pra quê tudo isso? — papai indaga indignado e ela levanta uma sobrancelha.

— Pai... — resmungo em tom de aviso.

Ele se levanta e sai andando para a cozinha, enquanto Pam o segue até lá. Aumento um pouco o volume da televisão e no próximo segundo, a campainha toca. Levanto e caminho até lá, destrancando e abrindo a porta.

Observo um Trent com cara de tédio e um Max ao seu lado parecendo nervoso — ambos segurando sacolas em suas mãos.

— Você tem a chave. — comento com Trent.

— Ele insistiu nisso. — diz, apontando para Max com a cabeça.

— Tenho que fazer as coisas do jeito certo. — ele murmura entre dentes.

Homens.

— Prepare-se para um pai bem chato. — aviso a Max e ele sorri amarelo.

— Eu estou aqui, Parisa. — escuto papai dizer logo atrás de mim.

Começo a rir e me viro pra encará-lo.

Ele está olhando fixamente para Max.

— Eu amo você, pai. — digo e ele me encara de volta. — Seja legal com Max, ele me alimentou com pickles essa tarde. — o alerta.

Saio andando e me joga no sofá outra vez.

— Isso não vai me comprar, rapaz. — papai diz para Max e dá espaço para eles finalmente entrarem.

— Claro que não! Não pe-pensei nisso. — ele gagueja.

Max e Trent param no meio da sala.

— O que você trouxe? — pergunto curiosa a Trent.

— Comida saudável. — diz, encarando-me.

Papai está muito ocupado intimidando Max, então eu pisco discretamente para Trent que apenas sorri de volta. Pam entra majestosamente na sala e Max a encara com um olhar bobo e apaixonado no rosto.

— Amor! — ela exclama, animada.

Trent pega as sacolas das mãos de Max e vai para a cozinha.

— Pamella Cohen. — papai rosna, com os olhos semicerrados.

Começo a rir olhando aquela situação e Trent volta da cozinha.

— O quê? Sem essa, pai. — Pam avisa e agora eu realmente não consigo conter a gargalhada que sai da minha boca.

— Parisa Cohen. — ele grunhe para mim e eu engulo o riso.

Trent se aproxima e puxa meu corpo para poder se sentar ao meu lado. Pamella puxa Max pela mão e eles se sentam no outro sofá, enquanto papai se senta em sua poltrona.

— Continuem. — peço, começando a rir outra vez.

Enquanto papai encara Max como uma presa, eu aproveito para me aproximar mais de Trent e o abraçar.

— Tudo bem? — indago, sorrindo de lado.

— Tudo. — diz simples, ainda encarando papai e Max.

Trent serpenteia o braço por minha cintura e eu me aninho contra ele. Meu pai começa a fazer algumas perguntas para Max e o mesmo responde prontamente, sem gaguejar. Embora tudo isso seja interessante, eu estou mais entretida em encarar Trent.

Levo minha mão até sua barba rala e começo a brincar com seu queixo e maxilar. Eu adoro quando ele usa essa barba. Ele parece bem mais intimidador e homem com ela. Ah, e sem dúvidas, sexy.

— Eu gosto da barba. — murmuro em seu ouvido e ele finalmente me dá alguma atenção, descendo os olhos para me fitar de volta.

Sorrio docemente para ele e ele me devolve o gesto com um sorriso de lado. — Pensei que não gostasse. — diz, levantando uma sobrancelha.

— E eu não gostava, mas ela fica tão bem em você. — confesso, defendendo meu ponto de vista.

— Bem? — pergunta, clinicamente.

— Você fica mais intimidador, mais homem, incrivelmente sexy... — sussurro em seu ouvido. — e *comestível*. — completo e ele aperta minha cintura.

Desvio meus olhos dele, enquanto começo a rir baixinho, olhando para papai, Max e Pam. Eles mal nos notam.

— Comestível? — Trent rosna no meu ouvido e uma onda de calor se aloja no meio das minhas pernas.

— Muito. — respondo, ainda olhando para os outros.

Ele grunhe e eu mordo meu lábio inferior, tentando controlar meu impulso de beijá-lo *aqui e agora*.



Na hora do jantar tudo ocorreu bem na medida do possível. Max parecia menos tenso com os olhares de papai em cima dele, e Pam nos divertia com suas intermináveis histórias.

Ah, e a comida estava maravilhosa.

Trent ainda encarava papai e Max, parecendo querer absorver alguma coisa daquela situação. Era engraçado vê-lo todo entretido com algo tão simples.

— O jantar foi ótimo, mas eu vou subir. Boa noite. — levanto-me e todos murmuram um “boa noite” para mim.

Subo para o meu quarto e me deito na cama, pegando meu celular e abrindo as minhas mensagens. Respondo uma mensagem que tinha chegado minutos atrás de Oliver e Trent entra no meu quarto.

— Estou indo para casa. — ele diz, fechando a porta.

Involuntariamente, eu faço um bico.

É mais forte do que eu.

— Queria dormir com você. — digo, sentando-me e ele se aproxima de mim.

Com um sorriso nos lábios, ele para na minha frente e eu me levanto para abraçá-lo. — Acredite, querida, eu também. — diz, sincero.

Ele me puxa para si, tirando-me da cama e me carregando, enquanto cheira meu pescoço. Eu o abraço de volta, tão necessitada quanto ele.

— Vou sentir sua falta. — sussurro contra seu pescoço.

Trent grunhe e me aperta mais contra seu corpo. Ele me coloca no chão e sela nossos lábios rapidamente.

— O próximo jantar para essa coisa de namoro e compromisso, ou o que diabos tenha sido isso hoje entre Max e Pamella, será o nosso. — rosna, encarando meus olhos intensamente.

Não consigo conter o sorriso em escutá-lo falando isso. Assinto com a cabeça e ele beija minha testa, começando a se afastar de mim. Antes de sair do quarto, Trent me olha outra vez e pisca para mim. Jogo-me na cama assim que ele sai, sorrindo como uma idiota apaixonada.

Sem que eu perceba, adormeço, enquanto as últimas palavras de Trent ecoam na minha mente.

Capítulo 26

Parisa Cohen

Dias mais tarde...

— Sabe o que eu estive pensando? — pergunto preguiçosamente, sentindo sua respiração quente acariciar minha pele, enquanto Trent lambe meu pescoço. — Eu acho que gosto muito mais de mim quando estou com você do que quando estou sozinha ou com qualquer outra pessoa. — viro meu corpo para encará-lo.

Inspiro seu cheiro natural, beijando seu maxilar, ao passo que ele aperta minha bunda, esfregando nossas intimidades demasiadamente forte, que estão protegidas apenas por nossas roupas íntimas.

Solto um gemido.

— Baby, eu só gosto de mim com você. — ele retruca rouco, com os olhos adquirindo um tom mais escuro e selvagem.

Aproximo meu rosto do seu de uma só vez, colando nossas bocas enquanto o provoco, testando o seu pouco controle. Empurro minha língua para dentro da sua boca, provando mais do melhor sabor que já tive o prazer de provar.

Trent.

Trent é o melhor sabor.

Se tivesse sorvete de Trent eu com certeza engordaria de tanto comê-lo, mas eu não posso controlar. Amo o seu gosto, seu sabor, de uma forma descomunal.

— Você vai me deixar te comer agora? — ele pergunta, assim que encontra uma brecha no nosso beijo.

Ofego contra seu rosto e no próximo segundo ele me joga do outro lado da cama, tirando uma risada minha. Esfregando o seu peito duro nas minhas costas, Trent morde o lóbulo da minha orelha, chupando-o em seguida. Meu corpo reage mais do que o esperado, fazendo-me sentir um vácuo no fundo do estômago. Um vácuo que, por mais estranho que seja, pesa.

— Eu gosto de quando você fica deitada assim, de costas. — Trent começa, traçando uma trilha de beijos sobre minha espinha. — Tenho a melhor visão,

baby. Eu amo sua bunda pra caralho! — grunhe, desferindo um tapa na minha nádega esquerda.

Sobressalto-me, surpresa com sua atitude, mas logo que a ardência queima em minha pele, sinto meu interior se derreter de forma intensa. Nunca gostei desse tipo de relação de tamanha dominância na cama que acaba sendo humilhante para o outro parceiro. Mas não é assim que Trent acabou de fazer com que eu me sentisse. Suas palavras e sua atitude só me fizeram sentir uma coisa: adoração. A forma como ele gosta do meu corpo e o adora, literalmente, fazem-me ficar muito excitada.

Ancorando seus indicadores de cada lado da minha calcinha, ele a desliza para baixo, avançando com sua boca sobre *minha*... Oh, Deus! Espremo meus olhos, apertando os lençóis com força e empino minha bunda em sua direção, abrindo minhas pernas para que ele tenha melhor acesso, e para que eu tenha mais prazer. É tão bom. Ele lambe tudo, esfregando seu dedão no meu clitóris e não perdendo uma chance só de atijar-me para sua e minha satisfação.

Ele escapa do seu trabalho apenas para beijar languidamente minhas coxas e morder, chupando-as sem dó algum.

— Você vai ficar marcada. — grunhe, continuando com o que ele está fazendo. Exclamo um palavrão e ele ri, mordendo e chupando mais para baixo. — Você não poderá usar suas malditas saias jeans, baby.

— Você... É... — seu dedo trabalha com mais força e rapidez em cima do meu clitóris, e eu perco a linha do raciocínio. — Estúpido! — joga e ele para com tudo que está fazendo.

— Estúpido, baby? Estou apenas zelando pelo que é meu. — anuncia, dando um tapa na minha nádega outra vez. — Menina má, Parisa. Você é uma menina má.

Choramingo frustrada, porque ele parou.

— Trent, por favor... — peço, jogando-me mais ainda em sua direção e olhando por cima do meu ombro.

Esfrego minha bunda sobre sua ereção, que ameaça sair da cueca e fito seus olhos. Ele parece com um animal, que por um lapso de segundo, é atingido pela ideia do certo ou errado. Suas mãos seguram cada lado da minha bunda, dando um aperto firme e duro.

— Eu vou comer você e você nunca mais vai me chamar de estúpido. — diz, usando um tom baixo e completamente sedutor.

Bastardo!

Assinto, ameaçando me virar para deitar de costas na cama, mas ele não deixa. Trent escorrega um dedo para dentro de mim e eu suspiro. Ele adiciona mais um e eu reviro os olhos, deitando minha cabeça na cama e empurrando meu quadril em sua direção.

— Isso, linda, foda-se sozinha antes de eu tomar tudo que é meu. — comanda, e eu faço o que ele diz.

Vou e volto, deixando que os dedos de Trent entrem e saiam de dentro de mim. É bom. Seus dois dedos são grossos o suficiente para me tirar o fôlego, mas não tanto quanto seu... quanto seu... Ah, seu pênis! Sim, esse é grosso o suficiente para me deixar sem nenhum ar nos meus pulmões.

— Isso está bom? — ele questiona, assim que começo a aumentar a velocidade.

Estou construindo meu próprio orgasmo.

— Bom, bom... — resmungo de volta.

Puxo meu quadril e quando volto, Trent não está mais lá.

Ele só pode estar de brincadeira.

Olho novamente por cima do meu ombro e o observo abrir uma camisinha entre os dentes. Aproximo-me, não sendo impedida por ele dessa vez, e toco em sua ereção. É quente e grande. Eu gosto de tocá-lo.

— Se continuar a fazer isso, você vai acabar tendo que me chupar. — ele sentencia e eu arregalo os olhos. Sua risada me atinge e eu rolo os olhos, sentindo minhas bochechas queimarem. — Algum dia talvez, quem sabe... — murmura.

Trent me pega como se eu não pesasse e me joga na cama, sendo suave e não bruto. Ele passa seu pênis protegido pela camisinha sobre minha intimidade e eu avanço com meu quadril em sua direção, ligando-nos de uma só vez. Escuto seu grunhido e acabo gemendo. Suor desce por meu pescoço, enquanto Trent empala profundamente dentro de mim, segurando minha bunda e forçando-me a ficar dentro dele por alguns segundos.

— Mova-se. — digo entre dentes.

— *Shhh...* — acerta minha bunda. — Eu sou o único que está no controle nesse momento.

Afirmo com minha cabeça, que está pressionada no travesseiro de sua cama, mas deixo escapar palavras da minha boca. — Eu vou socar você assim que isso acabar.

Trent ri, entre um grunhido e outro. — Você pode me ajudar a socar sua boceta no meu pau nesse exato momento, se quiser. — retruca.

Sujo. Baixo.

Excitante.

— Odeio você.

Ele vai mais profundamente, jogando esse jogo de gato e rato comigo, aqui, em sua cama. Minha respiração pesada se atrapalha com meus suspiros. Minhas pernas começam a enfraquecer e eu sinto meu estômago comprimir. Trent aperta minhas nádegas com mais força, sendo tão duro comigo, que balança e empurra meu corpo para cima.

Eu estranhamente gosto.

Ele está sendo áspero, mas não me incomoda nem um pouco.

Trent é implacável nos próximos cinco minutos. Ele me leva a loucura, depois que tem seu orgasmo. De costas na cama, ele lambe meu clitóris, bombeando dois de seus dedos com rapidez dentro de mim, muita rapidez. Seguro o dossel de sua cama, puxando meu corpo para longe dele, mas ele segue e continua me torturando. Sim, é quase uma tortura todo esse prazer que ele está me fazendo sentir. Talvez seja pelo fato de que anteriormente ele interrompeu minhas tentativas de ter um orgasmo. Não sei ao certo, mas que isso está me deixando fora de mim, isso está. — Você está vindo, baby? — questiona, sacudindo o pequeno ponto inchado de carne e chupando-o até me fazer segurar seus cabelos.

Meu orgasmo me bate, me nocauteia. Balanço meus quadris violentamente, sendo acompanhada pela boca de Trent, que não me deixa até que eu pare de me mexer. Estou sem ar.

— Linda, como sempre. — o loiro diz assim que sobe seu corpo e deposita

um beijo em meus lábios.

Capítulo 27

Trent Wayne

Dois meses mais tarde...

A cada novo dia que eu passo perto de Parisa, torna-se mais difícil para eu deixar minhas mãos longe dela. O tempo passou tão rápido que parece ser ontem que nos beijamos pela primeira vez e, de certa forma, todo beijo parece ser o primeiro.

Nada nunca é igual ou monótono com ela.

Nas últimas semanas, Jake deixou um pouco de lado sua implicância comigo e voltamos a nos comunicar normalmente. Eu estava pronto para contar para ele sobre eu e Parisa, mas ela pediu para eu esperar mais uma semana, pois ela mesma quer contar. Não vou deixá-la enfrentar Jake sozinha, então logo avisei que eu vou querer estar junto dela e ela aceitou.

Desde então, eu comecei a contar os segundos para esse dia chegar. Mal posso esperar para — *mesmo que isso seja primitivo pra caralho* — exibir Parisa como minha.

— No que você está pensando? — a voz de Parisa me puxa dos meus pensamentos.

Ela entra no meu campo de visão e passa seus braços magros por meu corpo, abraçando-me e descansando sua cabeça em meu peito.

— Em você. — confesso, abraçando-a de volta.

Ela levanta o rosto e coloca um sorriso bonito em seu rosto. Ela é tão bonita, que parece como um maldito anjo enviado para mim. *Caralho!* Eu sou muito sortudo por tê-la.

— Papai está irritado pra caramba hoje. — murmura, trocando de assunto.
— Um dos fornecedores de materiais da academia está dificultando as negociações para a compra desse mês e ele está soltando fogo pelas ventas.

Solto uma risada e aperto seu corpo contra o meu.

— Vou falar com ele mais tarde e perguntar se posso ajudar. — tranquilizo-a.

Sei que Parisa também se preocupa muito com a academia. Aqui é como sua casa. — Vai usar seu rosto bonito para tomar vantagem, Trent? — brinca, usando um tom desconfiado.

— Se for mulher, por que não? — digo e ela abre a boca incrédula, antes de me acertar nas costas com um tapa.

— Você não tem jeito mesmo. — resmunga fazendo bico, o que me faz rir alto.

— Baby, eu só tenho olhos para você. — rosno, beijando seus cabelos.

Ela me aperta contra si e ficamos dessa forma por longos segundos. Seu corpo está tenso contra o meu e eu sinto imediatamente que tem alguma coisa errada.

— Parisa, o que há? — indago, fazendo círculos em sua espinha e tentando relaxá-la.

Ela respira pesadamente contra minha camisa e afasta o rosto de lá apenas para me encarar. — Eu tive um pesadelo essa madrugada e pareceu tão real. Estou com medo. — sussurra, encarando-me com seus olhos azuis brilhantes e marejados.

Porra, odeio vê-la dessa forma.

— Quer falar sobre isso? — pergunto e ela acena positivamente.

Depois de um minuto, Parisa volta a me abraçar com força e encosta seu rosto no meu peito.

— Foi horrível... — sua voz soa frágil. — No pesadelo o papai descobria sobre nós dois e ficava transtornado. Eu não quero que isso aconteça, Trent.

Ela aperta mais forte seu corpo contra o meu, como se eu estivesse prestes a sumir. Eu devolvo o gesto, porque também tenho esse medo. Sempre tive medo de que algum dia Parisa não estivesse mais por perto.

— Ele vai ficar puto, querida, mas não vai acontecer nada mais que isso. — enuncio, tentando acalmá-la.

Ou pelo menos eu espero que não.

Jake não é do tipo de homem que volta atrás em sua palavra. Eu o conheço há bastante tempo e sei que quando ele fala alguma coisa, é isso e acabou.

— Ele tem que entender, Trent. — diz. — Eu o amo e não consigo me ver sem você.

A cada palavra sua, eu sinto como se estivesse sendo espetado por agulhas. Ela me ama, porra!

— Eu sei, Parisa. Quando tento pensar em mim, eu penso em você. Não existe Trent sem Parisa. Você é a única razão que tenho para me fazer querer levantar todos os malditos dias. — digo e ela levanta a cabeça novamente para me encarar. — Amo você pra caralho. — afirmo a única verdade que tenho na vida.

Uma lágrima escorrega por sua bochecha, enquanto ela assente copiosamente. Um sorriso enche seus lábios e eu inclino meu rosto para beijá-la. — Sempre sonhei em escutar você falando isso para mim. — resmunga com nossos lábios colados.

— Eu te amei em segredo desde o primeiro segundo. Tenho tudo que preciso em meus braços. — murmuro e Parisa sorri contra meus lábios. Tomo sua boca como sempre faço e inclino seu rosto para mim, beijando-a com voracidade e saciando nossa vontade mútua.

Perco um pouco a noção de onde estamos, enquanto eu e Parisa nos beijamos, fundindo nossos sentimentos. Solto seu rosto e alcanço sua bunda redonda com firmeza, puxando-a para mais perto e esfregando seu corpo contra o meu.

— Melhor... — fala, separando nossas bocas e tomando uma respiração antes de continuar. — Melhor pararmos agora.

Aceno positivamente com a cabeça e encosto no meu carro, ainda segurando Parisa. Respiro pesadamente tentando ignorar o calor febril que se instala no meu corpo. — Vamos entrar. — digo, por fim.



Eu e Parisa entramos na academia e eu logo vou para o octógono, onde os caras me esperam para começarmos com o treino. Eu sei que ela não vai treinar, já que sua saia jeans a denuncia, mas de qualquer forma, Parisa me acompanha para provavelmente me assistir treinando.

— Oi, bonitão. Vamos treinar? — Mike diz, encarando-me com um sorriso e eu fecho a cara.

— Bem que eu desconfiava desse seu lado meio gay, Mike. — Parisa diz, divertida.

— Isso te interessa, Paris? Posso virar hétero agora mesmo para você. — diz se aproximando dela, mas eu o empurro, ficando na frente da minha garota.

— Mexa sua bunda para longe dela, porra. — bufo, já irritado e ele ri.

— Qual é, bonitão? Me quer só para você? — brinca outra vez e eu rosno.

Parisa ri alto e me puxa pelo braço. — Ele está apenas brincando Trent... — ela diz.

Mike sai andando e gargalhando até os outros caras.



O dia se passa sem muitos acontecimentos. Todos almoçamos no restaurante que fica aqui perto, e Parisa sentou-se ao meu lado. As vezes ela segurava minha mão por debaixo da mesa e Jake não percebia, já que estava ocupado intimidando Max — mesmo já tendo se passado dois meses do jantar de namoro dele e de Pamella.

Depois do treino fico conversando com os caras, enquanto espero Parisa sair com Pamella da sala de Jake, já que há uma hora ela entrou lá com a irmã para falar alguma coisa com o pai.

Assim que as duas saem de lá, elas caminham até nós e param na nossa frente.

— Nós vamos comprar pizza. — Pamella diz, apontando para Jake que sai em seguida de sua sala.

— Eu vou com você. — Parisa avisa, encarando-me e eu assinto.

Jake está bem perto de onde estamos quando os caras começam a se despedir de nós. Max aproveita para dar um beijo em Pamella antes que Jake chegue completamente até nós e eu aproveito para olhar Parisa, que os encara com um sorriso fraco — *quase sonhador*.

— Nos vemos amanhã. — Max diz, beijando a testa de Pamella.

— Ou hoje mesmo, no Skype. — ela retruca, sorrindo de lado e Parisa tosse sugestivamente, alertando a irmã de que Jake está perto.

— Já terminaram com isso? Vaza, Max. — Jake rosna, asperamente.

— Pai... — Parisa o adverte e ele rola os olhos.

— Tchau. — Max resmunga uma última vez, antes de ir andando até a saída.

— Parisa vai com você. Eu e Pamella vamos comprar o jantar em algum lugar. — Jake comenta um minuto mais tarde.

— Tudo bem, sem problemas. — respondo.

— Certo, vamos logo. — ele bufa, olhando para Pamella.

Saímos da academia juntos e Pamella segue Jake, enquanto Parisa está no meu encalço.



Eu e Parisa estamos perto de sua casa, quando ela decide descansar suas pernas em cima das minhas.

— Você vai ficar para o jantar, certo? — pergunta e eu dou de ombros.

Ela mexe suas pernas e esbarra na minha ereção. Eu estive com essa maldita ereção o dia inteiro, já que, repito: Parisa escolheu uma maldita saia jeans para usar hoje o dia todo, assim como nas últimas semanas. Encosto o carro em frente à praça escura e sem movimento que estamos passamos no momento, e giro a chave, desligando-o. Está perto das sete, e nesse horário todas as famílias estão reunidas para o jantar, que é um momento importante para todos nós americanos.

Não corremos perigo algum para o que eu tenho em mente.

Puxo Parisa pelas pernas, o que acaba pegando-a de surpresa. Ela ri alto, enquanto encaixo seu corpo em cima do meu e começo a beijá-la. — Trent, espera! — Parisa pede rindo e eu avanço na sua boca. — Vamos logo pra casa. — diz, tentando fugir do meu beijo.

Seguro sua nuca e inclino sua cabeça para mim. Puxo seu lábio superior com os dentes e chupo, repetindo o processo com seu lábio inferior, antes de deslizar minha língua para dentro de sua boca. Soltando um gemido contra meus lábios, ela responde ao meu ataque com avidez. Seus lábios estão gelados e molhados, o que me faz nunca mais querer parar de beijá-los. Eu preciso ter Parisa agora ou eu vou explodir. — Não vou aguentar dirigir com essa puta ereção, baby. — aviso, separando nossas bocas.

Abro meus olhos e ela faz o mesmo, depois de puxar e soltar o ar com força. — O que quer dizer com isso? — pergunta, passando a língua entre seus lábios inchados e vermelhos.

Porra. Ela devia parar de passar a língua em seus lábios, enquanto está me encarando de forma quase que inocente.

— O que eu quero dizer é que eu vou comer você aqui dentro do carro e, para ser mais exato, no banco de trás. — rosno, encarando seus lábios suculentos.

Sua boca se abre mais um pouco e ela começa a ofegar outra vez.

— Trent, mas o carro — o carro vai balançar e, *meu Deus!* E se alguém nos pegar fazendo... *fazendo...*

Seguro a vontade de rir porque estou ficando com mais tesão ainda. — Foda-se, Parisa. Se o carro balançar, balançou. — digo, ciente que não estou aliviando em nada a sua preocupação. — Agora escolha, você quer ficar por cima ou por baixo?

Olho dentro dos seus olhos e vejo que ela provavelmente nunca ficou tão envergonhada em toda sua vida, o que acaba deixando-a mais sexy ainda. Abro a porta do carro e carrego Parisa comigo. Bato a porta com força e abro a porta traseira, entrando com minha garota e repetindo o mesmo processo.

— Diga, Parisa. Por cima ou por baixo? — pergunto, entre dentes.

As pupilas dos seus olhos bonitos estão dilatadas, enquanto ela está ligada em mim. — Eu acho que por bai...

— Por *cima*. — corto sua frase e colo nossas bocas mais uma vez. — Quero seus peitos na minha boca enquanto estiver me montando, linda.

Deito-a no banco brevemente, apenas pra ter um pouco mais dela. Parisa

geme novamente contra minha boca, enquanto empurra seu corpo ferozmente contra o meu. Ela começa a puxar minha camisa para fora do meu corpo e eu a ajudo. Separo nossas bocas e solto um sorriso de lado.

— Hora de trocarmos de lugar. — digo e ela assente, mordendo o lábio inchado.

Sento no banco, puxando-a para cima de mim sem demora. Deslizo minhas mãos por suas pernas grossas e macias, sentindo sua pele gelada sob meus dedos. — Mostre seus peitos bonitos para mim, linda. — ordeno.

Reagindo as minhas palavras, ela mói sua maldita boceta contra minha ereção. Seguro suas nádegas com força, empurrando-a mais naquele movimento de vai e vem, enquanto Parisa começa puxar sua camiseta pra cima. Livrando-se da peça, ela começa tirar seu sutiã, mas eu a impeço.

— Puxe a taça para baixo. Quero vê-los empinados e espremidos, somente para mim. — comando outra vez.

Ela arfa, mas assente e obedece.

Puxando a taça do seu sutiã pra baixo, Parisa revela os seus mamilos rosados e encrespados prontos para mim. Não consigo segurar meu impulso e logo começo a chupar um deles entre meus lábios.

— *Oh, sim, Trent...* — murmura, afundando os dedos em meus cabelos.

Não demoro muito com isso. Preciso estar dentro dela e acabar logo com isso imediatamente. Sugando uma última vez sua pele gostosa, separo minha boca do seu seio e solto sua bunda, enquanto ela reclama com um gemido baixo. — Abra minha calça para mim, linda. Quero foder você agora. — rosno entre dentes.

Parisa se afasta um pouco de mim e começa a trabalhar na braguilha do meu jeans, que troquei logo depois do treino. Seus dedos gelados esbarram no meu estômago e eu fecho os olhos, sentindo meu pau endurecer mais ainda.

— Camisinha? — ela pergunta, fazendo-me abrir meus olhos outra vez.

Pego minha carteira, que está dentro do bolso da minha calça, e tiro uma camisinha de lá. Rasgo o pacote com meus dentes e rolo o preservativo para baixo, cobrindo minha ereção que descansa entre nós dois. Parisa se aproxima de mim outra vez e eu subo sua saia, deixando-a enrolada na sua cintura. Seguro

minha ereção e trago minha garota para baixo, afastando sua calcinha e me posicionando na sua entrada.

Colando nossos lábios, ela desce seu corpo enquanto eu a preencho centímetro por centímetro. Ela geme contra meus lábios e eu acabo imitando seu som. Porra, ela é apertada pra caralho. Não tem como eu não fazer qualquer barulho. Eu estou esticando-a para caber dentro dela e isso provavelmente está doendo nela.

Acho que nunca fui tão profundamente dentro de Parisa, caralho!

Ela separa nossas bocas e eu posso escutar seus dentes trincarem.

— Segure-se em meus ombros, linda. Eu vou guiar você. — rosno entre dentes.

Parisa faz o que eu peço e eu agarro sua bunda mais uma vez em menos de trinta minutos. Sei que estou sendo bruto com ela, mas não vai ser diferente dessa vez. Subo seu corpo com sua ajuda e em seguida a puxo novamente para baixo, empalando implacavelmente dentro de Parisa, enquanto ela solta lamúrias misturadas com meu nome. Suas unhas afundam em meus ombros e eu a faço choramingar por mais. Seus dentes batem com o impacto de cada maldita descida, cada maldita estocada.

Eu preciso dela.

Seus seios pulam na minha frente e eu abocanho um em minha boca, não diminuindo o ritmo em nenhum segundo. Parisa abre seus olhos e desce o rosto para me encarar. A luxúria dentro deles é inundante, o que me deixa satisfeito e mais duro ainda.

Ela está gostando.

Empurrando seu quadril para me encontrar no caminho, eu sinto-me inchar mais ainda dentro dela e estou me segurando para não gozar e me perder nas sensações malditamente boas que ela me traz. — Vamos, Parisa! Goza pra mim, *linda*. — liberto seu seio e rosno, aumentando a velocidade dos nossos movimentos.

Ela choraminga, geme, grita e rosna durante os segundos seguintes. Seu corpo fica rígido em cima de mim e ela aperta mais e mais em torno do meu pau. Caralho! Batendo nossas bocas juntas, ela me beija ferozmente e goza em seguida. Seu corpo trêmulo em cima de mim e seu gemido incontável me

fazem prender a respiração e eu junto-me a Parisa algumas estocadas mais tarde.

Seu corpo se derrete em cima do meu e eu finalmente solto sua bunda. Eu ainda estou dentro dela e ficamos assim por alguns minutos. Nossos corpos estão suados e percebo que os vidros do carro agora estão embaçados.

— Eu nunca me imaginei fazendo isso... — ela murmura com a cabeça em meu ombro. — Sexo quente dentro de um carro.

Sua voz rouca e seu comentário me fazem rir brevemente.

— Você quis dizer sexo quente e duro dentro do meu carro. — digo, passando minhas mãos por suas costas nuas.

— Chame como quiser. — resmungo.

Ficamos mais alguns poucos minutos daquele jeito antes de Parisa começar a se mover e deslizar da minha ereção mais controlada. Ela se joga no banco do meu lado e começa a ajustar a roupa em seu corpo. Eu começo a fazer o mesmo. Tiro a camisinha com cuidado, amarro e pego um saco de papel da Starbucks que está no chão do carro, deixando-a ali dentro para me livrar disso mais tarde.

Assim que estamos um pouco arrumados, voltamos para os bancos da frente e eu arranco com o carro.



Eu e Parisa chegamos em sua casa e vamos direto para o seu quarto. Ela está ajustando a sua saia no lugar, enquanto eu fito seu corpo pequeno na minha frente. Entramos no seu quarto e eu me jogo em sua cama, vendo ela caminhar até o cabide e pegar sua toalha branca.

— Eu vou tomar um banho. — enuncia e eu sorrio de lado.

— Posso te acompanhar? — indago, mas já sei a sua resposta.

— Claro que não. O papai deve estar chegando a qualquer minuto. — responde, rolando os olhos.

Ela sai do quarto com a sua toalha e eu relaxo em sua cama, puxando um de seus travesseiros e inalando o cheiro de Parisa que está presente ali. Talvez eu pegue um desses travesseiros para mim.

Seu cheiro é o melhor do mundo.



Parisa volta para o quarto apenas para pegar uma calça de moletom, camiseta e calcinha. Eu digo para ela se trocar na minha frente, mas ela apenas rola os olhos — mais uma vez — e nega com a cabeça, voltando a sair do quarto para se trocar no banheiro. Minutos depois ela retorna. Seu cheiro enche o quarto e eu me levanto indo em sua direção.

Um sorriso surge em seus lábios e a puxo pela cintura, colando seu corpo ao meu.

Escutamos barulho no andar de baixo e Parisa se mexe desconfortável. Ficamos calados e poucos segundos depois, uma batida fraca soa através da porta.

— Chegamos! A pizza está cheirando bem, desçam logo. — Pamella diz do lado de fora.

— Estamos indo! — Parisa retruca e volta a me encarar.

— O pessoal do Circuito me avisou hoje que a temporada vai se estender por mais um mês. Vou ter algumas lutas em outras cidades e quero que você venha comigo. — digo, fitando seus olhos brilhantes.

Ela sorri mais largamente.

— Até lá as coisas já devem estar resolvidas com o papai, então eu acho que aceito. — comenta, sorridente.

— Bom, querida. Eu te sequestraria de qualquer forma. — digo sério e ela ri.

Mas eu falei sério mesmo.

— Vamos descer. — murmura, parando de rir gradativamente.

Ficando na ponta dos pés, ela segura minha nuca e me puxa para selar nossos lábios uma última vez antes de descermos para o jantar. Laço seu corpo com meus braços, puxando-a pra mim e respondo ao seu toque.

— Caralho! Me diz que isso — maldição! Me diz que *não* é a Parisa. Ou porra, me diz que *não* é verdade! — a voz de Jake ecoa carregada de ódio.

Parisa separa nossas bocas e se vira para encará-lo; e eu faço o mesmo. O rosto de Jake está praticamente irreconhecível, coberto e contorcido pela raiva que provavelmente está sentindo.

— Pai... — Parisa sussurra.

É agora...



Parisa Cohen

O ar sai dos meus pulmões, enquanto encaro o papai.

Não sei distinguir o que ele está sentindo ou o que está se passando por sua cabeça nesse momento, mas eu nunca o vi dessa forma. Seu rosto está contorcido em raiva e ele está ficando vermelho. Parece que ele está prestes a explodir e eu tenho muito medo disso, tenho medo do que está vindo pela frente.

— É a Parisa. — Trent afirma o óbvio.

Com suas mãos descansando em meus quadris, Trent não me solta nem por um só segundo e eu temo que se ele o fizer isso, minhas pernas falhem.

— Caralho, Trent! O que diabos eu disse? O que diabos eu te pedi, porra? — papai exclama, exasperadamente.

Eu tento falar alguma coisa, mas nenhum som sai da minha boca. Ele está irado. — Sei o que me pediu e respeitei isso por muito tempo, mas eu...

— Solta a minha filha! — rosna, interrompendo Trent.

Segundos longos e tortuosos se passam, enquanto estamos os três calados. Os olhos de papai finalmente me fitam e ele me encara friamente.

— O que pensa que está fazendo com ele, Parisa? Pensa que todos os maus hábitos desse — *dele* — vão sumir por sua causa? *Por nada?* — suas palavras fazem com que eu estremeça.

— *Nada?* — indago, com minha voz soando mais baixa do que o imaginado.

Eu não esperava que ele ficasse feliz, mas também não esperava que ele falasse dessa forma comigo. Ele acha que eu não sou motivo o suficiente para Trent mudar? Para Trent querer ser melhor? Eu sou um *nada*?

— Sim, porra! Ele vai te machucar, garota. — diz, passando os dedos nervosamente em seus cabelos.

— Porra, cala boca, Jake. Você não sabe de merda nenhuma! — Trent retruca, enquanto seus dedos afundam na minha cintura.

Ele está com raiva. Muita raiva.

Assim como o papai.

Assim como eu estou ficando.

— Quem você pensa que é para falar comigo dessa forma? — papai pergunta, cerrando os olhos.

— Pai, por favor, entenda...

— Entender o quê, Parisa? — grita, com o rosto mais vermelho que antes. Trent solta minha cintura e eu respiro fundo.

— Eu estou usando o mesmo tom que você está usando comigo. — Trent diz, tomando a frente.

Papai começa a caminhar na direção de Trent — *na nossa direção*, e eu o puxo pelo braço. Não quero que eles briguem e sei que isso que vai acontecer se eu não interferir.

— Eu o amo, pai! — é a minha vez de gritar e ficar na frente de Trent.

Papai para de se mexer e nos encaramos outra vez. Seus olhos estão levemente arregalados, enquanto ele parece estar incrédulo.

— O ama? — sussurra, como se estivesse testando as palavras em sua boca.

— Sim! — continuo usando o mesmo tom, totalmente desesperada para que ele entenda o que eu estou dizendo. — Eu amo Trent como sempre neguei para você, pai. Eu o amo como uma mulher ama um homem; eu preciso e quero muito ele. O senhor *não* pode controlar isso.

Ele fecha os olhos e tenta acalmar sua respiração irregular e, de uma hora para outra, ele explode em risadas.

Gargalhadas soando por todo o cômodo.

— Deus, ela o ama! — exclama sem parar de rir, mas logo a sua risada se esvai, enquanto ele encara Trent com um sorriso simples e sombrio. — Fez a minha garota se apaixonar por você, não é? Por quanto tempo veio trabalhando nisso?

Porra! Eu não posso acreditar no quão ridículo ele está sendo. Pamella aparece na porta do meu quarto e quando percebe o que está acontecendo, arregala os olhos e entra.

— Jake, eu amo sua filha...

— Qual das duas? Porque se eu me lembro bem, você beijou Pamella poucos meses atrás! — esbraveja. — Você se esqueceu disso, *fodido*?

— Ei, não jogue a sujeira para cima de mim! Foi um erro e deixamos isso bem claro. — Pamella se mete e papai vira para ela.

— Sai daqui, Pamella. — diz entre dentes, quase perdendo a paciência.

Ela não o obedece, em vez disso nossos olhares se cruzam e ela parece assustada pra caramba.

— Amo a Parisa. Sempre amei a sua filha desde o primeiro momento. Sei que não estou nem perto de ser o homem que ela merece ter ao seu lado, mas eu estou tentando. Vou conseguir ser tudo que ela precisa.

Você já é.

— É para eu aplaudir esse seu discurso estúpido? — papai indaga, colocando o mesmo sorriso sombrio de minutos atrás em seus lábios.

— Você vai ter que aceitar isso, Jake. — Trent grunhe, asperamente.

— Você vai sair da minha casa. Agora! — exclama e eu começo a tremer.

Chega.

— Você não pode fazer isso, porra! Quem pensa que é para querer mandar na minha vida? — cuspo as palavras, encarando-o tão firme quanto consigo. — Eu amo o Trent, pai!

Num movimento rápido, papai me empurra para o lado e puxa Trent com força. Os dois são grandes como duas muralhas e eu não tenho certeza de quem sairia vivo se eles brigassem.

— Sai da minha casa, caralho! — papai grita outra vez, puxando e empurrando Trent.

Ele empurra Pamella para fora do caminho, enquanto puxa Trent e eu corro atrás deles, pulando nas costas do meu pai logo em seguida.

— Solta ele! — peço e ele o faz.

Estamos os três no meio do corredor.

Trent me encara com os olhos totalmente escuros, o que me assusta um pouco. Ele está perto de perder o controle.

Papai me puxa de suas costas e me segura firme.

— É melhor você sair daqui agora ou eu juro — *eu juro* — que vou cometer uma loucura. — meu *pai* diz, não me soltando por nenhum cacete.

— Não, pai, por favor, não. — imploro, enquanto as lágrimas começam a brotar em meus olhos.

— Ela vem comigo. — Trent rosna entre dentes.

— *O caralho, porra!* Eu vou chamar a maldita polícia se você não sair agora da minha casa. — avisa outra vez.

Trent me olha outra vez e eu estou internamente implorando para que ele não obedeça ao papai. Eu sei que ele o respeita pra caramba, mas ele não pode fazer isso... Temos que lutar por nós dois, não temos? Os dez segundos seguintes fazem com que eu segure a respiração.

Trent abaixa a cabeça e nos dá as costas, enquanto sai andando.

Não posso acreditar.

— Trent, não! — grito em plenos pulmões.

Ele não para de andar e logo está descendo as escadas. Tento puxar meu braço do domínio do meu pai, mas ele não deixa eu me soltar. Pelo contrário, ele começa a me arrastar de volta para o meu quarto, ao passo que eu grito tanto para Trent voltar, quanto para o papai me soltar.

Eu estou um caos.

Nada me define melhor que isso.

— Porra, me solta! — esbravejo, enquanto as lágrimas descem dos meus olhos, banhando todo o meu rosto.

Ele me deixou e não lutou por nós como disse que o faria. Ele me deu as costas e saiu andando, levando um pedaço do meu coração com ele.

Eu acho que isso é um pesadelo!

Trent não faria isso, caralho!

— Parisa, calma...

A voz calma e reconfortante de Pamella sussurra enquanto eu abraço meu corpo, já totalmente fora das garras do meu pai. Quer dizer, merda, *não!* Ele não tem o direito de fazer isso comigo. Não vou me referir a ele como meu pai, afinal eu sei que meu pai *nunca* faria isso comigo.

— Você vai parar de chorar e fazer apenas uma coisa: esquecer Trent, porque ele *não* é para você. — Jake comanda, encarando-me sem paciência.

Tento controlar a raiva que se espalha por meu corpo, mas é impossível. Pego o abajur que está na minha mesa de cabeceira e arremesso contra a parede.

— Pode quebrar o que quiser, pode espedaçar o quanto quiser. Não vou voltar atrás. — avisa.

Enxugo as lágrimas que descem por meu rosto e o encaro.

— Você não tem o maldito direito! — digo, com minhas mãos trêmulas e a voz embargada.

— Eu sou o seu pai e tenho **todo** direito. Eu estou apenas fazendo isso para o seu bem, Parisa. — responde, sem desviar nossos olhares.

— Meu bem? — gargalho em meio ao choro. — Isso é apenas para sua satisfação! — jogo na sua cara.

Ele se aproxima de mim e eu não recuo nem um mísero centímetro.

— Ele prometeu que *nunca* tocaria em você. Ele tem malditos problemas mentais e psicológicos, além de toda bagagem de merda que tem que carregar

com ele. Acha mesmo que eu vou entregar você nas mãos do Trent? — indaga, friamente.

— Ridículo. — digo simples. — Totalmente ridículo, Jake Cohen. Você consegue se escutar? — respiro fundo, antes de continuar com um sorriso no rosto. — É isso que você *realmente* quer?

Ele sustenta um olhar inflexível.

— Sim, porra. — grunhe, entre dentes.

Assinto com a cabeça e dou as costas pra ele, andando até a minha mesa de cabeceira outra vez. Pego o porta-retratos com uma foto nossa e o encaro. Seus olhos acompanham meus movimentos sem perder nada. Arremesso o retrato na parede com força, não deixando de encará-lo.

— É isso que você vai ter. — falo, aproximando-me dele outra vez, enquanto escuto Pamella chorar perto da porta. — A partir desse momento, eu espero que nunca mais volte a falar comigo, *Jake Cohen*. Quero que saia do meu quarto. Agora. — grito na sua cara.

Seus olhos desviam dos meus por alguns segundos, mas ele volta a me encarar sem demora. — *Paris...*

— É *Parisa!* — exclamo, irada.

Jake respira fundo.

Caminho até a minha cama em passos largos e pego meu celular, jogando-o na parede e observando ele se juntar aos restos do retrato e do abajur. Se eu enlouqueci? *Muito*.

— Pronto, Jake! — comento, rindo. — Você conseguiu! Pode me manter trancafiada na sua maldita torre, *papai*. Sem nenhum contato com o *lobo mau!* — paro em sua frente novamente. — Agora saia do meu quarto, porque eu não recebo estranhos, e o meu pai... Bem, eu não sei onde ele está. Se o encontrar por aí, fala que eu mandei lembranças.

Por um momento eu o vejo perdido, mas desvio o olhar do seu. Não vou suportar vê-lo dessa forma. Ele está me machucando e eu estou o machucando de volta.

A que ponto chegamos? **Inferno!**

— Você está passando dos limites, Parisa. — ele murmura, ameaçadoramente.

Balanço a cabeça incrédula.

— Foda-se seus limites.

Volto a encará-lo por não sei mais que vez nessa noite e ele cerra os olhos. — Eu vou trazer sua pizza. — diz, dando um passo para trás.

Respiro fundo e me sinto mais irada ainda.

— Enfia a porra da pizza no seu rabo!

Assim que termino de falar, eu sou acertada por um tapa forte na minha bochecha esquerda. Meu rosto vira para o lado com a força que ele usou e eu fecho os olhos, escutando Pamella soltar um grito engasgado.

— *Pai!*

Absorvo toda a sensação que corre por minha bochecha ardente e abro meus olhos novamente. Viro meu rosto para encarar Jake e ele retorna um olhar com os olhos azuis extremamente marejados e brilhantes. — Vocês podem sair do meu quarto agora. — minha voz é baixa e neutra.

Fria.

Eu me sinto fria e um pouco morta. Quero dizer, muito morta.

Caminho até minha cama e me jogo em cima dela. Escuto o arrastar de pés contra a madeira e, em seguida, minha porta é fechada. Puxo um travesseiro e o aperto contra meu corpo, enquanto sinto o outro pedaço do meu coração sendo levado por meu pai.

Não foi um pesadelo. Foi real, e agora eu não tenho mais nada.

Capítulo 28

Parisa Cohen

Solto um suspiro assim que sinto as mãos leves de Pamella me balançarem. Eu não consegui dormir durante a noite passada, e eu tentei. Tentei de verdade, mas as imagens da briga que tive com Jake não saíam da minha cabeça.

O pesadelo se tornou real.

E Trent se foi.

Me deixou — *quando disse que enfrentaríamos a situação juntos.*

— Paris, acorda. — Pamella sussurra.

Eu não me mexo e nem pretendo me mexer.

Meu corpo dói, assim como minha bochecha acertada na noite anterior. Em algum momento, se isso tudo passar, eu posso admitir a Jake que eu exagerei, mas agora eu me recuso a admitir qualquer coisa para ele. Não tenho como voltar atrás.

— Paris... — sussurra outra vez.

Pamella entra no meu campo de visão e eu a encaro completamente sem ânimo. Seus olhos estão avermelhados e fundos, indício de que ela deve ter chorado mais depois que saiu do meu quarto e de que ela não dormiu bem. Não quero nem olhar minha cara, devo estar parecendo terrivelmente acabada.

— Nós estamos indo pra academia... Você vem? — indaga, com o mesmo tom baixo e doce de sempre.

Fecho os olhos e apenas nego com a cabeça. Sinto ela se mover e seguro sua mão, impedindo-a de ir.

— Você pode me emprestar seu celular? — minha voz sai arrastada, fraca e rouca.

Talvez eu tenha gritado muito ontem.

— Claro! — exclama, parecendo satisfeita por ajudar.

Ela puxa o aparelho de sua calça jeans e me entrega. Solto sua mão e tento

sorrir para ela, mas acabo sentindo minha bochecha doer demais. Isso quer dizer que eu não posso sorrir — e na verdade, eu nem mesmo quero sorrir. Não tenho um motivo para isso.

— Vou deixá-lo com você. Pode ligar para o celular do Max se precisar de algo, eu vou estar com ele. — informa e eu assinto.

Se aproximando de mim, ela beija minha testa e murmura um “até logo”. Observo Pamella sair do meu quarto e me sento na minha cama, pronta para ligar para a única pessoa que vai me entender e me ajudar nesse momento.

Oliver.

Disco o número dele e espero que ele atenda, o que não demora para acontecer.

— Pamella, caralho, que diabos você quer a uma hora dessa da manhã? Sabia que eu estou deitado com... Bem, não te interessa, mas você está atrapalhando e se ela acordar, eu acho que vou ter que me vingar de vo...

— Oliver, é a Paris. — corto seu grande discurso.

Ele solta um gemido parecendo derrotado, o que quase me faz sorrir.

— Belezinha, o que há? Por que não me ligou do seu celular? — pergunta, mais contido.

Sinto minha garganta se fechar progressivamente, enquanto eu tento encontrar as palavras certas para começar. Encosto-me no dossel da cama e sinto meus olhos começarem a encherem-se de lágrimas sem minha permissão. As lembranças estão voltando.

— Belezinha? — Oliver resmunga.

— O papai...

— O que tem seu pai?

Minha garganta trava e eu puxo o ar com força, tentando me concentrar e não entrar em pânico outra vez. — Ele descobriu sobre meu envolvimento com Trent e... ele — ele *enlouqueceu*, Oliver. — explico e escuto ele respirar pesadamente do outro lado.

— Como diabos isso aconteceu? O que ele fez? — indaga, curiosamente.

— Ele viu nós dois nos beijando no meu quarto e foi horrível. — digo, apertando o celular com força. — Ele falou coisas horríveis e eu também falei coisas horríveis, mas ele... Oliver, ele tinha que ter aceitado! É minha a escolha! — tento fazer com que ele entenda.

— Sim, sim, eu sei, Belezinha. O que o seu cara fez? — pergunta, entre dentes.

Lembro-me de Trent e fico instantaneamente com um misto de raiva e preocupação. Raiva, porque ele estava indo tão bem e no começo ele lutou por nós, mas depois abaixou a cabeça e me deixou; e preocupação, porque eu quero saber para onde diabos ele foi! E se ele se machucou? Ele estava quase perdido quando me olhou pela última vez. Seus olhos estavam escuros e ele parecia sombrio pra caramba. Merda! Isso me preocupa muito.

— Ele foi embora. — enuncio, chateada.

— Mas que diabos... Ele foi embora? *Simplesmente isso?* — Oliver deixa evidente sua irritação.

Eu sei que ele não é o maior fã de Trent e isso provavelmente piorou a sua visão sobre ele.

— Sim. O papai o expulsou e ameaçou chamar a polícia. Ele tentou explicar, mas desistiu. — comento, completamente derrotada.

— E depois disso? — pergunta, ainda entre dentes.

— Bem, depois disso eu enlouqueci. Enlouqueci mesmo! Gritei, quebrei as coisas, chorei, implorei... Meu pai — **Jake**, ele não quis me ouvir. Nós nos enfrentamos numa verdadeira batalha. — continuo relatando os acontecimentos.

— Porra, esse velho é um verdadeiro empata-foda do caralho. — resmungo e eu solto uma risada. — Permaneceram na batalha verbal ou você tentou algo contra ele? — ri, baixo.

Engulo a seco. Eu nunca tentaria nada contra ele, nada que o machucasse fisicamente. Eu não tenho o direito de fazer isso, mas ele fez. E pela primeira vez durante toda minha vida, ele me bateu.

— Não, mas ele o fez. — sussurro, com um último fio de voz que me resta.

Minha bochecha dói, mas a dor física não chega nem perto de ser comparada com a dor que estou sentindo no peito.

A dor psicológica.

É quase sufocante.

— O quê? — exclama, incrédulo.

Escuto uma voz feminina que constato como sendo Fable. Eles estão dormindo juntos? Uau. Finalmente, Oliver.

Oliver fala brevemente com Fable e ela provavelmente deve ter voltado a dormir.

— Você não está falando sério? Que fodido filho da p...

— Oliver, por favor. Ele é meu pai. — o corto, embora seja difícil continuar me referindo a Jake como pai. — E, bom... Eu meio que passei *um pouco* dos limites.

— O que você fez? Porra, isso está pior que novela mexicana, que inferno! — deixo a vontade de rir do seu comentário passar e lembro do que eu disse.

— Eu meio que mandei ele enfiar a pizza no rabo dele. — murmuro.

Oliver começa a rir, não muito alto, mas ainda assim ele ri.

— Por que diabos fez isso? — pergunta, ainda rindo. — Desculpa, Belezinha, eu sei que não deveria rir.

— Tudo bem, talvez até eu venha a rir disso algum dia. — brinco e ele para de rir. — Eu estava muito irritada e ele começou a agir como se não tivesse acontecido nada, então disse que ia trazer a pizza. Eu não me segurei e soltei a maldita frase. Acho que foi a gota final pra tudo que aconteceu.

— Mas ainda assim, Parisa, ele não devia ter te batido. É seu pai, mas não tem o direito de te agredir dessa forma e nem de qualquer outra forma. Ele tem apenas que entender e aceitar o fato simples de que você ama aquele bastardo que te deixou quando não era suposto que o fizesse. — diz, calmamente. — Estou cogitando a ideia de pegar um avião apenas para encontrar esse filho da puta fodido e perguntar em que diabos ele estava pensando quando te deixou.

— Estou cansada disso tudo. — murmuro, encostando a cabeça no dossel da cama. — Eu acho que vou dormir um pouco.

Dormir é a minha única saída de neutralizar um pouco dessa dor que estou sentindo.

— Tudo bem. Qualquer coisa é só me ligar, certo? Amo você, Belezinha. — solta, compreensivamente.

— Obrigada por me ouvir, Oliver. Amo você. — respondo e desligamos a chamada.



Três dias mais tarde...

Sinto as mãos leves de Pamella me balançarem outra vez, assim como fez ontem. *Ou pelo menos eu acho que foi ontem.* Não sei muito bem quantos dias se passaram, mas eu não me importo de qualquer forma. Depois que consegui dormir, eu não quis mais acordar. A realidade é tão ruim quanto os meus sonhos.

— Parisa, você precisa sair dessa cama. — ela sussurra.

Bocejo roboticamente e me arrasto pela cama, forçando meu corpo com a pouca energia que me resta, e me sentando para encará-la.

— Ainda não estou pronta para me levantar. — resmungo com o fio de voz que ainda sai por minha garganta seca.

Não sei quando foi a última vez que bebi água ou que comi alguma coisa, mas parece que foi há muito tempo. Entretanto, eu não sinto fome, apenas um pouco de sede.

— E eu não estou pronta para deixá-la se afundar. — ela retruca, levantando-se e colocando as mãos na cintura. — Você vai tomar um banho, enquanto eu preparo um sanduíche para você comer. Já se passaram quatro dias, Paris. Você está dormindo há três e vai acabar doente. Me ajude a te ajudar, por favor. — sinto a dor em suas palavras.

Aceno positivamente com a cabeça. Estou dormindo há três dias?

Santa merda!

Pamella sai do meu quarto parecendo mais aliviada por eu ter concordado e eu me levanto, mas sou obrigada a me sentar na cama quando uma tontura forte me atinge.

Isso que dá não comer e dormir por dias.

Recupero-me rapidamente e me levanto outra vez, vou até meu cabide e pego minha toalha. Me dirijo até o banheiro e quando estou lá dentro, tranco a porta e vou direto para o chuveiro, abrindo a torneira e me jogando debaixo da ducha gelada.

Em algum momento eu começo a tirar minhas roupas, jogo as peças para o lado, e vou lavando meu corpo e me limpando inteira. Estou meio travada, minhas articulações doem e eu sinto bastante dor na minha bochecha esquerda.

Termino de banhar e me enrolo na toalha. Movo meu corpo até a pia e pego minha escova de dentes. Colocando um pouco de creme dental no objeto, abro a torneira e molho um pouco antes de trazer até a minha boca. Subo meu rosto e me encaro no espelho.

A pessoa refletida no espelho não se parece nem um pouco comigo. Meus olhos azuis estão avermelhados e rodeados por olheiras fundas em um tom escuro de cinza, meus lábios estão rachados e ressecados, e minha bochecha acertada está um pouco inchada arroxeadada. Eu estou realmente deprimente.

Enfio a escova na boca e viro de costas para o espelho.

Termino de escovar meus dentes poucos minutos depois e viro de volta apenas para enxaguar minha boca com um pouco de água e saio imediatamente do banheiro.

Volto até o meu quarto e vou à procura de uma roupa para vestir. Não sei se seria bom para eu ir até a academia hoje, mas sei que quando Pamella aparecer aqui, ela vai insistir nisso.

E se Trent estiver lá?

Eu tenho duas opções: correr até ele e beijá-lo ou correr até ele e socar sua cara.

Eu provavelmente farei a segunda opção se ele estiver lá, e na verdade eu não vou correr até ele. *Não mesmo*. Afinal, não fui eu que saí e lhe dei as costas quando mais precisava de apoio.

Pego um jeans preto e uma camiseta da mesma cor de dentro do meu guarda-roupa, visto minha roupa íntima e logo faço o mesmo com o conjunto sem cor que eu escolhi. Assim que termino de puxar a camisa para baixo,

Pamella entra no meu quarto com um prato e um copo na mão. Ela sorri satisfeita, vendo que eu fiz o que ela pediu, e me dá a comida que prometeu fazer.

— É um sanduíche simples e suco de caixa. — comenta, com as bochechas coradas. — Eu não sei cozinhar, você sabe...

Assinto, sorrindo um pouco para deixá-la ciente de que eu não me importo se é um sanduíche simples ou suco de caixa, mas isso me faz pensar um pouco em Jake e em o que diabos ele está comendo esses dias. Ignoro esse pensamento e tomo um pouco do suco, que desce com um gosto estranho, devido ao fato de que acabei de escovar os dentes.

— Ontem Trent foi à academia. — Pamella resmunga e eu deixo meus olhos fixos no sanduíche. — Ele tentou falar com o papai, mas o papai o expulsou de sua sala e disse que só não o expulsava da academia porque Trent é um dos patrocinadores.

Isso eu sei. Desde que Trent começou a ganhar dinheiro, ele vem ajudando Jake com tudo que ele precisa para academia em troca do seu local exclusivo para treinar, que é onde sempre ficamos, longe dos outros alunos. Mas de um tempo pra cá eu percebi — depois de tudo que descobri sobre Trent — que é mais que apenas um pagamento para ter o seu local de treino. Trent sente como se devesse algo para Jake, porque ele foi o único que o ajudou, e eu não acho que ele está errado em se sentir assim. Jake lhe deu abrigo, comida e roupas. Ele sarou suas feridas, tentou consertar o garoto caído e ensinar-lhe o que é certo ou errado. *Isso não tem como ser ignorado.* Jake foi o pai que Trent nunca teve.

— Ele saiu muito irritado da sala do papai. — Pam continua a falar assim que percebe que eu não vou me pronunciar. — Ele estava tentando falar sobre você, eu ouvi. — suspira pesadamente. — Sinto muito por tudo estar saindo desse jeito.

Balanço a cabeça negativamente e deixo o prato em cima da cama. Pego o sanduíche e mordo um pedaço.

— A culpa não é sua, Pamella. Não foi você quem causou tudo isso. — digo, sem emoção.

— Eu estou tentando convencer o papai. Ontem eu o fiz me ouvir até o final, mas quando terminei, ele não disse uma palavra sequer. Não desistirei, eu prometo. — diz, aproximando-se de mim.

Pamella pensa bem mais positivo que eu. Para falar a verdade, eu não tenho mais o que pensar, já que Jake e eu somos iguais. Ele nunca cede e eu também não. A única coisa que eu não entendo é: quando diabos ele vestiu essa capa de tirano infernal?

Termino de comer o sanduíche que Pamella fez para mim, ela pega o prato e o copo, saindo do quarto e avisando que voltará em poucos segundos. Levanto-me da cama e pego meu coturno preto que está encostado na parede.

Dando uma olhada geral no meu quarto antes de voltar a me sentar, percebo que tudo está uma zona. As coisas estão exatamente como na outra noite. Tudo quebrado e bagunçado.

— O Oliver ligou para você ontem e antes de ontem... — Pamella diz, entrando no meu quarto novamente. — Ele está preocupado e uma tal de Fable também. — completa, sorrindo um pouco.

— Vou precisar do seu celular para ligar para ele mais tarde. — aviso e ela assente.

Calço o coturno e volto a encará-la.

— Jake está aí? — indago.

— *Papai...* — me corrige, mas eu apenas dou de ombros. — Não, ele foi pra academia há algumas horas, já que está perto das duas. — explica. — Você está indo pra academia comigo?

Assinto e ela sorri abertamente.

Não tenho mais nada a perder.



Max chegou para nos buscar em casa alguns minutos depois que concordei com Pamella sobre a academia. Eu aproveitei o tempo para pegar um óculos escuro para esconder minha aparência fodida. Quem me olhar por aí vai achar que eu sou uma daquelas pessoas góticas e emo, levando também em conta que eu esqueci de pentear meu cabelo e que ele está parecido com um ninho de pássaros.

Durante todo o caminho, Pamella ficou falando como sempre faz, não

importa onde. Eu percebi os olhares que Max lançava em minha direção pelo retrovisor. Seus olhos pareciam meio arregalados, mas ele permaneceu calado a maior parte do caminho. Eu sei que Max queria perguntar o que aconteceu comigo, mas ele é bem mais educado que os outros caras, que provavelmente irão me encher de perguntas.

Vinte minutos depois, chegamos à academia. A primeira coisa que percebo assim que saio de dentro do carro de Max, é o carro de Trent, o que me dá certeza de que ele está aqui.

Pamella vem até o meu lado e segura minha mão, apertando-a levemente. Tento sorrir para ela, mas não estou confortável com a situação. A minha única vontade nesse momento é de ir até Trent e socar seu nariz.

— Podemos entrar? — Max pergunta, com uma pitada de incerteza na voz.

— Sim, claro. — Pamella retruca, tentando tirar o clima ruim que eu estou causando.

Caminhamos os três juntos até a entrada, enquanto Pamella segura a minha mão e a de Max, ficando no meio de nós dois.

— Max comprou pickles pra você. — Pam comenta, animada.

Entramos dentro da academia e eu abaixo a cabeça.

— Obrigada, Max. — agradeço sua gentileza, embora eu não tenha certeza se vou comer ou não.

Depois de caminhar até o banco que sempre ficamos, Max para na frente de Pamella e eu solto minha mão da sua, sentando-me rapidamente e olhando para longe. Não estou com estômago para ver a felicidade dos outros, mesmo que seja a felicidade da minha própria irmã.

Max murmura algo breve para ela e começa a se afastar de nós.

— Você quer ligar para Oliver agora? — Pam pergunta, entregando-me seu celular.

— Acho que sim... — digo, destravando a tela do aparelho.

Decido esperar um pouco antes de ligar e tiro meu óculos escuro do rosto, segurando-o na minha mão livre.

Pamella começa a conversar comigo, enquanto eu tomo coragem para ligar

para Oliver e Fable. Ela conta algumas histórias de sua adolescência e de Oliver, o que me tem entretida por longos minutos.

Os dois eram a peste juntos.

Depois de quase uma hora, percebo que os caras estão vindo em nossa direção. Mike ri de alguma coisa, juntamente com Paul e Lucas. Deixando minha atenção e meus olhos tomarem outra direção, finalmente, depois de dias, avisto Trent.

Ele está no octógono com Max e parece irritado. Max recebe seus golpes e a cada novo chute ou soco, dá um passo para trás.

— Que merda aconteceu com você? — a voz de Lucas, quase histérica, puxa minha atenção de volta para eles.

Os três estão parados na minha frente com os punhos cerrados, enquanto eu percebo *flashes* de raiva, susto e indignação em seus olhos.

— Quem fez isso com você, Paris? — Lucas indaga outra vez.

— Podemos matar o sujeito. — Mike rosna, encarando minha bochecha.

Rolo os olhos por força do hábito.

— Acreditem em mim, vocês não gostariam de saber quem foi fez isso comigo. — uso um tom leve para amenizar a situação, mas eles continuam com a postura inflexível.

Escuto Max reclamar do outro lado e viro meu rosto para lá outra vez, mas imediatamente sei que não deveria ter feito isso. Trent está me encarando como se eu fosse uma miragem.

— Belezinha! — dessa vez é a voz de Oliver que tira meu foco de Trent.

Viro meu rosto para apenas para encontrá-lo com Fable ao seu lado, separado de mim por poucos metros de distância. Os dois estão sorrindo abertamente como só eles conseguem fazer.

Fico de pé imediatamente.

— Porra, Trent! — Max exclama, exasperado.

Viro minha atenção novamente para eles e vejo Trent sair do octógono pisando duro. Diferente do que eu pensei, ele não está vindo em minha direção.

Ele está indo para sala de Jake e eu sei o que está por vir.

— Acho melhor vocês irem atrás de Trent. — digo para os caras e viro para encará-los. — Eu realmente quero dizer isso, porra! — exclamo, nervosa.

Eles assentem perdidos e começam a se afastar. Pamella me olha e também sai, mas ela vai correndo, diferente dos outros. Assim que Trent entra, eu escuto o primeiro grito de raiva. *Muita raiva.*

— Belezinha, vamos... — Oliver diz, segurando meu braço.

Coisas quebrando e mais gritos.

— Paris... — Fable sussurra.

Eu não vou ficar aqui. Não quero presenciar a cena e muito menos ouvi-la. Isso é tudo que eu nunca quis que acontecesse. Os dois brigando. Trent me viu com a cara meio fodida e eu sei que ele instantaneamente soube quem tinha feito isso.

Seu respeito por Jake provavelmente desceu pelo ralo e o deixou cego.



Saindo da academia com Oliver e Fable, caminhamos até um carro grande e preto, quase igual ao de Trent. Oliver provavelmente o alugou para usar enquanto estivesse aqui. Deus, quando ele decidiu vir? Ele tinha que ter me falado. Oh, mas não adiantaria. Eu hibernei nos últimos três dias.

Oliver abre a porta traseira para nós duas e eu entro um pouco petrificada com a situação que deixei pra trás. Fable entra e se senta ao meu lado, vindo para perto de mim e me abraçando. Não consigo entender por que ela está fazendo isso, mas logo percebo que lágrimas cheias e quentes deslizam por minhas bochechas.



Trent Wayne

Sei que eu não devia ter saído. Sei que eu não devia ter ido embora e deixado Parisa para trás. Talvez ela nunca me perdoe por isso, mas se eu ficasse naquele lugar por mais alguns segundos, eu não seguraria toda raiva que estava sentindo por Jake. Parisa não é uma garotinha que precisa de alguém ao seu redor para cuidar dela e tomar suas decisões, e eu só sei disso, porque ela me mostrou durante anos que não é esse tipo de pessoa. Parisa sempre foi autossuficiente e, mesmo quando caía e se machucava, ela se levantava e cuidava de suas feridas sem pedir ajuda a ninguém.

Agora, nesse maldito momento, simplesmente não posso deixar passar tudo que está diante dos meus olhos. Parisa, por mais bonita seja, parece sem vida. Vestida de preto da cabeça aos pés, ela me encara com os olhos sem emoção alguma. Olheiras profundas querem apagar sua beleza, seu cabelo preto está bagunçado, sua boca sempre cheia e avermelhada agora está arroxeada e seca. Mas o que está me deixando cego é o tom escuro que sua bochecha esquerda exibe. “*Jake não fez isso, Jake não fez isso*”, eu quero acreditar no que eu estou repetindo mentalmente para mim.

Eu saí de sua casa quando ele me ameaçou, eu deixei sua filha quando não queria e eu levei patadas quando tentei falar com ele ontem. Jake é o único homem que eu passei a respeitar desde o primeiro dia em que o conheci e simplesmente torço para ele dizer que não foi ele quem fez isso com ela. Quero que ele me diga que não bateu em Parisa, porque se ele o fez, o respeito que algum dia eu senti por ele vai acabar. Porra! Eu estou *irado*. Eu nunca senti tanta raiva em toda minha vida. É como se eu estivesse prestes a explodir.

— Ele bateu nela. — rosno entre dentes.

Max segura meu braço, enquanto começo a tirar minhas luvas.

— Você não vai fazer isso. — Max adverte e eu o encaro.

— Não vai ser você quem vai me impedir, caralho. — afirmo, olhando diretamente dentro dos seus olhos para que ele saiba que se ele tentar me impedir, ele vai sair machucado também.

O empurro para bem longe, virando e caminhando para fora do octógono.
— Porra, Trent! — Max exclama entre dentes.

Nesse momento eu tenho apenas um propósito: *confrontar Jake*.

Tento contar de um até dez para tentar me manter calmo, mas desisto no

meio da maldita contagem. Não vou ficar calmo. Não quero ficar calmo. Quero quebrar a cara de Jake.

Abro a porta de sua sala e ele sobe o olhar para me fitar.

— Que porra você quer agora? — exclama, já cerrando os punhos em cima de sua mesa.

Bato a porta e dou cinco passos largos até parar em frente à sua mesa. Abaixo meu corpo e me inclino para ficar cara a cara com ele, que ainda está sentado em sua fodida cadeira.

— Me diga que você não bateu em Parisa. — peço, encarando a sua íris azul. Ele se mexe inquieto, mas não se abala.

— Isso *não* é da sua conta. — responde e eu bufo.

— O caralho que não é da minha conta, porra! Fala que *não* bateu na Parisa! — esbravejo na sua cara.

— Ela passou dos limites! — sobe seu tom de voz e se coloca de pé.

Eu respiro fundo e no segundo seguinte, puxo Jake por sua camisa, trazendo-o por cima de sua mesa, o que faz com que tudo caia no chão. Inclusive seu computador.

Que se foda seu computador!

Ele soca meu rosto, fazendo com que eu o solte e ele caia no chão. Se levantando, ele vem em minha direção, me encarando sem recuar do nosso ataque visual. — A partir do momento em que *sua filha é a minha mulher*, isso me diz respeito. — eu rosno entre dentes.

Seu rosto vai ficando vermelho diante minhas palavras e ele tenta me socar outra vez, mas eu desvio e o empurro com força.

— Minha filha não é sua mulher, caralho! — retruca irado e eu vejo os caras entrarem na sala, mas isso não tira minha total atenção de Jake.

Ele se aproxima de mim outra vez e eu acerto um soco no seu nariz.

Olho por olho, dente por dente.

Aqui se faz, aqui se paga.

— Você não devia ter batido nela, imbecil! — cuspo para ele, enquanto ele coloca a mão em seu nariz.

— Trent, é melhor você sair da minha frente *agora*. — Jake diz secamente e eu assinto.

— É bom que você saiba que está fodendo tudo. — aviso e saio de sua sala, empurrando os caras que estão atônitos nos encarando, *menos Max*.

Pamella me para assim que eu saio da sala. Procuro brevemente por Parisa e constato que ela não está mais aqui. E nem Oliver. Ela saiu com ele? Puta que pariu, porra!

— Ela saiu com Oliver e Fable. — Pamella diz, como se estivesse lendo a minha mente e eu a encaro.

— Quando Jake bateu em Parisa? — rosno.

— Naquela mesma noite, depois que você saiu. — ela murmura e eu cerro os punhos outra vez, me controlando para não voltar na sala de Jake e fazer um estrago maior. — Ela falou o que não devia e papai fez o que não era suposto que fizesse. Foi praticamente a terceira guerra mundial. — explica.

— Eu vou para casa. — digo, puxando meu braço de suas mãos.

Caminho até o banco, pego minhas coisas e saio da academia em passos largos. Preciso falar com Parisa. Preciso pedir-lhe perdão. Eu até me ajoelho se ela quiser, mas eu preciso dela.

Inferno!



É quase depois das onze e meia da noite quando recebo uma ligação de Max. A primeira coisa que eu quero fazer quando o celular toca, é jogá-lo na parede. Em vez disso, eu pego o aparelho e atendo contra minha vontade.

— O que é, Max? — questiono, sem paciência.

— A Parisa está aí? — indaga apressadamente.

Como?

— Por que acha que a Parisa estaria aqui? O que está acontecendo?
— retruco, sentando-me na minha cama.

O vento que entra pela sacada é frio e o cheiro de terra molhada anuncia que começou a chover.

— Bem, ela ainda não chegou em casa e Pamella está praticamente enlouquecendo aqui — ele grunhe entre dentes.

— Pamella já ligou para o amigo dela? Parisa saiu com ele hoje mais cedo — pergunto, começando a me sentir inquieto. Salto da cama e começo a andar de um lado para o outro.

— Ele está aqui com a outra garota e disse que Parisa falou que voltaria para casa sozinha, porque precisava passar em lugar antes. Estávamos pensando que esse lugar era sua casa, mas nos enganamos. — diz e eu entro no meu closet.

Pego uma camisa preta e um casaco, ligando o viva-voz e jogando o celular no chão.

— E faz quantas horas que ele não está mais com ela? — pergunto, vestindo a camisa.

— Três horas. Ela está com o celular de Pamella, mas não atende. — diz e eu posso escutar Pamella falando com alguém.

— Eu estou chegando aí em vinte minutos. — aviso, pegando o celular do chão e desligando a chamada.

Quando você pensa que o dia não pode piorar, é aí que ele piora.

E piora muito mais.



Parisa Cohen

Conversei com Oliver e Fable a tarde inteira. Depois que eles partiram para longe da academia, Oliver nos levou para uma cafeteria e lá os dois ficaram me consolando ou o que quer que seja que foi aquilo que aconteceu

entre nós.

Fomos jantar às seis horas e depois seguimos para a sorveteria mais próxima de onde estávamos. Eu podia sentir um clima entre os dois, mas eles mantiveram o foco em mim, tentando me animar e tudo mais. Quando acabamos o nosso sorvete, já era perto das nove e como eu não queria importuná-los mais do que eu já com certeza tinha feito, decidi dispensar a carona e ir andando para casa.

Agora eu estou pagando o pato.

É aquela famosa história: nada está tão ruim que não possa piorar. Depois de andar por não sei quantas horas — *já que o celular de Pamella desligou por causa da bateria fraca* —, agora acabou de começar a chover. Quer dizer? Realmente dá para piorar.

As pessoas que passam por mim, me olham de rabo de olho, como se eu fosse louca por andar na chuva debaixo da minha roupa preta sem proteção nenhuma.

Que se foda, eu não ligo para o que pensam de mim.

Continuo andando sem parar e começo a cortar caminho. Minhas pernas já estão doendo de tanto andar, mas se eu não continuar, eu provavelmente não vou chegar em casa hoje.

Algum tempo depois, avisto a padaria que fica perto de casa. A chuva ainda continua caindo com força, mas eu a ignoro. Estou perto, muito perto de casa. Encaro um beco escuro e penso se devo ou não cortar caminho outra vez.

Decido que sim.

Meus dentes já estão batendo há alguns minutos e eu estou quase congelando. Preciso de um banho quente urgentemente. Entro no beco escuro e caminho o mais rápido possível.

— Olha só essa belezura! Fui abençoado hoje com uma gatinha no meu beco. — uma voz áspera, de alguém que eu não consigo ver, exclama e retumba nos meus ouvidos.

Merda!

Capítulo 29

Parisa Cohen

Virando meu rosto para todos os lados, eu acabo não conseguindo achar o dono da voz. “*Será que eu estou alucinando?*”, pergunto a mim mesma, mas trato de esquecer logo disso. Respiro fundo e continuo andando e apressando meus passos a cada novo segundo. Como se eu estivesse sentindo o problema se aproximar de mim, não demora muito até que eu avisto um homem sair da sombra produzida pela luz da lua a alguns passos mais à frente no beco.

Ele não é e nem tem porte de mendigo.

Ele é grande, largo e bastante robusto. Deixo de abraçar meu corpo, passando as mãos por meus cabelos e afastando-os para fora do meu rosto. Repito esse movimento, usando minhas mãos para limpar um pouco da minha visão embaçada.

A chuva está ficando mais forte e o ar gelado quase me faz encolher outra vez, mas a onda de adrenalina que passa por meu corpo me impede de fazê-lo. Sugo agora uma respiração rasa, tentando achar uma saída para essa situação, mas não há uma saída. Eu sei o que esse homem que está bem na minha frente quer, e não eu vou facilitar as coisas se ele tentar colocar as mãos nojentas e sujas dele em cima de mim.

— Está perdida, belezura? — pergunta, aproximando-se despojadamente com um andar tão pesado que faz as poças de água espirrarem para longe.

Não movo um só músculo, não me permito sair do meu lugar.

— Não estou perdida. — respondo tão firme quanto consigo, ficando com minha postura ereta. — Estou chegando na minha casa. — completo.

O homem ri e o som chega até meus ouvidos quase que arranhando meu tímpano. É nojento, arrastado e muito áspero. Não gosto dele, nem de sua voz e nem do seu maldito beco.

— Você não parece bem nessas roupas molhadas... minha casa é logo ali, posso te dar algo quentinho para vestir. — oferece, enquanto continua a

se aproximar de mim.

— Não quero algo quentinho para vestir e, como eu já disse, eu estou perto da minha casa, não preciso de ajuda alguma. — rebato, inflexível.

— Belezura, vou fazer você se sentir muito bem. — diz. — Não posso deixá-la passar assim...

Ele para na minha frente e eu sinto meu corpo ficar ainda mais elétrico. Cerro meus punhos imediatamente, pronta para o que quer que seja.

Que Deus me ajude!

Ignoro-o e tento passar por ele, mas eu meio que já espero seu próximo movimento. O homem segura meu braço esquerdo com força e aproxima o rosto do meu ouvido.

— Você vai ser minha, belezura. — grunhe.

Sentindo toda raiva reprimida dos últimos dias colidir dentro de mim, coloco minha mão em cima da sua e o encaro sem recuar.

— Tira sua mão de merda de cima de mim, verme! — ordeno, em alto e bom som, minha voz saindo quase glacial.

Abrindo um sorriso largo e assustador, ele me puxa abruptamente e eu começo a me debater contra seu corpo. Se ele acha que pegou alguma garotinha indefesa, ele está enganado como o inferno. O homem joga meu corpo brutalmente contra parede, avançando sobre mim, enquanto eu sinto meus músculos acordarem de uma só vez e uma pontada de dor percorre por meu corpo, pinicando minha pele.

Isso era só o que faltava para eu me enraivecer totalmente.

— A gatinha sabe lutar? Mostre-me suas garras, neném, eu gosto de garotas que lutam. — sorri outra vez.

Cerrando meus punhos, eu o acerto em cheio em seu nariz, sentindo a cartilagem dura estalar debaixo dos meus dedos finos. Essa é a primeira vez que eu realmente dou um soco em alguém sem proteção alguma e — *porra* — não dói nem um pouco nesse momento, mas eu sei que quando meu corpo esfriar e sossegar, eu vou estar completamente fodida com as dores que vou sentir.

Ele cerra os olhos, enquanto leva uma mão até seu nariz levemente

fodido. Sua outra mão vem diretamente até meu cabelo molhado e ele o puxa para baixo, fazendo eu me desequilibrar momentaneamente, mas logo volto a tentar me soltar de suas mãos asquerosas.

— Puta desgraçada, você vai pagar por isso! — esbraveja, sua voz saindo carregada de ódio.

Por essa você não esperava, não é mesmo, filho da puta?

Seguro a mão que ele tem os seus dedos enrolados em meu cabelo e tento me soltar, mas não consigo. Ele me empurra contra a parede molhada e pressiona meu rosto naquela superfície, esfregando-o ali enquanto arranha minha bochecha no processo. A ardência é inevitável, e logo sinto meus olhos queimarem com lágrimas que me recuso a deixar cair. Usando sua outra mão, ele segura a bainha da minha camiseta e eu quase me desespero quando ele a puxa, rasgando-a quase que totalmente.

“Pensa, Parisa!”, exijo.

Assim que ele solta meu cabelo, eu sei o que devo fazer, mesmo que ele seja bem mais alto que eu. Enquanto suas mãos rastejam pela lateral da minha cintura, eu jogo minha cabeça para trás e acerto seu queixo. Escapo do seu domínio e começo a correr para longe, com minha camiseta rasgada e meu corpo molhado.

No sexto passo que dou, sou puxada outra vez.

O que acontece em seguida é bem rápido.

Eu sou jogada no chão, enquanto ele monta em cima de mim, acertando meu rosto com um tapa tão forte que eu fico tonta por alguns segundos. — Ainda quero você, puta! Por bem, ou por mal. — rosna entre dentes.

Ele se inclina sobre meu corpo sete vezes menor que o seu e, de repente, um flash rápido de um vídeo que eu assisti certa vez, passa por minha cabeça. Juntando dois dos meus dedos, os estico e tento localizar meu alvo: o espaço entre a sua clavícula direita e esquerda, bem no começo do seu pescoço. Sei que é um golpe considerado letal, mas é ele ou eu. Só um dos dois vai sair vencedor, e eu nunca lidei muito bem com a derrota.

Afundo meus dedos naquele espaço e quando ele percebe o que eu estou fazendo, tenta se afastar, mas eu seguro sua cabeça com toda força que me

resta e continuo a pressionar. Em meio tantas tentativas, ele me acerta com tapas e socos em todo lugar que consegue, mas eu não estou sentindo dor.

Não agora, não ainda.

Empurro seu corpo para o lado e o deixo jogado no chão, se contorcendo e procurando por ar, assim como eu esperei que ele ficasse. Antes que possa se recuperar — e isso, se ele se recuperar — meus pés tomam vida própria e começam a correr para fora do beco outra vez, agora sem ninguém no meu caminho.

Das duas uma: ou eu o matei, ou eu o deixei desacordado.

Não quero saber o resultado final disso.

Puxando o resto da minha camiseta, tento me cobrir, com medo de que alguém possa me ver nesse estado correndo por aí. Só percebo que já estou chorando, quando as lágrimas quentes passam por minha bochecha arranhada e eu engulo um soluço rebelde. Minha visão está turva, mas eu não paro de correr nem só por um segundo. O desespero e a adrenalina que passam por meu corpo vão me guiando pelo resto do caminho.

Finalmente virando a esquina, eu entro na minha rua.

De longe, consigo ver quase cinco carros em frente à casa de Jake, e, claro, um amontoado de pessoas cobertas e protegidas com seus guarda-chuvas e capas.

Eu estou tão aliviada por estar perto de casa que minhas pernas falham e eu acabo caindo de joelhos no chão. A chuva continua banhando meu corpo e lavando o sangue presente em meu rosto, barriga e braços.

Eu consegui!

— É ela! — uma voz parecida com a de Pam, grita bem alto.

Escuto passos apressados se aproximarem de mim e abro meus olhos. Encaro três pares de tênis na minha frente e no segundo seguinte vejo Oliver, que se agacha na minha frente.

— Belezinha... — murmura, parecendo não se importar por estar sendo molhado pela chuva.

— Querida... — a voz de Trent me acerta e eu viro o rosto para

encará-lo.

Tudo dói, inclusive olhá-lo.

— Filha... — Jake grunhe entre dentes e eu deixo de encarar Trent apenas para fitá-lo. Assim que nos encaramos, eu vejo seus olhos azuis levemente arregalados. — Vamos, eu vou te tirar daqui, filha. — murmura, tentando me tocar, mas eu me esquivo para longe do seu toque.

Agora estou aqui, sentada no asfalto, tentando entender como diabos chegamos a esse ponto.

Eu só quero minha vida de volta.

— Parisa, deixa eu te ajudar, querida. — é a vez de Trent suplicar.

Mordo meu lábio inferior para tentar engolir o choro e me arrependo instantaneamente de ter feito isso, já que acabo por me dar conta de que meu lábio está ferido, para não dizer rachado, bem no meio. Balanço minha cabeça negativamente para Trent e me arrasto até Oliver. Segurando-me em seus braços, meu amigo me pega no colo e se levanta comigo. Encosto minha testa em seu pescoço e o abraço com força.

— Shhh, Paris, está tudo bem agora. — sussurra contra meu cabelo molhado.

Não me atrevo a fechar os olhos. O medo que estou sentindo me corrói por dentro, fazendo-me temer que o homem apareça de novo, mas dessa vez em minha mente, mesmo eu sabendo que o deixei fodido no chão molhado daquele maldito beco. Oliver caminha comigo apressadamente e quando estamos bem perto da porta de casa, eu consigo ver os caras, Fable e Pam. Desvio meu olhar de todos eles e encaro qualquer ponto avulso.

— Pamella, prepara um banho para a Parisa. Um banho quente e rápido! — Oliver comanda, em alto e bom som.

Entramos em casa depois de Pam e, enquanto Oliver sobe comigo, eu consigo ouvir os caras falando alto.

— Eu vou ficar para ajudá-la. — Pamella diz, assim que Oliver me coloca sentada na tampa do vaso sanitário.

Ele se abaixa para ficar da minha altura e me encara firme.

— Qualquer coisa eu vou estar aqui fora, tudo bem? — avisa e eu aceno roboticamente.

Oliver sai do banheiro e é a vez de Pamella se abaixar para me encarar. Os olhos da minha irmã estão vermelhos e ela está chorando silenciosamente, enquanto me fita. — O que fizeram com você, Parisa? — murmura, segurando uma das minhas mãos que descansam em cima das minhas pernas.

— Um homem, e-ele tentou me... — tento falar, mas não consigo terminar.

As imagens de poucos minutos atrás estão quase me deixando sufocada. Eu ainda consigo sentir suas mãos sujas em cima de mim e ouvir sua voz sombria e raivosa. Um nó se forma na minha garganta e meu estômago afunda.

— Tudo bem, tudo bem. Ele não conseguiu, não é mesmo? Ele não conseguiu o que queria. — diz, enxugando suas lágrimas e afirmando mais para si mesma do que para mim.

— Ele não conseguiu... — afirmo, sussurrando com um último fio de voz que me resta.

Pam solta minha mão e me abraça com força. Dói um pouco, mas eu não reclamo. Estou paralisada — quase anestesiada.

— Eu vou pegar remédio, a caixinha de curativos e uma roupa para você. Não sai daí, eu já volto. — enuncia, afastando-se de mim.



Assim que Pamella volta para o banheiro, ela me ajuda a tomar banho, já que eu nem mesmo tenho forças para sentir vergonha em estar nua em sua frente. Agora sentada novamente na tampa do vaso sanitário, já estou vestida com uma camisa grande e calça de moletom, esperando que Pamella termine logo com os curativos que teimou em fazer.

— Pronto. — murmura, parando de aplicar e esfregar seus dedos, que continham alguma pomada, em quase todo o meu rosto.

— Ob-Obrigada por isso... e por tudo. — gaguejo, olhando em seus olhos.

Ela assente com a cabeça e morde o lábio inferior, provavelmente incapaz de falar qualquer coisa sem se derramar em lágrimas. Pamella pega as coisas e sai do banheiro.

Levanto-me e caminho até o espelho quase certa do que eu vou encontrar dessa vez. Estou pior, muito pior que hoje mais cedo. O que era apenas uma bochecha roxa e olhos fundos, cheios de olheiras, agora virou um caos total. Bochecha ralada e roxa, boca rachada, olho roxo, supercílio aberto e, claro, sem tirar as feridas que estão debaixo do tecido que estou vestindo. Basicamente, estou quebrada em todos os sentidos possíveis da palavra.



Entro no meu quarto e encontro toda uma comitiva ali, me esperando como se não tivessem nada melhor para fazer nesse momento. O clima está carregado. Todos estão me encarando e, devido a minha aparência deplorável, eu sei que logo estarão fazendo perguntas que eu não estou com cabeça para responder.

— O que diabos aconteceu com você? — Mike é o primeiro a quebrar o silêncio.

Termino de fazer o caminho até minha cama e me deito, ignorando sua pergunta com a esperança de que todos saiam logo do meu quarto.

— Paris, o que aconteceu com você? — o tom que Paul usa é mais calmo que o de Mike, mas ainda assim eu me recuso a responder.

Não quero me lembrar de nenhum detalhe do acontecido, mas não é como se eles soubessem disso. Escuto alguém pigarrear e eu acho que é Pamella. Fecho meus olhos e puxo meu lençol para cima de mim.

— Ela... Uh — ela foi — ela foi atacada por um homem em um beco, enquanto estava vindo para cá... — Pam murmura, mas é alto o suficiente para que todos ouçam, ou pelo menos eu acho que seja. — Mas não aconteceu... bem, não aconteceu nada de **mais grave**.

Eu sei que eles entenderam o que ela quis dizer com **mais grave**.

— Minha culpa... — Jake murmura.

A raiva que começa a tomar conta de mim é quase indescritível. Sinto minhas mãos começarem a tremer e eu tento controlar toda essa avalanche de emoções que passa por meu peito, mas não consigo. Sento na cama e abro meus olhos apenas para encará-lo.

— Sua culpa, Jake. — afirmo, controlando minha voz de uma forma que ela sai sem emoção alguma.

Ele respira rapidamente, não deixando de me encarar de volta.

— Filha, eu não queria que isso acontecess...

— Besteira. — digo, mantendo os olhos fixos nele. — Isso é *sua* culpa e você sabe por quê? — pergunto, perdendo o controle de mim mesma. — Porque estive tão cego tentando me proteger de algo ou melhor, alguém, que nunca me faria mal algum. Sim, é *sua* culpa, Jake. Você merece palmas por sua tão, — Oh, maravilhosa, superproteção. Você, sem dúvidas, é o melhor pai do mundo.

Sua expressão é vazia.

Consigo ver através dele e eu sei, mais uma vez, que não devia ter falado isso. Foi tudo *nossa* culpa. Ele não devia ter feito o que fez, tentando me proteger do inofensivo, e eu não devia ter ido para a porra do beco. Mas não tinha como eu adivinhar, nem mesmo ele. De qualquer forma, eu quero machucá-lo assim como ele me machucou e eu não estou sendo nem um pouco racional pensando isso, já que ele continua sendo meu pai apesar de tudo.

— Eu não quero começar essa discussão outra vez, eu sinto muito. Poderia matar quem fez isso — diz, balançando a cabeça e eu solto uma risada em escárnio total.

Claro que ele não cederia nem mesmo me vendo dessa forma: **Completamente. Fodida.**

— Inacreditável, Jake. — tombo minha cabeça para o lado, enquanto continuo com nossa guerra visual e verbal. — Quando vai perceber que o perigo **não** é Trent? Se recusa a ver algo debaixo do seu nariz, certo? Se recusa a deixar-me viver a minha felicidade com o cara que eu — respiro fundo e deixo meus olhos descansarem no loiro. *Dói*. Eu não quero vê-lo. —, que eu amo... *amava*. Continua com sua promessa dos infernos, estou pouco me

fodendo. — volto a encarar Jake, que me fita com os olhos mais escuros que o normal. — O perigo sempre esteve lá fora, não aqui dentro, *não em Trent*. — fecho meus olhos e afundo na cama, puxando um dos travesseiros enquanto volto a me deitar. — Parabéns, Jake, eu estou parecendo uma bela obra de arte. Sua mais bela obra de arte. Minha cara e meu corpo, ambos quebrados, é um grande feito. Seu maior feito. Sinta orgulho, *papai*.

— O que diabos está acontecendo aqui? — Lucas murmura.

Controlo a vontade de chorar e forço-me a falar uma última vez.

— Saiam todos do meu quarto, *agora!* — esbravejo.

Espremo meus olhos com força, odiando o caminho que minha vida tomou.

— Eu não deixarei de amar você por nem mesmo um segundo, um momento, um dia. Amarei você até a minha última respiração, Parisa. — Trent enuncia.

A dor que eu sinto no momento em que escuto a porta bater, é um mix de tudo de mais ruim que eu, algum dia, já consegui sentir. É sufocante. Dói tanto, mas tanto, que acaba não doendo mais nada.

Cinco minutos depois, no escuro, eu começo a chorar silenciosamente. Eu não sinto mais nada por Trent, o cara que eu amo — ou amei — com todas as minhas forças, e não sinto mais nada por Jake, meu próprio pai. A única alternativa que eu sou capaz de seguir nesse momento é a de me manter o mais longe que eu conseguir de todos eles. Todos os meus pensamentos e sentimentos estão tumultuados, embolados como um novelo de lã. Quero gritar, mas também quero o silêncio e, entre chamar o caos para baixo e ter os seus olhos em cima de mim, eu prefiro me manter no escuro, com um silêncio abraçador. Só assim, apenas desta forma, eu conseguirei desatar os nós dos meus pensamentos e desenrolar a lã.

Agradecimentos

Se você chegou aqui, quer dizer que além de ter terminado de ler a primeira parte da história de Trent e Parisa, você também acabou de me fazer uma autora muito feliz. Muito obrigada por ter lido essa história que tive o prazer de escrever e compartilhar com todos vocês.

Agradeço primeiramente à Deus por ter me capacitado a reescrever essa história que por anos esteve em meu bloco de notas. Em segundo lugar, gostaria muito de agradecer aos meus pais e principalmente minha irmã, que se tornou uma grande incentivadora do meu trabalho. Em terceiro e não menos importante lugar, quero agradecer a vocês, leitores maravilhosos. Para todos que acompanharam essa história desde o seu início turbulento no Wattpad e que agora estão nessa estrada comigo. Vocês são mais que leitores, são amigos.

Obrigada Anni, por ter me ajudado com a revisão desse livro que não foi nada fácil, por ter me escutado e apoiado. Você é demais, amiga! Obrigada Mari, por ter me acompanhado desde quase o final desse livro, por ter feito capas maravilhosas para mim, por ter sempre me escutado e, por ser essa amiga insuportavelmente prestativa de sempre.

E para você que comprou esse livro, gostaria de avisar-lhe que a continuação está sendo postada no Wattpad gratuitamente e posteriormente virá também para a Amazon. Você pode me achar lá na conta chamada *HeavenRace*. É isso. Mais uma vez, muito obrigada.

Atenciosamente,

Heaven Carter Race.

Table of Contents

[F U R O R](#)

[Uma luta para conquistar o seu amor](#)

[Sumário](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Volte para casa.](#)

[Capítulo 19](#)

[Volte para casa.](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Agradecimentos](#)